Diário de Lisboa

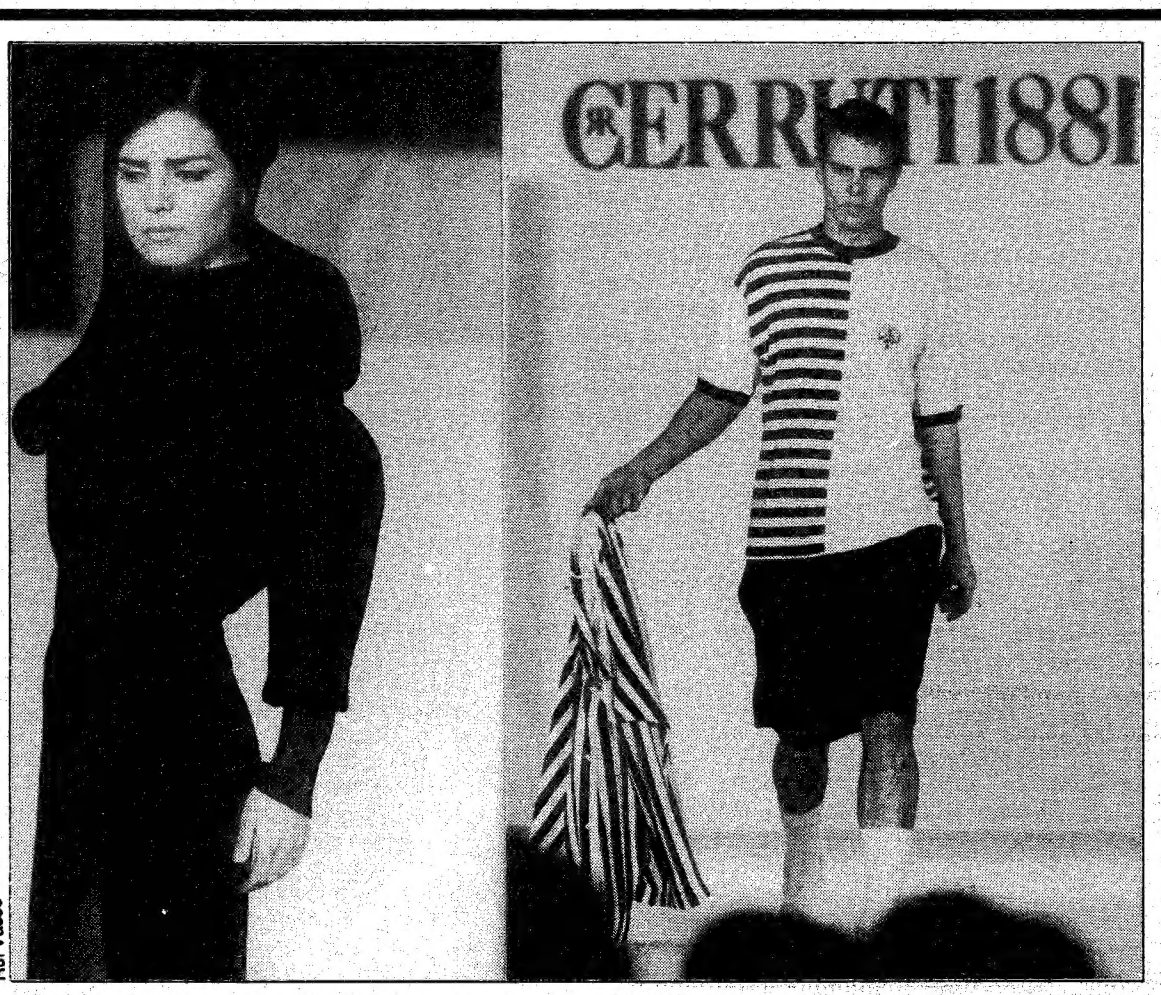
FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23216 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** SEXTA-FEIRA 6 ABRIL 90 60$00

De patrão a gestor

O novo estilo de empresário, em sondagem exclusiva Euroteste/DL

Mais do que um patrão, o empresário moderno é um verdadeiro dirigente/gestor - tal como um chefe de orquestra - que proporciona o funcionamento harmonioso de todos os sectores, forma superior de organização, sempre ambicionada, mas nem sempre alcançada.

Os «fazedores de imagem» consideram que, também em Portugal, os empresários têm-se modernizado a partir dos anos 70, tendo passado «a gestores integrados em equipas especializadas», embora ainda «pouco mediáticos». Mas ainda prevalece o «empirismo e a falta de espírito empresarial». Informação e imagem, um mundo aliciante de que falam também dois empresários: Belmiro de Azevedo e Américo Amorim. Mas que imagem têm os portugueses do empresário moderno? «Inovador e criativo» é a resposta mais comum que ressalta da sondagem promovida pelo DL. «Competente e decidido, aberto e dialogante com o seus empregados, pouco dado a negociatas e a individualismos», é como se desejaria que ele fosse, o que corresponde (é interessante verificá-lo) às modernas teorias empresariais. O segredo não é mais a alma do negócio. É cada vez mais importante que a informação circule, abundante e rigorosa, dentro das organizações e destas para a sociedade. Os empresários têm cada vez mais de «dar a cara», pois que a uma crescente democratização/descentralização da gestão corresponde também um aumento do poder de quem decide. **Págs. 2, 3, 18, 19 e 20**



Rui Vasco

Simplicidade sofisticada define o estilo Cerruti, que se deslocou a Lisboa, tendo participado na festa do quinto aniversário do Meridien, o que coincidiu com a apresentação da sua colecção de Primavera e Verão, da qual destacamos estas duas peças. **Pág. 24**

Ano 70

7 de Abril de 1921. Fernando Pessoa vai a caminho dos 33 anos, escreve, e tenta vender, ao que parece sem grandes resultados práticos, umas concessões de minas. A vida lisboeta gira à volta da Baixa, e o Chiado é o centro do império. E ao virar desse Chiado, mais exactamente na Rua do Carmo, escreve-se o primeiro exemplar do "Diário de Lisboa", que nesse Novembro a 70 anos de distância, se instala definitivamente na Rua Luz Soriano.

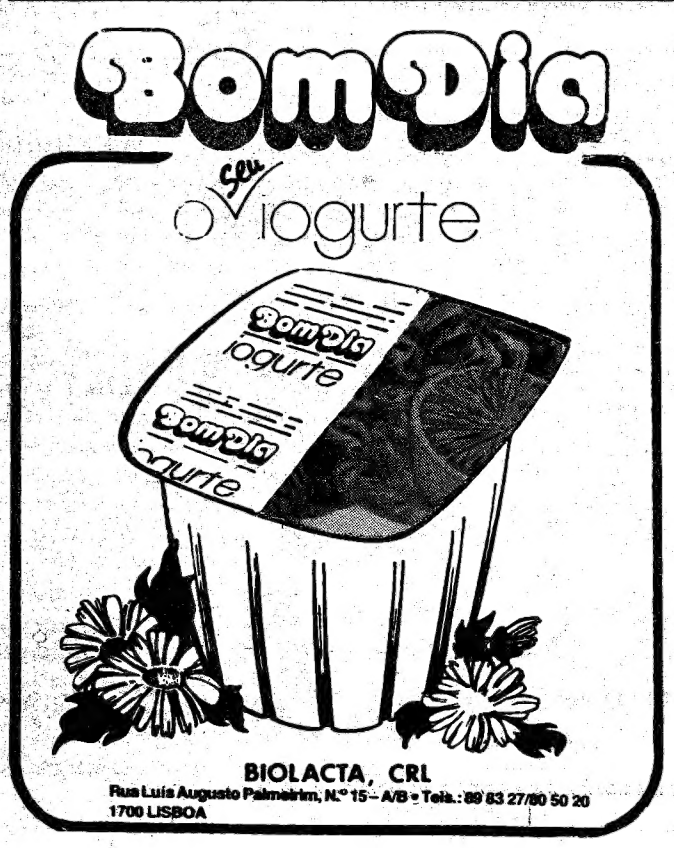
Onde estamos ainda e estaremos enquanto os nossos leitores, para quem trabalhamos, nos continuarem a dar a sua confiança e apoio.

O "Diário de Lisboa" é hoje de novo um grande jornal, com uma Direcção à altura dos seus pergaminhos, uma Redacção enriquecida, e páginas onde diariamente se imprimem informação e opinião da melhor qualidade. Investimos no futuro com a seriedade e a independência que os nossos leitores esperam do seu jornal, renovado mas fiel ao que de melhor teve no seu passado. E livre, como deve ser um jornal nascido em Abril.

António Ruella Ramos
(Presidente do Conselho de Administração do "Diário de Lisboa)

Chissano disposto a negociar «até com o Diabo»

Entrevista de Augusto de Carvalho, especial para o DL **Pág. 12 e 13**



Prenda de anos

Em dia de aniversário, apetece dar presentes. Havia quem nos pedisse "Os portugueses e o dinheiro".

Aqui estão eles. Desta vez em revista, e a cores. Foi a primeira **grande sondagem** do DL na sua nova fase - 10 edições de inquérito, reportagem e entrevista, em tema de uma nota só.

Os portugueses vendo-se ao espelho da fortuna, do infortúnio, da sorte e do azar. Um retrato a corpo inteiro.

Hoje: 112 páginas

O nosso umbigo

Inquérito sobre o DL **Págs. 8 e 9**

Redução do serviço militar surpreende chefias castrenses *Pág. 6*

Falcão e Cunha novo secretário-geral do PSD *Pág. 4*

Lotaria Nacional
1.º - 2 302
2.º - 68 833
3.º - 56 584
Pág. 14

A Mosca pica em suplemento

GRANDE ANGULAR

É assim que os portugueses vêem o empresário moderno. Competente e decidido, aberto e dialogante com os seus empregados, pouco dado a negociatas e a individualismos

Inovador e criativo

Os portugueses consideram que o empresário moderno é um tipo inovador, inteligente e criativo, defensor do trabalho em equipa, e com um prestígio que lhe advém, sobretudo, da sua competência e capacidade de decisão.

Esta perspectiva dos trabalhadores portugueses é ainda completada, em mais uma sondagem Euroteste/«DL», pela constatação de que as relações entre patrões e empregados são consideradas, hoje em dia, muito mais próximas e dialogantes do que no passado, sem esquecer a importância do espírito de «família» nas empresas.

Em relação à imagem que os trabalhadores portugueses fazem dos nossos empresários, a sondagem apurou que 37,2 por cento dos inquiridos acham que eles são modernos e abertos, contra 19,2 por cento que os definem como antiquados e 39 por cento que entendem que eles não são nem uma coisa nem outra.

A imagem de empresários antiquados é muito mais forte entre os homens (25,5 por cento) do que nas mulheres (13,9 por cento), mais evidente no escalão dos 35 aos 54 anos (27,4 por cento) do que entre os mais novos (13,7 por cento), mas bastante equilibrada entre os diversos estratos sociais.

Entre os que vêem os empresários como pessoas modernas e abertas, as mulheres (38,5 por cento) sobressaem ligeiramente em relação aos homens (35,6 por cento), mas há uma nítida diferença entre o escalão dos 25 aos 34 anos (42,4 por cento) e o escalão dos 35 aos 54 anos (34,5 por cento) no que respeita a esta classificação de «modernidade». Por estratos sociais, vê-se que as classes alta (39,8 por cento) e a média (39,7 por cento) aderem muito mais a esta imagem do que a classe baixa (31,4 por cento).

Inovador e criativo

Em seguida, perguntou-se às pessoas «O que é que é, para si, o empresário moderno ?», dando-se, cumulativamente, estas seis hipóteses de resposta: alguém que «tem muito dinheiro/capital»; que «ganha muito com pouco investimento»; que «é muito inovador/criativo»; que «é inteligente/esperto»; que «conhece a fundo as áreas em que actua»; e que «tem uma grande cultura geral». Curiosamente, a sondagem apurou, como factor de maior caracterização de um empresário moderno, o ser-se inovador/criativo, que recolheu 70,3 por cento de respostas favoráveis. Em segundo lugar, surgiu o factor inteligente, com 58,1 por cento, seguido do bom conhecimento das áreas em que se actua, com 46 por cento, e de uma grande cultura geral, com 33,3 por cento. No fim da lista de opções que melhor caracterizam o empresário moderno, aparece o factor de se ganhar muito com pouco investimento, com 16,2 por cento, e o ter-se muito capital, com 13,1 por cento.

Como se vê, a maioria dos inquiridos considera que a imagem de um empresário moderno e aberto não depende de ele ter muito ou pouco capital ou de ganhar um monte de dinheiro com um reduzido investimento. Pelo contrário, o que os trabalhadores valorizam nesses empresários é a sua capacidade de inovação e criatividade, aliada à inteligência e ao bom conhecimento das áreas em que actuam.

No entanto, estes valores são muito mais bem defendidos entre os portugueses da classe alta do que entre os que pertencem à classe baixa, tal como entre os mais novos por comparação com os restantes escalões etários.

Espírito de equipa

Outra questão essencial para a tentativa de definição da imagem de um empresário prende-se com a sua filosofia de actuação. Daí o ter-se perguntado qual a característica que melhor define o empresário: o individualismo ou o espírito de equipa ?

A esmagadora maioria dos inquiridos, 78,2 por cento, optou pelo espírito de equipa, contra 19 por cento de respostas a favor do individualismo.

Entre os que defendem essa capacidade de trabalho em equipa, vê-se que as mulheres (82,6 por cento) o fazem muito mais do que os homens (73,1 por cento), tal como a classe alta (84 por cento) em relação à classe baixa (72,3 por cento). Por grupos etários, os jovens (71,4 por cento) são os que menos valorizam essa capacidade, que recolhe um máximo de adesões no escalão dos 35 aos 54 anos (82,4 por cento).

O individualismo, por seu turno, tem um máximo de adeptos entre os homens (23,8 por cento), nos mais velhos (24,5 por cento) e na classe baixa (21,7 por cento), registando um mínimo nas mulheres (14,8 por cento), nas pessoas dos 35 aos 54 anos (12,7 por cento) e na classe alta (16 por cento).

A competência é o máximo

Esta sondagem Euroteste/«DL» tentou, também, aferir o que é que dá mais prestígio a um empresário dentro da sua empresa.

Do conjunto de respostas, vê-se que a competência (43,3 por cento) é o factor mais prestigiante, seguida da capacidade de decisão com 37,7 por cento, do poder com 9,8 por cento e do dinheiro com 8,6 por cento.

Entre os que defendem que a competência de um empresário é o que mais contribui para o seu prestígio, nota-se que as mulheres (47 por cento) a valorizam muito mais do que os homens (39 por cento), tal como os mais novos (53,2 por cento) em relação ao escalão etário dos 25 aos 34 anos (29,2 por cento), ou a classe baixa (51,9 por cento) por contraponto com a classe alta (37,8 por cento).

Por seu turno, a capacidade de decisão - igualmente valorizada por homens e mulheres - tem um máximo de adeptos entre os 25 e os 34 anos (54,4 por cento) e na classe alta (48,9 por cento), registando um mínimo no escalão dos mais novos (28,6 por cento) e na classe baixa (24,6 por cento).

Patrões mais próximos

Uma outra pergunta, sobre as relações actuais entre os empresários modernos e os trabalhadores, em comparação com o passado, obteve os seguintes resultados: 82,7 por cento dos inquiridos disseram que essas relações são agora mais próximas e dialogantes, enquanto apenas 8,3 por cento responderam que elas são mais distantes e 6 por cento consideraram que essas relações são iguais.

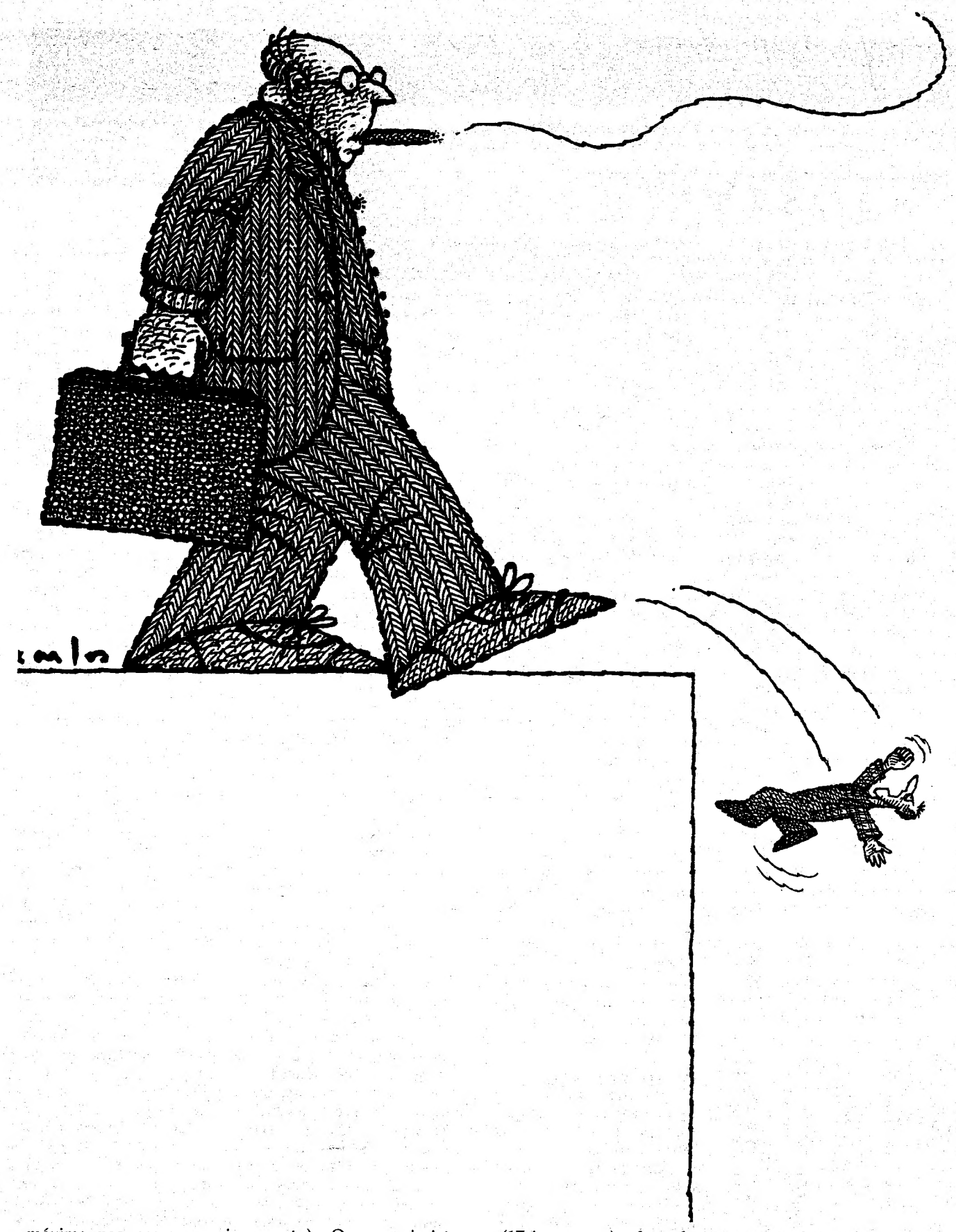
O reconhecimento dessa maior proximidade de relações entre patrões e empregados atinge um máximo no grupo etário dos 25 aos 34 anos (88,9 por cento) e na classe média (87,7 por cento), e regista um mínimo entre os mais novos (70,6 por cento) e na classe baixa (72,9 por cento).

Depois, perguntou-se às pessoas qual o grau de importância de os trabalhadores se sentirem em família dentro da empresa em que trabalham ? Do conjunto de respostas, retém-se que esse espírito de «família» é muito importante para 72,4 por cento dos inquiridos e importante para outros 24,3 por cento. Note-se que apenas 3,2 por cento dos entrevistados consideraram que o sentirem-se em família na empresa onde trabalham tem pouca ou nenhuma importância.

A valoração deste espírito de «família» na empresa é

SONDAGEM

	TOTAL	SEXO: Masculino	SEXO: Feminino	IDADE: 18 a 24	IDADE: 25 a 34	IDADE: 35 a 54	IDADE: 55 mais	CLASSE: alta	CLASSE: média	CLASSE: baixa
Os empresários portugueses são...										
Antiquados	19.2	25.5	13.9	13.7	14.8	27.4	14.6	18.8	18.0	21.1
Modernos/Abertos	37.2	35.6	38.5	37.2	42.4	34.5	36.5	39.8	39.7	31.4
N. uma nem outra	39.0	36.5	41.1	49.1	37.8	36.4	37.9	39.9	37.1	40.5
NS/NR	4.6	2.3	6.6	—	5.1	1.7	11.0	1.5	5.2	7.0
Para si, o empresário moderno é alguém que...										
Tem muito capital	13.1	14.9	11.6	16.0	8.5	10.9	18.4	8.4	17.0	12.7
Ganha muito com pouco investimento	16.2	14.4	17.7	20.4	14.9	13.6	18.5	17.5	14.3	17.3
E inovador/Criat.	70.3	72.6	68.3	86.2	71.9	64.9	67.2	84.1	70.3	56.7
E inteligente	58.1	53.9	61.6	60.6	51.5	60.4	58.7	63.6	54.9	56.5
Conhece bem as áreas que actua	46.0	42.8	48.6	53.3	52.8	41.8	41.9	58.1	47.5	32.2
Gr. cultura geral	33.3	33.8	32.9	26.9	39.1	35.2	29.4	34.2	28.5	38.4
NS/NR	1.2	.8	1.6	—	1.4	.7	2.6	—	2.4	1.0
O que DEFINE MELHOR os empresários é...										
Individualismo	19.0	23.8	14.8	23.8	19.5	12.7	24.5	16.0	19.0	21.7
Espírito equipa	78.2	73.1	82.6	71.4	80.5	82.4	74.3	84.0	78.4	72.3
NS/NR	2.8	3.1	2.6	4.9	—	4.9	1.2	—	2.6	5.9
O que dá mais prestígio a um empresário dentro da sua empresa										
O dinheiro	8.6	9.7	7.6	2.3	5.4	12.0	10.0	5.8	6.3	14.1
A competência	43.3	39.0	47.0	53.2	29.2	46.6	44.8	37.8	40.8	51.9
A capac. decisão	37.7	37.9	37.5	28.6	54.4	32.1	36.8	48.9	39.4	24.6
Poder que possui	9.8	12.5	7.5	15.9	11.0	7.5	8.4	7.5	11.9	9.3
NS/NR	.6	.9	.4	—	—	1.8	—	—	1.7	—
Comparando com o passado as relações entre os empresários modernos e os trabalhadores são...										
Mais próximas	82.7	83.6	81.9	70.6	88.9	85.4	80.6	86.2	87.7	72.9
Mais distantes	8.3	9.3	7.4	20.6	4.6	4.6	9.4	2.7	7.9	14.2
Iguais	6.0	4.8	7.0	6.0	4.5	7.1	5.6	7.2	3.8	7.4
NS/NR	3.1	2.3	3.7	2.7	2.0	2.8	4.4	3.8	.5	5.5
O facto dos trabalhadores se sentirem em família no local de trabalho é...										
Muito import. (4)	72.4	73.3	71.6	61.6	65.2	77.6	77.4	73.9	73.7	69.2
Importante (3)	24.3	23.3	25.2	32.5	30.7	20.1	20.2	22.7	21.3	29.8
Pouco import. (2)	1.8	1.5	2.1	5.9	—	1.7	1.2	2.0	2.4	1.0
Nada import. (1)	1.4	2.0	1.0	—	4.1	.6	1.2	1.4	2.6	—
NS/NR	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
MÉDIA	3.68	3.68	3.67	3.56	3.57	3.75	3.74	3.69	3.66	3.68
Estarão ou não os empresários modernos preparados para criar um espírito de grupo nas suas empresas?										
Perfeitamente	24.7	19.7	28.9	19.7	26.5	19.4	33.5	17.3	24.9	31.6
Só em parte	58.8	63.5	54.8	73.1	55.1	64.5	45.4	68.5	58.4	49.8
Não estão	13.5	13.9	13.1	4.4	14.9	13.5	17.6	12.8	12.4	15.6
NS/NR	3.0	2.9	3.2	2.8	3.5	2.6	3.5	1.4	4.3	3.1



máxima nas pessoas mais velhas, dos 35 anos para cima (77,5 por cento) e mínima nos trabalhadores mais novos (63,4 por cento), não registando grandes diferenças entre sexos e classes sociais.

Por último, a sondagem tentou saber se os empresários portugueses modernos estão ou não preparados para criarem um espírito de grupo nas suas empresas. A maioria dos inquiridos (58,8 por cento) é da opinião de que eles só estão preparados em parte, enquanto 24,7 por cento dizem que os empresários estão perfeitamente aptos a criar esse espírito de grupo, contra 13,5 por cento que os consideram inaptos.

Os «optimistas» são mais numerosos entre as mulheres (28,9 por cento) do que nos homens (19,7 por cento), e entre os mais velhos (33,5 por cento) do que no grupo etário dos 35 aos 54 anos (19,4 por cento), tal como na classe baixa (31,6 por cento) em comparação com a classe alta (17,3 por cento). Os «pessimistas» atingem uma expressão máxima entre os mais novos e a classe baixa, enquanto os «moderados» - que só reconhecem parcialmente essa preparação aos empresários - têm uma maior expressão nos homens, no escalão dos 18 aos 24 anos e na classe alta.

Norte dá mais valor ao dinheiro

Os residentes na região do Grande Porto têm uma imagem dos empresários modernos que difere, nalguns pormenores, da caracterização que os lisboetas fazem desses mesmos patrões.

Por exemplo, e entre os que defendem que o deter muito capital é uma característica do empresário moderno, vê-se que os residentes no Grande Porto (17,4 por cento) sobrevalorizam este aspecto em relação aos lisboetas (11,1 por cento). Do mesmo modo, e no que respeita ao ganhar-se muito com um pequeno investimento, o Grande Porto (22,3 por cento) aplaude muito mais do que a Grande Lisboa (13,4 por cento).

Assim, não surpreende que a capacidade de inovação e de criatividade de um empresário seja mais valorada na Grande Lisboa (73,7 por cento) do que no Grande Porto (62,8 por cento), tal como o conhecimento das áreas em que esses empresários actuam: 49 por cento na Grande Lisboa e 39,4 por cento no Grande Porto.

Em relação ao individualismo ou espírito de equipa dos empresários, não há nítidas diferenças entre o Porto e a capital. Porém, já em relação ao prestígio, aferido pelo grau de competência, se nota uma forte discrepância de opinião entre a Grande Lisboa (40,5 por cento) e o Grande Porto (49,5 por cento).

Diferenças de opinião bem expressas na valoração do dinheiro, enquanto factor de prestígio: Lisboa regista 6,7 por cento de respostas favoráveis, contra 12,7 por cento no Porto. Prestígio para o qual 42,2 por cento dos lisboetas afirmam que contribui a capacidade de decisão, uma opinião que apenas recolhe 27,9 por cento das respostas no Grande Porto.

Por outro lado, a sondagem mostra que o espírito de «família» no local de trabalho é mais importante no Porto (76,9 por cento) do que em Lisboa (70,3 por cento), e que a preparação dos empresários para criarem um espírito de grupo é bem mais aceite na capital (25,8 por cento) do que no Porto (22,3 por cento).

Ficha técnica:

Amostra - Constituída por 306 entrevistas telefónicas a maiores de 18 anos residentes nas regiões da Grande Lisboa e do Grande Porto, realizadas por seis entrevistadores entre os dias 26 e 28 de Março.

Margem de erro - De mais ou menos 5,7 por cento, a 95 por cento de probabilidade.

COMENTÁRIO

A criatividade vence o dinheiro

Ao ler os resultados desta sondagem, quase se poderá dizer, que para ser empresário, o que é preciso é ter imaginação. O dinheiro, ou seja ter dinheiro, é de somenos importância.

Já a antiga filosofia optimista da vida dizia: não interessa ser rico, o que importa é ter espírito. Ter «espírito» era a filosofia da felicidade prometida. Ter «imaginação» será a filosofia da felicidade do presente ? Estará, de facto, como queriam os anarcas, a imaginação a chegar ao Poder ?

E o que será interessante é analisar se estes resultados referem apenas a representação social que o público em geral, e estes nossos inquiridos em especial, têm sobre os empresários ou se eles vão de encontro às conclusões que estudos científicos levados a cabo nesta matéria têm afirmado. Por outras palavras, se o «saber» dos cientistas confirma o «pensar» das pessoas comuns.

Esta sondagem oferece aos investigadores aspectos curiosos de reflexão que bem poderia ser depois **mediatizada** fora dos «forums» de instância estritamente científica, num diálogo entre o que os estudiosos sabem e o «povo», a gente, pensa.

O conceito de empresário tem evoluido através do tempo e obviamente está associado a perspectivas teóricas relacionadas com o mundo das actividades económicas, o modo de **fazer** trabalho, realizar **trocas**, gerar **lucros**.

Max Weber nos anos 30 falava do "espírito do capitalismo" inoculado nos «novos» empresários pela ética protestante como «nova» forma de empenho e proficiência profissional nas lides do negócio e do desenvolvimento económico.

Um autor recente, como Peter Drucker,refere que o que caracteriza o empresário moderno é a sua capacidade de inovação em criar e conquistar novos mercados, produzir novos consumos e consumidores. Afinal, um outro modo de entender o tal «espírito de empresa» que não faz do dinheiro, mas da criatividade, a sua força.

Galbraith diz que a fonte do poder hoje na empresa não são as personalidades do grande capital ou a propriedade, mas a organização, cujo exercício de pressão não é exercido, como outrora, sobre a força do trabalho, os trabalhadores, mas sobre os consumidores, submetidos pela **persuasão** da publicidade à organização económica das modernas empresas.

Criatividade, inteligência, competência, cultura geral, são os traços distintivos mais determinantes que os os nossos entrevistados atribuem ao perfil do moderno empresário.Ter muito **capital** não é condição indispensável nem sequer forte atributo. O velho «patrão» distante e castigador não tem agora futuro. O «espírito de equipa», numa atitude dialogante e evidente competência, é que assegura o prestígio, e por certo, o sucesso. Estas qualidades que **fazem** o empresário moderno, pela sondagem, em relação à situação portuguesa, só serão reconhecidas

por 37.2 dos inquiridos.

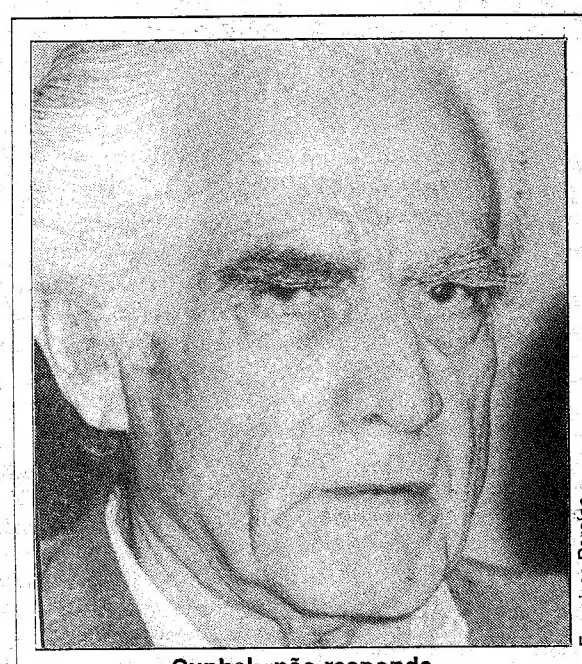
Uma opinião importante não só para rever o «retrato-robot» do empresário português, mas, sobretudo, para tomar como indicador do nosso efectivo desenvolvimento económico.

Se é verdade que na economia moderna não é o dinheiro que faz o sucesso da empresa, mas o «espírito» dos empresários, inovadores, inteligentes, competentes, cultos, **investir** nesta área talvez seja, ao contrário do que advoga o programa das Comunidades- "Projecto Ciência", um vector I&D (Investigação & Desenvolvimento).

José Manuel Paquete de Oliveira

Existem neste domínio nos centros de investigação e nas faculdades portuguesas muitos estudos e experts em economia, sociologia e psicosociologia para provar a razão dos inquiridos nesta sondagem. Se a criatividade está a **vencer** o dinheiro, é preciso pôr o dinheiro ao serviço da criatividade.

POLÍTICA



Francisco Paraíso

Cunhal «não responde a documentos avulsos»

Congresso do PCP

Documento de Judas não será analisado

O secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, rejeitou ontem a possibilidade do documento anunciado por José Luís Judas ser analisado individualmente no próximo congresso extraordinário do partido, a realizar em Maio próximo.

«Não haverá resposta a documentos avulsos», disse o líder comunista, sublinhando no entanto que o PCP não considera fraccionista aquele dirigente sindical.

Cunhal disse desconhecer a entrevista de José Saramago à revista espanhola «Tiempo», a que o DL se referiu na sua edição de ontem, e afirmou que mais tarde conversaria com o ex-presidente da Assembleia Municipal de Lisboa sobre a questão.

Questionado sobre a desvinculação de José Viana do PCP, Cunhal desdramatizou o facto elogiando a figura de intelectual daquele artista.

«Escreveu-nos uma carta muito fraternal. Continua a ser nosso amigo», acrescentou. Prossegue entretanto o processo de preparação do congresso, com diversas reuniões plenárias, tendo Álvaro Cunhal sublinhado a «franqueza e frontalidade» que caracterizam as intervenções dos militantes.

Falcão e Cunha é o novo secretário-geral do PSD

O segredo foi desvendado. Falcão e Cunha, ex-secretário de Estado das Vias de Comunicação, é o novo secretário-geral do PSD, revelou a Lusa ao princípio da tarde e o DL confirmou junto de outras fontes social-democratas.

Cavaco Silva surpreendeu toda a gente com esta escolha. Escolheu um homem administrativo para organizar o aparelho do partido com vista ás próximas eleições legislativas de 1991.

Neste momento José Falcão e Cunha é membro do Conselho de Administração da Caixa Geral de Depósitos. À hora de fecho desta edição estava incontactável para os orgãos de comunicação social, alegando uma reunião naquela instituição bancária.

Confirmam-se os nomes de Fernando Nogueira, Dias Loureiro, Leonor Beleza, Carlos Pinto, o presidente da Câmara Municipal da Covilhã, e Duarte Lima nas vice-presidências da Comissão Política Nacional.

A lista de Cavaco Silva para o Conselho Nacional é liderada, como já fora anunciado pelo DL, por Eurico de Melo, acompanhado por alguns nomes surpresa como Fernanda Mota Pinto e Jorge Braga de Macedo.

O Conselho de Jurisdição proposto pela actual direcção do partido é encabeçado por um histórico, Leonardo Ribeiro de Almeida, afastado ultimamente da acção política, que substitui Marques Guedes.

Montalvão Machado mantém-se na presidência da Mesa do Congresso acompanhado por Correia Afonso, que abandona uma das vice-presidências. O líder parlamentar do PSD integra por inerência a Comissão Permanente do partido.

Duarte Lima: novo vice-presidente

O XV Congresso do PSD vai ter ainda algumas surpresas. Será interessante verificar o resultado da votação da lista de Pedro Pinto.

O ex-dirigente da JSD, lidera uma «lista de geração», com nomes que agora têm entre 30 a 40 anos e marcaram uma época muito forte na Juventude Social-Democrata.

«Temos de fazer alguma coisa para mudar o partido» disse ao DL um ex-dirigente do PSD. Pedro Pinto o líder da lista alternativa para o Conselho Nacional foi ainda mais claro nos objectivos, ao afirmar que «queremos ajudar a rejuvenescer o PSD que, em muitos casos, envelheceu, acomodou-se ou simplesmente cristalizou». O « combate à indiferença» do documento do deputado faz lembrar o *slogan* do Congresso da JSD, «Rasgar a indiferença».

A «jota» não apoia claramente a lista de Pedro Pinto, embora seja evidente a simpatia dos militantes da organização, que mantêm grande respeito pelo ex-dirigente. Um estudo feito revela que na pior das hipóteses esta lista alternativa pode conseguir 10 a 15 por cento dos votos dos congressistas e na melhor entre 30 a 35 por cento.

M.J.R.

Partidos comentam congresso

O congresso do PSD interessa naturalmente a todas as forças políticas e sociais, designadamente aos partidos representados na Assembleia da República. O «DL» esteve em S. Bento -enquanto o PRD debatia o trabalho infantil - e nos Passos Perdidos recolheu o depoimento de deputados do CDS, PCP e PS.

«É um problema interno do PSD e democraticamente só tenho a esperar que decorra o melhor possível», disse Narana Coissoró (CDS) ao DL.

«Entre outros pontos de interesse, há um que sobreleva os outros: é o de que antes havia um chefe e muitos índios, hoje parece haver mais que um chefe e poucos índios. Nenhum deles porá em causa o primeiro chefe, e com isso vai o PS ganhar», afirmou-nos o socialista José Lello.

«Só é uma incógnita porque está a ser decidido por Cavaco Silva, desconhecendo os interessados - que são os próprios militantes do PSD - o que irá acontecer. Não faço juízos de valor, mas não espero, sinceramente, grandes novidades», admitiu Jerónimo de Sousa (PCP) ao DL.

Imagraf

produtos para
fotocomposição
difusão-transfer
offset
microfilme
fotografia
radiografia

AO DIÁRIO DE LISBOA, NESTA DATA,
AS NOSSAS SAUDAÇÕES AMIGAS.

Imagraf
Av. Miguel Bombarda, 91-1.º
1000 Lisboa — Tel. 54 95 71/56 04 03
Laboratórios em Venda Nova
2700 Amadora Portugal
Tel. 97 26 31

Na Câmara Municipal de Lisboa

Críticas de Rebelo de Sousa não preocupam maioria

«As afirmações do vereador social-democrata a propósito do Orçamento e Plano são pura e simplesmente *show off*. É que estamos em véspera de congresso do PSD e Marcelo Rebelo de Sousa quer apresentar serviço. Ora em lutas intestinas daquele partido não me meto», disse Rui Godinho.

O vereador do PCP falou na sequência das declarações tecidas ontem pelo líder da bancada da oposição na autarquia da capital. De facto, Rebelo de Sousa disse, em conferência de Imprensa, que o Orçamento e Plano de Actividades são «um péssimo serviço prestado à cidade».

Apesar de ter admitido que as propostas de alteração aos documentos, elaboradas pelo PSD, já estavam prontas no dia da discussão Rebelo de Sousa sublinhou que «por uma questão de princípio» os vereadores social-democratas não compareceram dada a recusa da maioria em conceder «à oposição o tempo necessário para estudar os documentos e fazer sobre eles uma reflexão alargada».

Para Rui Godinho, a exercer as funções de presidente da Câmara substituto, enquanto Jorge Sampaio se encontra em Maputo, as críticas do vereador do PSD são «inconsistentes». No seu entender, «eles não têm razão para fazer aquelas afirmações. Dispuseram do mesmo tempo que toda a gente teve para estudar os documentos já que estes foram distribuídos atempadamente. Só que não quiseram participar. É uma característica deRebelo de Sousa esta de fazer comentários a uma prática que desconhece e que sabe que é precisamente o contrário do que afirma». Considerando que a «montanha pariu um rato», Rebelo de Sousa disse que nele se verifica um «desinvestimento em obras que a cidade tanto carece, nomeadamente na habitação» e acrescentou que a Câmara vai «meter na gaveta 2,5 milhões de contos através de dotações provisionais», procedimento que classificou de «pouco claro e transparente».

Rui Godinho não se mostrou particularmente preocupado com as diatribes lançadas pelo ex-candidato pois «ele compara verbas definidas com verbas por definir, ou seja, coisas incomparáveis». Aquele vereador disse que a maioria na Câmara assume «os êxitos e os inêxitos com toda a responsabilidade». Acrescentando ainda: «O Plano e Orçamento falam por nós e conseguimos que estivessem prontos cinco meses antes do que costumam estar em início de mandato e isso é difícil de aceitar pelos senhores vereadores do PSD».

Laborinho Lúcio, Roberto Carneiro e Vieira de Castro, entre outros

Governo mandou estrelas a S. Bento desdramatizar a situação da criança

O PRD conseguiu ontem, plenamente, os seus objectivos com o debate que promoveu na Assembleia da República: chamar a atenção da opinião pública, do Governo e dos parlamentares para os problemas das crianças portuguesas.

Dir-se-ia até que os resultados ultrapassaram as expectativas tratando-se, como se tratava, da iniciativa de um pequeno grupo parlamentar: para já o PRD conseguiu reunir o consenso e o apoio de todas as bancadas para a ratificação da Declaração Universal dos Direitos da Criança, recentemente votada nas Nações Unidas e ontem mesmo aprovada pelo Governo português. A declaração será ratificada, muito brevemente, no Parlamento abrindo assim caminho para que Portugal seja um dos primeiros países a adoptar o documento.

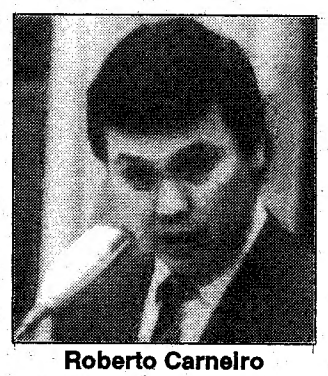
O PRD adiantou também a sugestão, ao Governo e aos restantes grupos parlamentares, para prepararem legislação adequada a erradicar as mazelas mais chocantes que afligem as crianças portuguesas, sugerindo que todo esse acervo de documentos legais seja debatido em plenário, no início de Junho, comemorando assim o Dia Internacional da Criança.

Mais do que isso, os renovadores-democráticos conseguiram a façanha de juntar numa só sessão do Parlamento as duas estrelas de um Governo geralmente avesso a estas minúcias da democracia parlamentar: os ministro Roberto Carneiro, da Educação, e Laborinho Lúcio, da Justiça, que se fizeram acompanhar de secretários de Estado igualmente prestigiados e ainda não desgastados, entre eles o da Segurança Social, Vieira de Castro.

Em complemento às intervenções de Hermínio Martinho e Isabel Espada, do PRD, e Odete Santos, do PCP, os discursos de Roberto Carneiro e Laborinho Lúcio ajudaram a elevar o debate a um nível excepcional para a média destas sessões de transição que têm caracterizado o Parlamento nos últimos tempos.

Da visão em negro sobre a realidade, já o DL deu informação abundante quando antecipou o debate agendado pelo PRD. Poder-se-ia acrescentar, em função do afirmado ontem na Assembleia, que passados nove anos sobre o primeiro grito de alarme para o flagelo da exploração clandestina do trabalho infantil, ele continua a existir. Mas, como garantiu Odete Santos, o trabalho infantil é agora ainda mais clandestino, por ser exercido portas a dentro, no domicílio familiar:

«Trata-se de crianças que chegam a trabalhar à hora do almoço, nos intervalos das aulas, no próprio tempo de aulas, pela noite dentro, em domingos e feriados, em ritmos bruscos porque é preciso atingir a meta de coser N sapatos, N bainhas em almofadas, lençóis, toalhas, ou é preciso bordar a ponto de cruz, cruzes infindáveis da



Roberto Carneiro

sua vida».

Por isso este debate reincidiu, por vezes, nos tons negros usados por quem faz da realidade uma leitura dramática. Chegou a ser «cruel» como acrescentou a deputada do Partido Comunista, mas também «útil, necessário e urgente, neste final do século XX, sobressaltado pelas vozes das crianças que em bando vagueiam na noite da cidade, vítimas da marginalização, acossados pela droga, por abusos sexuais, pelas sombras de uma vida de adultos sem esperança».

Os ministros da Educação e da Justiça e a deputada Leonor Beleza chegaram, no entanto, a tempo de inverteram o pessimismo, lembrando, como o fez explicitamente Laborinho Lúcio, que o que nos deve preocupar, não é o que não fizemos no passado, mas o que falta fazer no futuro e o modo como todos devemos assumir esse futuro. Para esta nova estrela do Governo, se há questão em que «é obrigatório e ético o consenso» é nas inicitivas que possam contribuir para tornar mais felizes as crianças.

Em resumo deste contraponto que se propuseram fazer na Assembleia, como contributo do Governo e da bancada da maioria ao debate, a deputada Leonor Beleza deixou no ar uma pergunta que ficou sem resposta por parte da oposição:

«A senhora deputada entende que, apesar de tudo o que disse, há em Portugal crianças felizes, ou não?».

Daniel Reis

O 25 de Abril em manifesto

Cerca de três centenas e meia de personalidades da vida política e cultural portuguesa assinaram um manifesto em que apelam à participação popular nas manifestações comemorativas do 25 de Abril.

António Guterres, João Cravinho, Carlos Brito, Costa Gomes, Vasco Gonçalves, Vasco Lourenço, Ivo Pinho, Maria Santos, Mário Mesquita, José Augusto Seabra, Nuno Teotónio Pereira, , José Luís Judas, João Proença e Costa Leal são alguns dos subscritores do manifesto que apela à participação no desfile anual pela Avenida da Liberdade.

O manifesto considera que o 25 de Abril se mantem actual num momento em que «as desigualdades económicas acentuam o fosso social quando se restringem direitos e se agrava a insegurança no trabalho», constituindo «uma promessa não esgotada de esperança e combate».

Tribunais de círculo melhoram justiça

As competência e o modo de funcionamento dos tribunais de círculo foram ontem objecto de uma decisão de fundo na reunião do Conselho de Ministros.

O diploma ontem aprovado pelo Governo fixa de forma clara a competência dos tribunais de círculo e dos tribunais de comarca, criando-se assim condições para que se venha a atingir «a desejável estabilidade do sistema e bem assim uma maior transparência dos seus mecanismos de funcionamento», salienta o comunicado da Presidência do Conselho de Ministros.

O Governo tomou também medidas com vista ao reforço do combate ao tráfico de droga, nomeando um coordenador nacional e criando uma comissão interministerial, presidida pelo primeiro-ministro, e o Conselho Nacional do Projecto Vida.

Caberá a este mobilizar a sociedade civil e as suas instituições, para os quais o Executivo disporá de 1,5 milhões de contos para investir este ano.

Uma outra decisão importante foi a redução do Serviço Militar Obrigatório para quatro meses - tempo de recruta e especialidade, no quadro da reestruturação das Forças Armadas ontem anunciada pelo ministro da Defesa.

A política de Salazar revista pela memória dos seus diplomatas

No tempo de Salazar «a política externa da Nação era a projecção além-fronteiras da visão que os portugueses tinham de si próprios», porque no pensamento dele «a Nação era a realidade primeira», definiu ontem Franco Nogueira, durante um colóquio sobre «A Diplomacia e a Política Externa com Salazar».

Integrado num ciclo dito «Salazar: Memória e Revisão», este debate contou com a presença de dois embaixadores que serviram o Estado Novo: para além de Franco Nogueira, que foi titular da pasta dos Negócios Estrangeiros, António Leite de Faria. A presidir à Mesa via-se Gonçalves Proença. Como moderador estava António de Sousa Lara, deputado do PSD. Foi na Universidade Lusíada.

Ao traçar as grandes linhas da política externa salazarista, Franco Nogueira aludiria à «independência da Nação», ao conjunto do «brio, amor-próprio e soberania» e ao r espeito pela «gesta nacional», justificativo do apego à «integridade territorial».

Sem se imiscuir na Europa

Para se traçar uma política externa, disse Franco Nogueira, é necessário ter «independência de julgamento», para se contar com a «autonomia de decisão», para além de um «domínio da Economia», justificativo da máxima salazarista que postulava a manutenção de tudo (ou quase) em mãos portuguesas. Com estes factores somados a «um mínimo de desafogo financeiro» e uma força armada «suficiente para dissuadir», Franco Nogueira conclui que «nem todas as políticas internas serviriam» os desígnios de Salazar e, fazendo coro com Leite Faria, acusaria a I República de subserviência perante os ingleses, durante a Guerra de 1914-18.

Algumas referências sibilinas à impossibilidade de haver uma política externa clara quando a interna é pouco definida dariam azo a uma pergunta, no tempo do debate, sobre a orientação actual da nossa diplomacia. Franco Nogueira salientou, a propósito, que o regresso à feição atlântica da política externa portuguesa está na linha do pensamento de Salazar, que poucos meses antes do eclodir da II Guerra Mundial, sublinharia o papel oceânico e a «vocação missionária *ultramarinista* (sic)» de Portugal nas costas de África e no Brasil. E frisou que Salazar nunca quis imiscuir-se «nas querelas da Europa Central», razão pela qual sempre insistiu com britânicos e franceses para que não deixassem Franco ficar apenas nas mãos de alemães e italianos, a bem da neutralidade portuguesa na conflagração mundial à vista.

Leite de Faria confessou, de resto, que a pertença de Portugal ao «grupo de não-intervenção» na guerra civil de Espanha das grandes potências da altura se destinou a favorecer abertamente as forças saídas do golpe de Estado que, no terreno, combatia a República no país vizinho. «Salazar foi nessa altura como que o ministro dos Negócios Estrangeiros do general Franco», evocou.

Mas também a questão colonial estava na ordem do dia, quando Leite de Faria estava subordinado a Armindo Monteiro, na nossa embaixada em Londres, em 1937. Nessa altura, o grande perigo para o Governo de Lisboa era a reedição de pactos secretos como os do fim do século passado e os de 1912 sobre a partilha de colónias portuguesas e belgas entre britânicos aliados e alemães desejosos de recuperarem uma influência africana perdida com as partidas do Tratado de Versalhes. O Governo de Neville Chamberlain até nem estava arredado desse negócio, apesar dos desmentidos oficiais de Londres, como documentação dos arquivos de Sua Magestade, décadas depois vinda a lume, bem comprovaria. O Império andou, nessa altura, ao sabor do que podia ou não passar-se nessa Europa Central que estava longe de constituir uma prioridade diplomática. As pressas de Hitler deram razão às profecias do homem de Santa Comba.

J.I.

SINDEPESCAS/UGT
SINDICATO DEMOCRÁTICO DAS PESCAS
Rua da Esperança, 37-1.º 1200 LISBOA
Telefones: 66 17 26 – 60 17 96
Telex 12956 SINDEP P
Telefax: 67 43 70

UM SINDICATO NACIONAL AO SERVIÇO DE TODOS OS TRABALHADORES DAS PESCAS
DELEGAÇÕES - PENICHE - SETÚBAL - OLHÃO - PORTIMÃO CASCAIS

O PEIXE É FISH
COOPERATIVA DE PESCA DOS ASSOCIADOS DO SINDICATO DEMOCRÁTICO DAS PESCAS
COOPSINDEPESCAS – CRL
Rua da Esperança, 37-1.º 1200 LISBOA
Telefones: 66 17 26 – 60 17 96
Telex: 12956 SINDEP P
Telefax 67 43 70

— VENDEMOS O MELHOR PRODUTO CONGELADO AOS MELHORES PREÇOS
— SOMOS UMA COOPERATIVA AO SERVIÇO DOS TRABALHADORES
— VISITE-NOS

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

Aspirações profissionais e sistema retributivo dominam reunião de Sacavém, enquanto as chefias ameaçam com processos disciplinares

Sargentos tratam da sua vida no 2º Encontro Nacional

Aspirações profissionais e discussão do sistema retributivo são as questões que pontificam o 2º Encontro Nacional de Sargentos que amanhã decorrerá no Pavilhão do Sacavenense, por impossibilidade de utilização do Pavilhão dos Desportos, onde o PSD reunirá o seu XV Congresso.

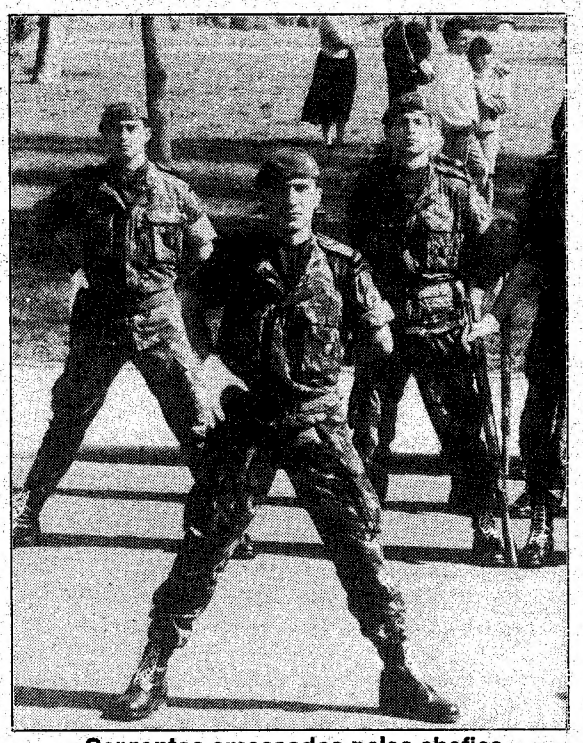
A alteração do Código de Justiça e do Regulamento de Disciplina militares serão objecto de debate, de modo a adaptar a legislação militar às normas constitucionais.

A eleição daquele órgão dirigente dos sargentos fechará este encontro, cujo interesse foi entretanto polarizado pela posição pública assumida pelo Estado-Maior do Exército, que repreendeu a Associação Nacional pelo facto de se ocupar «de matérias que ultrapassam os fins para que foi criada», designadamente o comunicado tornado público na reunião de «31 de Janeiro», considerado pela classe como o «Dia do Sargento».

Membros da Comissão Nacional de Sargentos reagiram já a essa posição, defendendo que a reacção dos responsáveis militares«não tem razão de ser».

Na opinião de um dos dirigentes da Comissão nacional, tal posição «visa objectivamente a desmobilização do 2º Encontro Nacional», parecendo uma «acção concertada» contra a reunião que sábado terá lugar em Sacavém, com a participação de sargentos de todos os pontos do País.

Os chefes dos ramos do Exército e da Marinha foram os primeiros a chamar a atenção para sargentos conotados com a respectiva Comissão Nacional, o que não aconteceu na Força Aérea, segundo apurou o DL. No entanto, neste ramo, a hierarquia proibiu, oportunamente, a circulação de um inquérito elaborado pelo grupo de trabalho de vencimentos e estatutos da Comissão Nacional, com o objectivo de «conhecer melhor as opiniões dos sargentos e saber qual é o nível de sensibilização para questões éticas e deontológicas ligadas à profissão».



Sargentos ameaçados pelas chefias

As informações disponíveis acerca das chefias militares, por causa das comemorações do «31 de Janeiro», traduzem-se em processos de averiguações tendentes a procedimentos disciplinares que os sargentos contestam, afirmando «não terem razão de ser». O Estado-Maior do Exército veio entretanto a público justificar a instauração de processos de averiguações a diversos membros dos corpos sociais da Associação Nacional de Sargentos na sequência da reunião do último dia de Janeiro, durante o qual foi aprovada uma moção relativa a aspectos de carreira e remunerações.«As questões relacionadas com as Forças Armadas estão fora do âmbito de actuação da Associação Nacional de Sargentos», disse à Lusa uma fonte do EME.

A moção aprovada em 31 de Janeiro salientava que o «estatuto dos militares das Forças Armadas e o novo sistema retributivo não servem nem dignificam a instituição nem os seus membros, sendo, por isso, um elemento gerador de desmotivação, insatisfação e instabilidade».

Júlio Rodrigues

Militares consideram

Redução do serviço militar é «demagógica»

A medida anunciada ontem, pelo ministro Fernando Nogueira, de diminuição da duração do Serviço Militar Obrigatório para quatro meses, a propor ao Parlamento, foi considerada, por fontes castrenses ,«demagógica».Isto porque feita numa altura em que o PSD necessita de recuperar eleitorado e popularidade, sendo conhecido o peso que a juventude possui naquele partido».

Por outro lado, disseram-nos as mesmas fontes, aquele partido está em vésperas do seu congresso e é importante e urgente a apresentação de medidas populares por parte do Governo.

Um outro facto a salientar, é a surpresa com que a quase totalidade das chefias militares as receberam o anúncio daquela medida: «mais um facto a juntar a outros (como as alterações das grelhas salariais, dos Estatutos das Forças Armadas e a recente redução a zero das pensões de Serviços Excepcionais e Relevantes Prestados ao País) que têm causado algum mal-estar no seio das Forças Armadas.

A redução do SMO para quatro meses poderá vir a permitir o alargar para o dobro do número de recrutas a incorporar. Até agora, dos 70 mil inspeccionados todos os anos apenas têm sido chamados 35mil.

Instituto promove debate

Defesa Nacional: desta vez é connosco

Não somos gente de pressas. A legislação complementar da Lei de Defesa Nacional e das Forças Armadas, de 1982, está ainda em grande parte por aprovar ou, mesmo, por redigir. O caso tem, obviamente, a sua importância específica, mas é ainda mais grave porque o Ministério da Defesa hesita entre promover o completamento da obra legislativa nos termos previstos e reformular tudo, o que pode aconselhar, até, o abandono de boa parte do trabalho já feito.

Tudo por causa da *perestroika* e das suas consequências: as transformações na Europa de Leste, o processo de reunificação da Alemanha, as negociações sobre o desarmamento, a desagregação do Pacto de Varsóvia, a necessidade de a NATO definir novas missões... O Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais dedica o seu Ciclo da Primavera deste ano ao debate das implicações desta evolução no posicionamento estratégico de Portugal.

Ontem, Eugénio Ramos, secretário de Estado da Defesa Nacional, e Jaime Gama, presidente da Comissão Parlamentar de Defesa, reflectiram em voz alta sobre esta problemática.

O Ministério da Defesa resolveu lançar um grande debate público acerca da matéria, na perspectiva de obtenção do máximo consenso nacional. Em causa, questões como estas: iremos tornar-nos cada vez mais periféricos, porque o centro europeu de decisões desloca-se cada vez mais para Leste? A CEE disporá cada vez mais de menos dinheiro para o nosso desenvolvimento? E questões menos negativas: a nova situação permite-nos um maior protagonismo na cena internacional. E, claro, o conceito de ameaça tem de ser reformulado também.

Eugénio Ramos inclina-se para completar o que for de completar da legislação complementar da Lei de Defesa Nacional e, ao mesmo tempo, promover a reformulação global dos conceitos. O conceito estratégico de defesa não perdeu, ainda, na opinião do secretário de Estado, toda a actualidade; uma via a explorar pode ser a adopção de uma perspectiva mais simples da resposta às ameaças - que mudam, que às vezes até são conjunturais - num quadro de afirmação de interesses nacionais — permanentes.

Definir interesses nacionais não é fácil, como foi salientado no debate: há o risco de formular uma cartilha totalitária que exclui dos patriotas os que tiverem outro entendimento desses interesses.

Mais fácil será provavelmente definir as ameaças. Mais fácil, agora que a NATO perdeu o Pacto de Varsóvia como justificação de toda uma estratégia? Enfim, terá que haver sobretudo uma disponibilidade bem afinada para a cada momento as descortinar, sem perder de vista os perigos da emergência de estratégias nacionais, contraditórias com a integração europeia. O conceito estratégico militar deverá evoluir no sentido de atribuição de novas missões às Forças Armadas - por exemplo, na defesa do ambiente. A modernização das tropas pode implicar a redução do quadro permanente; implica decerto uma nova concepção de exército, onde a profissionalização não exclua a conscrição.

A redução do tempo de serviço militar obrigatório inscreve-se já nas novas tendências e deve ser acompanhada de um voluntariado, em regime de contratação, de modo a garantir efectivos aptos a operar com sistemas de armas sofisticados.

J.P.O.

MUDANÇAS
TRANSPORTES DE PIANOS – COFRES
SERVIÇOS DIÁRIOS DE CARGA GERAL
LISBOA – SINES
PESSOAL ESPECIALIZADO
A TRANSPORTADORA IDEAL DE ST.ª ISABEL
LARGO DO MITELO, 18 (ao Campo Santana)
☎ 53 26 37 - 57 74 79

ALPACO
REPRESENTANTES DE FÁBRICAS DE PAPÉIS, CARTÕES E CORDOARIAS
ALPACO – SOCIEDADE COMERCIAL DE PAPÉIS E CORDAS, LDA.
Calçada de Salvador Correia de Sá, n.º 30
Telef.: 328604-328785 — Telex 42502
1200 LISBOA

O assassinato do general Delgado (Conclusão)

MARCELO CAETANO: OCULTAÇÃO E CUMPLICIDADE

No seu livro «Minhas Memórias de Salazar», cuja escrita foi iniciada a 6 de Setembro de 1974 e viu a estampa em 1977, são várias as referências a Humberto Delgado. Delas se depreende que considerando o militar «um agitado e um excitado» (pág. 351), Caetano o considerava capaz e organizador e com ele mantinha relações de amizade. Humberto Delgado prezava Caetano e nele confiava, ao ponto de abrir-se em confidências políticas comprometedoras. Só uma grande confiança pessoal as poderia justificar. A página de Marcelo Caetano que a seguir transcrevemos (capítulo 79, pág. 543) permite ao leitor avaliar essa intimidade. É a seguinte:

«...Nos primeiros tempos em que ocupei as funções de ministro da Presidência o general era chefe da Missão Militar Permanente de Portugal junto da NATO, com sede em Washington. Quando vinha a Portugal procurava-me sempre e mais de uma vez. Falava-me de assuntos da NATO e também dos seus problemas pessoais. Mostrava-se entusiasmado com a vida americana e o dinamismo das suas instituições, em contraste com a ronceirice da administração e da economia portuguesas. E contava-me a facilidade com que obtivera crédito para comprar uma casa, que revenderia sem esforço quando deixasse os Estados Unidos.

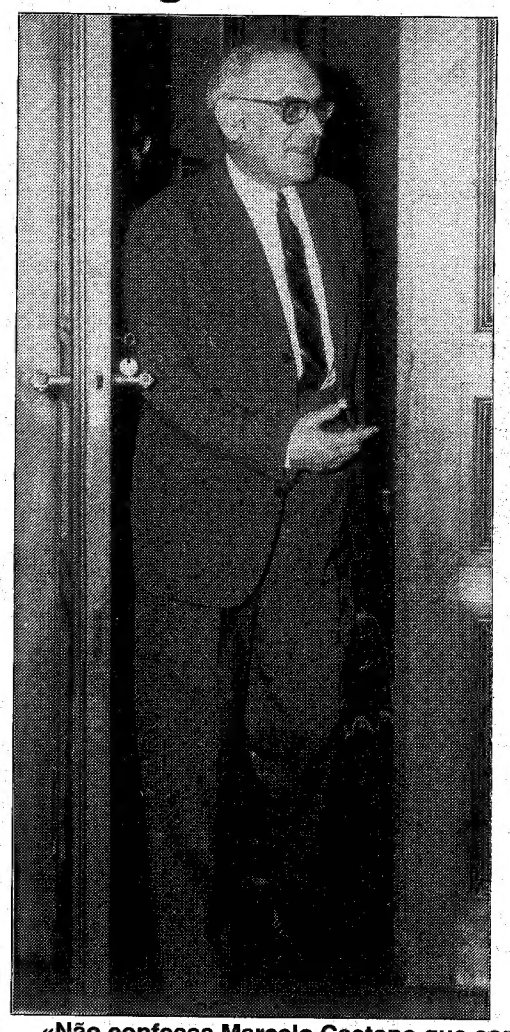
«Não fugindo à regra do português sempre seduzido pelo estrangeiro em detrimento da própria Pátria, Delgado no seu fraseado rápido e nervoso fazia a apologia do meio onde estava vivendo e, sorrindo com a mão no meu ombro concluía que estávamos atrasadíssimos, a precisar de um empurrão valente que nos fizesse vencer temores e romper rotinas e avançar um bom bocado na senda da civilização...

«- O Salazar está velho, está gasto, está fora de moda! Tem de dar lugar a gente nova!

«Ouvia-o com a paciência que sempre tive para o chamado *diálogo* e procurava acalmar-lhe os ardores...»

Da leitura desta página - e cremos que se justificou a longa transcrição -, resulta patente a intimidade que tinham atingido as relações entre Humberto Delgado e Marcelo Caetano. Não confessa Marcelo Caetano que conspirava com Humberto Delgado, mas é evidente que era um interlocutor atento e conivente das intenções de reforma do «Estado Novo» e de substituição de Salazar que, com ardor, o general acalentava.

Nos capítulos 81 e 83 das suas «Memórias», Marcelo Caetano distancia-se, do candidato à Presidência da República, mas reconhece o vigor e a adesão popular à campanha eleitoral. Distancia-se, também, da actuação e métodos da «União Nacional». Oiçamo-lo: «... desconcertados com a tumultuária campanha demagógica de Delgado, os dirigentes da UN não souberam seguir uma linha bem traçada de conduta. Nem sempre procederam com lisura e ao tentarem agir com manha limitaram-se a gestos de habilidade saloia, que os deixavam mal colocados perante o público e não logravam resultado útil.» (Pág. 566) No capítulo 83, refere-se Marcelo Caetano, às eleições de Junho de 1958 e aos resultados oficialmente publicados: «Os resultados oficiais, apurados pelo Supremo Tribunal de Justiça, deram a Delgado 23% dos votos e a Tomaz os restantes, descontados de algumas listas invalidadas, isto é à roda de 75%. Delgado não se cansou depois de proclamar aos quatro ventos que a contagem fora falseada e que tinha sido roubado, chegando a afirmar que ganhara a eleição.»



«Não confessa Marcelo Caetano que conspirava com Humberto Delgado, mas é evidente que era um interlocutor atento e conivente das intenções de reforma do Estado Novo e da substituição de Salazar que, com ardor, o general acalentava»

Não se mostrando inclinado para aceitar a vitória de Humberto Delgado, Marcelo Caetano admite a fraude. Com efeito escreve: «Nessa altura conversei com muitos governadores civis e presidentes de câmaras municipais e até mesmo com eleitores que haviam presidido às mesas eleitorais. Nunca gostei de me iludir e sempre desejei conhecer a realidade. Não posso garantir que, aqui e acolá, não tenha havido fraude, apesar da fiscalização exercida pelos representantes da oposição. Mas do que estou certo é de que, admitindo mesmo, sem conceder, uma larga margem de 15% para essa fraude, o almirante Tomaz ganhou a eleição, pois daí resultaria uma relação de 60%-38%.» O Ministro da Presidência, nestas «Memórias» escritas dezasseis anos depois, no exílio brasileiro, não esconde os seus sentimentos: «A campanha eleitoral deixou no País uma sensação de mal-estar. O prestígio de Salazar andava por baixo. E os adversários conservavam-se arrogantes, enquanto Humberto Delgado irrequieto, continuava de um lado para o outro, mostrando-se descontente com a protecção que a Polícia cautelosamente lhe assegurava. Os ódios desencadeados bem a justificavam.» (pág. 577).

Na remodelação governamental a que Oliveira Salazar procede, no rescaldo das eleições presidenciais, Marcelo Caetano é afastado do cargo de ministro da Presidência e afastar-se-ia, pessoal e politicamente, do Presidente do Conselho.

De Agosto de 1958 a Setembro de 1968, quando é constituído o primeiro gabinete presidido por Marcelo Caetano, este não exerce responsabilidades governamentais e as suas relações com Salazar são pouco frequentes e frias. É Tomaz que, na crise da sucessão, o escolhe e impõe.

As investigações das autoridades espanholas relativamente ao assassínio de Humberto Delgado e da sua secretária, a cidadã brasileira Arajaryr Moreira de Campos, perturbadas pelas mais fantasiosas especulações e bloqueadas pela nenhuma colaboração das autoridades portuguesas, tinham prosseguido e entrado numa fase mais movimentada sob o impulso do juiz de Instrução de Badajoz, José Maria Crespo Marquez. Convencidos de que Marcelo Caetano não deixaria de dar colaboração para o apuramento da verdade, na fé de que o sucessor de Salazar - e amigo de Humberto Delgado -, não quisesse assumir o papel de encobridor do crime, os advogados espanhóis, Mariano Robles Romero-Robledo e Jaime Cortezo Velasquez-Duro, enviaram de Madrid, uma carta ao então Presidente do Conselho de Ministros.

Fernando Piteira Santos

A carta, datada de 6 de Janeiro de 1970, solicita ao governante português que fossem presentes às autoridades judiciais espanholas os cidadãos portugueses que tinham passado a fronteira «acompanhados pelo chefe da PIDE do posto fronteiriço de São Leonardo, António Gonçalves Semedo, o qual apresentou os seus acompanhantes às autoridades fronteiriças como companheiros seus da PIDE que iam de férias a Espanha». Eram, como se sabe, os encarregados de montarem a cilada de Badajoz de assassinarem Humberto Delgado. As investigações, conduzidas pelas autoridades espanholas, tinham determinado a passagem da fronteira, mas tinham esbarrado com as identificações dos quatro agentes da PIDE porque portadores de passaportes falsos. Só António Gonçalves Semedo, o chefe do Posto de São Leonardo, era conhecido. Ele pedira aos guardas fronteiriços espanhóis facilidades para os seus colegas.

Dois meses levou Marcelo Caetano para dar resposta aos advogados de Madrid. A resposta datada de 3 de Março, assinada pelo chefe de Gabinete, dr. Quesada Pastor, é do seguinte teor:

«Sua Excelência o sr. Presidente do Conselho de Ministros recebeu a carta de V.ª Snr.ª datada de 6 de Janeiro p.p. e imediatamente a mandou remeter ao Ministério da Justiça a fim de ser informada pelas autoridades competentes.

«O Ministério da Justiça remeteu nesta data à Presidência do Conselho completa informação da Polícia Judiciária, com os autos da instrução realizada para cumprimento das cartas rogatórias expedidas pelo juiz de Badajoz em 18 de Junho, 25 de Outubro e 4 de Novembro de 1965 e em 16 de Abril de 1966.

«De todo o expediente não resultaram elementos que permitissem a incriminação de qualquer cidadão português pelos factos apontados na carta de V.ª Snr.ª

«Tampouco foi pedida a extradição de qualquer cidadão identificado como residente em Portugal.

«A Presidência do Conselho nada mais pode informar sobre o assunto, afecto às autoridades de investigação criminal.»

Cinco anos passados sobre o crime e o macabro achado dos corpos das vítimas, Marcelo Caetano, o sucessor de Salazar, comportava-se como titular de uma dupla herança: a do poder e o compromisso do silêncio. Mariano Robles e José António Novais, autores do livro «Asesinato de um Heroe» (Ediciones Sedmay, Madrid, 1974) confrontados com o desinteresse de Marcelo Caetano pelo andamento do processo e tendo presente que ele convertera a PIDE em Direcção-Geral de Segurança, escreveram: «O professor Caetano mudava os nomes mas não mudava os homens, nem os métodos. O *muro do silêncio* continuava levantado em Portugal.»

Marcelo Caetano prosseguia a política de ocultação do crime.

A sua atitude era de cumplicidade com os assassinos.

INQUÉRITO

O novo DL agrada, mas também suscita alguns reparos. Esta a conclusão a tirar de um rápido inquérito feito ontem a governantes, dirigentes políticos, escritores, artistas, gente da cultura. Registamos com agrado os elogios, mas também tomamos boa nota das críticas. A todos colocamos três perguntas: Tem lido o DL? Qual a sua opinião sobre o jornal? O que mais aprecia, e do que menos gosta? E nem em dia de aniversário esperávamos tantas referências elogiosas

O nosso umbigo

Couto dos Santos
Ministro-Adjunto e da Juventude

«Tenho lido com regularidade o Diário de Lisboa. Considero-o uma referência na história da imprensa e da democracia.

Sobretudo depois desta remodelação, é uma referência para quem queira associar a informação à reflexão sobre as grandes questões.

O que gosto mais são os artigos de fundo que traz de uma série de colaboradores que são excepcionais. Gosto também da paginação.

Do que gosto menos: os muitos assuntos de reflexão seguidos tornam-se maçudos.

Devo dizer que considero o DL de um jornalismo rico, novo e de qualidade».

Pinto Balsemão
Presidente da Sojornal

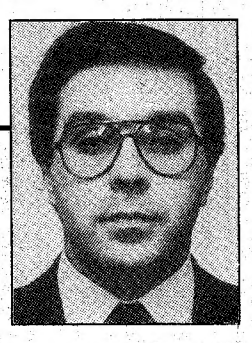
Tenho lido, tenho gostado. Acho a mudança positiva. O DL veio preencher uma lacuna, dentro das possibilidades de escolha dadas, até agora, aos leitores portugueses: um jornalismo de opinião que procura aprofundar determinado tipo de assuntos e obriga as pessoas a sobre eles meditarem.

Como defeito, apontarei a relativa pouca importância atribuída às notícias e o pouco tempo que há para ler tudo o que o jornal publica.

Trata-se, no entanto, de uma opção deliberada que respeito e admiro.

Vasco Pulido Valente
Professor universitário

«É um jornal de que gosto muito. Foi no «Diário de Lisboa» que começei e foi lá que fui estagiário. Li-o durante todo o período da ditadura e, até ao 25 de Abril, isso sempre me deu bastante gosto. Recomeçei a lê-lo quando o Mário Mesquita passou a ser o seu director. São, aliás, os seus editoriais o que prefiro no «DL». O que menos gosto são algumas das colunas de opinião»



Marques Mendes
Secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros

«O Diário de Lisboa é hoje uma referência obrigatória no panorama da imprensa diária portuguesa.

Inteligente e crítico, vivo e polémico, formativo e informativo, atento às mais significativas questões da sociedade portuguesa, da Europa e do mundo, o DL justifica abertamente um espaço diário de leitura e reflexão.

Para quem, como eu, rejeita o jornalismo amorfo e cinzento e privilegia a informação viva e actual, o Diário de Lisboa - concorde-se ou não com o seu conteúdo - é um exemplo a merecer atenção.

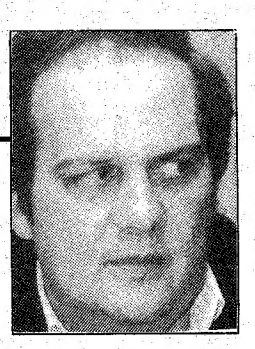
Por isso mesmo e sem deixar de enaltecer o esforço de modernização, em todos os sentidos, que o jornal vem realizando, aproveito o gostoso ensejo para felicitar, na pessoa do seu Director, todos os que diariamente são responsáveis pela sua edição».

Margarida Gil
Realizadora

«Compro normalmente o DL e noto, sem ter a frescura que tinha nos tempos do suplemento literário, que parece estar a sair de um período nevrálgico.

Fico muito contente porque o Lisboa tem que ler. Embora às vezes se pareça mais com um jornal semanário do que um diário. Às vezes pergunto com quem é que está a competir. Mas se calhar tem que ser assim. Parece-me bastante melhor.

Força. Continuem a lutar contra os gigantes».



João Soares
Dirigente do PS

«É um jornal que sempre mereceu a minha simpatia. É assumidamente lisboeta e isso agrada-me. Nos tempos da «outra senhora» o «Diário de Lisboa» tinha uma maioria de jornalistas que eram contra o regime. Após o 25 de Abril houve muito radicalismo do ponto de vista político, mas agora o jornal está a fazer um grande esforço para manter o equilíbrio. Não leio o jornal com frequência porque há muita informação a circular com o aparecimento de novos jornais. Dantes lia o «Diário de Notícias», agora comecei também a comprar o «Público».

Tanto o «Público» como o «Diário de Lisboa» criam angústias, porque têm coisas interessantes que não há tempo para ler».

Vicente Jorge Silva
Director do «Público» na hora de fecho

«Leio todos os dias e gosto muito».

Narana Coissoró
Dirigente do CDS

«O «Diário de Lisboa» neste seu novo avatar tornou-se uma referência útil e necessária para qualquer político.

Devo dizer que todos os dias aguardo a sua chegada e só tenho pena que os afazeres da minha vida não me deixem satisfazer a vontade de o ler por inteiro porque a informação é abundante, os temas aliciantes, os autores prestigiados, mas o dia tem apenas 24 horas».

Luís Salgado Matos
Presidente do Instituto Português de Cinema

«Estava agora a lê-lo. É como o *champagne* ».

José Saraiva
Chefe de Redacção do Jornal de Notícias

«Por imperativo profissional vejo todos os jornais. O único que leio é o «Diário de Lisboa».

Acho que é verdadeiramente o único jornal da tarde que há em Portugal. Esta nova fase do DL é de facto excelente. Ás vezes é excessivo em opinião. Mas que gosto da forma e do estilo, gosto. Sobretudo da opinião.

Do que gosto menos é do tratamento da política de defesa, porque acho que há nessa matéria um «lobby» do Instituto de Defesa Nacional. São sempre os mesmos. Devia haver mais confronto de opiniões.

O DL é no entanto ainda formal. Precisa de ser solto e menos académico».

José Saramago
Escritor

«Não tenho lido com frequência o "Diário de Lisboa".

O novo agrada-me muito. Houve uma altura em que era o meu jornal, depois deixei de o ler. Ainda não ganhei o hábito de comprar o DL todos os dias».

Graça Lobo
Actriz

«É um jornal que sempre li, desde os 16/17 anos, que tem dedicado especial atenção à cultura e com o qual me identifico. Agora está óptimo, é o melhor jornal da tarde.

Dou mais atenção à parte cultural, às notícias sobre cinema, teatro. Há muitas, e isso é bom.

Do que menos gosto é da impressão, sujo as mãos, o que me desagrada muito. Acho que é do papel e aliás acontece o mesmo com outros jornais».

INQUÉRITO

Francisco Louçã
Secretário-geral do PSR

«Leio o «Diário de Lisboa» com mais atenção, desde a última reformulação. Aprecio bastante o actual tom do jornal, sobretudo no que diz respeito ao confronto de ideias sobre as coisas que passam. A este nível o «DL» não tem, por enquanto, concorrentes. Salto mais por cima de alguns suplementos, que a meu ver não são a realização das promessas e do que esperávamos. Isto acontece, sobretudo, em relação à «A MOSCA»

Alfredo César Torres
Presidente do Automóvel Clube de Portugal

«Tenho acompanhado esta evolução positiva do Diário de Lisboa. Acho que melhorou de aspecto e melhorou de conteúdo.

É mais arrumado e mais simples de ler e a prosseguir esta linha retomará a posição de grande destaque que já teve na comunicação social portuguesa.

Uma das coisas que me faz apreciar o jornal é sobretudo a sobriedade. Não é comparável com a sua concorrência. Trata os assuntos sem procurar especular. E normalmente os títulos correspondem ao conteúdo.

O reverso da medalha dessa sobriedade é pago pela fraqueza com que aborda alguns temas que também são importantes para a opinião pública».

LISBOA — QUINTA-FEIRA, 7 DE ABRIL DE 1921

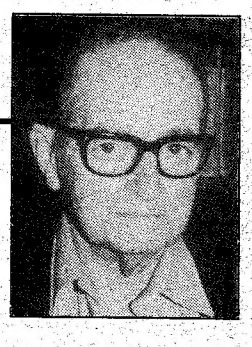
Diario de Lisbôa

JOAQUIM MANSO

SOLDADOS DE PORTUGAL!

"DIARIO DE LISBOA"

O Diário de Lisboa de 7 de Abril de 1921



Mário Dionísio
Escritor

«O Diário de Lisboa é o meu jornal mais antigo. É um daqueles jornais em que comecei a colaborar há muitos anos.

Todos os meus amigos o liam e alguns colaboravam nele. Era o grande jornal de oposição da tarde.

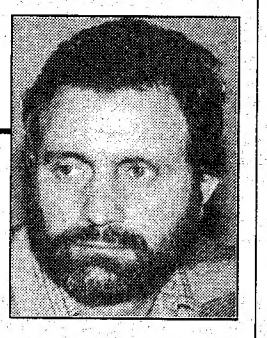
Depois teve variadíssimas fases, umas mais felizes do que outras. Tinha caído num clima de águas mornas que me fez quase perdê-lo de vista.

Ultimamente, deu-se um milagre, voltou a ser um jornal vivo, muito actual, e às vezes até me dá raiva ter tanta coisa para ler, já que o tempo nem sempre chega. É um elogio, claro».

Saldanha Sanches
Especialista em Direito Fiscal

«Tornou-se irreconhecível -- para melhor -- sob a direcção de Mário Mesquita.

Tenho-o lido. Gosto da Opinião. As reportagens nacionais são boas. O Internacional, razoável.»



José Luís Judas
Membro do Executivo da CGTP

«Leio e gosto. Está actualizado no campo do debate das ideias. Acho, no entanto, que existe um excesso de artigos de opinião. O que mais me agrada, paradoxalmente, é o sector da crítica, que é uma das tradições do «Diário de Lisboa»

Isabel Espada
Dirigente do PRD

«Sempre fui leitora do Diário de Lisboa, é o meu jornal da tarde. Por isso, não sei se a minha opinião não será um pouco sectária.

De qualquer modo, penso que houve uma evolução positiva no aspecto estético e que o DL, em geral, faz uma boa cobertura dos acontecimentos nacionais.

Em relação à Assembleia da República, o órgão onde eu trabalho e por isso presto uma atenção muito especial ao DL, tenho-me mantido fiel porque faz uma boa cobertura da actividade parlamentar.

Dá uma ênfase importante às actividades culturais, vertente que foi melhorada com as recentes alterações.

Apenas um reparo. Tem demasiados textos de opinião».

CINEVOZ

UM, DOIS, TRÊS,
Cola Cao®
OUTRA VEZ!
GANHE
1 AUTOMÓVEL
1 BICICLETA
TODAS AS SEMANAS

Um, dois, três... é desta vez!
Concorra e ganhe com COLA CAO.
Todas as semanas, no programa
UM, DOIS, TRÊS,
ganhe **um automóvel** e **uma bicicleta.**
Recorte um rótulo de COLA CAO.
No verso, com letra bem legível, escreva o seu nome completo, morada e número de telefone. Envie pelo correio *, dentro de um sobrescrito, para:

Nutrexpa
Grande Concurso Cola Cao
Apartado 8177
1802 Lisboa Codex

Quantos mais sobrescritos enviar, mais probabilidades tem de ganhar. Participe. COLA CAO ajuda com força... a ganhar!

NUTREXPA

* São admitidos a concurso todos os sobrescritos recebidos até ao dia anterior ao do sorteio.

INTERNACIONAL

Balduíno: rei outra vez

Do nosso correspondente em Bruxelas

A Câmara dos Representantes e o Senado belga, reunidos ontem, aprovaram por 245 votos a favor, 93 abstenções e nenhum contra, a devolução dos poderes ao rei , suspensos por 36 horas, para que este não assinasse a lei da despenalização parcial do aborto.

Os poderes reais transitaram do Conselho de Ministros, que os detinha em nome do povo belga, para Balduíno, que se recusara a promulgar a lei devido às suas convicções religiosas.

A votação dos presentes foi extremamente morosa devido à impossibilidade de se utilizar o sistema electrónico, pelo facto das duas câmaras se terem reunido na mesma sala, acontecimento que não se verificava desde há muitos anos.

Os partidos da oposição manifestaram o desejo de ver o Governo explicar a cronologia dos acontecimentos e a necessidade de uma revisão constiucional. Só agora, com a crise desencadeada devido à recusa do rei em assinar «contra a sua consciência», passaram para o domínio público alguns pormenores relativos à desactualização das leis belgas: o soberano não tem direito a férias. Assim, quando se desloca a Espanha, de onde é originária a mulher, Fabíola, funciona diariamente uma naveta aérea entre os dois países, para que Balduíno coloque a sua assinatura nos documentos onde isso lhe é exigido, ou seja, quase todos que tenham força de lei.

O primeiro-ministro, Wilfred Martens, figura central na resolução desta crise, o que se vem transformando num hábito desde há anos, afirmou-se satisfeito com o desfecho da votação de ontem. Nada disse quanto à crise constitucional entretanto nascida.

José Rui Cunha

Antigo violinista eleito primeiro-ministro

RDA tem Governo de coligação dentro de uma semana

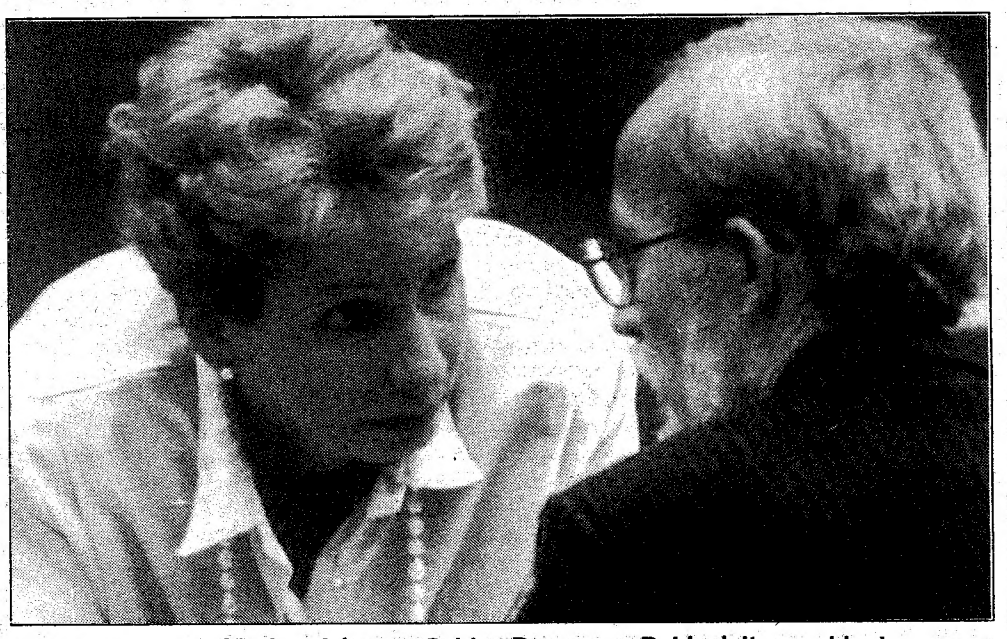
O recém-eleito Parlamento da Alemanha Democrática encarregou ontem o líder democra-cristão, Lothar de Maiziere, de 50 anos, de formar o novo Governo do país que já deverá estar completado dentro de uma semana. O grupo parlamentar da União Democrata-Cristã (CDU) propôs para o cargo este advogado descendente de uma família de huguenotes franceses e antigo violinista, nos termos da constituição leste-alemã que prevê que a fracção parlamentar mais numerosa (163 deputados em 400) proponha um chefe do Governo. Dos 390 deputados, 297 votaram a favor da designação de Maiziere, 60 contra e 31 abstiveram-se.

Agora, o novo primeiro-ministro da RDA tem que, rapidamente, concluir as negociações entre a coligação conservadora «Aliança para a Alemanha» (CDU, União Social Alemã (DSU), e Renovação Democrática), vencedora das eleições de 18 de Março, e a liga liberal da Aliança dos Democratas Livres e o Partido Social-Democrata (SPD) tendo em vista a formação de uma coligação governamental. Esta coligação beneficiará da maioria de dois terços necessária ao Parlamento para votar as reformas constitucionais.

As negociações começaram na terça-feira, depois de o SPD ter adbicado das suas exigências da não inclusão da DSU no Governo.

O Parlamento votou em seguida uma resolução sobre a constituição de uma comissão de inquérito provisório sobre as actividades da antiga polícia secreta do regime comunista, a Stasi, e as suas relações eventuais com os eleitos do passado.

Finalmente, o Parlamento leste-alemão elegeu uma médica cristã-democrata, Sabine Bergmann-Pohl, de 44 anos, para sua presidente, apesar da forte candidatura do social-democrata Reinhard Hoeppner.



Lothar de Maziere fala com Sabine Bergmann-Pohl, eleita presidente do Parlamento da RDA

Dezenas de manifestantes saíram ontem para as ruas das cidades leste-alemãs para exigirem que o câmbio monetário seja de um por um, quando se concretizar a união oconómica entre as duas Alemanhas. A federação de Sindicatos da RDA (FDDB) tinha convocado manifestações para todo o país para protestar contra a proposta do Bundesbank da RFA, formulada o fim-de-semana passado, que pediu a troca de dois marcos alemães-democráticos por um da Alemanha Federal.

Na concentração de Berlim, a presidente da FDDB, Helga Maush, exigiu que os políticos e, em especial, o chanceler alemão-federal Helmut Kohl, cumpram as promessas de câmbio de um por um, feitas antes das eleições de 18 de Março na RDA. «Não deixámos o regime comunista para sermos um brinquedo dos bancos da República Federal Alemã», disse a sindicalista. Para acalmar os ânimos, o Governo de Bona anunciou que, quando elaborara o projecto da união monetária com o Bundesbank, as propostas da entidade financeira apenas foram analisadas, e nada está, portanto, ainda decidido. Os peritos desse banco afirmam que o câmbio de um por um provocaria um significativo aumento dos preços e salários, só controláveis com medidas monetárias que prejudicariam o crescimento económico e o nível de emprego.

AFP/Lusa

Itália: «La Repubblica» está (quase) salva

Na luta pelo contrôlo da Mondadori ,entre de Benedetti e Berlusconi, sucedem-se os golpes de teatro. Apenas 24 horas após as infrutíferas assembleias de accionistas - onde a negociação se apresentou como a única alternativa - o objecto do litigio e da possível partilha subtraiu-se às garras dos contendores. Scalfari e Caracciolo, respectivos directores do diário «La Repubblica» e da editorial «L'Espresso», pediram e obtiveram , na 4ª feira passada, do juiz de Milão, o congelamento das acções desses dois grupos compradas em Abril de 89 pela Mondadori. Os advogados de Scalfari e Caracciolo basearam-se, no seu pedido, no não cumprimento do contrato por parte da Mondadori. Agora tanto Berlusconi como De Benedetti arriscam-se a voltar desta longa guerra sem o tesouro tão desejado - «La Repubblica» e «L'Espresso».

A.B.

SODIPEL

SODIPEL

O Melhor Distribuidor de Papel de Jornal

A nível nacional

A SODIPEL deseja as maiores felicidades aos que diariamente fazem o «Diário de Lisboa» na passagem do seu 69.º aniversário!

Lituânia aceita negociar com Moscovo

Flexibilizando a sua anterior posição, o Parlamento da Lituânia comunicou ao Presidente soviético, Mikhail Gorbachev, que está disposto a discutir a independência daquela república com base nas leis internacionais e na Constituição soviética.

Por 82 a favor, sete abstenções e nenhum voto contra, os deputados lituanos adoptaram uma resolução que responde à proposta de Gorbachev no sentido de anular a declaração da independência em troca do início do diálogo para solucionar a questão.

A resolução foi aprovada após dois dias de debate, e depois de o Presidente soviético ter apelado, no sábado, ao Parlamento lituano, para pôr fim ao desafio às leis soviéticas.

Por outro lado, a possibilidade de realização de um referendo na Lituânia sobre a secessão desta república báltica, não foi rejeitada em declarações ontem divulgadas pela Tass, feitas por Eguidius Bitchkauskas, um jurista de 35 anos, que desde o dia 2 do corrente mês chefia a representação permanente da Lituânia em Moscovo.

«Estamos cientes dos interesses estratégicos da URSS na Lituânia, que podem adquirir uma importância de nível europeu e mesmo mundial. Este aspecto das nossas relações deve necessariamente ser debatido», declarou o representante lituano.

Ameaça de cisão no PC da Letónia

O PC da Letónia reune-se hoje em congresso, o 25º, com uma agenda que tem como tópico central a preservação da unidade no seio da organização, ameaçada de cisão interna.

Segundo a agência Tass, existem no PC letão um grupo de defensores da separação, com duas alas: uma que reivindica o apoio de 20.000 membros do partido e defende que as relações com o PCUS se processem numa fase de igualdade e, outra, que preconiza a total autonomia, sem quebra dos laços organizativos com o PCUS.

Redacção DL/Lusa

Pretória e ANC preparam negociações

A reunião de ontem entre o Presidente sul-africano Frederick De Klerk e Nelson Mandela serviu sobretudo para abrir o caminho a futuras negociações entre o Governo de Pretória e a liderança do ANC.

Mandela e De Klerk revelaram em conferências de Imprensa, realizadas separadamente, que a data das primeiras conversações totais entre o ANC e uma delegação do Governo sul-africano será anunciada em breve, na Cidade do Cabo e na Zâmbia.

O encontro de ontem ficou também marcado pela ausência de quatro dos dirigentes dos bantustões que, segundo o previsto inicialmente, deveriam reunir-se juntamente com De Klerk e Mandela.

O Presidente sul-africano, que se reuniu igualmente com o líder zulu, Mangosuthu Buthelezi, afirmou publicamente que Mandela fez pressões junto dos dirigentes dos bantustões para não comparecerem ao encontro.

Redacção DL/Reuter

Bush recebe hoje Shevardnadze

Cimeira das superpotências tem início a 30 de Maio

Do nosso correspondente em Washington

O Presidente George Bush recebe hoje, na Casa Branca, o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros num encontro que encerrará três dias de conversações, que Eduard Shevardnadze manteve com James Baker, o seu homólogo norte-americano. Pouco mais se espera da audiência do que a formalidade do acto, já que o essencial a cimeira entre Bush e Mikhail Gorbachev foi aprazado ontem, a nível ministerial, num momento em que as relações entre as duas superpotências parece ser o melhor desde o fim da II Guerra Mundial.

A cimeira americano-soviética ficou marcada para entre 30 de Maio próximo e 3 de Junho, mas não foram adiantados mais pormenores. Marlin Fitzwater, o porta-voz da Casa Branca, adiantou, porém, que os dois líderes podem decidir reduzir os cinco dias previstos para a cimeira a três ou mesmo a dois dias de conversações. Tudo dependerá das conveniências dos seus principais protagonistas e do número de sessões de trabalho necessárias, o que só poderá ser conhecido dentro de semanas.

O local da cimeira está, igualmente, por determinar, havendo várias hipóteses a ter em conta. Fala-se em Washington, mas também se aventa a possibilidade da cimeira ocorrer no Maine, na residência particular de férias do Presidente Bush, junto ao Oceano Atlântico.

Um casamento de conveniência

Bush e Gorbachev reuniram-se, pela última vez, em Malta, no mês de Dezembro, numa cimeira que se revelou uma verdadeira catástrofe em termos de operação de relações públicas, já que o mau tempo forçou a suspensão de algumas das sessões previstas e prejudicou a cobertura jornalística das conversações que decorreram, alternadamente, em navios de guerra dos EUA e da URSS. Ficou então previsto que a nova cimeira, a realizar em território norte-americano, decorreria em fins de Junho. Ontem, Fitzwater justificou a alteração das datas por uma simples questão de acertos das agendas dos dois presidentes, mas observadores, em Washington, observam que antecipação a que assistimos resulta de um casamento de conveniência. Para Gorbachev, que tem prevista uma reunião do partido naquele mesmo mês, este rápido acordo mostra aos independentistas da Lituânia que o actual desenrolar não prejudica o bom relacionamento entre as superpotências. Para Bush, que irá procurar tirar da cimeira alguns trunfos de bom efeito político, o encurtamento dos prazos só o vai beneficiar, reduzindo, nomeadamente, o poder de manobra dos conservadores americanos apoiantes de uma acção mais enérgica de Washington face à situação que se vive na Lituânia.

Angola ontem em debate

Durante a anunciada cimeira Gorbachev e Bush irão debater, inevitavelmente, a questão das Repúblicas bálticas, para além da questão do controlo dos armamentos. Coloca-se a hipótese de poder vir a ser negociado um novo acordo de controlo de armamento, caso as comissões tenham tempo de ultimar pormenores técnicos. Já parece quase certa a assinatura sobre um tratado de armas químicas. Ainda a debater durante a cimeira o «dossier» das questões regionais, onde avultam os casos do Afeganistão, Etiópia e de Angola, que foi, ontem, tema das conversações havidas no âmbito das comissões especializadas. Em redor desta questão há uma grande expectativa, uma vez que James Baker e Eduard Shevardnadze já haviam abordado o assunto num encontro em Windhock, na sequência do qual o secretário de Estado norte-americano decidiu dar indicações específicas a Herman Cohen para procurar acelerar o processo de paz para aquela antiga colónia portuguesa. À margem das sessões de trabalho entre Cohen e o seu homólogo soviético, encontra-se, desde ontem, em Washington o general Tony da Costa Fernandes, um dos principais elementos da UNITA com responsabilidades num eventual processo de negociações.

Filipe Vieira

BREVES

Chissano em Espanha

Um almoço com os reis e uma visita à Confederação Espanhola de Organizações Empresariais (CEOE), onde se reuniu com diversos empresários, marcaram o primeiro dia de visita do Presidente de Moçambique, Joaquim Chissano, a Espanha. Hoje está previsto um almoço com o primeiro-ministro Felipe Gonzalez e uma visita à fábrica da empresa estatal Construcciones Aeronauticas (CAZA), fabricante dos aviões de transporte militar conhecidos como Aviocar, de que Moçambique negoceia a compra de cinco unidades do modelo C-235, com um crédito espanhol. Amanhã, Chissano faz uma visita privada a Sevilha, onde vai ver as obras da Exposição Universal de 1992, seguindo depois para Lisboa, onde segunda-feira inicia uma visita de Estado a Portugal.

Papa recebe Arafat

«Arafat explicou claramente que 1990 é um ano em que, ou há uma verdadeira abertura no processo de paz ou então haverá um novo e terrível recrudescimento da guerra», disse Giorgio Napolitano do Partido Comunista Italiano uma das individualidades com quem o líder palestiniano se encontrou ontem, durante a visita que está a efectuar a Itália em que foi recebido com honras de chefe de Estado. O Presidente da República, o primeiro-ministro, os dirigentes dos principais partidos, os presidentes do Senado e da Câmara de Deputados, encontraram-se já com Arafat, que hoje será recebido em audiência no Vaticano pelo Papa João Paulo II. A Itália tem se mostrado disponível para ajudar a resolver o conflito israelo-palestiniano durante os seis mêses que ocupar a presidência da CEE, segundo afirmações do presidente Francesco Cossiga. Diversos observadores têm registado o optimismo de Arafat com a posição «mais crítica» dos EUA em relação a Israel e com a possibilidade do líder trabalhista, Shimon Peres, formar Governo.

Mário de Andrade: da revolta activa à conciliação

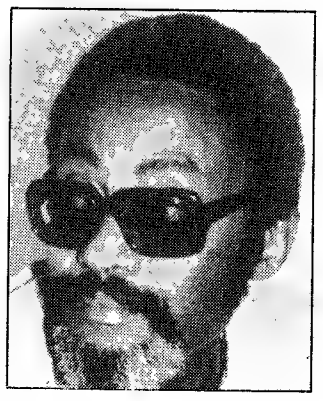
O cerne da questão angolana é que há que aceitar e conciliar a realidade de "dois aparelhos político-militares, duas famílias, duas mentalidades e duas culturas políticas distintas", declarou à imprensa cabo-verdiana o investigador e ensaísta angolano Mário de Andrade. "Alertamos os compatriotas da nossa família política do MPLA para a conveniência de tratar a questão da UNITA como uma organização política à qual aderiram sectores da população angolana, incluindo uma categoria pensante de quadros", disse.

Mário de Andrade, que foi presidente do MPLA e se afastou do movimento na sequência da chamada Revolta Activa, em 1974, advoga agora uma "mediação angolana" para a guerra civil naquele país e foi recebido na semana passada pela Comissão Política do PAICV, juntamente com dois outros veteranos nacionalistas, Gentil Viana e Adolfo Maria.

Mário de Andrade disse ter recorrido a Cabo Verde e ao seu Presidente, Aristides Pereira, para reforçar uma "instância moral" constituída por personalidades da sociedade civil e religiosa capazes de chamar à concórdia os "irmão desavindos" angolanos, perante a constatação dos limites da mediação do Presidente do Zaire, Mobutu Sese Seko.

O memorial de Março

Disse ainda Mário de Andrade que Cabo Verde foi escolhido de entre os países próximos de Angola pela estatura moral do Presidente Aristides Pereira — "junto de quem nos aconselhamos



Mário de Andrade

regularmente" — e pelo "contributo da sua diplomacia no equacionamento da posição da África do Sul como potência regional e no desanuviamento das tensões na África Austral".

A primeira iniciativa do grupo "Mediação Angolana" — revelou agora o antigo presidente do MPLA — foi um memorial dirigido aos chefes de Estado dos "Cinco", a 31 de Março de 1989. Nessa altura, frisou, "afigurava-se que Angola se abeirava de uma situação de uma gravidade sem precedentes", havendo risco de partilha do seu território. A segunda iniciativa, mais conhecida, foi uma nota endereçada ao Presidente de Cabo Verde, na qualidade de coordenador do grupo dos "Cinco", a 15 de Dezembro do ano passado, com o pedido de ser transmitida ao Presidente Eduardo dos Santos de Angola. Essa mesma nota, recorde-se, foi entregue directamente ao presidente da UNITA, Jonas Savimbi, durante a sua visita a Portugal, no início deste ano.

Desde então, os três veteranos nacionalistas foram recebidos pelos presidentes dos mais importantes partidos políticos portugueses (o PS, o PSD e o CDS) e, a um nível mais baixo, por um membro do comité central do Partido Comunista.

Paciência

Mário de Andrade alerta para o facto do seu grupo encarar as iniciativas inovadoras que preconiza na perspectiva de um "trabalho de paciência". "É preciso que se esgote o recurso à solução militar como meio de adquirir maior poder negocial", disse, fornecendo talvez a única explicação para a demora do início de conversações directas entre os dois contendores da guerra civil angolana.

Por outro lado, Andrade, que é irmão do ex-padre Joaquim Pinto de Andrade, presidente da Associação Cívica Angolana, dá uma particular importância ao papel das personalidades religiosas, quer sejam católicas ou protestantes. "Inspiramo-nos no precedente moçambicano", sublinha. Os nacionalistas da "Mediação Angolana" definem-se como membros da "vasta família do MPLA", mas não do MPLA-PT. Nunca foram, contudo, seus opositores activos.

Outra questão publicamente relevada por Mário de Andrade é que as personalidades de destaque na "instância moral" angolana que ganha corpo devem renunciar de antemão ao exercício de qualquer cargo político. "Convém cortar qualquer conotação da nossa iniciativa com pretensas ambições de ascenção ao Poder".

Manuel Delgado

LORILLEUX INTERNATIONAL

Este jornal foi impresso com tintas

LORILLEUX INTERNATIONAL

INTERNACIONAL

Em entrevista concedida ao DL, o Presidente moçambicano revela a sua abertura e diz mesmo que Afonso Dlakama, líder da Renamo, pode candidatar-se a Presidente da República em 1991

Chissano quer a paz a qualquer preço

O Presidente da República de Moçambique, Joaquim AlbertoChissano, 51 anos, está determinado a negociar «até com o diabo» para construir a paz em Moçambique a acabar com a guerra o mais depressa possível.

Esta a conclusão a que cheguei depois de longa troca de impressões com Joaquim Chissano, esta semana, no Maputo, e durante o trajecto entre Maputo e Accra (Gana), e Accra e Madrid.

O Presidente de Moçambique convidou-me a acompanhá-lo neste longo périplo diplomático que culminará na visita a Portugal, país que bem conhece, onde chegou, pela primeira vez, em 1960, para se matricular na Faculdade de Medicina.

Foi-me possível assim, com tempo e sossego, perceber as posições da Frelimo e respectivas coordenadas para as negociações com a Renamo.

Para já o desejo de paz virou imperativo categórico. Corre em todas as bocas, falam do que lhes vai na alma num país grande, rico, destruído, as pessoas enredadas em pânico desmoralizador.

Dlakama pode ser candidato

Para Joaquim Chissano, o líder da Renamo Afonso Dlakama pode perfeitamente candidatar-se à Presidência da República em 1991 «se a população o eleger.E então que exerça o poder».

Não é que Joaquim Chissano tenha mudado de opinião relativamente àquela organização rebelde, quando mata, mutila e fere indiscriminadamente, com requintes de barbarismo, mas reconhece que a Renamo pode constituir-se em autêntico partido e como tal actuar no xadrez político moçambicano, desde que a Constituição o permita.

O Presidente Chissano insiste em que toda e qualquer transformação de fundo do tecido político necessita de enquadramento jurídico adequado. Evitar a instabilidade resultante da falta duma lei básica que enquadre as organizações emergentes, é princípio que Chissano defende para fechar a porta à anarquia e confusão.

Monopartidarismo não é dogma

Acontece que a actual Constituição, alicerce, fonte e baliza das leis vigentes, não permite o funcionamento de partidos políticos. Por sua vez a Renamo, com o decorrer do tempo, vem defendendo para si a característica de partido e certamente vai tentar impô-la nas próximas negociações.

Joaquim Chissano não se opõe, em teoria, ao pluripartidarismo, embora entenda que não lhe cabe a ele como líder da Frelimo fomentar outras organizações partidárias e apoiá-las, activamente. Optou por lançar um debate a nível nacional sobre o tema. Debate que, aliás, impulsiona. Exprime com frequência o desejo de que a Renamo participe já nessa discussão e que lute pela revisão da Constituição tentando convencer o povo, por meio do discurso, a seguir os seus pontos de vista. Sem armas na mão.

«Se o povo se pronunciar pelo pluripartidarismo acabará o óbice à sua introdução em Moçambique. Mas, se o povo optar por outra forma de democracia, é ele quem comanda e a Constituição reflectirá os seus desejos».

Irrita-se quando chega ao seu conhecimento que alguns dirigentes «se esquecem» de distribuir com o anteprojecto da revisão constitucional os considerandos que lhes estão anexos.

«Há quem pense que este anteprojecto é já um documento definitivo. E não é. É, por assim dizer, uma base de trabalho. É preciso ler as instruções que o acompanham», sublinha Joaquim Chissano.

A importância do número dez

Entre essas instruções importa salientar, pelo seu significado, a número dez, que se ocupa especificamente do monopartidarismo e do pluralismo partidário seus «convenientes e inconvenientes» tendo em conta a situação específica do país. Acentua que «é importante frisar neste debate que se não é aceitável impor contra a vontade da nação um sistema monopartidário também é inaceitável que por pressões externas ou por moda se imponha ao povo um sistema pluripartidário».

Liberdade de informação

Chissano, para quem nada é tabu nem dogma, acicata o debate e deseja torná-lo prática corrente a todos os níveis. Aconteceu com os jornalistas na versão que ele próprio nos contou.

Como a liberdade de informação não se encontra expressamente mencionada no anteprojecto da Constituição, um grupo de jornalistas recolheu abaixo-assinados e foi entregar a lista reclamante ao Presidente, com cerca de cinquenta nomes. Chissano censurou a metodologia seguida. Para ele o método do abaixo-assinado é perigoso porque «contra cinquenta assinaturas eu poderia recolher cem e era a derrota».

Aconselhou os jornalistas a debaterem o problema, a participarem em reuniões políticas, a escreverem, a tentarem convencer o povo e os responsáveis, a fazerem "lobbies", por todos os meios ao seu alcance para que o princípio figure explicitamente no novo texto fundamental, enquanto fruto de um consenso generalizado.

Pelo que nos foi dado perceber, Joaquim Chissano acredita nas virtudes da pedagogia, repugnam-lhe os saltos bruscos, prefere a evolução na continuidade, reclamando, em todos os momentos, para a Frelimo, a legitimidade original no exercício do poder, enquanto emanação do sentido popular, quer no acesso à independência quer na organização posterior da vida do país. «A Frelimo é que teve de se encarregar de tudo», sublinha o Presidente.

Tivemos ocasião de verificar esta propensão pedagógica de Joaquim Chissano, ainda anteontem, em Accra, capital do Gana, quando explicava pacientemente os acontecimentos em curso no seu país a um auditório que, apesar de africano e comungante romanticamente no mesmo sentimento, vive muito longe da realidade de Moçambique. Foi até interessante ver o próprio Presidente do Gana, Jerry John Rowlings fazer de jornalista

«Se o povo se pronunciar pelo pluripartidarismo, acabará o óbice à sua introdução em Moçambique»

Chissano saudado pela população depois da sua eleição

na conferência de Imprensa. Interrogou Chissano sobre a possibilidade da existência de partidos num xadrez político como é actualmente o de Moçambique.

Negociações com a Renamo

Fomos encontrar Joaquim Chissano precisamente no momento em que desencadeava os mecanismos diplomáticos mais intensos para conseguir realizar as negociações com a Renamo o mais depressa possível. Todos os dias morre muita gente e todos os dias são destruídas infra-estruturas de desenvolvimento.

Como é do conhecimento geral foram inicialmente escolhidos dois mediadores: o Presidente do Zimbabwe, Robert Mugabe, por parte da Frelimo e Arap Moi, do Quénia, por parte da Renamo; só que as diligências decorriam com demasiada lentidão, quase em impasse. Moçambique dirige-se, então, ao Presidente Kamuzu Banda, do Malawi, para desenvolver esforços para que o encontro directo entre os dois contendores se concretize rapidamente, tendo o cuidado de informar previamente Arap Moi através de Mugabe. Banda aceitou o convite, começou imediatamente a trabalhar e assumiu com todo o empenho a anfitrianidade. Moçambique já havia proposto o Malawi para lugar de negociações, bem como o dia 16 de Abril deste mês para a sua realização.

Joaquim Chissano disse-nos que quer conferir às negociações a maior das eficácias e solenidades e, por isso, designou uma delegação ao mais alto nível. Com efeito, ela vai ser liderada por uma das personalidades políticas mais em evidência no país, o ministro dos Transportes e membro do Bureau Político, Emílio Guebuza.

A Renamo, parece não concordar com o Malawi. Havia proposto o Quénia, como lugar de encontro, excluída que foi a hipótese de Portugal, embora tenha sido considerada num primeiro momento. Em Portugal, na opinião das partes, pelo menos da moçambicana, não haveria clima de tranquilidade necessária para realizar um trabalho dessa envergadura. «Com a Imprensa a relatar, a opinar, por vezes a especular, injectando a partir de fora opiniões e notícias na sala de reuniões, o ambiente não seria dos mais propícios».

Moçambique insiste que não há razões para excluir o Malawi, porque é mais perto, as comunicações são mais fáceis para uma e outra parte, podendo os respectivos estados-maiores serem consultados com maior rapidez no decurso das negociações. Além disso, o Presidente Banda é respeitado pela Frelimo e pela Renamo e a própria Renamo tem gozado de grande protecção e facilidades naquele país.

O homem de quem se fala

Segundo julgamos saber, Dlakama prefere o Quénia porque, conforme insinua, a sua vida correria perigo no Malawi. Na realidade, porém, ambientes diplomáticos por nós consultados dizem que em Nairobi pontifica o homem que, talvez que mais nenhum outro, contribuiu para inculcar na Renamo a consciência de ser partido, que cada vez vai desenvolvendo mais sobre a sua influência. Esse homem é Kipla Gate, secretário-geral do Ministério (permanent secretary), na prática o número dois do regime. Kipla Gate é, segundo as nossas fontes, o conselheiro mais influente de Dlakama. Disseram-nos que esta semana esteve numa reunião, no Malawi, em que participou Dlakama, com delegados da Renamo, idos de Portugal, RFA e EUA.

Quanto ao perigo de vida que Dlakama possa correr no Malawi, os meios políticos moçambicanos não tomam a sério essa preocupação. Dlakama dá entrevistas no Malawi a jornalistas portugueses, inclusive à própria RTP, ali se desloca com frequência e à-vontade, ali tem grandes amigos e dali têm partido frequentemente ataques contra Moçambique. Sabe-se que Kamuzu Banda é bastante permissivo tentando agradar a gregos e a troianos, à Frelimo e à Renamo, como já acontecia no tempo colonial com a Frelimo e Portugal. Banda, diz quem o conhece intimamente, que está disposto a exercer a sua missão de anfitrião com o máximo de profundidade, pois deseja a paz a todo o custo.

Princípios que são pontos

Como é sabido, a Frelimo apresentou um conjunto de doze princípios para base de conversações com a Renamo. Chissano prefere chamar-lhe pontos, em vez de princípios, subtileza de linguagem de significado quase evidente.

Disse-nos o Presidente moçambicano que tudo se pode discutir, que não há dogmas. «Se a Renamo quer participar na vida política, no debate em torno da revisão da Constituição, esse é o nosso desejo. Se quer garantias, nós damos essas garantias, senão confia nelas, então vamos discuti-las. O que importa é discutir até chegar a um acordo», sublinha.

«Se pretendem constituir-se em partido, que participem também na discussão para que a possibilidade da existência de organizações partidárias entre no texto constitucional. Neste momento temos uma Constituição, que jurei defender e não posso fazer de conta que ela não existe».

Tragédia

O desejo de chegar a um acordo é prioridade das prioridades. A guerra apresenta um quadro deveras trágico. Segundo informações oficiais, entre 1980-89 foram afectadas ou deslocadas cerca de cinco milhões de pessoas, mais de noventa mil foram assassinadas; trinta a cinquenta mil crianças estão traumatizadas, cem mil foram obrigadas a matar ou brutalizadas, mais de cinquenta mil sem escola, mais de sete mil professores sem possibilidade de leccionar, cerca de quatrocentos foram mortos ou raptados, entre 1988 e 89 foram assassinadas 20035 pessoas, três mil escolas rurais foram destruídas e bem assim 900 centros de saúde, 36 lares e centros de formação de professores, 164 locomotivas, 350 vagões e carruagens, 44 unidades de produção, 2 fábricas de açúcar e 10 de chá e 1300 camiões e tractores, além de várias pontes em vias de comunicação.

No aspecto financeiro os prejuízos calculam-se, em termos gerais, em cerca de quinze mil milhões de dólares, resultantes da diminuição do tráfego ferro-portuário (1,5 a 1,6 milhões de dólares), das receitas dos mineiros (300 milhões), das receitas de exportação que não se efectuaram (1,5 a um 1,75 mil milhões) e perdas na produção agrária (1,25 mil milhões) e 576 milhões de prejuízos em energia eléctrica.

Visita a Portugal

Joaquim Chissano, que chega no dia 9, segunda-feira, a Portugal, sublinhou a importância da visita e deseja que o nosso país desempenhe um lugar de primeiro plano no desenvolvimento de Moçambique, cooperando nos mais diversos domínios e na criação de condições, dentro das suas possibilidades, para a concretização da paz.

Foram muitos os jornalistas portugueses que a semana passada se deslocaram a Maputo para conversarem com Joaquim Chissano e, a todos, ao que sabemos, exprimiu o mesmo ponto de vista relativamente a Portugal, que, aliás, é comungado pela maioria dos dirigentes e do povo.

Um ponto poderia ensombrar o relacionamento com os meios de comunicação social, devido à recente expulsão do jornalista da Lusa, António Mateus, imediatamente substituído por Jorge Oliveira. Tratou-se de um incidente que todos lamentam em Moçambique, inclusivamente o próprio Presidente, já que o jornalista até era considerado um profissional íntegro e sério. Lamentam o caso, esperando que nunca mais volte a acontecer, mesmo no clima emocional de tensão que originou aquela atitude menos feliz

Augusto de Carvalho/ especial para o «DL»

QUOTIDIANO

Casamento UGT/CGTP surpreende todos

«Torres Couto expressou, numa reunião do Executivo, a sua opinião quanto à possibilidade de fusão com a CGTP, mas isso nunca foi falado. Não supúnhamos que o assunto estava em cima da mesa para discussão, fomos apanhados de supresa. A sua posição pode ter virtualidades, mas é precoce», afirmou esta manhã ao DL Elisa Damião, comentando as declarações feitas pelo secretário-geral da UGT ao semanário «O Jornal».

Na sua edição de hoje, «O Jornal» noticia que Torres Couto admitiu a possibilidade da UGT e da CGTP se fundirem, dando origem a uma nova central sindical, na qual seria respeitado o direito de tendência. Esta posição colheu de surpresa tanto destacados dirigentes da CGTP como da própria UGT, segundo o DL apurou.

Manuel Lopes, da Inter, afirmou-nos que «nem em conversas informais esse assunto foi falado», acrescentando que se tem caminhado para «uma convergência na acção, mas sempre na perspectiva de que somos duas centrais com projectos diferentes».

«Nunca digo nunca, mas essa eventualidade teria que ser alvo de profundas discussões, e pressupõe muitas coisas concretas, de que nunca falámos», disse ainda, admitindo que foi apanhado de surpresa pelas declarações de Torres Couto. «Na CGTP ninguém sabe de nada», adiantou.

Segundo Elisa Damião, a possibilidade de fusão entre as duas organizações «passaria por uma discussão que nunca foi feita, por profundas transformações e por uma retratação da CGTP».

«Torres Couto expôs-nos a sua opinião no Secretariado Executivo, mas os restantes órgãos da central não sabem de nada, serão surpreendidos pela notícia de 'O Jornal'», acrescentou a dirigente socialista.

A própria UGT teria dificuldades internas, pois a tendência social democrata «não aceitaria facilmente essa hipótese», admitiu ainda Elisa Damião.

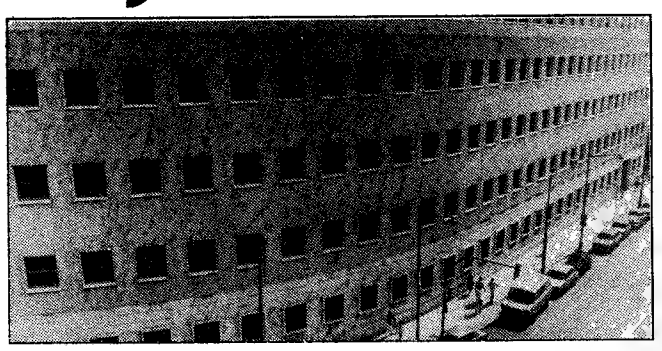
A ideia de Torres Couto baseia-se no pedido da CGTP para integrar o CES (Conselho de Sindicatos Europeus), que ainda não foi aceite devido aos entraves postos pela UGT, que justifica a sua posição pela falta de democraticidade da sua congénere. A partir do momento em que isso se verificasse, deixaria de ter sentido a existência de duas centrais em Portugal.

Ministro dita regras à Polícia Judiciária

O novo diploma orgânico da Polícia Judiciária será «uma lei processual penal estimulante, culturalmente adulta e onde a solidariedade institucional não pode ser mera fantasia», disse, esta manhã, o ministro da Justiça durante a visita que efectuou às instalações da PJ.

«Dotar a Polícia Judiciária de uma lei orgânica que lhe reconheça um perfil talhado na sua própria história e onde emergem tantos exemplos de competência, de dedicação e de sacrifício, é o nosso propósito», afirmou Laborinho Lúcio.

O governante deslocou-se às instalações da Gomes Freire num momento em que se vive um clima de expectativa face às grandes linhas da nova lei para a Polícia Judiciária. Temas como a dependência funcional e o dever de cooperação entre os organismos judiciais tem motivado opiniões muito distintas entre os responsáveis dos magistrados do Ministério Público e os funcionários da investigação criminal.



A nova lei orgânica da Judiciária deverá reduzir os seus poderes

Um novo espírito para a Judiciária

As palavras proferidas, hoje, pelo ministro da Justiça deixam claros os princípios que vão nortear a futura acção da PJ. «É evidente que, em termos do seu funcionamento articulado e pleno, deve o sistema ser apetrechado de meios técnicos e humanos que permitam, tão eficazmente quanto possível, reduzir, na prática, a acção da Polícia Judiciária ao conjunto das acções de investigação que requerem maior especialização», afirmou o governante.

Laborinho Lúcio acentuou, no entanto, «não poder correr-se o risco de que se instale um vazio de soluções ou, o que seria pior, um espaço de conflito institucional inadmissível quando confrontado com a dignidade dos interesses públicos em jogo e com a dimensão do Estado».

O ministro da Justiça não deixou de lembrar que «a Constituição da República Portuguesa e as normas próprias do direito processual penal» impõem a dependência «das polícias enquanto órgãos de polícia criminal, e no domínio da sua actividade funcional, ao poder próprio das magistraturas».

No entanto, como referiu, da dependência funcional «se distingue a dependência orgânica, construída numa relação vertical a partir do Ministério da Justiça e a prosseguir na estrutura hierárquica da própria Polícia Judiciária».

«Tudo conduz, então, à conclusão clara segundo a qual, ao direito próprio do Ministério Público de dirigir, deve corresponder, no concreto, uma concessão prática de autonomia de acção à Polícia Judiciária, desse modo se preservando os princípios e se garantindo a eficácia», acentuou o ministro da Justica.

O governante não deixou, também, de sublinhar a necessidade de polícia e Ministério Público continuarem a ter uma actuação cooperante. «Haverá que prever-se o dever de coadjuvação das autoridades judiciárias», disse.

Um dos temas quentes nas actuais relações entre os agentes de investigação criminal e os magistrados do Ministério Público prende-se com a recente inspecção a todos os serviços da Polícia Judiciária, a nível nacional, determinada pela Procuradoria Geral da República. Essa acção, que principiou logo por um departamento *sensível* como é a Direcção Central do Combate ao Banditismo, foi plenamente justificada pelo ministro da Justiça.

Falando concretamente acerca da «acção fiscalizadora sobre a Polícia Judiciária», Laborinho Lúcio disse que as inspecções aos serviços da PJ, «tão naturais aqui como o são as dezenas de inspecções anuais aos serviços do próprio Ministério Público», se inscrevem nos próprios princípios da «transparência», sendo uma «vertente de afirmação do Estado de Direito».

VETICAR

Representante exclusivo e agente distribuidor das tintas

ALVAMAR

NO DISTRITO DE SETÚBAL

rapidez e comodidade de um serviço com GARANTÍA

R. 1.º DE MAIO, LT. 5 • T. 221 60 35
AMORA — 2840 SEIXAL

Lotaria Nacional

NUMEROS PREMIADOS

2 302 - 70 000 contos
68 833 - 12 000 contos
56 584 - 3 000 contos

APROXIMAÇÕES AO 1º PREMIO

2 301 - 750 000$00
2 303 - 750 000$00

APROXIMAÇÕES AO 2º PRÉMIO

68 832 - 350 000$00
68 834 - 350 000$00

APROXIMAÇÕES AO 3º PRÉMIO

56 583 - 157 250$00
56 585 - 157 250$00

PREMIOS DE 1 000 CONTOS

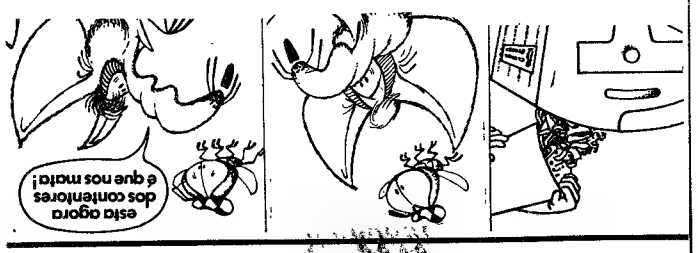
8 863; 14 581; 15 866; 28 101; 30 578; 36 903; 60 532; 61 975; 65 659; 67 583.

PREMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

1 000 000$00 - 6 227 Fracção nº 1
300 000$00 - 302
60 000$00 - 833
30 000$00 - 584
15 000$00 - 469, 502, 522, 617 e 758.
7 000$00 - 2 e 8

PREMIOS DE CENTENAS

20 000$00 - 2 301 a 2 400
12 500$00 - 68 801 a 68 900
10 000$00 - 56 501 a 56 600



Sector laboral promove acções reivindicativas

A CGTP promoveu ontem um conjunto de acções reivindicativas envolvendo milhares de trabalhadores de Norte a Sul do País. Os sindicatos filiados na central sindical realizaram plenários, paralizações, distribuição de documentação, concentrações e desfiles em todos os distritos, como forma de protesto contra a política laboral do Governo.

Em Lisboa, o dia foi marcado por concentrações de várias organizações sindicais junto à residência oficial do primeiro-ministro.

Representantes de sindicatos que integram a Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública estiveram, durante a manhã, em frente à Presidência do Conselho de Ministros e, à tarde, junto à residência oficial do primeiro-ministro, reivindicando a reabertura das negociações com o Governo.

Desde Janeiro que a FNSFP está à espera de ser recebida pela nova secretária de Estado do Orçamento, Manuela Leite, para negociar a actualização salarial para 1990, a revalorização das carreiras profissionais e o projecto do decreto-lei de descongelamento das carreiras.

Os sindicatos da Função Pública vão reunir-se em plenário no dia 19, para decidir novas formas de luta.

Entretanto, o Conselho Regional do Sindicato dos Trabalhadores da Administração Local reuniu-se numa praça de Lisboa, para tentar «sensibilizar a população para os seus problemas».

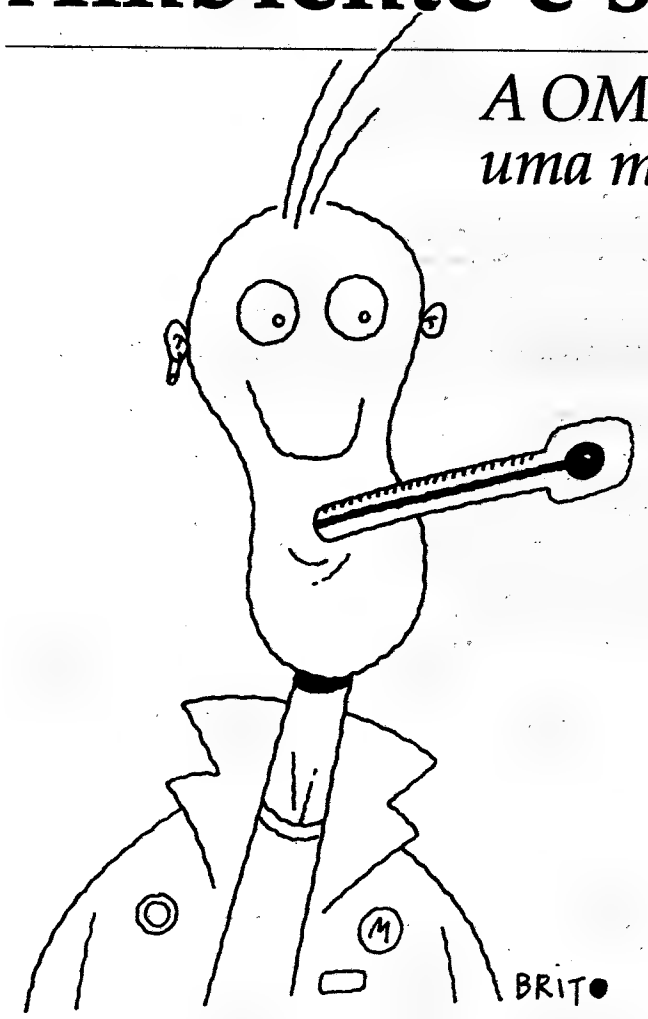
O STAL, que reivindica correcção salarial para 1990 e a negociação de novas modalidades de vínculos e de aposentação, integrou o desfile e a concentração junto à residência do primeiro-ministro.

Os aumentos salariais e a redução dos horários de trabalho levaram também o Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços de Lisboa a aderir à jornada de luta convocada pela Intersindical.

A iniativa da CGTP-IN teve por objectivo a valorização imediata dos salários reais, a redução do horário de trabalho semanal para 40 horas, a redução da idade de reforma e o respeito pelos direitos dos trabalhadores.

QUOTIDIANO

Ambiente e saúde: a interdependência



A OMS alerta para o papel da ecologia; Portugal promove uma ministerial sessão solene

O Dia Mundial da Saúde, que se comemora amanhã, tem, este ano, e pela primeira vez, uma vertente ecológica. A mensagem de Hiroshi Nakajima, director-geral da OMS (Organização Mundial de Saúde) decidiu promovê-lo sob o tema «O Nosso Planeta, a Nossa Saúde», já que «é cada vez mais evidente que um crescente número de doenças tem origem na degradação do ambiente».

Ambiente e saúde são os gémeos siameses da nossa era e esta mensagem está longe de ter atingido ainda todo o globo. Às portas do século XXI, 1,7 biliões de pessoas não têm acesso a água potável, 1,2 biliões não utilizam adequadas condições de saneamento. A poluição química do ar, do solo e da água é um processo universalmente generalizado, com suas evidentes consequências para a saúde. Os últimos dados da OMS demonstram que mais de um bilião de pessoas reside em áreas urbanas, cujos níveis de poluição são inaceitavelmente elevados. Para as crianças, os idosos e as grávidas os riscos são acrescidos.

É necessário protestar

O que a Organização Mundial de Saúde pretende é que, neste dia, o homem da rua, as associações e organizações o celebrem, lutando por medidas eficazes, que se traduzam numa redução da generalizada poluição e prometam um melhor futuro ao planeta Terra.

A participação individual na protecção do ambiente tanto pode manifestar-se no seguimento das medidas de segurança quanto ao uso de pesticidas, por exemplo, como no protesto, junto das autoridades, por não existir uma conveniente recolha de lixo, o seu destino final e questões semelhantes.

A OMS propôs algumas regras para que cada um possa contribuir para um ambiente mais saudável. Algumas dentre elas: seleccionar do lixo caseiro os materiais que podem ser reciclados,como o vidro e o papel, utilizar produtos de higiene não poluentes, economizar energia, não deitar produtos químicos, eventualmente poluentes, nas canalizações de esgoto, não deixar a rádio e a televisão em «altos gritos» durante a noite. Para a rua, aquela organização das Nações Unidas aconselha o uso dos recipientes para o lixo, o acondicionamento dos lixos domésticos em sacos bem fechados, o respeito dos limites de velocidade, as revisões periódicas do automóvel, a sua utilização moderada.

E, no campo, a defesa e protecção das nascentes de água, o evitar construir fossas nas vizinhanças dessas nascentes, a utilização rígida dos pesticidas, ou de pulverizar com o vento é forte. É fácil, é útil, dá saúde!

Comemoração nacional

O Dia Mundial da Saúde será celebrado em Portugal com uma sessão na sede da Cruz Vermelha, com a presença de vários membros do Governo. Em dois painéis serão desenvolvidos temas sobre o papel das companhias de seguros na área da s áúde e o trabalho desenvolvido pelas instituições não-governamentais que actuam na área da saúde.

Por sua vez,a Direcção-Geral dos Cuidados de Saúde Primários divulgou alguns textos originários da OMS, assim como um cartaz e um folheto com algumas sugestões de medidasa tomar pelos cidadães na preservação do ambiente.

R.A.

RDP/ Madeira vai ter novas instalações

Foram divulgados os resultados do concurso de projectos para o novo Centro de Produção da RDP no Funchal, a erguer até meados de 1992

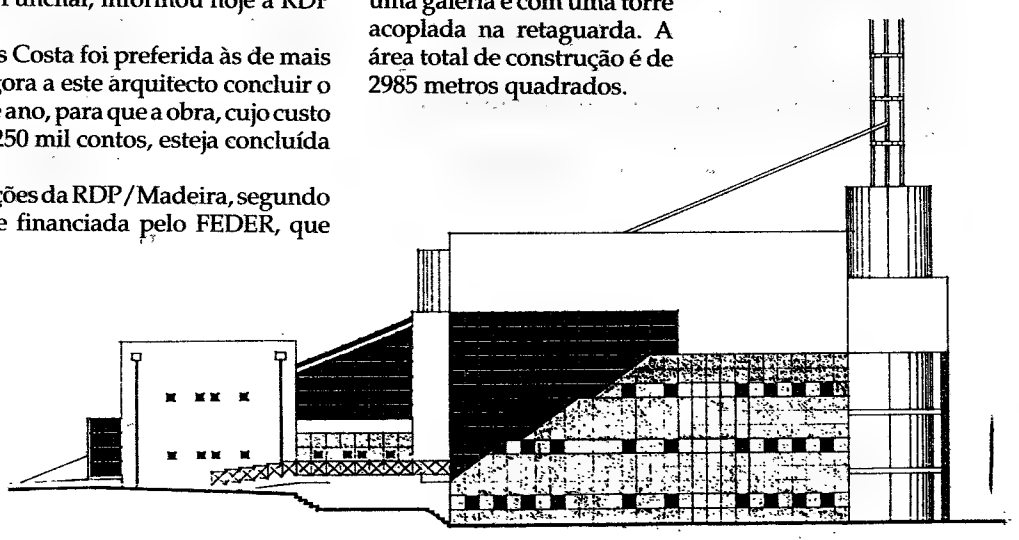
É da autoria do arquitecto Pedro Santos Costa o projecto vencedor do concurso para o novo Centro de Produção da Radiodifusão Portuguesa no Funchal, informou hoje a RDP da Madeira.

A proposta de Pedro Santos Costa foi preferida às de mais dez concorrentes, cabendo agora a este arquitecto concluir o projecto até ao fim do corrente ano, para que a obra, cujo custo total é estimado em mais de 250 mil contos, esteja concluída em meados de 1992.

A construção destas instalações da RDP/Madeira, segundo a empresa, será parcialmente financiada pelo FEDER, que atribuiu uma verba de cerca de 160 mil contos para melhoramentos na cobertura radiofónica daquela Região Autónoma.

No concurso, promovido com a colaboração da Associação dos Arquitectos Portugueses, classificaram-se nos segundo e terceiro lugares, respectivamente os arquitectos Duarte Caldeira e Silva e João Caires.

O projecto vencedor prevê um edifício composto por dois elementos contíguos de três e quatro pisos, interligados por uma galeria e com uma torre acoplada na retaguarda. A área total de construção é de 2985 metros quadrados.



Perspectiva do alçado poente do novo edifício

Construtores civis à procura do ensino perdido

Os construtores civis portugueses (que, recentemente, ascenderam a agentes técnicos de arquitectura e engenharia, não sem protestos generalizados, especialmente da Associação Portuguesa de Arquitectos, que entendia abusiva a denominação) vão reunir-se em Lisboa, sábado e domingo, para debaterem a revisão da legislação sobre construção civil.

Aos membros daquele sindicato é apenas exigido o quinto ano do Ensino Secundário, pelo que se mostram, agora, preocupados numa maior «aquisição de conhecimentos teóricos» para não «perderem capacidade em se impor perante especialistas de matérias mais restritas».

O sindicato representa cerca de 4 mil profissionais e lembra que o encontro nacional, realizado no último ano, apontou a necessidade de obter para os seus associados uma equivalência ao Ensino Politécnico. Para aqueles profissionais, o que está em causa na revisão da legislação «não é apenas mudar regulamentos e decretos para responder ao desenvolvimento acelerado do sector, mas, sobretudo, procurar satisfazer os desejos de alguns grupos profissionais»

☐ *A Mão ao Assinar este Papel*, Dylan Thomas, 550$00. ☐ *Poesia Completa*, António Patrício, 890$00.
☐ *O que é um Pai?*, José Martinho, 950$00. ☐ *As Iluminações*, Rimbaud, 1450$00.
☐ *Acédia*, Fernando Pinto do Amaral, 1500$00. ☐ *Silêncio para 4*, Ruben A., 1650$00.
☐ *As Minhas Aventuras na República Portuguesa*, Miguel Esteves Cardoso, 1600$00.
☐ *A Religião Popular Portuguesa*, Moisés Espírito Santo, 2000$00. ■ *Poesias Completas*, S. João da Cruz.

Nós temos uma grande razão para editar livros.

ASSÍRIO & ALVIM

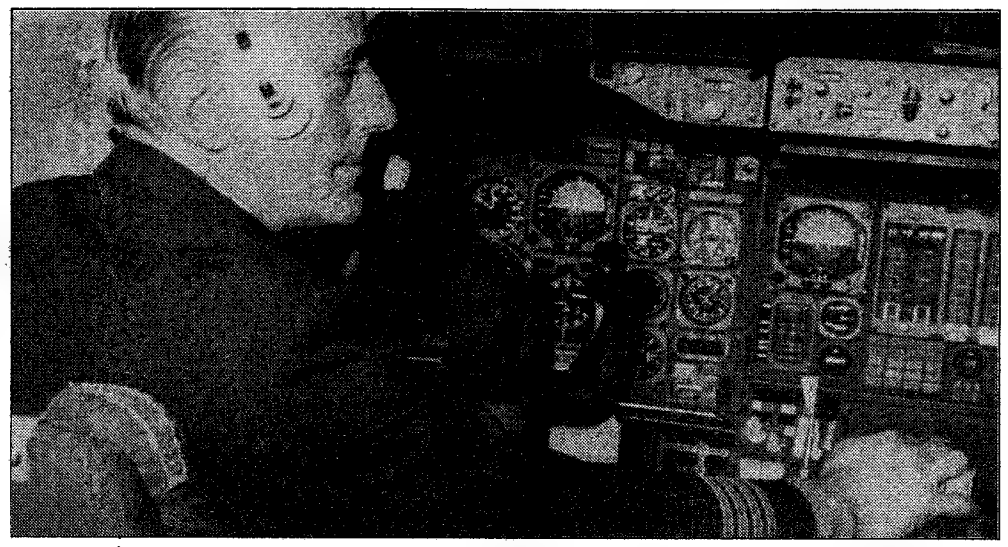
preencher em letra legível e enviar para ASSÍRIO & ALVIM. Rua Passos Manuel 67-B. 1100 LISBOA

Junto envio cheque ☐ Vale de correio ☐ no valor de _____ _____$____, para envio dos livros assinalados
Nome_____
Morada _____
Código Postal_____ Localidade_____

QUOTIDIANO

A partir de agora, a TAP vai passar a dar formação por inteiro aos seus pilotos, sem ter que os enviar para o estrangeiro. Para isso, comprou um super-simulador de voo

Pilotos em simulação



A formação de pilotos vai ser totalmente portuguesa

A TAP-Air Portugal adquiriu, em Novembro de 1989, um novo simulador de voo de fabrico inglês, que já está a trabalhar na formação de uma segunda geração de pilotos da companhia.

Com este equipamento, a transportadora aérea nacional deixa de ser obrigada a recorrer a países terceiros para formar e treinar os seus pilotos. Note-se que estes novos pilotos iniciam o seu curso na Escola de Pilotagem em Tires, nos arredores de Lisboa, ou já se apresentam com formação da Força Aérea Portuguesa.

A primeira geração de pilotos da TAP, em número de 200, foi formada nas escolas dos Estados Unidos e deverá atingir o limite de idade de voo, actualmente de 60 anos,ao longo dos próximos oito anos, pelo que terão que ser substituídos.

De acordo com a Organização Internacional da Aviação Comercial (ICAO), com sede em Montreal, no Canadá, depois dos 60 anos os pilotos não dão garantias psicofisiológicas para continuarem a pilotar, mas, podem permanecer ao serviço em terra até atingirem os 65 anos, idade geral da reforma dos portugueses.

O novo simulador de voo de oito toneladas está orçado em 1,5 milhões de contos, preço este que inclui a construção do edifício da TAP no aeroporto de Lisboa.

O comandante Hélder Moura, responsável operacional da companhia, disse que este equipamento é um modelo avançado, com movimentos nos três eixos, respondendo às exigências da moderna operação.

Nos primeiros dois anos, prevê-se que o novo simulador esteja totalmente «saturado» ao serviço dos pilotos da TAP e da Air Atlantis, tanto mais que a transportadora aérea nacional tem a decorrer 27 cursos diferentes.

No futuro, admite-se a aquisição de um segundo simulador de voo, vocacionado para os aviões Airbus, mas que poderá vir a ser reconvertido caso se encare a hipótese da TAP vender serviços deste tipo a outras companhias.

PROGRAMA
DE COMEMORAÇÕES NO PAVILHÃO PAZ E AMIZADE
(SÍNTESE)

DIA 19
21.30 horas — Festival Internacional de Folclore

DIA 21
17.00 horas — Espectáculo «Viva Zeca Afonso»
21.30 horas — Bailado pela «Companhia de Dança do Tejo»
22.30 horas — Concerto pela Banda de Loures

DIA 22
15.00 horas — «Poesia Abril», dita por idosos
16.30 horas — Filme Português dos anos 30
18.00 horas — Colóquio sobre o tema História
21.30 horas — Filme Português sobre a Guerra Colonial

DIA 23
21.00 horas — Colóquio sobre o tema «Artes Plásticas»

DIA 24
22.00 horas — Espectáculo comemorativo

DIA 25
10.00 horas — Manhã Infantil

CEE aposta no Vale do Tejo

Isabel Mota explica aos autarcas os dinheiros que há e o que está programado fazer

A secretária de Estado do Planeamento e Desenvolvimento Regional, Isabel Mota, fez hoje aos autarcas da região de Lisboa e do Vale do Tejo o ponto da situação das intervenções operacionais previstas no quadro comunitário de apoio para aquela área.

Temas principais foram a Operação Integrada de Desenvolvimento de Setúbal (OID), e os Programas Operacionais do Oeste, Vale do Tejo e Lisboa, bem como o seu acompanhamento e gestão.

Durante a reunião, a secretária de Estado anunciou a abertura de uma linha de crédito a que as autarquias poderão recorrer para poderem comparticipar no investimento previsto para os programas.

Dos programas propostos no quadro deste apoio comunitário, apenas o relativo a Setúbal foi aprovado, estando os restantes a ser negociados com a CEE.

Abrangendo 12 municípios, entre os quais Alcobaça, Caldas da Rainha, Óbidos, Peniche, Lourinhã e a Nazaré, o programa operacional do Oeste prevê um orçamento da ordem dos 14 milhões de contos, dos quais 9 serão dotados pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (Feder).

Estas verbas destinam-se a melhorar os acessos e as infra-estruturas de apoio à actividade produtiva, bem como as infra-estrutuas energéticas e hidráulicas e as relativas ao ambiente.

Por suavez, o programa para o Vale do Tejo conta com 18 milhões de contos, 11 dos quais provenientes do Feder.

Serão os municípios da Lezíria e do médio Tejo, bem como o de Vila Franca a receber os apoios à actividade produtiva, recursos hídricos, acessos e infra-estruturas tur´siticas.

Para a Grande Lisboa, os temas serão especialmente o saneamento básico e o ambiente.

A OID de Setúbal conta com um investimento de 95 milhões de contos, destinados à auto-estrada Setúbal-Marateca, ao alargamento e utilização ferroviária da Ponte 25 de Abril, além de outros projectos que o Feder comparticipa com 36 milhões de contos.

Especialistas discutem combate à depressão

Em Portugal, cerca de 10 por cento da população apresenta sintomas depressivos, média que se agrava no Algarve, onde aquele índice atinge a casa dos 18 por cento. Os problemas do combate aos sintomas da depressão estão a ser debatidos desde a manhã de hoje, em Lisboa, por mais de uma centena e meia de especialistas portugueses e estrangeiros, no II Simpósio Internacional sobre Serotonina e Distúrbios do Comportamento.

O encontro, organizado pela Associação Portuguesa de Psiquiatria Biológica em colaboração com a Faculdade de Medicina de Lisboa, irá analisar, com especial incidência, a utilização de novos fármacos que permitem a sua utilização durante períodos prolongados, sem quaisquer efeitos tóxicos, o que não acontecia anteriormente.

A citada associação revelou, a pretexto desta iniciativa, que somente no segundo semestre do ano passado foram registados meio milhão de pessoas com problemas depressivos.

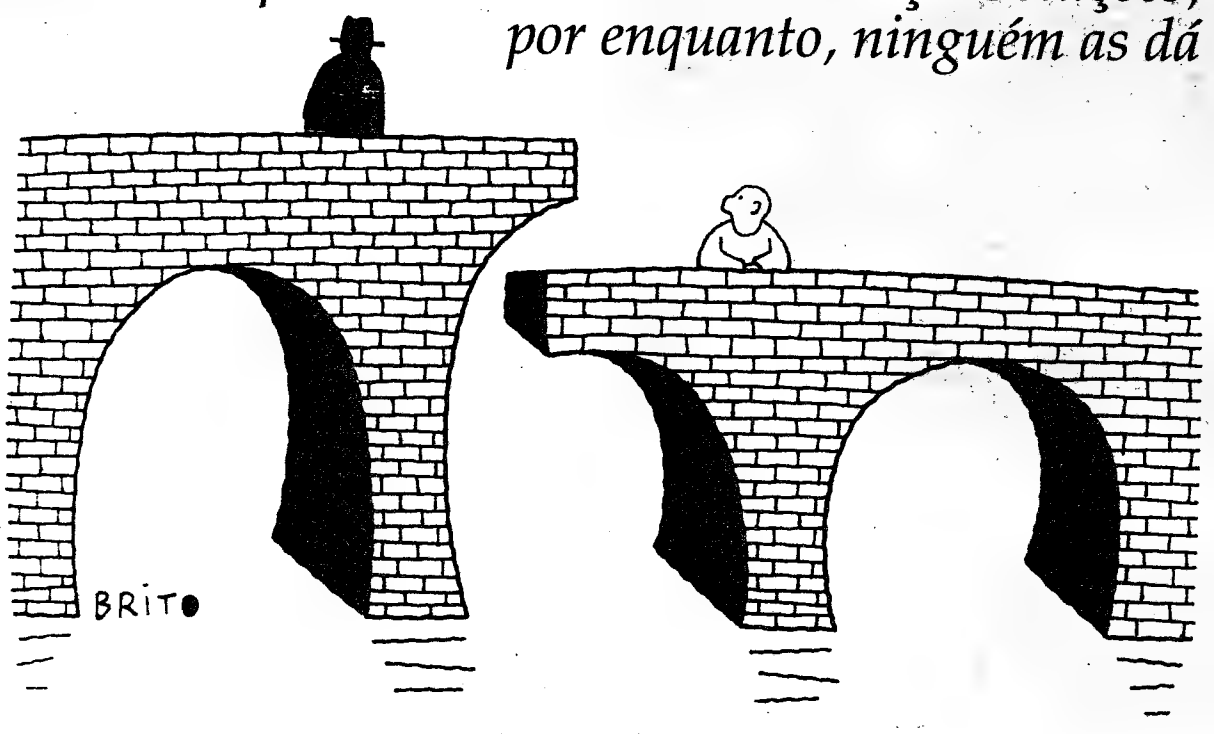
No que respeita à incidência particular dos sintomas de depressão nos algarvios, trabalhos realizados sustentam que um quadro geral de mutações socioculturais, em parte motivadas por um turismo caótico, pode indiciar certas causas para o fenómeno.

De uma forma geral, segundo estudos efectuados a nível do País, o desemprego, o *stress*, a morte de familiares, a solidão e os problemas familiares contam-se entre as principais causas de depressão, não se podendo esquecer o alcoolismo e os problemas genéticos. A depressão entra, ainda, no contingente das doenças que mais afectam as empresas e constitui, de facto, um dos principais motivos de absentismo.

QUOTIDIANO

Uma reflexão sobre a Sida

Especialista portugueses e estrangeiros estão a debater, em Coimbra, as mais prementes questões desta terrível doença. Soluções, por enquanto, ninguém as dá



Sida - anos 80 assim se designa o I Congresso Internacional Sobre Sida, que hoje começou, em Coimbra, e que se prolonga até ao próximo dia 8.

No dia de hoje, cuja sessão de abertura foi presidida pelo secretário de Estado da Juventude, foram debatidos três temas: sida - a epidemiologia, sida - a doença e sida - o contágio. Presentes estiveram os especialistas Machado Caetanho, José Luís Champalimaud, Rosemarie Ancelle, Alain Venet, entre outros.

A situação actual, de Portugal, em relação a esta doença, e em comparação com outros países europeus, não é alarmante, se bem que inspire alguns cuidados.

Até 30 de Julho de 1989, altura em que estavam detectados 258 casos a nível nacional, Portugal tinha uma taxa de prevalência de 25 casos/milhão de habitantes, enquanto a Suiça registava 139,5, a França 128,6, a Espanha, 86,8 a Itália, 72,4, a RFA, 57,3 e a Grã-Bretanha 41,8 por milhão de habitantes.

Dados registados até 31 de Dezembro de 1989, em Portugal, apontavam para 348 casos de sida, estando a expandir-se a um rítmo de três novos casos por semana.

Quanto aos grupos de risco, prevalecem os homo e bissexuais, seguindo-se os heterossexuais, os toxicodependentes, os hemofílicos, os transfusionados, os homossexuais toxicodependentes e os desconhecidos.

O sexo masculino regista o maior número de casos (303 contra 45 casos do sexo feminino) e a nível etário a maior percentagem verifica-se entre os 25 e os 54 anos, sendo entre os 35 e 39 anos que se registam mais casos (73).

Em relação às formas de contágio, estas já estão definidas: através das relações sexuais, transfusões de sangue, ou na utilização da mesma seringa entre os toxicodependentes. Está comprovado que o vírus da sida (HIV-1 e HIV-2) não sobrevive fora do organismo humano, excluindo assim outras formas de contágio possível.

O Grupo de Trabalho da Sida tem feito uma grande campanha de prevenção, apelando sempre para a redução de parceiros, nos casos homossexuais.

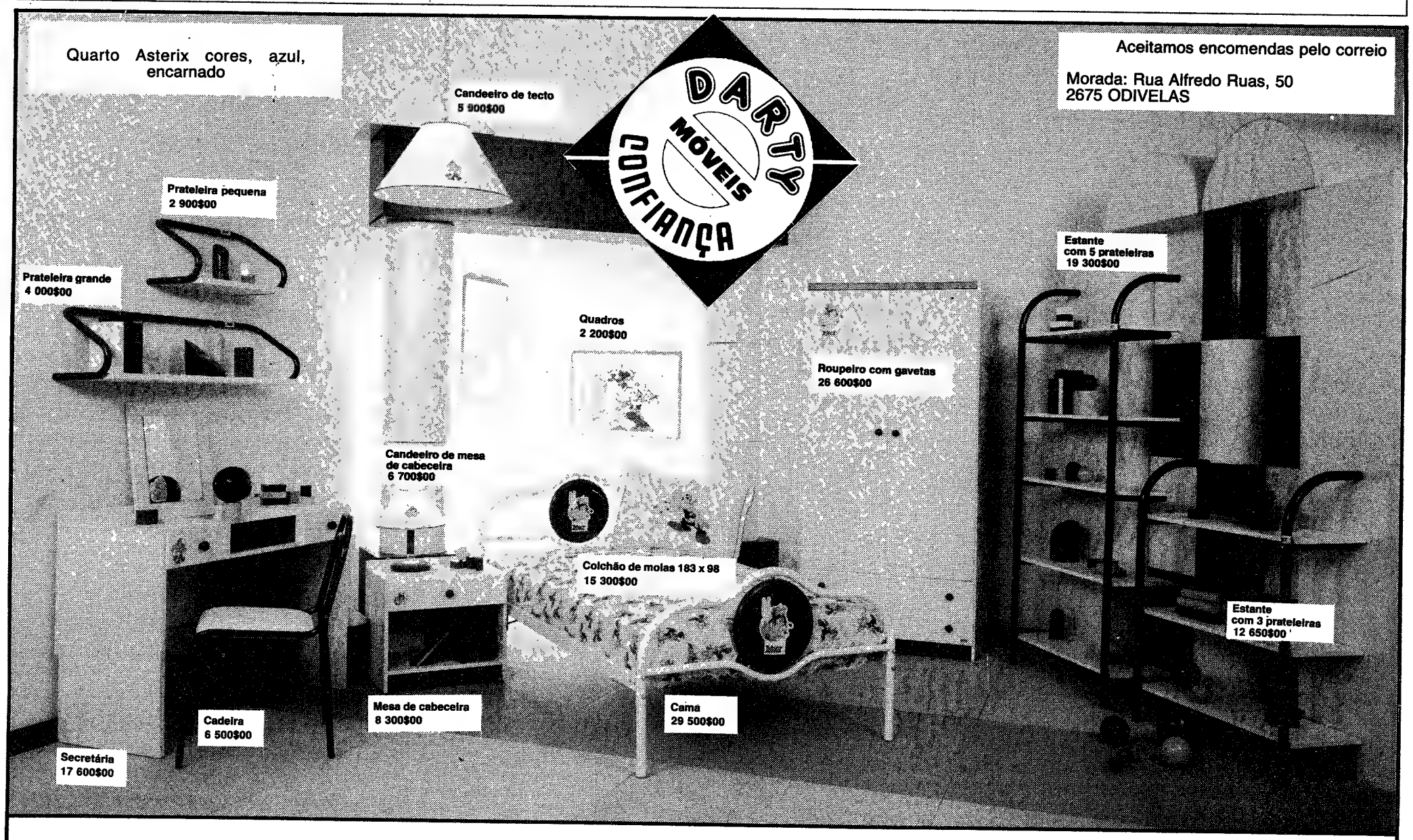
Contudo, é exactamente neste grupo onde ainda se verifica uma transmissão mais frequente, assim como nos toxicodependentes e mais rara nos casos por transfusão.

Todos estes aspectos vão ser debatidos durante os próximos três dias, naquele que foi considerado pela organização, a Associação Nacional dos Jovens Médicos (ANJM) e a Associação Portuguesa de Jovens Farmacêuticos (APJF), como «o maior congresso jamais realizado em Portugal, quer no número de inscritos (mais de 600), quer no tipo de especialistas convidados nacionais e estrangeiros, entre os quais estarão o coordenador europeu do programa contra a sida e o representante, em Paris, da Organização Mundial de Saúde.

ASida e a escola em debate em Paris

Termina amanhã, em Paris, a consulta mundial às organizações docentes sobre a sida e a escola, promovida pela UNESCO, OMS e OIT e na qual esteve presente, entre outras organizações, a Federação Nacional de Professores (Fenprof).

Esta organização diz ter constatado «o enorme atraso com que o sistema educativo português se encontra, face às necessidades do momento e às experiências de muitos outros países». Esta conferência teve como objectivo analisar e definir propostas sobre a acção a desenvolver no plano educativo para prevenir a transmissão da sida.



LISBOA — Avenida Almirante Reis, n.º 125 — telefone: 530076
LISBOA — Rua Luciano Cordeiro, n.º 18-A — telefone: 3522662
LISBOA — Estrada de Benfica, n.º 176 — telefone: 780599
LISBOA — Ipermercado Ibérico — telefone: 7595959
ALMADA — Avenida 25 de Abril, n.º 45 — telefone: 2769001
AMORA — Centro Comercial da Amora
SETÚBAL — Avenida D. Manuel I, lote 80 — telefone: 74699
MONTIJO — Rua José Joaquim Marques, n.º 40 — telefone: 2301197
BARREIRO — Rua Dr. Manuel Pacheco, n.º 92-A — telefone: 2077237
CARCAVELOS — Rua Paulo Jorge, n.º 3 — telefone: 2475289
MEM MARTINS — Rua da Azenha, n.º 3 — telefone: 9217570
QUELUZ — Rua José Elias Garcia, n.º 74 — telefone: 4363679
AMADORA — Avenida D. Nuno Álvares Pereira, n.º 5-B — telefone: 4945691
ODIVELAS — Ponte da Bica — telefone: 9323938

O segredo não é mais a alma do negócio

Empresários passam de autocratas e paternalistas a gestores integrados em equipas altamente especializadas

A ideia ultrapassada segundo a qual o segredo continua a ser a alma do negócio ainda é válida para alguns empresários portugueses. Os agentes económicos europeus, porém, não pensam assim e, neste caso, parecem ter razão. Para possuir uma boa imagem há que ter qualidade. O contrário não passa.

Cada vez mais as empresas assumem uma relação directa com os clientes, em termos de comunicação, partindo do princípio que, em termos de negócios tudo se acaba por saber. A comunicação tem que ser exacta, totalmente clara, com o máximo de informação.

Carlos Matos, ex-jornalista e um dos sócios-gerentes da Imago considera que «entrámos numa década em que os recursos humanos são fundamentais, sendo a imagem de uma empresa tanto melhor quanto os seus trabalhadores tiverem uma boa imagem dela e de si mesmo».

Para Carlos Matos não se pode desligar a imagem do empresário e da empresa do meio envolvente e não há uma imagem concreta do empresário.

«Existe todo o tipo de empresários e muitas vezes os melhores, os que realizam bons negócios e têm empresas óptimas, não correspondem aos mais conhecidos do público e aos que são mais falados na imprensa», afirma.

A tendência dominante nos outros países da Comunidade é a substituição da da figura do empresário enquanto peça única e insubstituível por uma equipa altamente especializada que tem sobre os seus ombros os destinos de uma empresa.

Para se atingir este estado de graça em relação ao público, a maior parte das organizações, reconhece Carlos Matos, recorre a empresas da área de comunicação cujo papel predominante é formar uma imagem junto da opinião pública e dos agentes económicos de acordo com as características da empresa em causa.

«Eu sou um técnico de comunicação e nós, na Imago, assumimo-nos como consultores, ajudando as empresas na procura das melhores soluções no campo da imagem e da comunicação», sublinha Carlos Matos. Cada vez mais as empresas recorrem a este tipo de serviços para completar o trabalho dos departamentos de relações públicas e gabinetes de imprensa das respectivas empresas, menos capazes de descodificarem uma linguagem própria dos mercados e de fazerem passar mensagens através dos meios de comunicação social, bem como de cuidar profissionalmente da imagem institucional da própria empresa.

A procura das empresas de comunicação, por parte dos empresários, a fim de tentarem passar uma mensagem ou cuidarem da sua imagem, chega a tornar-se, por vezes, um vício.

As regras são outras

«Eu entendo o recurso a essas empresas de comunicação como complemento de acções decididas internamente nas empresas, não aceito que estas se ponham nas mãos daquelas. As empresas de comunicação terão uma incidência mais técnica e funcionam como estruturas de comunicação nas políticas psico sociológicas das empresas», diz, por sua vez, Américo Ramalho, professor de Relações Públicas e de Estratégias Psico-sociológicas das Instituições do Instituto de Novas Profissões, e chefe de Relações Públicas da CP.

Para Américo Ramalho, a imagem do empresário de hoje «é mais a de um técnico de gestão do que a de um detentor de bens patrimoniais» e acrescenta que a passagem de alguns deles pelo poder tenha criado também «o desejo e a necessidade de se tornarem comunicadores».

Tanto o político como o empresário sentem cada vez mais a necessidade de gerir a opinião através de estruturas especializadas. O desejo de fazer passar uma imagem de prestígio e de qualidade é uma das estratégias de todas as empresas.

«A notoriedade é um dos objectivos visados com a política de comunicação adoptada pelos empresários. Por isso, reconhecem a importância da Comunicação Social», salienta Américo Ramalho.

Os gestores portugueses descobriram que não é possível hoje criar uma imagem falsa. Acabou a era de tentar passar o gato por lebre. Sem uma estratégia de qualidade, não existe imagem de qualidade. Nenhuma empresa ou empresário consegue enganar o público, nem pode viver sem um suporte informativo permanente, daí o aperfeiçoarem as redes de ligação à imprensa, à rádio e à televisão. E neste caso, diga-se, também em Portugal se pensa como na Europa.

A estratégia da qualidade tomou hoje um lugar de importância decisiva, ao lado das estratégias de produção e de mercado. A imagem do empresário acompanhou esta mudança. O patrão-dono de tudo, paternalista e autocrático, pertence a um modelo ultrapassado que deu lugar a um modelo participado colegialmente ou a um outro de tipo americano, tendo à cabeça um executor (general-manager), o qual pertence ao conselho de administração de uma empresa e é ao mesmo tempo o seu director-geral.

Cada vez mais, a imagem do empresário é a imagem da sua empresa e da equipa de profissionais que a gere.

Rui Ferreira e Sousa

Carlos Matos: «Cada vez mais os empresários recorrem a empresas de comunicação para tratamento da imagem junto da opinião pública»

Américo Ramalho: «A imagem do empresário de hoje é mais a de um gestor do que a de um detentor de bens»

Conceito de empresa mudo

Inovadores, din mas pouco med

«Os empresários portugueses são menos mediáticos do que os seus colegas europeus. Por outro lado, o conceito de empresa mudou nos últimos anos», disse ao **DL** Luis Paixão Martins, administrador da LPM-Acções de Comunicação.

A imagem dos empresários até aqui era a de «comerciantes». O mundo empresarial estava muito concentrado no Estado e muitas empresas viviam com dificuldades económicas. Hoje, esta imagem modificou-se e um sintoma disso, observa Luis Paixão Martins, é a quantidade de jornalistas a escrever sobre os problemas da área económica.

O empresário português é uma pessoa aberta e disponível, bem informada e com uma razoável cultura empresarial. Tem menos cultura básica que o europeu em geral, mas é ágil, dinâmico e tem capacidade de inovação. Um dos seus defeitos mais marcantes é ser pouco consequente, mas enfrenta os riscos.

Em Portugal, porém, os empresários estão condi-

Luis Paixão Martins: «A in até há poucos anos, er

cionados pelos próprios meios de comunicação disponíveis. A sua intervenção na televisão é muito menor em relação aos políticos, o

A.M.A.
Auto Monumental de Aveiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

udou nos últimos anos

dinâmicos ediáticos

tins: «A imagem dos empresários, s anos, era a de comerciantes»

escolher os públicos, os canais de comunicação. O nosso trabalho é muito dinâmico. Partimos de uma ideia, de um conjunto de pontos de argumentação que, em princípio, motivem os jornalistas. Se a ideia ou a mensagem não pega, largamos e escolhemos outra. É sempre possível construir uma imagem de qualidade», diz aquele técnico de comunicação.

As empresas modernas, por exemplo, salienta Paixão Martins, publicavam até há poucos anos o seu Relatório e Contas, um reduzido número de páginas, pouco atractivas. Agora publicam o Relatório de Gestão em que se fala, além das contas, de marketing, de informática, de recursos humanos.

Este exemplo corresponde a um novo conceito de empresa, no qual cabe uma equipa de gestão ou de management, sem todavia fazer desaparecer a figura do administrador.

«Uma equipa sim, mas se não houver liderança nada feito. O papel do administrador de uma empresa continua a ser imprescindível. Assim como é fundamental o recurso a serviços de empresas de comunicação, porque é muito difícil criar uma estrutura de relações públicas própria, eficaz e competente, dentro de uma empresa», sublinha Paixão Martins.

R.F.S.

óprios
ão dis-
venção
menor
ticos, o

que não se verifica no estrangeiro, onde a intervenção do Estado não se faz sentir tanto.

Quantos empresários foram ao programa Primeira Página? E quantos políticos? Questiona Paixão Martins. É um facto que essa assiduidade condiciona a imagem de muitos empresários.

Identidade empresarial

«Sem identidade não existe imagem. É preciso

CINA

O que pensam os empresários

E o que pensam os empresários sobre a informação e sobre a sua própria imagem? Ouvimos dois, que julgamos representativos: Belmiro de Azevedo e Américo Amorim, dirigentes de dois dos maiores grupos empresariais portugueses. A eles colocámos três perguntas:

1 - É defensor, para o seu grupo de empresas, de uma estratégia de comunicação com o exterior? Como a concebe? Que objectivos pretende alcançar?

2 - É apologista da circulação de informação dentro da empresa? Que importância lhe dá? Aceita que ela deve circular em ambos os sentidos (de cima para baixo e vice-versa)? Até que ponto ela lhe apoia as decisões?

3 - Nos anos 80, a imagem dos empresários europeus passou a ser encarada sob uma perspectiva comunicacional, tal como a dos políticos. Acompanhou esta tendência? Qual a imagem de si próprio que gostaria de fazer passar para a opinião pública? A sua imagem actual tem correspondência com a realidade?

Américo Amorim:

«Empresário é criador de riqueza»

1 - A comunicação com o exterior é de extrema importância para qualquer grupo económico. A minha convicção permanente obriga-me a optimizar as relações comunicacionais com o exterior, sobretudo quando se granjeou até aí uma imagem de prestígio e qualidade.

Uma adequada estratégia de comunicação deve sempre estar claramente definida e é condição necessária mas não suficiente para se atingir determinados objectivos que se relacionam com a imagem que se quer transmitir com rigor ao exterior.

As relações de comunicação com o exterior constituem um importante factor estratégico na gestão da empresa/grupo e condicionam o sucesso/insucesso das iniciativas.

2 - Obviamente que a informação deve circular dentro da empresa. De outra forma é impossível conceber uma gestão científica. Gerir é decidir e isso implica acesso à informação. O sentido mais importante do fluxo de informação é de baixo para cima, mas qualquer estratégia de gestão falha por completo se não houver mecanismos que permitam transmitir aos níveis intermédios os objectivos que se querem atingir no curto e longo prazos.

Além disso, a formação de uma cultura de empresa necessita que certo tipo de informação circule de cima para baixo. Não seria possível acompanhar tão de perto as empresas em que participamos se não tivéssemos implementado um sistema funcional de informação ascendente e descendente.

3 - «A imagem é em si mesma um factor de sucesso». Esta nova postura que os anos 80 produziram deve ser encarada com a devida dimensão: excessivas preocupações com a imagem não são produtivas e caracterizam-se por um esvaziamento de significado.

A forma de estar do empresário em relação ao exterior deve ser consentânea com a sua actividade face aos negócios e às empresas. O empresário deve ser criador de riqueza para a comunidade no sentido em que cria e consolida empresas e não procura dar uma imagem de que o é sem o ser.

A minha convicção em investir em Portugal, a minha visão internacional dos negócios e a minha preocupação em transmitir a experiência adquirida em 37 anos de trabalho àqueles que se vão integrando no nosso projecto, nem que para isso tenha que trabalhar em média cerca de 14 horas por dia, é a imagem que gostaria de fazer passar à opinião pública.

Rui Vasco

Belmiro de Azevedo:

«A imagem de um espelho plano»

1. - O Grupo faz um grande esforço para manter as várias comunidades de interesses (trabalhadores, accionistas, poder local, instituições nacionais e europeias) bem informadas.

Concebemos tal exercício como um dever de comunicar, com lealdade e transparência, o máximo de elementos, para permitir, a quem nos quiser analisar, a formação de uma opinião sobre a qualidade da gestão que praticamos e mesmo para aferir da qualidade e profissionalismo dos nossos gestores.

2. - Somos defensores incondicionais da divulgação da informação interna, porque é para nós claro que só formação e treino dos nossos gestores de nada serviria. A informação potencializa a capacidade dos gestores e permite conduzir a nossa nau a bom porto.

Sem informação era quase como conduzir uma viatura sem mapas, sem respeito pelos sinais de trânsito, logo seguir um percurso em rota de colisão permanente.

A informação circula, evidentemente, nos dois sentidos, pois defendemos há muito a utilização integral da «massa cinzenta» de todos os nossos colaboradores. Mesmo quando tal não parece, um operador informado rende muito mais, sente-se mais realizado quando conhece objectivos e quando sabe que contributo está a dar. Ele é, deve ser, gestor do seu posto de trabalho.

No mundo actual, em que o bom gestor é sobretudo um gestor de mudança, e não um planeador, sem informação seria o caos.

3. - Tenho dito muitas vezes que só pretendo para mim a imagem semelhante àquela que é reflectida por um espelho plano, quando me barbeio todas as manhãs.

Tenho recusado a cosmética, sou demasiado frontal, por vezes rude com alguns jornalistas que só procuram sensacionalismo sem cuidar do rigor. Tenho horror à mediocridade e, por isso, não sou «polido» nem «político» quando faço afirmações que põem em causa a qualidade de alguns maus profissionais. Aliás, faço o mesmo com outros profissionais, doutras actividades.

A imagem que a comunicação social tem dado de mim é muito diversa, às vezes quase em extremos opostos, mesmo no mesmo órgão de comunicação. Durante algum tempo ainda procurei corrigir as imprecisões mais grosseiras, mas verifiquei que teria que gastar muito tempo e paciência. Desisti.

Talvez seja mesmo mais correcto aceitar a realidade do mundo onde vivemos, e aceitar mesmo a pluralidade de imagens que vão sendo criadas à minha volta. Às vezes até me divirto.

Dirigentes: haverá um perfil ideal?

Depois de muitos anos de experiências e teorias, várias empresas tentaram pôr em prática métodos aparentemente paradoxais: os seus diferentes responsáveis, encarregados de chefia, superiores hierárquicos e quadros dirigentes, deveriam submeter-se, regularmente, ao julgamento dos seus subordinados e colaboradores directos.

Inumeráveis inquéritos revelaram e confirmaram a mesma verdade: a imagem que os dirigentes fazem deles próprios difere, quase sempre e de forma significativa, daquela que veiculam os seus colaboradores e subordinados.

Numa pequena sondagem levada a cabo numa empresa alemã, 77 por cento dos dirigentes interrogados pensavam oferecer aos seus subordinados largas possibilidades de intervenção nos processos de tomada de decisões e de planificação. A realidade era outra: apenas 33 por cento dos subordinados confirmaram as suas declarações.

Avaliação invertida

Foi este género de distorções que chamou a atenção de investigadores e técnicos de relações humanas a incitarem alguns dirigentes a inverterem a avaliação, ou seja, apreciar a avaliação transmitida pelos subordinados sobre o estilo de comando do seu superior directo.

É claro que esta visão ao contrário pode originar problemas e resistências: os que dirigem temem ver-se postos em causa, ameaçados nas suas posições, mesmo que seja tudo formulado de maneira sigilosa. Da mesma forma os subordinados temem pressões e represálias.

No entanto, está provado que todas as empresas que adoptaram a avaliação invertida verificaram uma melhoria de chefia, o desenvolvimento de um clima de confiança, o aparecimento de maior objectividade e de justiça nas relações interpessoais.

De facto, passa a existir uma relação de interdependência entre o superior e o subordinado, atenuando, assim, o esquema autoritário e dando uma outra imagem ao superior que não tem de manter a imagem do homem que não falha e se poupa a críticas. Ele passa a ter o direito a errar.

A introdução desta avaliação supõe uma séria preparação. Assim, é necessário estabelecer as regras do jogo e exaltar o interesse de chegar a relações mais abertas e transparentes.

O caso português

Em Portugal, as poucas experiências que têm sido tentadas a este nível são relativamente incipientes e caracterizam-se por um empirismo excessivo que, na maior parte dos casos, tem conduzido ao insucesso. Há ainda uma necessidade de se repensar a organização do nosso País.

Na globalidade, a perspectiva comunicacional na empresa está longe de ser posta em prática pelos seus dirigentes. A estrutura das empresas nacionais ainda está sob a forma piramidal assente, portanto, na hierarquia e na chefia.

O facto é que os dirigentes das empresas portuguesas continuam a insistir em ignorar o investimento nos recursos humanos. Têm-se investido milhões de contos em todas as áreas com o fim de modernizar os serviços e aumentar a produção, mas o potencial humano não tem sido a prioridade, o que pode conduzir a situações de tensão social que não deixam avançar o tão desejado desenvolvimento do País.

Portugal debate-se com problemas extremamente preocupantes nesta área. Os aspectos ligados à qualificação para o trabalho são gravosos. A actual situação do ensino formal é muito deficiente. É de lembrar que temos das maiores taxas de analfabetismo da Europa, assim como de insucesso escolar. Temos, igualmente, uma enorme falta de quadros médios e superiores, não se compreendendo porque não é dada uma atenção especial ao ensino politécnico ou ao ensino superior curto.

A formação profissional é, neste momento, uma prioridade, uma vez que é outra vertente a explorar e que pode dar resultados mais rápidos e eficazes. Para além disso, é uma abertura para se conseguir atingir todos os níveis da hierarquia da empresa, não esquecendo o próprio dirigente e gestor.

Uma segunda ordem de questões prende-se com a legislação laboral e a política de emprego. A rigidez de atitudes não leva a grandes medidas, conseguindo-se com a negociação consensos aceitáveis e úteis. Por outro lado, assistimos ao envelhecimento da população activa no seio das empresas, uma vez que a crise económica limita o rejuvenescimento dos quadros, configurando a legislação do trabalho um esquema estático e pouco favorecedor a soluções flexíveis que permitam uma maior rotação de pessoal nas empresas.

À terceira ordem de questões tem a ver com o desenvolvimento do espírito empresarial e com a formação de uma nova mentalidade de empresários em Portugal. A estes caberá a responsabilidade decisiva da criação de uma nova cultura da empresa, onde possa sentir-se à vontade para encarar os novos desafios dos anos 90.

Há absoluta necessidade de sensibilizá-los para as novas concepções já em prática noutros países, para que, com criatividade, encontrem formas expeditas e ajustadas de promover a motivação e a segurança no sentido de construir uma nova sociedade.

Isabel Braz

câmara municipal amadora

CIDADE DA PAZ
zona livre de armas nucleares

Informação

3º festival internacional de Magia AMADORA/90

7 A 15 DE ABRIL

SALA D. JOÃO V, Damaia

★ Dia 7

15.00 — Abertura Oficial do Festival — Inauguração das Exposições de Trajes de Mágicos
18.30 — Espectáculo de Abertura com Artistas Portugueses

★ Dia 13

15.00 — Abertura da Feira Mágica — Show dos Vendedores
17.00 — Gala de Close-Up

★ Dia 14

09.00 — Reabertura da Feira Mágica
21.30 — Gala de Palco

★ Dia 15

09.00 — Reabertura da Feira Mágica
16.30 — Matineé Infantil
18.30 — Encerramento do III Festival Internacional de Magia da Amadora

MAGIA DE RUA

★ Dia 8

11.00 — Magia de Rua
16.30 — Grande Atracção de Rua (Evasão de dentro de uma caixa fechada e em chamas pendurada numa grua), no Parque de Estacionamento do «Continente»

★ Dias 9, 10 e 11

das 18.00 às 19.00 — Magia de Rua, junto das Estações da CP da Amadora, Damaia e Buraca, em dias alternados

★ Dia 12

das 17.30 às 19.00 — Magia de Rua, no Rossio, em Lisboa

RITZ CLUBE em Lisboa

★ Dia 13

22.30 — Noite Mágica

GIRP GABINETE DE IMPRENSA E RELAÇÕES PÚBLICAS
Gabinete de Imprensa ☎ 494 29 30 — Ext 321 — Telex 40104 CMAMAD P

Um perfil distanciado do poder

Padrões de qualidade, de competência e de formação nas preocupações dos empresários modernos

Sedento de informação, preocupado com padrões de qualidade, de competência e de formação, interessado em estabelecer boas relações com os agentes económicos e em difundir uma boa imagem da sua empresa, distanciado o mais possível do poder, colocando o nome da empresa à frente do seu, é o perfil do empresário de hoje, na opinião de Hélder Martins.

Chefe do gabinete de Comunicação Social da FIL, Feira Industrial de Lisboa, Hélder Martins, contacta com centenas de empresários. Para ele, o empresário português, sobretudo o que surgiu nos últimos anos ou que se modernizou após os anos 70, é um indivíduo que «enfrenta e assume o risco».

Tem mais formação académica e empresarial, está mais virado para a Europa e para o que isso implica e gere-se por padrões de qualidade e de concorrência.

Se, por um lado, muitas empresas recorrem hoje a empresas de comunicação especializadas para tratarem da sua imagem junto do público, refere Hélder Martins, essa intervenção vem no sentido de fazer passar uma mensagem que tem a ver com a empresa ou o organismo em causa e não com a imagem pessoal do empresário ou gestor.

«Na comunicação não são admitidos erros. Eles são fatais e pagam-se caro. Os empresários têm que ser também comunicadores porque, nesta área, a boa comunicação é decisiva para o sucesso ou insucesso de uma acção», salienta Hélder Martins.

Hélder Martins

Para este técnico de comunicação, com a realização do Mercado Único e o consequente aumento de concorrência, as empresas vão ter que cuidar cada vez mais da sua afirmação e da sua imagem a fim de enfrentar as experiências, em geral mais elaboradas e agressivas, que as empresas estrangeiras irão trazer.

A lealdade

«Primeiro estão os produtos, o nome da empresa, a marca. Os empresários são os defensores mais leais das suas empresas. Nunca conheci nenhum que não pusesse a empresa à frente da sua pessoa. Os empresários portugueses, por formação profissional, apostam antes numa ideia, numa actividade», diz Hélder Martins.

Existe hoje uma maior transparência por parte das empresas e organismos, afirma aquele técnico de comunicação.

Qualquer empresa possui uma estrutura mínima de relações públicas baseada em critérios de «competência, segurança e confiança» que tenta passar para o exterior uma imagem óptima da sua empresa e tem uma atitude clara na transmissão dos seus objectivos. Bons contactos com o público e a imprensa, são requisitos pedidos.

Também nesta área a concorrência existe.

Face ao aumento do volume e da velocidade da informação, estas estruturas têm que se profissionalizar, quer em meios humanos, quer em suporte informático, daí muitas vezes recorrerem a serviços exteriores à empresa.

«Construir uma imagem é um trabalho de construção laboriosa. Uma empresa pode ter um excelente produto, mas isso de nada servirá se não for dado a conhecer. O público tem um papel determinante no sucesso de uma organização», diz Hélder Martins.

R.F.S.

ECONOMIA

Tornar ameaça do Leste em situação vantajosa

CIP considera que apoios financeiros não resolvem, se não houver desejo de mudança

«As mudanças no Leste são uma ameaça para as empresas portuguesas, nomeadamente para o sector da metalomecânica, mas trazem também algumas oportunidades como a criação de empresas mistas e a consequente expansão dos mercados», disse ao **«DL»** o ministro da Indústria Mira Amaral, no final do Conselho de Presidentes da CIP, que ontem se reuniu em Lisboa.

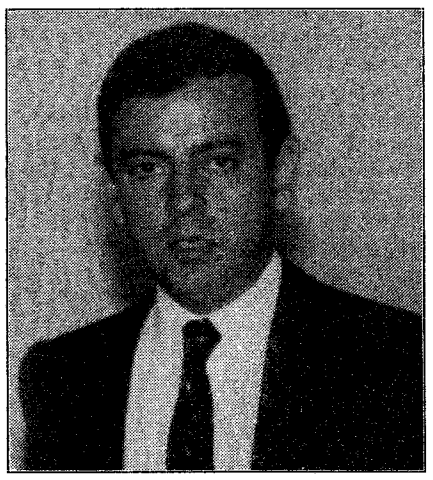
Mira Amaral e a CIP discutiram as principais questões relacionadas com a energia, as privatizações e os investimentos estrangeiros, salientando a importância que o PEDIP teve no financiamento à modernização e internacionalização das empresas portuguesas. Este programa atribuiu à indústria 28 milhões de contos, dos quais 15 milhões foram já pagos.

Pedro Ferraz da Costa, presidente da CIP, considerou, no entanto, em declarações prestadas aos jornalistas, que «o PEDIP deveria ter uma dimensão maior», pois não é fácil restaurar o parque industrial português.

«Devíamos ter encarado estes problemas com mais seriedade antes da adesão», disse Ferraz da Costa, sublinhando que um dos problemas que a indústria portuguesa atravessa é ter de «concorrer na atracção do investimento estrangeiro em situação de desigualdade com os países mais desenvolvidos».

O presidente da CIP, afirmou que, nesta corrida europeia, «modernizar as empresas que existem é o menos exaltante, mas ajuda a resolver o problema da mão-de-obra».

Sobre a relação das confederações patronais com as centrais sindicais, no âmbito do Conselho Permanente da Concertação Social, Ferraz da Costa frisou: «É preciso que as centrais enterrem uma visão de passado e que o falhanço das economias de Leste as leve a ver que o futuro está nas economias de mercado, mais flexíveis, tal como se verificam nos países mais desenvolvidos».



Ferraz da Costa: «PEDIP devia ter maior dimensão»

DL

Utentes pagam as chamadas internacionais mais caras, denuncia o Financial Times

Companhias telefónicas actuam como cartel

Uma recente investigação do jornal londrino «Financial Times» chegou à conclusão que os utentes dos serviços telefónicos de todo o mundo pagam, em chamadas telefónicas, mais de 1.500 milhões de contos, devido a um «cartel» constituído pelas principais companhias que actuam nas redes internacionais.

Este cartel, organizado numa estrutura no âmbito do CITT, grupo de companhias de telefone com sede em Genebra, dedica-se a «práticas contabilísticas obscuras» e reune sempre em cidades diferentes, afirma o «Financial Times».

A British Telecom, a American Telephone e Telegraph, a Bundespost e muitas homólogas espalhadas por todo o mundo, são algumas das companhias implicadas.

Ainda segundo aquele jornal, citando um relatório confidencial da OCDE, datado de 1989, o sistema de taxas, acordado bilateralmente, penaliza as companhias telefónicas nacionais que reduzam preços e impede maiores volumes de tráfego telefónico.

Este cartel foi estabelecido depois da Segunda Guerra Mundial e tem a aprovação tácita de muitos governos. Os preços daS chamadas internacionais deveriam custar quase o mesmo que as chamadas domésticos, visto que a alta tecnologia utilizada permite que isso aconteça. As companhias acima citadas afirmam que, apesar das suas operações serem lucrativas, a concorrência não lhes permite baixar os preços. O CITT diz, por sua vez, que os circuitos privados não podem transportar tráfego público, o que impede as companhias privadas de cobrarem preços mais baixos pelas chamadas do que as do cartel.

A investigação do «Financial Times» conclui que, nos EUA e no Reino Unido, onde o monopólio dos serviços internacionais foi quebrado, os preços não têm sofrido alteração significativa.

DL/Lusa

B R E V E S

Mundicenter investe um milhão de contos

A compra e construção de um imóvel, no valor global de um milhão de contos, é o que consta do plano da investimentos para este ano feito pela Mundicenter, sociedade imobiliária, que tem a seu cargo a exploração do «Amoreiras Shopping Center», perto do qual se situa o terreno já adquirido. Esta empresa, que tem um capital social de 4,05 milhões de contos, vai lançar um empréstimo obrigacionista de 500 mil contos, destinado a cofinanciar o projecto de investimento.

Somil vai distribuir dividendos

A Somil, Sociedade Monumental Eléctrica, vai distribuir, pelos seus accionistas, 50 mil contos de dividendos, o que corresponde a 127,5 escudos por acção. A empresa fechou o exercício do ano passado com 156,1 milhares de contos de resultados líquidos, o que corresponde a mais 38 por cento do valor apurado em 1988. A facturação prevista para este ano é de 3,3 milhões de contos, contra os 2,5 do ano passado, altura em que vendeu para o mercado externo marcadorias no valor de 353 mil contos, 14 por cento do valor global.

Crédit Lyonnais aumenta lucros

Um aumento de 65 por cento nos lucros líquidos foi quanto registou o Crédit Lyonnais Portugal, ao passar de 1,3, em 1988, para 2,15 milhões de contos no ano passado. A assembleia geral de accionistas aprovou a distribuição de um dividendo de 283,8 escudos para as acções numeradas de 1 a 250.000.000 e de 129 escudos para as numeradas de 2.500.001 a 3.000.000, este último correspondente ao aumento de capital efectuado em Junho de 1989, altura em que, no mês de Dezembro, o banco elevou o capital de três para seis milhões de contos, por incorporação de reservas.

Maconde factura 16 milhões em 89

O volume de facturação da Maconde foi, em 1989, de 16 milhões de contos, devido ao facto de ser o maior exportador de confecções com sede em portugal. Com 100 por cento de capital holandês, emprega cerca de 2.300 pessoas e pertence ao grupo MacIntosh NV. Este teve uma facturação de mais de um bilião de florins (cerca de 80 milhões de contos) e detém interesses não só em Portugal, como em Espanha, Bélgica e Holanda.

Pela primeira vez há mais de um ano

Melhoria de comportamento no sector da habitação

Em Janeiro passado os pedidos e os contratos de crédito para habitação registaram uma evolução positiva, facto que acontece pela primeira vez desde há mais de um ano, segundo revela a Associação de Empresas de Construção e Obras Públicas do Sul (AECOPS).

As taxas de crescimento destes indicadores foram, relativamente a igual mês do ano passado, de 12,1 e 13,6 por cento, respectivamente. Ou seja, o número de pedidos passou de 2767 para 3142 e o dos contratos de 2625 para 2942.

Apesar destes resultados positivos, diz a AECOPS, o consumo de cimento e de aço continuou a diminuir em Janeiro, «confirmando a tendência recessiva que a actividade registava no final de 1989». A queda do consumo de aço foi de 17,8 por cento e a do cimento de 0,6 por cento.

Entretanto, revela a Associação Nacional de Empreiteiros de Obras Públicas (ANEOP), os custos da construção evoluíram, em 1989, abaixo dos valores da inflação, mas apresentam para os próximos meses uma tendência de forte aumento (14,7 por cento, contra 11,9 de média em 89).

A ANEOP admite que em 1990 se venha a registar no sector da construção, pela primeira vez nos últimos anos, um valor superior ao do índice de preços no consumidor.

Obras públicas

Segundo a AECOPS, os sinais de evolução das obras públicas no final do primeiro trimestre são «um pouco contraditórias». Por um lado, o número e valor de concursos abertos regista uma quebra apreciável e, por outro, o número e valor dos concursos adjudicados apresentam um crescimento substancial.

Mas a ANEOP mostra-se preocupada com a atrás referida questão do aumento dos custos da construção. Para ela, os programas de investimento da Administração (central e local) devem ter em conta a variação dos custos, actualizando-se os valores que os integram e as bases de licitação que constam dos programas dos concursos públicos.

Por outro lado, afirma, também as empresas construtoras e empreiteiras têm de praticar nas suas propostas «preços realistas, que não ponham em grave risco o seu equilíbrio económico e financeiro e a estabilidade futura».

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	47$25	53$25
ALEMANHA FED. (marco)	87$25	88$45
ÁUSTRIA (xelim)	12$40	12$60
BÉLGICA (franco)	4$025	4$275
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	126$95	129$45
(notas de 5 a 1000)	127$45	129$95
DINAMARCA (coroa)	22$80	23$20
ESPANHA (peseta)	1$336	1$456
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	148$45	151$95
(notas de 5 a 1000)	148$95	152$45
FINLÂNDIA (marka)	37$00	37$60
FRANÇA (franco)	25$95	26$65
HOLANDA (florim)	77$50	78$60
IRLANDA (libra)	235$05	239$05
ITÁLIA (lira)	$108	$123
JAPÃO (iene)	$901	$956
NORUEGA (coroa)	22$55	23$05
REINO UNIDO (libra)	245$05	249$55
SUÉCIA (coroa)	24$15	24$65
SUÍÇA (franco)	98$65	100$15
VENEZUELA (bolívar)	2$625	3$425

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

CULTURA

olhar de mocho

Anti-reportagem

Se o tema é Cabo Verde, o filão de aspectos a dar a cara à reportagem é quase inesgotável: estamos em maré de comemoração dos Descobrimentos; a ex-colónia foi um ponto estratégico para as viagens da África; a população, os cabo-verdianos, tem coisas a dizer quer no Portugal de hoje quer em alguns países europeus; a língua crioula também se presta a várias excursões jornalísticas; e finalmente, a questão das guerras coloniais.

Pois bem, nada disto interessou aos repórteres. Continuamos à espera que alguém aborde, finalmente, o problema da colonização e da descolonização. O que Portugal foi lá fazer, o que lá deixou, o que foi em Cabo Verde a «expansão da fé e do império». Em vez disto veio uma inócua dissertação jornalística sobre o pluripartidarismo como se, esse tema pudesse ser abordado sem referenciais à história do povo que foi colónia. Começa a ser sintoma preocupante que o tema das colónias e da descolonização continue aferrolhado na estante dos livros proibidos, um neo-*Index librorum prohibitorum:* o tema ainda é tabu, e nós, portugueses, somos foleiros em relação à nossa própria história. As guerras coloniais traumatizaram tanto a nossa identidade nacional como uma parte não despiciente da população. E contudo, continuamos a recalcar o tema, a adiá-lo, tentando fazer-lhe o túnel, como dizem os repórteres do futebol, dos artistas da finta, e a ignorar coisas televisivas, algumas delas até já cá passadas, sobre os britânicos e o seu império, os americanos e o Vietname ou o «submarino» teutónico.

No início da reportagem, o moderador afirmou solenemente que iria falar da cultura de Cabo Verde «à qual Portugal deu uma contribuição inestimável». Mas na reportagem não se viu nada: nem contributo, nem inestimável. Foi só miséria, pobreza e reaccionarismo político: tentativa de substituir o alegado «marxismo-leninismo» por uma alegada «democracia cristã».

Quando ao longo de toda a reportagem nos apresentam o arquipélago de Cabo Verde reduzido a três temas - jovens que pretendem vir estudar para Lisboa, pescadores a remos que gostariam de ter dinheiro para comprar um motor para o bote e um padre a invectivar contra o marxismo-leninismo -, então sobejam razões para nos envergonharmos da nossa história. Se a fé e o império só geraram isso, nem sequer ficam migalhas para uma pseudo-ufania colonialista. Vejam lá, senhores repórteres, onde nos estão a meter e que atentado estão a passar aos nossos antepassados. Repete-se: *se* os Descobrimentos foram só aquilo que vimos no filme, então há que distinguir entre colonialismo e mera pirataria. As reportagens mal feitas podem gerar conclusões desse género. Por isso, quem não gostar de ver os seus antepassados relegados à categoria de piratas, só tem de chamar àquilo do Canal 2 de ontem uma anti-reportagem.

José Sousa Monteiro

Os filmes da semana na TV

Capra amanhã, Fassbinder na terça

A semana televisiva que aí vem é, para os fiéis dos clássicos, a semana do cinema que nós amamos. Os momentos altos acontecerão já no fim-de-semana com «Um João Ninguém» de Capra e «Dançando nas Nuvens» de Stanley Donen e Gene Kelly. Melhor que isto só a TVE a passar «Os Olhos Negros» de Mikhalkov na noite de amanhã. Mas como nem desfrutamos das boas graças de uma parabólica...

A gravar
Sábado, dia 7, 13 horas,
RTP 2
«Um João Ninguém»
de Frank Capra
Duração: 121 minutos
Fotografia: preto e branco

Se isto é filme para passar no 2º Canal a uma hora a que ninguém vê televisão! É certo que «Um João Ninguém», realizado por Capra em 1941, foi várias vezes transmitido pela RTP, mas esse facto não obsta a que estejamos diante de um clássico que merece a maior atenção por parte do público espectador.

Para a excelência do produto terá, de resto, contribuído a boa forma cinematográfica em que Capra se encontrava quando realizou este filme, sem esquecer, todavia, os dois protagonistas: a popular Barbara Stanwyck e Gary Cooper, o «americano tranquilo» que fez sonhar multidões nas décadas de 30 e 40.

Mas no que aos méritos de «Um João Ninguém» respeita, ainda não é tudo. O argumento da autoria de Robert Riskin conta-nos, por exemplo, como as frustrações de um anónimo suicida podem ser manipuladas políticamente, transformando a vítima num herói das massas.

Domingo, dia 8, 15.30
«Dançando nas Nuvens»
de Gene Kelly
e Stanley Donen
Duração: 101 minutos
Fotografia: Cor/ Scope

Embora M.S. Fonseca considere «Dançando nas Nuvens» o mais «fabulosamente triste dos musicais de Donen e Kelly», este é um daqueles filmes a propósito dos quais ainda se podia exclamar em 1955: «Isto é a MGM!»

Última película de uma trilogia composta por «On The Town» e «Serenata à Chuva», ambos da responsabilidade de Donen e Kelly, «Dançando nas Nuvens» conta-nos a história de três ex-combatentes que se reencontram dez anos após a desmobilização, com as esperanças algo amarrotadas ou esquecidas no fundo dos bolsos. Pelo meio há, como sempre, uma mulher que no caso foi também a melhor bailarina de que o cinema dispôs.

Falamos evidentemente de Cyd Charisse, glacial, sedutora e muito pouco reservada nos «avanços» explicítos que dirige a Gene Kelly ao longo de todo o filme.

A ver
Sábado, 15.30
«Uma Leoa chamada Elsa »
de James Hill
Duração: 95 minutos
Fotografia: Cor

Especialmente dedicado aos mais jovens, este é um documentário acerca de uma leoa nascida e criada em cativeiro pela zóologa Joe Adamson. Este filme não passou despercebido aos olhos de Hollywood que, aliás, o galardoaria com o Oscar da melhor canção em 1965.

Gary Cooper, o regresso do herói americano

Sábado, 00.35
«Os Olhos da Testemunha»
de Peter Yates
Duração: 108 minutos
Fotografia: Cor

Os bons intérpretes não fazem tudo. William Hurt, Sigourney Weaver ou Christopher Plummer poderão ter dado um toque de prestígio a «Os Olhos da Testemunha». Mas há algo que falta, embora saibamos de antemão que ninguém voltará a fazer «suspense» como Hitchcock.

Apesar das incoerências reconhecidas, este filme poderá ser um entretenimento curioso para os mais dados a estas matérias de crimes enigmáticos. «A Testemunha» de Peter Weir, por exemplo, é muito superior.

Domingo, 20.30,
RTP 2
«A Vida Futura»
de William Cameron Menzies
Duração: 113 minutos
Fotografia: preto e branco

Sem dispor dos meios tecnológicos e dos efeitos especiais que hoje valorizam o cinema de ficção científica, a década de 30 foi, no entanto, uma apaixonada das obras de antecipação escritas por H.G. Wells. A este propósito lembremos apenas a «Guerra dos Mundos» na sua versão radiofónica e cinematográfica.

Terça-feira, 22 horas,
RTP 2
«A Saudade de Veronika Voss»
de Rainer Werner Fassbinder
Duração: 107 minutos
Fotografia: Preto e branco

O que diria Fassbinder da Alemanha de hoje se ainda fosse vivo? O país que ele nos mostra em «A Saudade de Veronika Voss» e «Lola, uma mulher alemã» é o da decepção e dos sentimentos recalcados após 1945.

No caso do filme que a RTP hoje transmite, a história é a de uma antiga diva do cinema, cuja carreira está à beira do colapso.

Maria João Martins

Padre Fabrizi

Não era um génio, nem um símbolo. Mas foi, com Ana Magnani ou Silvana Mangano, um dos rostos mais marcantes do neo-realismo italiano e de um certo cinema que, como nenhum outro, soube explorar as possibilidades dramáticas da fisionomia.

Nascido em 1906, Aldo Fabrizi ficou para sempre ligado à cidade em que viveu os anos da meninice. Para isso bastou-lhe um filme e uma personagem: «Roma, cidade aberta». dirigido por Rossellini em 1945. O personagem foi aquele que lhe valeu a notoriedade: o sacerdote, com algo de franciscano, bom e jovial, como manda a tradição italiana, cuja missão passa também por proteger os miúdos pobres e irrequietos, sem descurar, todavia, as altas responsabilidades de que está investido em tempo de guerra. E é, assim, que ele desafia o invasor nazi quando este se vale da fragilidade de Roma, sem contar, no entanto, que uma cidade velha como o mundo é também uma cidade de todos os milagres, entre os quais se conta o da resistência à humilhação. O que os homens, quando tocados pelo amor, procuram ignorar é que o altruísmo nem sempre acaba bem e a execução do sacerdote só não é um final de todo infeliz porque nos evoca a crucificação e a possibilidade de Cristo não ter sido o único que «morreu para nos salvar».

Ao protagonizar uma das sete obras-primas do neo-realismo, Aldo Fabrizi viu injustamente esquecido todo o trabalho efectuado posteriormente. Quem, entre nós, ligaria o nome ao homem se este não houvesse sido um dos actores de Rossellini?

A ignorância que à partida peca porque é o que é, peca também neste caso porque é injusta. A verdade é que Fabrizi deu ao cinema muito mais do que uma bela personagem.

Em parceria com Federico Fellini, escreveu o argumento de «L'ultima carrozella» que Mattoli passaria ao celulóide, dois anos antes de Rosselini pegar na câmara para filmar «Roma».

Como realizador é geralmente pouco elogiado. Dizem-no discreto, quer na comédia em que procurou desesperadamente o segredo da gargalhada contagiante, quer no drama, em que se mostra demasiado propenso para sentimentos de recepção imediata junto do público. Embora questionando os méritos de Fabrizi enquanto cineasta, o que ninguém poderá pôr em dúvida é o seu trabalho de actor, para além de «Roma».

Caso contrário, o que lhe proporcionaria a rodagem de filmes sob as ordens de alguns dos mais prestigiados realizadores do pós-guerra: Comencini, Monicelli, Mattoli... ? Seria, aliás, numa película deste cineasta que Fabrizi contracenaria com outro vulto, Tótó, o comediante italiano por excelência num filme de 1960 intitulado «Tótó, Fabrizi e os jovens de hoje».

Foi este homem do cinema que morreu na passada segunda-feira aos 84 anos. Precisamente oito dias depois de Hollywood ter atribuído o Oscar de melhor filme estrangeiro a «Cinema Paradiso»...

M.J.M.

Crítica de Teatro

Aquém e além das palavras

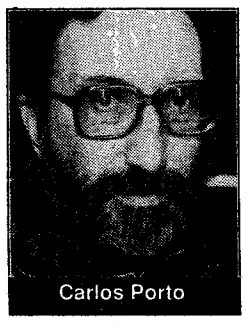
THE TIME PIECE (O RELÓGIO). Criação/Actuação: Daniel Stein. *Máscaras:* Paul Sandovale Stein. Festival Mímica no Acarte.

IL CERCHIO MAGICO (O Círculo Mágico). *Concepção/Encenação:* Carmelo Cacciato. *Luz:* Yann Marussich.

Festival Mímica no ACARTE. Sala Polivalente do CAM/4-04-1990.

É claro que a evolução da mímica não acabou com Marcel Marceau. Como diz, e bem, Peter Bu, director artístico deste festival, abriu-se um outro caminho na criação mímica que passa por teorias e experiências que se situam noutras zonas do teatro contemporâneo. Entre elas, lembra também Peter Bu, as experiências de Bob Wilson que atravessam linguagens diversas mas que têm como núcleo central uma gestualidade marcada por um extremo retardamento rítmico.

Quando se vai ver um espectáculo de mímica não se espera começar por ouvir falar. Foi, no entanto, o que se passou no espectáculo de Daniel Stein *The Time Piece*. O artista norte-americano começou por dar alguns esclarecimentos sobre o seu trabalho, acto didáctico com evidente cunho criativo, bem apoiado na colaboração do actor Paulo Filipe como intérprete.


Carlos Porto

O curioso disto consiste no facto de Daniel Stein ter dito que o seu mestre foi Étienne Decroux a quem se referimos na nota que publicamos ao lado. Por isso, e nas suas palavras, o projecto de Daniel Stein tem como base o trabalho do ginasta, o do actor e o do poeta. O artista podia ter referido uma outra dimensão do mimo contemporâneo: a dança. Porque parece evidente que este trabalho, como o de outros mimos do nosso tempo, tem também muito a ver com a dança. Algumas cenas, precisamente, funcionam como uma coreografia do silêncio, e eram talvez as melhores. O espectáculo tem um outro conjunto de cenas, a dos jogos com objectos: uma corda, máscaras, cadeiras com as quais Stein traça uma história de amor que acaba bem.

Não se pode dizer que o trabalho de Daniel Stein consiga um nível homogéneo de expressão, apesar de haver no carácter abstracto que por vezes o define, uma certa beleza, inegável qualidade. No entanto, tanto quanto me pareceu, faltava a este espectáculo aquela energia do imaginário que caracteriza outros criadores desta área.

O Círculo Mágico

Pondo em confronto os dois primeiros espectáculos deste Ciclo Mímica da ACARTE, parece verificar-se uma saudável tendência para a diversidade de experiências. Depois de um espectáculo em que vimos um artista que optou por uma linha reconhecível, embora de carácter pessoal, vimos, poucas horas depois, um espectáculo bastante diferente, criação de um artista italiano que mesmo assim não deixa de ter um elo de ligação com Daniel Stein. De facto, como este, também Carmelo Cacciato estudou mímica com Étienne Décroux. No entanto, o seu trabalho recua mais, vai até à *commedia dell'arte* e portanto ao teatro de rua.

A forte componente burlesca do início do espectáculo é depois dominada pela seriedade das suas experiências mágicas.

Com o artista italiano entramos na área da trucagem da mímica: trata-se, nessa linha, de um trabalho que nos deixa estupefactos e perturbados, pela aparente simplicidade dos processos utilizados, pela graça e comunicabilidade que o actor revela a cada momento, pela infabilidade dos seus recursos que se multiplicaram por vários extras.

Artista da ilusão, se se quiser, Carmelo Cacciato não deixa de ser um mimo: a cena da sua luta com o balão, justamente aplaudida bastaria para o comprovar.

Um espectáculo de facto mágico, daqueles sobre os quais só uma coisa se pode dizer: só visto!

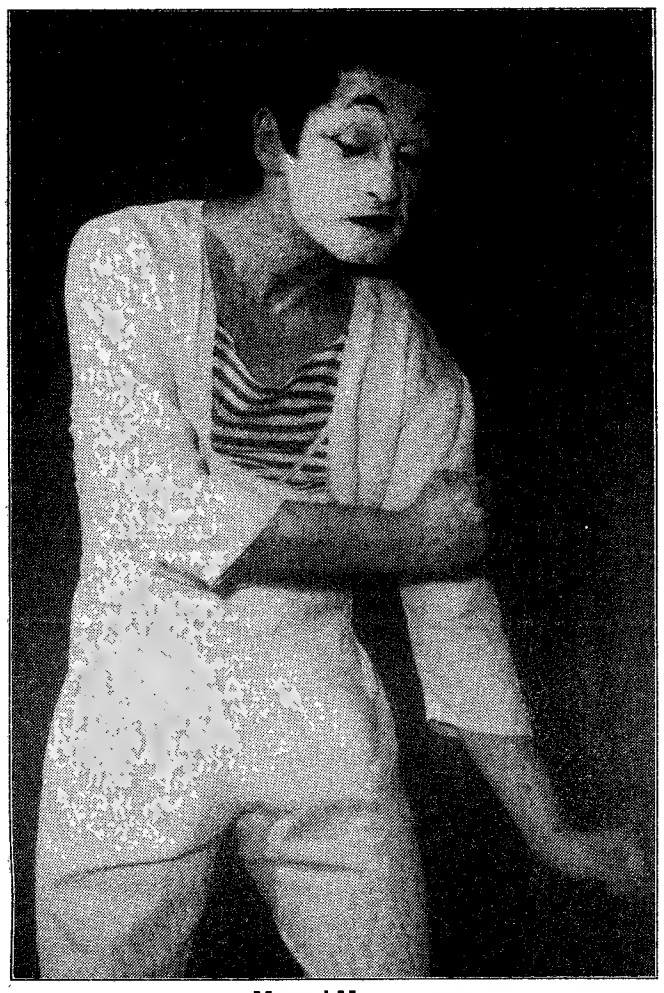
O gesto é (quase) tudo

Não custa acreditar que a arte da mímica tenha nascido antes do teatro e de qualquer outra expressão artística. Linguagem que a semiologia ajuda a descodificar, a mímica exprime e comunica através de uma técnica de gestos, de movimentos, de expressões corporais e faciais, ou de máscaras, mas o silêncio é a forma da sua escrita.

Se é uma técnica, a mímica é também uma poética, e no teatro Marcel Marceau foi quem levou mais longe essa carga, como Chaplin e Buster Keaton o fizeram no cinema. Marceau é o último herdeiro de uma tradição riquíssima que remonta à antiguidade e, mais directa e recentemente, à *commedia dell'arte*, em Itália de onde passou para França e neste País foi retomada, no século XIX por um grande artista, Gaspar Debureau, mais tarde por Séverine e Wagne. Nos anos 20, Étienne Decroux, que trabalhou com Copeau e Dullin, assume a arte mímica como arte maior, conceito que o seu aluno Jean Louis Barrault alimenta e prolonga. Ambos interpretam o filme de Carné «Les Enfants du Paradis» (1943). Outro discípulo de Decroux, Marcel Marceau, tornou-se o maior criador da mímica e de mimodrama do nosso tempo. Ficaram célebres o seu mimodrama *O Capote*, inspirado em Gogol, e a personagem Bip. Marcel Marceau trabalhou várias vezes em Portugal.

Depois de ter apresentado um delicioso espectáculo de mímica e máscaras, Os Batatinhas, de um grupo canadiano, o ACARTE está a apresentar um pequeno ciclo dedicado à mímica, dirigido por Peter Bu. São diversificadas as origens dos artistas convidados: Estados Unidos, com Daniel Stein; Itália, com Carmello Cacciato; Grã-Bretanha, com Nola Rae; RFA, com Habbe+Meik; Argentina, com Benito Gutmacher. Curiosamente, não consta da lista nenhuma representação francesa o que talvez indicie uma possível crise do género.

Entre os artistas presentes no ACARTE, a admirável Nola Rae, que já passou por cá.


Marcel Marceau

Tom Krause em São Carlos

Dir-se-á que a Finlândia caprichou em produzir algumas das melhores vozes graves masculinas dos últimos tempos. Basta referir Kim Borg, Tom Krause, Martti Talvella (infelizmente falecido não há muito) e Matti Salminen, que se nomeiam por ordem cronológica de nascimento, respectivamente em 1919, 1934, 1935 e 1945. Vozes de excelente qualidade sem dúvida, mas, por igual, intérpretes de grande classe.

Pois foi um dos cantores citados que agora se apresentou no Teatro de São Carlos. Tom Krause fez-se ouvir ontem à noite, num recital com «lieder» de Sibelius, Ricardo Strauss e Schumann. Acrescente-se que o público lisboeta já tivera ensejo de o apreciar ao vivo naquele mesmo local e também como intérprete de «lieder». Recordo-me perfeitamente: foi há 15 anos, em Fevereiro de 1975 (quando era director do Teatro o dr. João de Freitas Branco), num programa consagrado a Schubert, que incluía a colectânea designada «O Canto do Cisne». Krause encontrava-se no apogeu da sua arte, dos seus recursos.

Quais as impressões colhidas desta vez? O primeiro comentário é que continuamos a estar perante um artista de enorme categoria. O que será quase um lugar-comum, se nos lembrarmos da sua carreira que tem abarcado estilos, géneros e obras da maior diversidade, no grande tablado internacional do teatro e do concerto.

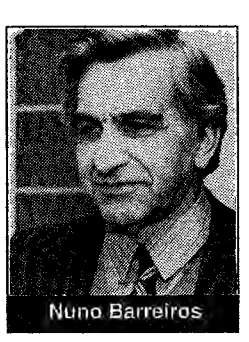
O à-vontade, a presença, a propriedade das inflexões, um sentido aprofundado da caracterização de cada trecho, tudo isso seria de esperar, e não foi desmentido. Por outro lado, mantém-se uma das peculiaridades de Krause: o seu timbre marcadamente «escuro», e não propriamente brilhante, refulgente. Tal peculiaridade não há, porém, que confundi-la com diminuição de volume ou menor firmeza quanto a igualdade nos vários registos.

Num ou noutro pormenor ou trecho a voz pode ter soado agora um pouco menos ampla? Talvez. Mas, nas suas virtualidades essenciais, a voz e a técnica de Tom Krause impuseram-se por um equilíbrio e um domínio de alto estofo. A bonita meia-voz, a intencionalidade, a desenvoltura nos limites do mais estrito bom gosto: são alguns dos predicados que importa sublinhar.

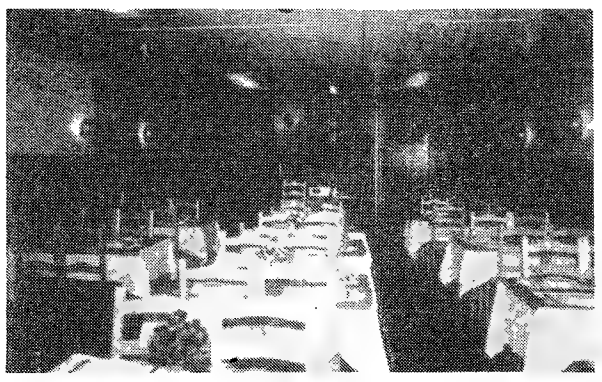
De resto, é lícito estabelecer preferências quanto ao que nos foi ofertado. Ou reconhecer que o recital decorreu num «crescendo» de interesse. Começou por mergulhar, e de maneira adequada, num certo clima de balada com as peças de Sibelius.

E atingiu momentos de particular intensidade em Ricardo Strauss, nomeadamente na modelar versão de «Ruhe, meine Seele». Deve reconhecer-se que «Morgen» já não se revestiu dessa excepcional altura interpretativa. Aliás sentiu-se, aqui e além, uma tendência, porventura excessiva, para a adopção de andamentos substancialmente mais lentos, contrariando um pouco a índole da música.

Em contrapartida, o sempre admirável ciclo schumaniano «Dichterliebe» («Amores de poeta») beneficiou de uma penetração psicológica, de uma compreensão e valorização no duplo plano musical e poético, que é de inteira justiça sublinhar. Só um cantor-intérprete de eleição conseguiria o misto de afectuosidade, de lirismo, de exaltação amorosa e mesmo dramática (sem «grandes gestos» despropositados) que caracteriza esse monumento de poesia-por-música.


Nuno Barreiros

Pena foi que o pianista Mikael Eliasen (pese embora o seu curriculum apreciável) não tivesse correspondido em finura, em intencionalidade e em «coloração» pianística ao que o cantor pedia e merecia. É que, não raro, faltou mesmo no piano o clima, o envolvimento requerido...

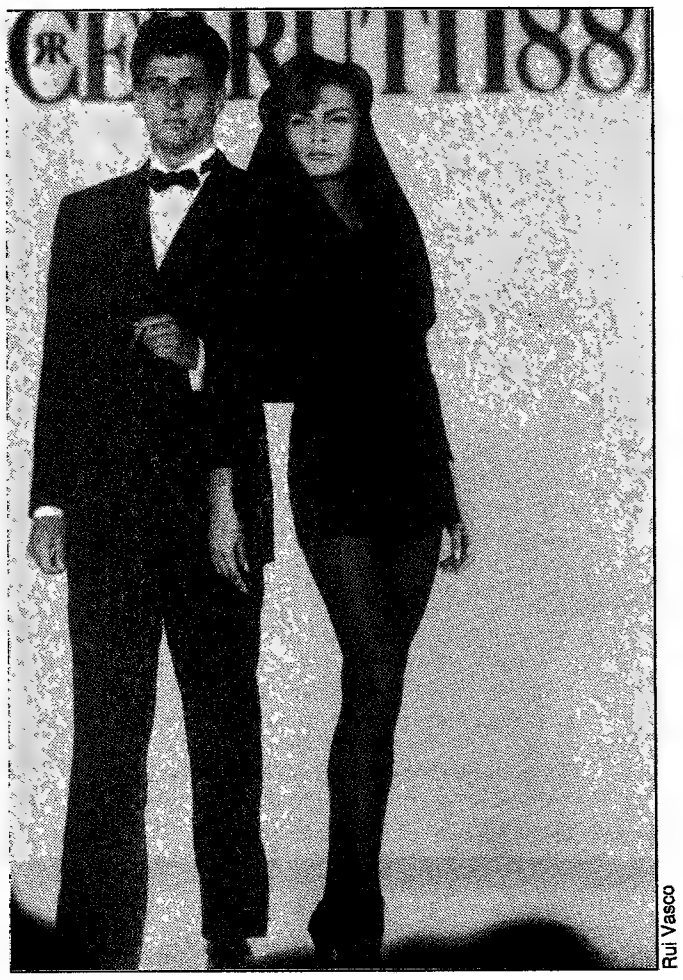


MONTECARA
RESTAURANTE TÍPICO

SERVIMOS JANTARES E CEIAS
CACHUPA - MOAMBA - CHABÉU
CALDO DE MANCARRA
CARIL DE CAMARÃO

MÚSICA AFRICANA DA GUINÉ-BISSAU
COM O GRUPO **TABANCA JAZZ**
Dias 13 - 14 - 15 - 18 E 19

COZINHA AFRICANA
RUA DO SOL AO RATO - 71 - 1200 LISBOA TEL. — 688738



Rui Vasco

A verdadeira elegância reside no equilíbrio, na harmonia com se conjugam cores e detalhes de desenho. Estas peças de Cerruti, incluídas na sua colecção de Primavera/Verão, ilustram bem o que é o bom gosto. Feminilidade acentuada, um vago toque erótico que a transparência da organza negra insinua. Para o homem, uma indumentária que não destoa do seu par, embora constitua uma proposta mais clássica

Colecção Primavera/Verão de Cerruti

O inconformismo clássico

Num certo conceito de chique descontraído se baseou a colecção, tanto para homem como mulher, de Nino Cerruti, apresentada ontem, no hotel Meridien, perante uma assistência seleccionada, provavelmente a clientela com poder de compra para consumir uma marca que significa classicismo renovado, conforto, movimento, luxo comedido e um toque "exquis" aflorando no desenho. Para a Primavera e Verão de 1990, as propostas de Nino Cerruti, declinadas no feminino, traduzem-se em ombros reduzidos, silhuetas estilizadas e num engenhoso jogo de peças e de materiais. O desfile abriu com um *tailleur* negro, cingido ao corpo e muitíssimo elegante. Saia curta, a bater no joelho, blusa branca de seda e decote subido. Se quisermos definir este conjunto, então diremos que se trata de um rigoroso exercício de simplicidade e de subtileza.

Ao homem, de bom gosto e sem complexos, oferecem-se diversas possibilidades de seduzir. A elegância reside no branco misturado com o preto. Calças brancas e casaco preto ou vice-versa, indumentária que não dispensa a gravata da cor de uma das peças, em contraste com a camisa que é do mesmo tom da outra. Quando as sugestões apontam para o fato completo, colete incluído, convem usar um lenço de seda e, talvez, o chapéu de palhinha forneça uma leitura que evoca os tempos do Bugatti. Mas também se oferece a hipótese das bermudas que exigem meias até ao joelho, roupa adequada a situações informais, que, por sinal, provocou alguns risos na sala. Confesso que não percebi porquê. As pernas dos homens não são assim tão feias, e se as mulheres as mostram não vejo qualquer razão inibidora, no que respeita ao sexo oposto.

Da colecção masculina que Cerruti elaborou, versão casual, destacam-se ainda as calças de riscas pretas na vertical sobre um fundo branco, onde sobressai o detalhe da algibeira, de tamanho acima do normal, com as riscas invertidas, ou seja, na horizontal. Quanto aos fatos de passeio, dá-se ênfase aos tecidos leves e fluídos, com um cair escorregadio, qualidade que deriva de serem lã, da melhor, linho puro ou seda natural. Da paleta de cores, o autor serviu-se de um leque de castanhos amenizados com tons neutros, dos cremes e verdes bronze. Acabamentos e pormenores conferem à colecção uma sobriedade insinuante. É o estilo de Cerruti, um mestre que convoca tradição e comtemporaneidade, sabe interpretar o tempo em que vivemos.

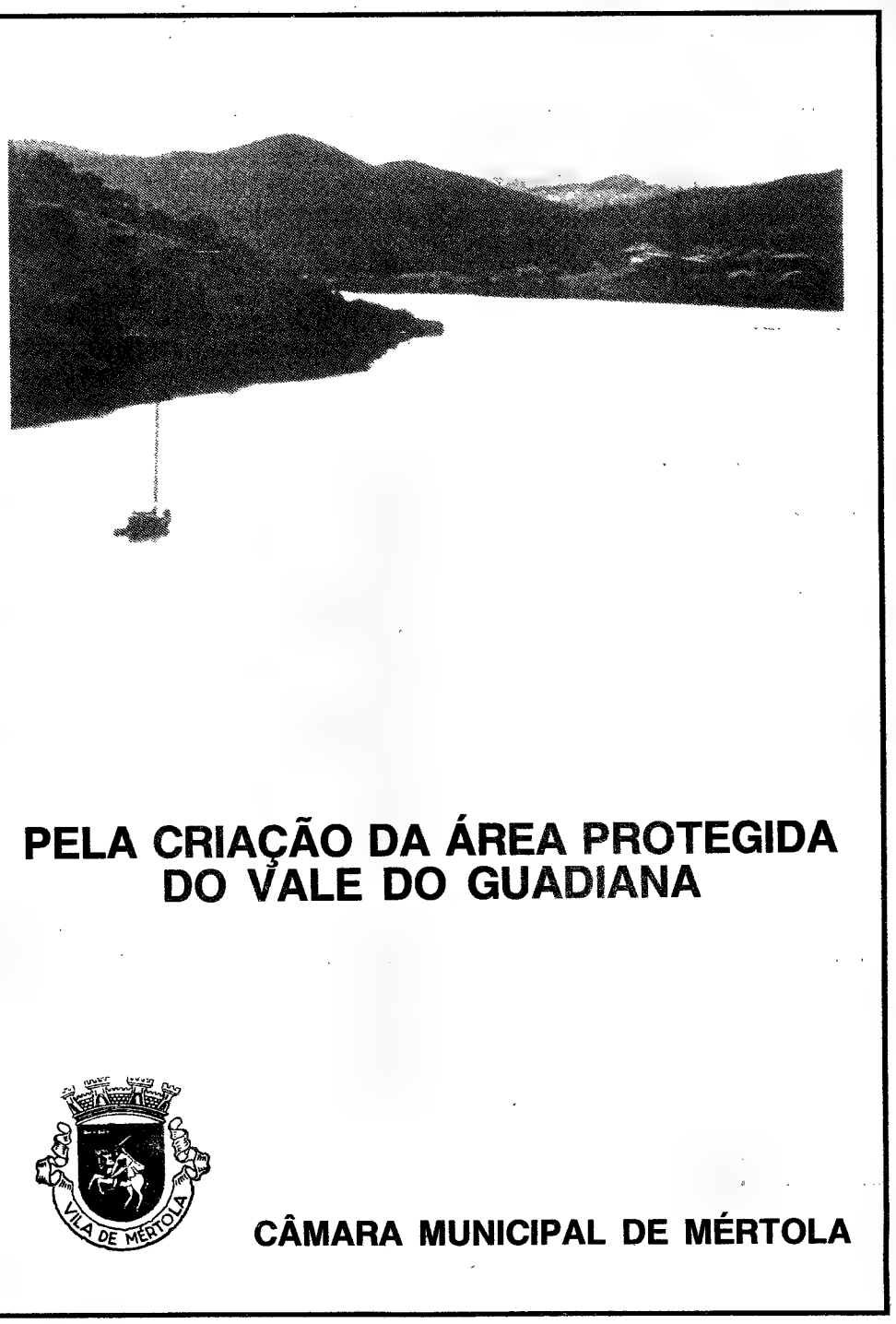
Normalmente, na moda feminina e masculina, opta pelas linhas depuradas, nada de concessões ao fácil, à sobrecarga grosseira de elementos decorativos. O seu sentido estético leva-o a preterir os estampados, nunca se afasta dos tons lisos. No vestuário feminino fortalece-se a tendência do justo, das saias cruzadas com fendas, a partir do cimo da coxa, e que revelam a perna quando se anda. Idêntica solução surge nas calças, conjugadas com blusas de organza negra que comportam um capuz assimétrico.

Cerruti proporciona, ainda, às mulheres, a alternativa do *body*, em seda ou jersey. Sempre negro, restitui o protagonismo ao negro que tem estado arredado das colecções da maioria dos criadores. Contudo, o desfile terminou com o branco do traje da noiva simulada. Um lindíssimo vestido com capuz, cujo corte deixa o ombro à vista, na saia inscreve-se um oportuno drapeado do lado direito. Resumindo: uma proposta de moda que fala de inconformismo em doses quante baste.

Lourdes Féria

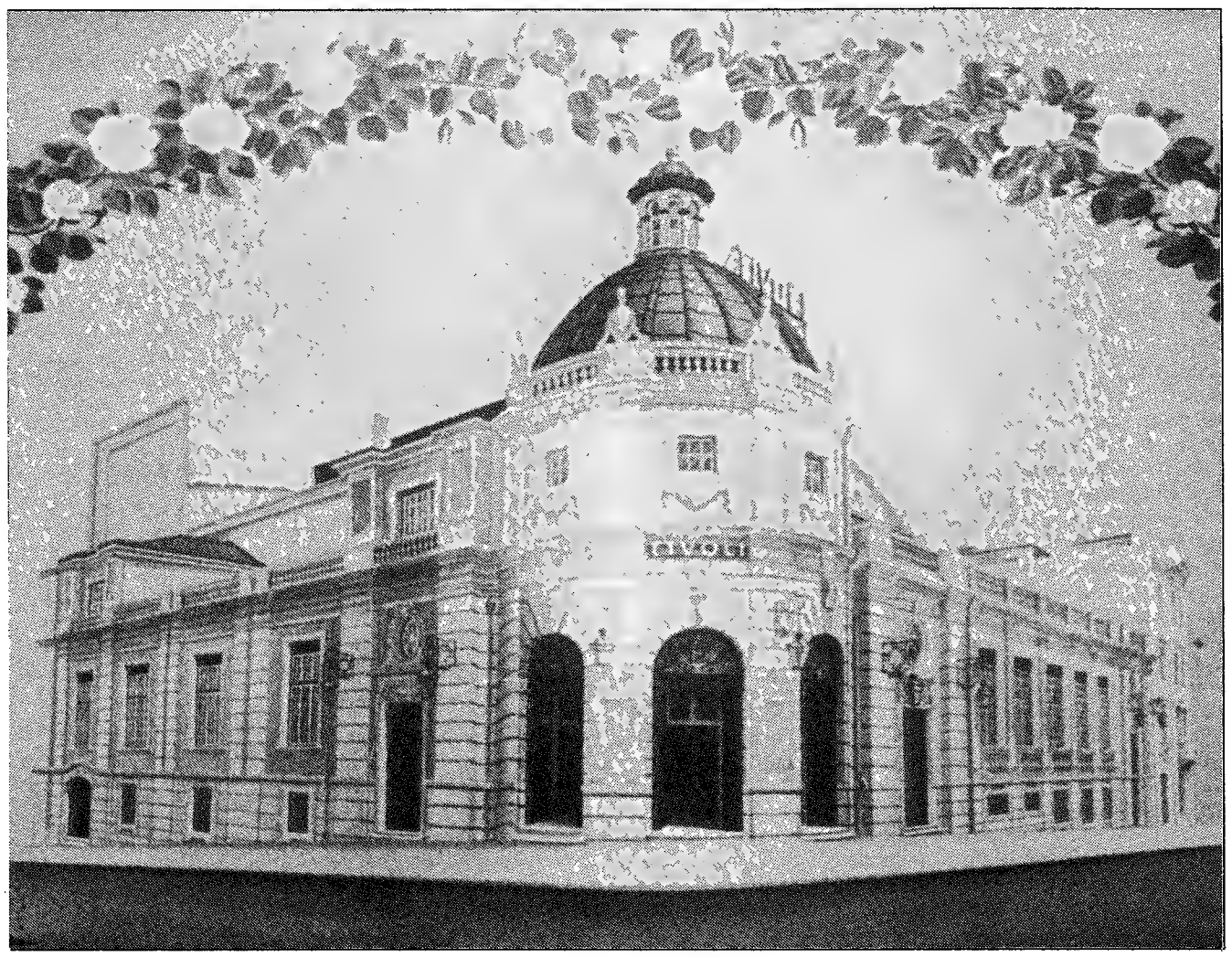
Teatro: um atraso e uma estreia

Devido ao atraso das obras actualmente em curso na zona de palco do Teatro Nacional D. Maria II, a abertura da temporada naquela sala só ocorrerá no Outono. É assim que a anunciada estreia para Junho da revista à portuguesa «Passa por Mim no Rossio», da autoria de Filipe La Féria, fica adiada até data a indicar. Quem estreia já esta noite é o Teatro Experimental do Porto, que apresentará a peça «Max e Milla».



PELA CRIAÇÃO DA ÁREA PROTEGIDA
DO VALE DO GUADIANA

CÂMARA MUNICIPAL DE MÉRTOLA



Tivoli, a primeira grande sala de Lisboa para o cinema sonoro

Há 60 anos

Cinema sonoro começou na Graça

O cinema sonoro inaugurou-se em Portugal fez ontem 60 anos. Não, não foi *The Jazz Singer* a película à qual coube a honra, pois o filme nem sequer foi estreado numa sala importante da capital. Os «fonofilmes», como então se chamavam, iniciaram-se com a película de W.S. van Dyke, *White Shadows in the South Sea*, estreada no Royal Cine a 5 de Abril de 1930 na presença do Presidente da República, Óscar Fragoso Carmona.

A fita, que recebeu o título português «Sombras Brancas nos Mares do Sul», conta como um médico branco alcoolizado (interpretado por Monte Blue) defende os nativos de uma ilha da Polinésia contra o avaro do armazém da zona. Este consegue finalmente expulsar o médico da ilha, e o seu barco é apanhado por um tufão. Naufraga e é recolhido por uma tribo de outra ilha.

Tratado como um deus branco, Lloyd - o médico - apaixona-se pela filha do chefe dos nativos e os dois estão quase a casar quando o malvado negociante chega à ilha. Depois de uma luta Lloyd é morto e os comerciantes instalam na ilha um posto onde trocam bebidas alcoólicas, algodão, tabaco e outras ridicularias por pérolas, às quais os nativos não davam qualquer valor, preferindo-lhes as conchas das ostras.

O filme tinha som síncrono num disco e utilizava aparelhos da Western Electric. A canção-tema era fraca e alguns dos sons pareciam fora do lugar. No entanto, alguns momentos eram verdadeiramente notáveis, como o choro do pai de um dos pescadores de pérolas que se afogara, ou o banquete dos nativos, a cujas danças se juntou o som de tambores e de palmas.

Foi, pois, com este filme de W.S. van Dyke que se estreou o cinema sonoro em Portugal. O realizador nascera em 1889 na cidade de San Diego (Califórnia) e começara uma carreira de actor em 1892. Foi grande amigo de David Wark Griffith, a quem assistiu em *Intolerance*, e em 1926 assinou um contrato com a MGM. *White Shadows* foi co-dirigido com Robert Flaherty em 1927-28. Em 1941 foi mobilizado por causa da II Grande Guerra, em que viria a morrer, em 1943.

O método de trabalho de Van Dyke pode ser definido pela sua própria alcunha: *one take* Van Dyke. A rapidez do seu trabalho tornou-o no realizador oficioso da Metro durante quase toda a sua carreira. Van Dyke não é, portanto, um artista, mas os seus filmes são puro divertimento. Basta lembrar *Tarzan, The Ape Man* (1932), o primeiro filme com Johnny Weissmuller e Maureen O'Sullivan no par protagonista, ou *S. Francisco* (1936), que recorda na tela o grande terramoto que destruiu aquela cidade no princípio do século. Foi à saída de outro dos seus filmes, *Manhatan Melodrama*, que abateram o *gangster* Dillinger.

De cinema a supermercado

A Graça era, nos anos 20, um bairro excêntrico de Lisboa, o que parece qualquer coisa de estranho, hoje em dia, quando ele é um dos bairros mais populosos do coração da cidade. Por isso quando constou que a Graça iria ter uma sala de cinema, muitos descreram do êxito da empresa. O galego Agapito Serra Fernandes, empresário da indústria alimentar, criou a Empresa Royal Cine, Lda. com o objectivo de construir e explorar na Graça o cinema com o mesmo nome.

Localizado na Rua da Graça, a planta e a responsabilidade da construção do cinema foi confiada ao arquitecto Norte Júnior, artista dos mais conceituados na época e que foi, por várias vezes, galardoado com o Prémio Valmor. A obra foi demorada, pois havia que demolir três barracões cujas paredes tinham uma espessura desmedida.

Inaugurado a 26 de Dezembro de 1929, o Royal Cine estabelecia a quinta-feira como o seu dia de estreia e inovava ao apresentar todas as quartas-feiras uma matinédançante, cujo acesso se fazia por convite. A orquestra privativa desta sala de cinema era dirigida por Francisco Benetó e o seu director era Aníbal Contreiras. Recorde-se a propósito que, ainda não há muitos anos, cada cinema tinha o seu dia de estreia, e as fitas não estreavam todas às sextas-feiras, como hoje.

A sala tinha uma lotação de quase 900 lugares, que se distribuíam por uma plateia, um balcão e uma ordem de camarotes de frente (de seis lugares cada) e uma outra de lado, com cinco lugares cada. A plateia tinha três coxias, e o espaço entre cada fila excedia aquele a que se estava habituado. No segundo andar, cujo acesso se fazia por duas escadarias, ficava o bar e a ampla sala de baile.

O filme que abriu a sala do bairro da Graça foi «O Cadáver Vivo», uma co-produção russo-germânica dirigida por Fedor Ozep e cujo protagonista, Pudovkine, trocara por uma vez a realização pelo trabalho de actor.

O Royal Cine é hoje um supermercado. Nada de admirar numa época em que as salas (quantas têm tantas tradições e recordações cinéfilas) estão a fechar para no local ficar uma construção descaracterizada, quando não um buraco, fazendo-se tábua - rasa de tudo quanto um edifício representa em termos de memória de uma época.

José Capas e Sousa

Nápoles na Rua do Salitre

Começa hoje ,às 17.30 , com a projecção, no Instituto Italiano de Cultura, da peça «Napoli Milionaria» ,o ciclo dedicado ao teatro de Edoardo de Filippo .

Recentemente desaparecido, o dramaturgo, actor e encenador começou a sua carreira em 1931 com a peça «Natale a casa Cupiello» e deixou ao longo de mais de oitenta anos de vida o quadro mais completo das «miserie e nobiltá» dos napolitanos mas também de todo o género humano.

Poeta cómico e ao mesmo tempo trágico das contradições , das misérias , das prepotências e das eternas e dolorosas realidades dessa cidade debaixo do vulcão, Edoardo , como o chamam simplesmente os italianos, é o espelho duma filosofia, dum modo de viver e de entender a vida todo particular e específico dos cidadãos de Nápoles.

Para o público português, vê-lo na sua eterna máscara de bochechas e olhos cavados e olhar profundo pode ser - apesar das limitações da língua , do ainda compreensível sotaque napolitano e das objectivas - uma oportunidade para conhecê-lo , para conhecer a sua obra, Nápoles e no fundo um mundo que, apesar de pobre, nunca se resignou a ter que chorar por ele .

A. B.

EDP

Direcção Operacional de Distribuição Tejo

AVISO AOS CONSUMIDORES

No próximo domingo será interrompida, durante as horas abaixo indicadas, a corrente eléctrica nos seguintes Sectores e Zonas, onde é indispensável efectuar trabalhos de ampliação e conservação das nossas redes.

Para todos os efeitos, as instalações devem ser consideradas em carga.

CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO DE LISBOA

— Conselho de Lisboa — Sector 1 — C. da Ajuda, R. das Mercês, L. da Paz. T. Paulo Martins, C. da Memória, T. da Verbena, R. Dr. António Ribeiro Santos, T. da Madressilva, R. Brotero, R. Bica Marques e imediações. Sector 3 — R. Tomás d'Anunciação, n.°s ímpares entre a R. Coelho da Rocha e R. Almeida e Sousa, R. Almeida e Sousa, entre a R. Francisco Metrass e R. Tomás d'Anunciação e imediações. Sector 5 — Av. 24 de Julho, entre a R. Rainha D. Amélia e o Mercado 24 de Julho e imediações. Sector 6 — R. Cruzeiro, T. dos Fornos, R. José Magro, R. D. João de Castro, R. Eng. António Maria Avelar e imediações. Sector 8 — Av. Defensores de Chaves, n.°s pares e ímpares entre a Av. Elias Garcia e Av. Visconde de Valmor e imediações. Sector 10 — P. Cottinelli Telmo, R. Dr. José Saraiva, R. Vice-Almirante Augusto Castro Guedes, R. Quinta de Santa Maria, R. dos Eucaliptos, Av. Cidade do Porto, Az. do Champagnat, P. Carlos Ramos, R. Humberto Madeira, R. Francisco Mantero, R. dos Logistas, R. 1.° Cabo José Martins Silvestre, R. das Escolas, P. do Norte (B. da Encarnação), R. Alferes Barrilaro Ruas, R. do Poço Coberto, B. da Encarnação, R. 7, R. 25, R. 27, R. K, R. L e imediações.
(Das 8 às 12 horas.)

CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO OESTE

— Concelho da Amadora — Zona 1 — Amadora: R. Major Cândido Pinheiro, Av. Pedro Álvares Cabral, Av. Cardoso Lopes e imediações.
(Das 8 às 14 horas.)
— Concelho de Cascais — Zona 2 — Areias: R. Barbosa Collen, E. das Areias e imediações. Murtal: Av. Infante D. Henrique, R. de Damão e imediações. Trajouce: Cerrado do Poço, estrada para a Abóboda, Ribeira de Trajouce, E. de Manique de Baixo e imediações.
(Das 8 às 14 horas.)
— Concelho de Sintra — Zona 3 — Almoçageme: Av. Brandão de Vasconcelos, R. Praia da Adraga e imediações. Fervença (parte). Queluz: Pt. Dias da Silva, Pt. Pedrosa Pimenta, R. Mateus Vicente de Oliveira, L. do Mercado de Queluz, R. Luís Simões, R. Scarlatti, R. Dr. José Alberto Ferraz, R. José António Narciso, R. Higino de Sousa, Urb. J. Pimenta, Av. General Humberto, R. Capitão António Gomes da Rocha, R. Gonçalves Zarco, Av. Infante D. Henrique, R. Diogo Cão, R. Gil Eanes, R. Tristão da Cunha, R. Fernão de Magalhães, R. Pedro Escobar, Av. António Correia de Sá e imediações.
(Das 8 às 14 horas.)

CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO DO VALE DO TEJO

— Concelho de Loures — Zona 4 — Campo de Caneças e Lugar d'Além.
(Das 7.30 às 14 horas.)
— Concelho de Alenquer — Zona 5 — Tojal, Espiçandeira, Aldeia Gavinha, Casal da Lage, Quinta dos Negros, Mato, Sobreiros, Soeiro Cunhado, Ribafria, Silveira do Pinto, Azedia, Caçoaria, Casal do Cuchaxo, Albarróis, Carapinha, Meca e Canados.
(Das 7.30 às 14 horas.)
— Concelho de Vila Franca de Xira — Zona 6 — Povos e Quinta da Fábrica
(Das 7.30 às 14 horas.)

CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO DE TORRES VEDRAS

— Concelho de Cadaval — Zona 7 — Vilar, Rechaldeira, Palais, Avenal, Pereiro, Ventosa e Pragança.
(Das 7 às 14 horas.)

DESPORTO

Agenda futebolística

1.ª Divisão

Chaves-Vitória de Setúbal; Belenenses-Vitória de Guimarães; Estrela da Amadora-Beira Mar; União da Madeira-Nacional; Boavista-Penafiel; Tirsense-Porto; Feirense-Portimonense; Sporting de Braga-Sporting e Marítimo-Benfica.

2.ª Divisão

Zona Norte: Bragança-Joane; Freamunde-Infesta; Rio Ave-Gil Vicente; Maia-Aves; Vianense-Marco; Vizela-Trofense; Fafe-Leixões; Felgueiras-Varzim; e Famalicão-Paços de Ferreira.

Zona Centro: Águeda-Académica; Mirense-Guarda; Caldas-Académico de Viseu; Salgueiros-União de Lamas; Covilhã-Oliveira do Bairro; Espinho-Benfica e Castelo Branco; Mangualde-Oliveirense; Marialvas-Peniche; e Lousanense-União de Leiria.

Zona Sul: Olivais e Moscavide-«O Elvas»; Sintrense-Silves; Portalegrense-Olhanense; Juventude-Louletano; Torreense-Lusitano; Lusitano de Vila Real de Santo António-Samora Correia; Farense-Barreirense; Alverca-Atlético; e Seixal-«O Elvas».

3.ª Divisão

Série A: Celouricense-Maria da Fonte; Ribeirão-Amares; Ponte da Barca-Prado; Lanheses-Vieira; Mirandela-Valpaços; Caminha-Macedo de Cavaleiros; Santa Maria-Vila Pouca; Moreirense-Valadares; e Esposende-Delães.

Série B: Régua-Lixa; Amarante-Rio Tinto; Cinfães-Sanjoanense; Sandinenses-Vila Real; Leça-Santa Marta de Penaguião; Paredes-Ermesinde; Pedrouços-Valadares; Valonguense-Paivense; e Lusitânia-Lousada.

Série C: Estarreja-Tabuense; Anadia-Santacombadense; Mealhada-Argus; Gouveia-Valonguense; Valecambrense-Oliveira do Hospital; Alba-Ovarense; Oliveirinha-Seia; Mortágua-Luso; e Sabugal-União de Coimbra.

Série D: união de Santarém-Torres Novas; Mirandense-Castelo de Vide; Marrazes-Alcobaça; Ferrel-Naval; Marinhense-Sertanense; Alcains-Bombarralense; Nazarenos-Alfeizerense; Estrela de Portalegre-Fátima; e União de Tomar-Alcanenense.

Série E: Loures-Cartaxo; Odivelas-Lusitânia; Futebol Benfica-Oriental; Vilafranquense-Bordéus; Sacavenense-União de Almeirim; Fanhões-Campomaiorense; Portosanense-Fronteirense; Praiense-Santa Clara; e Cacém-Câmara de Lobos.

Série F: Pescadores-Quimigal; Estrela de Vendas Novas-Beja; Amora-Vasco da Gama; Imortal-Trafaria; Esperança de Lagos-Almancilence; Leões de Tavira-Quarteirense; Santiago do Cacém-Sesimbra; Moura-Montijo; e Palmelense-União de Montemor.

Futebol: castigos, multas e suspensões

Conselho de Disciplina puxa pelo galões

O presidente do Vitória de Setúbal, Fernando Oliveira, foi processado disciplinarmente pelo Conselho de Disciplina da FPF, na sequência de declarações proferidas contra a decisão do Conselho de Justiça em mandar repetir o encontro Feirense - Setúbal.

Segundo informou o porta-voz do Conselho de Disciplina da FPF, Chumbita Nunes, o processo foi instaurado sob proposta de Fernando Seara, elemento do Conselho de Justiça da Federação Portuguesa de Futebol.

O Conselho de Justiça da FPF decidiu mandar repetir o encontro Feirense - Setúbal, referente à 21.ª jornada do campeonato nacional, dando provimento a um pedido da equipa nortenha, motivado pela decisão do árbitro em não validar um tento dos locais, no último minuto do jogo, quando os sadinos venciam por 4-3.

Chumbita Nunes revelou ainda que o Conselho de Disciplina decidiu multar o Estrela da Amadora em 475 mil escudos, devido à transmissão televisiva não-autorizada do encontro Estrela - Sporting, referente a 15.ª jornada.

O porta-voz do Conselho de Disciplina alertou ainda que, a repetirem-se casos idênticos, aquele órgão poderá, face aos regulamentos, vir futuramente a interditar os estádios dos clubes em causa.

O dirigente do Lourosa, Sérgio Jorge Santos Oliveira, foi suspenso por um ano, por se ter provado que ameaçou, com uma pistola, o árbitro do encontro Lourosa - Paivense.

Foi ainda interditado preventivamente o Estádio do Amares, na sequência de distúrbios ocorridos no jogo em que a equipa da casa defrontou o Lanheses.

Chumbita Nunes apoveitou ainda para adiantar que o processo disciplinar instaurado ao treinador do Vitória de Guimarães, o brasileiro Paulo Autuori, por declarações feitas após o jogo Futebol Clube do Porto - Guimarães, está concluído. O Conselho de Disciplina deverá pronunciar-se sobre aquele processo, na reunião da próxima semana, que foi antecipada para quarta-feira.

Relativamente ao processo disciplinar instaurado no seguimento da «estranha» quebra de energia eléctrica no encontro Setúbal - Belenenses, a contar para os quartos-de-final da Taça de Portugal, o Conselho de Disciplina deverá chegar a uma conclusão na sua reunião do dia 19 de Abril, em Tróia.

Ivkovic: dois jogos de «repouso»

O guarda-redes internacional jugoslavo do Sporting, Tomislav Ivkovic, foi suspenso por dois jogos pelo Conselho de Disciplina da FPF, ficando impossibilitado de defrontar domingo o Braga para o «Nacional» de Futebol da Primeira Divisão.

Ivkovic foi suspenso na sequência da sanção que lhe foi aplicada no encontro Sporting - Marítimo, a contar para a 26.ª jornada do «Nacional» de Futebol.

O relatório do Conselho de Disciplina faz ainda referência aos castigos aplicados aos jogadores admoestados nos encontros dos quartos-de-final da Taça de Portugal, disputados no passado dia 28 de Março, que deverão ter sido já cumpridos.

Com dois jogos de suspensão foram castigados José Neves (Valonguense), Bobó (Estrela da Amadora) e José Maria (Tirsense). Com um jogo de suspensão foi sancionado o jogador do Vitória de Setúbal, José Carvalho.

Relativamente aos encontros da última jornada do campeonato nacional, disputada no passado dia 1, destaque para a suspensão por 10 dias do dirigente do Tirsense, António Horácio Viana Salgado Leitão, tendo ainda o clube sido multado em 20 mil escudos.

O Penafiel foi igualmente multado em 35 mil escudos.

Com dois jogos de suspensão foram castigados: Vasco (Penafiel) e os dois futebolistas do Tirsense Louro e Tueba, tendo a suspensão de um jogo sido aplicada a Ribeiro (Belenenses), Eusébio (Tirsense), Pedro Martins (Feirense) e Diamantino (Chaves).

César Grácio/FPF: conflito prossegue

A reunião de conciliação realizada entre o advogado de César Grácio (João Gaspar) e Hugo Velosa (vice-presidente da Federação Portuguesa de Futebol) foi inconclusiva.

Segundo Hugo Velosa, o prazo de um mês acordado entre ambas as partes para o solucionamento do diferendo já expirou, aguardando agora a Federação o decorrer do caso em Tribunal.

Marselha e Benfica na «guerra do doping»

O Olympique de Marselha seguiu o exemplo do Benfica, e pediu à União Europeia de Futebol (UEFA) que leve a efeito o controlo «antidoping» no final do jogo a disputar dia 18 de Abril no Estádio da Luz, com o Benfica.

Espanha: «Copa» para o «Barça»

Com golos de Amor e Julio Salinas, o Barcelona venceu, ontem, no Estádio Luis Casanova (Valência) o Real Madrid por 2-0 conquistando a Taça do Rei.

Entretanto, Paulo Futre retomou os treinos limitando-se a uma corridinha ao redor do rectângulo. O contacto com a bola só na próxima semana.

Presidente da FIFA entre nós

O presidente da Federação Internacional de Futebol (FIFA)), o brasileiro João Havelange, inicia amanhã uma visita de quatro dias a Portugal, na qual será recebido, entre outras personalidades, pelo Presidente da República, Mário Soares.

Ribeiro de Magalhães, presidente adjunto da Federação Portuguesa de Futebol, revelou o programa oficial da visita de João Havelange de João Havelange, no qual se destaca um jantar oferecido amanhã por Mário Soares, no Palácio de Belém.

Havelange tem a sua chegada prevista ao aeroporto da Portela, às 9.40 horas, deslocando-se posteriormente para o hotel onde ficara instalado durante a sua estada. Pelas 15 hoas, o responsável máximo da FIFA dará uma conferência de Imprensa no Hotel Altis, em Lisboa, na qual estarão ainda presentes dirigentes da FPF.

Às 20.30 horas, Havelange desloca-se a Belém para um jantar oferecido pelo Presidente da República, durante o qual o líder do órgão máximo do futebol internacional será homenageado, no seguimento da decisão daquele órgão em conceder a Portugal a organização do Mundial de futebol de Sub-19 de 1991.

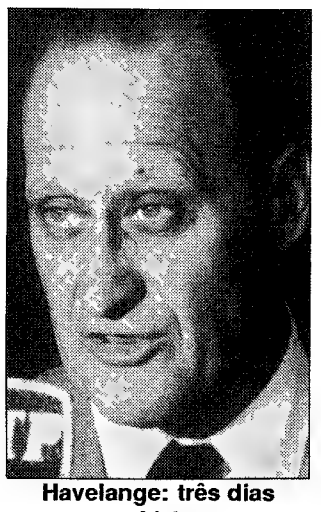
Para domingo, o programa de Havelange inicia-se às 15 horas com a abertura da reunião entre técnicos da FIFA, dirigentes da FPF e da firma patrocinadora do mundial de juniores «A» (Coca-Cola), que será representada pelo seu presidentte.

Na segunda-feira (dia 9) João Havelange será recebido, às 11 horas, pelo ministro Roberto Carneiro, participando depois num almoço com dirigentes desportivos nacionais no qual deverão estar presentes os presidentes das associações portuguesas de futtebol, elementos da direcção da FPF, presidentes dos seus órgãos sociais, o presidente da Mesa da Assembleia Geral da Federação, e os presidentes dos clubes da primeira divisão nacional.

Às 20 horas, Havelange voltará a participar numa reunião de trabalho com técnicos da FIFA, e elementos da FPF, e «Coca-Cola», viajando da manhã de terça-feira para Paris.

Fernando Oliveira vai queixar-se

Segundo um telex da Lusa, o presidente da direcção do Vitória de Setúbal, Fernando Oliveira, irá solicitar uma audiência a João Havelange, para se «*queixar dos atropelos cometidos pelo Conselho de Justiça da FPF, em relação às leis da FIFA.*« O caso da decisão daquele órgão federativo em mandar repetir o jogo Feirense-V. Setúbal com base em declarações de agentes policiais, estará na origem dos propósitos de Fernando Oliveira. Naturalmentte que Havelange não quererá intrometer-se nas decisões tomadas por uma federação nacional. E bom será que assim seja.



Havelange: três dias em Lisboa

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES
SOS CTC
OS PROFISSIONAIS DO SOM, TELEVISÃO E DO VIDEO

Trabalhamos hoje com a tecnologia do amanhã, 27 anos ao serviço da Electrónica

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES, 24 h de atendimento

*Reparamos hoje, em sua casa, o seu **TV** ou **VIDEO***
Frota equipada com rádio-telefone, para maior RAPIDEZ e EFICIÊNCIA

☎ 899762 - 899826 - 8482786

Av. S. João de Deus, 13-B
R. de Macau, 8
LISBOA

Ténis: Estoril Open

Berger, Sanchez e Thomas Muster são os candidatos ao trono

O «Estoril Open» parece que não pode passar um dia sem que um cabeça-de-série, pelo menos, seja «decapitado». Ontem foi a vez do espanhol Sergi Bruguera, o oitavo tenista do torneio e 30.º do «ranking» mundial, cair sob as raquetadas do argentino Franco Davin (85.º), pelos parciais de 7-5 e 6-4, no último encontro da jornada, já disputado sob a luz artificial dos potentes holofotes montados no «Stadium» do Estádio Nacional.

Foi o primeiro confronto entre estes dois jovens valores do ténis mundial. Sergi com 19 anos e Franco com 20. A classificação ATP e os resultados por ambos alcançados no passado indicavam um outro desfecho, e quase todos apostavam numa meia-final entre Thomas Muster e Sergi Bruguera.

Só que o jovem catalão está a atravessar uma crise de confiança nas suas possibilidades, provavelmente originada pelas derrotas que sofreu no passado mês de Fevereiro, quando foi chamado por Manolo Orantes a defender, pela primeira vez, as cores da Espanha na Taça Davis. A Espanha foi então eliminada em Barcelona pela Áustria, logo na primeira ronda, e terá agora de disputar a «barrage» para não descer da divisão principal. Todos puseram as culpas da derrota nos ombros ainda pouco largos do tenista de Barcelona e ele terá acusado o toque.

Aliás, depois do encontro com Davin, perguntámos a Luís, seu pai e treinador, se esse não seria de facto o motivo para a fase menos boa do seu filho, e o pai Bruguera, simpático mas reservado, acabou por soltar um muito significativo «es possible que si».

De facto, a chave do encontro residiu essencialmente no factor psicológico, e na capacidade mental de cada um dos protagonistas em superar os problemas técnico-tácticos apresentados pelo adversário.

Jay Berger em acção no Jamor

Tratou-se de um encontro extremamente aborrecido para os espectadores, porque ambos os tenistas optaram por uma toada defensiva do fundo do «court», só a espaços interrompida por mudanças de ritmo que frequentemente terminavam com os pontos, e ainda por cima sob uma insistente chuva «miudinha» de enregelar os ossos.

Franco Davin, o argentino que tanto deu que fazer a Cunha e Silva quando ambos deambularam pelo circuito júnior sul-americano, revelou-se mais paciente, e com uma evidente frescura física, a contrastar com um estranho cansaço do espanhol, que até dispôs de dois dias para recuperar do pouco esforço despendido na segunda-feira.

Mas o tenista das pampas merece ainda o mérito de ter escolhido a táctica mais correcta frente a Bruguera. Sergi gosta de disparar fortes tiros para os ângulos do «court», quando consegue jogar dentro do campo. Ora o que Davin fez foi jogar com um «heavy spin», de modo a mantê-lo uns bons dois ou três metros atrás da linha de fundo, e obrigá-lo a falhar por falta de consistência. Havia ainda outra variante, que consistia em aproveitar essa posição recuada para disferir desmoralizantes «amorties», sobretudo de direita.

No entanto, voltamos a insistir na autêntica guerra de nervos que se passou dentro do campo, principalmente na primeira partida, quando se verificaram cinco «breaks». Na derradeira partida, o espanhol lutou como pôde, mas era evidente o seu desespero, com constantes interpelações ao árbitro, público e a si próprio.

Favoritos em frente

Tirando este percalço de Bruguera, todos os restantes cabeças-de-série asseguraram a passagem aos quartos-de-final, embora seja de registar a dificuldade de Jay Berger, o norte-americano que lidera a lista dos favoritos (agora reduzida a três), em ultrapassar o haitiano Ronald Agenor, pelos parciais de 7-5 e 7-6 (7-5).

Emilio Sanchez, o terceiro jogador da prova, encontrou também uma resistência interessante por parte do seu compatriota Tomás Carbonell, mas o espanhol, 13.º da tabela ATP, acabou por contornar mais este obstáculo por 6-4 e 6-3. É curioso que, embora compatriotas, Sanchez e Carbonell efectuaram apenas o segundo confronto entre ambos (pelo menos oficialmente), e Emilio arrasara Tomas no ano passado em Bordéus, por esclarecedores 6-0 e 6-3.

Quanto a Thomas Muster, o quinto melhor classificado do torneio no «ranking», terminou com o último «qualifyier» ainda presente no quadro principal, o francês Fabrice Santoro, o mais novo jogador do «Estoril Open», com apenas 17 anos. Santoro, que recebe conselhos técnicos de Gene Mayer, o norte-americano que chegou a ser o sexto classificado da hierarquia mundial (ambos batem a direita e a esquerda com duas mãos), ainda fez o austríaco suar durante o primeiro «set», que só perdeu por 7-6 (7-3) mas, no segundo, Muster esteve imparável, terminando a contenda com simples 6-2.

De salientar ainda a pequena surpresa que constituiu a derrota de Paolo Cane (que eliminara antes Nuno Marques), o 33.º da lista ATP, frente ao 70.º figurante da mesma relação, o espanhol Juan Aguilera (que já dera conta de Andrés Gomez, o 15.º ATP), pelo resultado de 6-2, 6-7 (5-7) e 6-4, num encontro que se prolongou por quase três horas de jogo.

Nos restantes embates da segunda ronda, o holandês Paul Haarhuis bateu o jugoslavo Goran Prypic por 6-2 e 6-1, o italiano Omar Campoere derrotou o checoslovaco Karel Novacek por 7-6 (10-8), 4-6 e 6-1, e o espanhol Jordi Arrese eliminou o soviético Andrei Chesnokov por 6-2 e 6-2.

Os quartos-de-final disputam-se hoje, e alinham os seguintes jogadores (a jornada iniciou-se às 11): Thomas Muster - Juan Aguilera, Emílio Sanchez - Omar Camporese, Franco Davin - Paul Haarhuis e Jay Berger - Jordi Arrese. Destaque ainda para o encontro da noite, a partir das 19 horas, o último da ronda inaugural de pares e que conta com a participação de Nuno Marques: Tomás Carbonell / Karel Novacek (os cabeças-de-série número três) - Sergi Brugera / Nuno Marques. Um dos aliciantes deste embate é que todos os jogadores já foram eliminados nos singulares, pelo que vão, por certo, dar o seu máximo.

Hugo Ribeiro

Acabaram-se as dúvidas

Grande Prémio de Portugal já está confirmado

«A confirmação do Grande Prémio de Portugal para o dia 23 de Setembro já entrou na FISA» — Garantiu César Torres, adiantando: «O ACP nunca deixou de trabalhar na organização da prova, mas agora vamos ter de trabalhar mais depressa».

Referindo-se ao diploma ontem aprovado pelo Conselho de Ministros que viabiliza a requisição civil do Autódromo do Estoril, o presidente do ACP salientou que se trata de *«um decreto genérico, para todas as modalidades e não apenas para a Fórmula Um e as corridas do nacional de velocidade». «Gostaria que se consiga chegar a uma solução pelo diálogo e que não seja necessário recorrer à requisição do Autódromo»* — disse César Torres, adiantando que, com a aprovação deste diploma, o ACP vai realizar as corrideas do nacional de velocidade.

Segundo César Torres, o Grande Prémio de Portugal estava em dúvida antes da decisão do Governo por subsistir a possibilidade de o Tribunal Municipal de Cascais (CMC) e a Autodril, devido ao recurso apresentado pelos proprietários do Autódromo.

«Além disso também havia dúvidas sobre a possibilidade de serem montados no Autódromo os equipamentos necessários para a realização do Grande Prémio» — sublinhou o presidente do ACP.

Teotónio Pereira, (administrador da Autodril) mostrou-se «satisfeito» com a decisão do Conselho de Ministros, pois *«o seu espírito é o de preservar a Fórmula Um em Portugal, o que também é a intenção da Autodril». «Nunca questionámos a realização do Grande Prémio de Portugal, até porque o protocolo que o permite mantém-se em vigor»* — frisou Teotónio Pereira, considerando que *«a Fómrula Um só foi posta em questão por César Torres».*

O administrador da Autodril considerou que a decisão governamental *«não fez mais do que chamar a atenção de César Torres para o facto de ele estar a abusar dos seus poderes»*, mas referiu ser *«absurdo requisitar uma coisa que é irrequisitável, por estar disponível».*

Revelando-se «muito satisfeito' com o modo como decorrem as negociações entre o Governo e a sua empresa, Teotónio Pereira adiantou que a figura da requisição civil «apenas teria razão de ser» no caso de o tribunal da Relação de Lisboa anular o protocolo celebrado entre a Autodril e a CMC.

•

Para já, uma certeza: no próximo dia 23 de Setembro iremos ter o Grande Prémio de Fórmula Um, no Estoril, mas quanto à realização das provas dos nacionais de velocidade não é crível que a aprovação do diploma governamental que regulamenta a lei de bases no aspecto da requisição civil, venha a contemplar provas de âmbito nacional. E já consta que a «velocidade» passe para recintos espanhóis. Aguardemos.

CENTRO MÉDICO E DENTÁRIO

COSMÉTICA E ESTÉTICA DENTÁRIA

DENTES FIXOS E MÓVEIS (Prótese fixa adesiva)

•ORTODÔNCIA• RX• ULTRA-SONS
•OBTURAÇÕES A ULTRA-VIOLETAS
•DOMICÍLIOS A PESSOAS INCAPACITADAS
CLÍNICA GERAL
HORÁRIO: 9 às 13 e 15 às 20h.
(Atende sem marcações casos urgentes)

cm sg

Av. Guerra Junqueiro 5 – r/c
Tel.: 84 88 158
(Metro Alameda)

O PARAÍSO A DOIS PASSOS DE LISBOA

A DECISÃO CERTA!
A GARANTIA DO ÊXITO!
Estamos aptos a preparar-lhe o seu
CONGRESSO.
Confie na nossa experiência!
HOTEL ★★★
VALE DE LOBOS

SEMINÁRIOS - REUNIÕES - CONGRESSOS
• 9273419
VALE DE LOBOS • 2715 SABUGO 9273401 • 9274626
FAX: 9274656 • TELEX: 44564 - VALOBO P

VILA DE ODEMIRA

CÂMARA MUNICIPAL DE ODEMIRA

XVI ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL DE 1974

É com alegria e regozijo que a Câmara Municipal de Odemira continua a honrar e a comemorar a festa em Homenagem à revolução.

Futre e Gil: caldo entornado

Já vai distante o tempo em que Paulo Futre e Jesus Gil y Gil tinham um relacionamento que provocava grossa confusão entre os adeptos do clube dos «colchoneros». Neste momento, o presidente, nem sequer responde aos convites do futebolista e recusa qualquer tipo de diálogo, o que evidencia a deterioração das relações entre ambos. Ao «El País» disse Jesus Gil (edição do passado dia 3): «*Não tenho nenhum interesse em falar com Futre... Se ele está curado que se dedique a jogar*». Segundo a Imprensa espanhola, Paulo Futre teria recusado um convite de Gil para passar um dos últimos fins de semana, na sua casa em Valdeolivas, e o presidente ripostou agora, quanto o procurador de Futre (João Menício) tentou a aproximação entre ambos, dizendo que não tinha tempo para falar com Futre. Quanto ao interesse de outros clubes por Paulo Futre, Gil declarou que, até ao momento, nenhum clube espanhol (ou estrangeiro) havia demonstrado interesse na sua contratação. Mais: Gil y Gil tem vindo a esclarecer que não está interessado em vender o passe de Futre, mas acrescenta que «*o Atlético não deve jogar para um único atleta que não é líder da equipa. Isso só poderia acontecer com Pelé ou Di Stéfano*».

Tão amigos que eles eram!...

O pano já subiu. Atenção ao quadro seguinte.

Europa comunitária espreita futebol

Do nosso correspondente em Bruxelas

A construção do Mercado Único Europeu e a livre circulação de cidadãos obrigou Bruxelas a penetrar no mundo do futebol onde, até aqui, ninguém vislumbrava grandes hipóteses de êxito. Os comissários europeus fizeram já propostas concretas à UEFA e procuram, como primeiro passo desta difícil caminhada, uma uniformização de critérios entre os doze Estados-membros.

Vasso Papandreou e Martin Bangemann, respectivamentte, responsáveis pelos Assuntos Sociais e pelo Mercado Interior, foram os comissários encarregados da difícil tarefa. Para já, a Comissão europeia quer introduzir, antes de Janeiro de 1993, a proposta emanada da União Europeia das Associações de Futebol: autorização para que cinco futebolistas estrangeiros joguem em competições de cada Estado-membro. Isso permitiria, a partir de Janeiro de 93 aos clubes europeus da primeira divisão alinhar, em jogos nacionais, com três jogadores estrangeiros, aos quais se junttariam dois «assimilados», ou sejam, aqueles que durante cinco anos tivessem jogado ininterruptamente em equipas nacionais, três dos quais nas categorias de juvenis. A Comissão pretende que esta regra se estenda a todas as divisões do futebol comunitário. Está consciente, no entanto, que os clubes dos diversos países serão afectados de forma diferente. Por exemplo, em Portugal, Bélgica, França, Itália e Holanda, alinham já nas equipas de futebol, três jogadores estrangeiros. As federações de Espanha, Inglaterra e Alemanha Federal permitem apenas a inclusão de dois. Na Escócia, por exemplo, não há restrições.

Nacionalidade desportiva

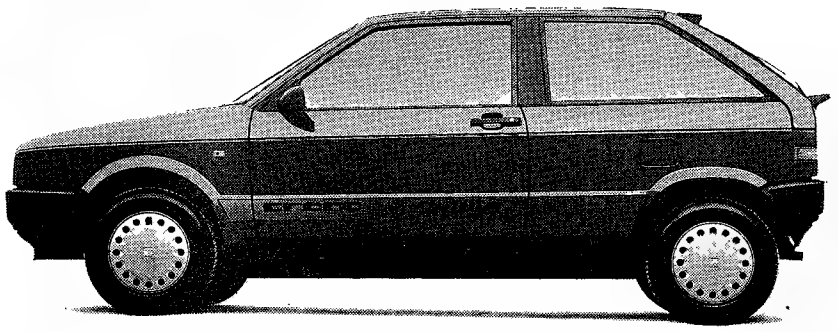
Os problemas não se restringem ao número de jogadores. Há países como a Bélgica onde as normas são extremamente liberais: concede-se automaticamente a «nacionalidade desportiva» a quem tenha jogado nas categorias juvenis de clubes sem limitar o número.

Nas competições da UEFA é permitido aos clubes alinhar com quatro jogadores não nacionais. Os clubes belgas, porém, chegaram já a convocar, para encontros nacionais, sete jogadores com «nacionalidade desportiva».

Bangemann e Papandreou propuseram na Comissão europeia a criação de um contrato-tipo que una o jogador ao clube, contrato esse que se poderia alargar a outras modalidades desportivas e ao meio artístico. Com o referido compromisso, que ainda não foi incluído nas negociações com a UEFA, pretende-se corrigir situações anómalas derivadas dos contratos de transferências de jogadores firmados entre clubes. Um questionário sobre o contrato-tipo foi enviado pelas autoridades de Bruxelas à Federação Internacional de Futebolistas Profissionais, à UEFA e a quinze federações dos Estados-membros.

José Rui Cunha

SEAT IBIZA
DESDE
1.099.000 ESC.*



* Versão Ibiza Street

MAIS POR MENOS

SEAT
Grupo Volkswagen

Importador exclusivo: SOCIEDADE HISPÂNICA DE AUTOMÓVEIS, S.A.

Encargos anuais globais de 97.363 a 195.183 Esc. Base: 15.000 Km/ano Janeiro 1990

Ayer

RECOMENDAMOS PRODUTOS Shell

GARAGEM VICTÓRIA, Automóveis, Lda.

Lisboa • Rua Nova de S. Mamede, 38-A • 1200 LISBOA
Telefs. 65 81 31/2/3/4/5/6 • Fax 60 34 12 • Telex 13371 GARVIT P
Cascais • Av. 25 de Abril, 901, R/C Esq. • 2750 CASCAIS
Telefs. 284 73 92 – 284 74 17 • Fax 284 74 42

ASSOCIAÇÃO DOS INQUILINOS LISBONENSES

66 ANOS NA DEFESA DE UMA HABITAÇÃO DIGNA

Somos o elo associativo entre os inquilinos, hóspedes, sublocatários e condóminos. Existimos para analisar, esclarecer e denunciar os problemas que afectam os cidadãos na sua condição de locatários ou simples moradores.

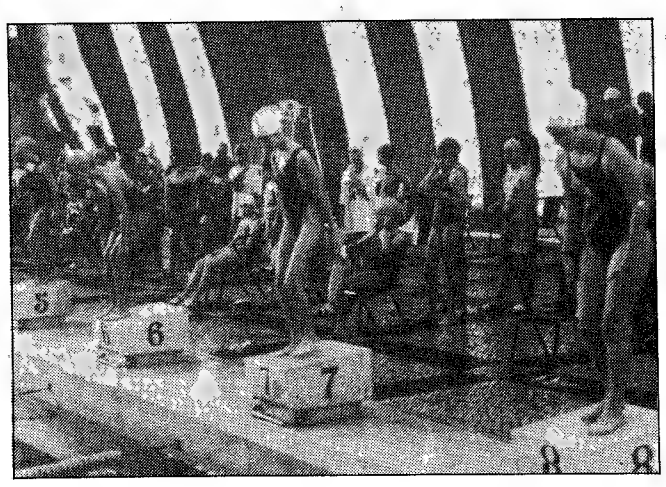
LISBOA • ALMADA • BARREIRO • AMADORA

- INFORMAÇÃO
  - Directa
  - Através de Jornal Mensal
- CONSULTA DIÁRIA
- APOIO JURÍDICO E TÉCNICO PERMANENTE
  - Inquilinos
  - Sublocatários
  - Condóminos

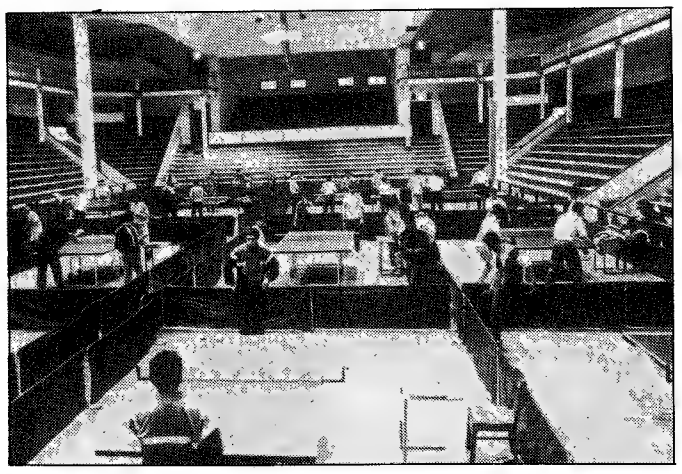
INSCREVA-SE

- Quota mensal Esc.: 175$00

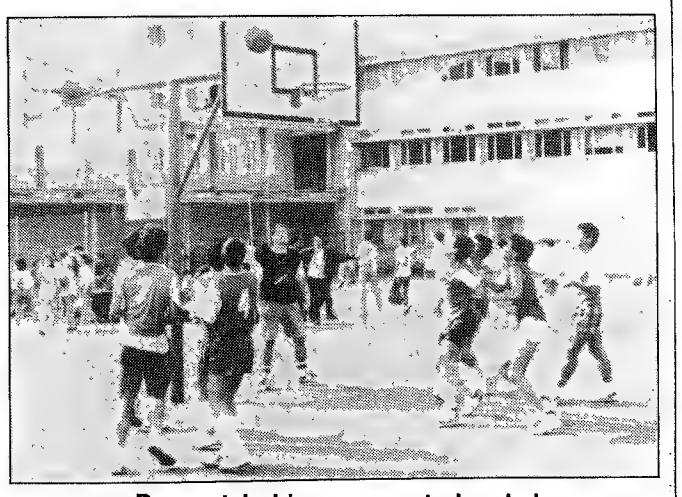
ASSOCIAÇÃO DOS INQUILINOS LISBONENSES • Av. Almirante Reis, 12 • 1100 LISBOA • Tel.: 54 60 30
Metro: Intendente Eléctricos: 3, 17, 19, 28 Autocarros: 7, 8, 40



Piscinas municipais esgotam capacidade



Ténis de mesa com cenário no Pavilhão Carlos Lopes



Basquetebol joga-se por todo o lado

Lisboa e os seus Jogos Desportivos

Projecto de estímulo e motivação

Os Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa, organizados pelo Pelouro de Desporto, liderado pelo vereador Rego Mendes e tendo como «pivot» o professor Mário Silva (antigo campeão nacional do lançamento de dardo e destacado praticante de râguebi), continuam a animar os recintos desportivos existentes nos diversos bairros da cidade, onde durante todos os fins-de-semana, se desenrolam animados despiques de andebol, basquetebol, futebol de salão, ténis de mesa, voleibol, xadrez e ainda natação e atletismo. São cerca de dez mil, os garotos alfacinhas que se inscreveram nesta IV edição de uma manifestação desportiva de raiz popular representando centenas de colectividades, clubes e outras estruturas colectivas «licenciadas» em todas as juntas de freguesia do concelho.

Desde os polidesportivos das escolas Francisco de Arruda, Josefa de Óbidos, Gil Vicente e Marquês de Pombal, até à Verbena do Castelo, recinto da Praça do Campo Pequeno e parques municipais do Lumiar e S. Francisco de Brito, todos os espaços onde a prática desportiva é possível, são «mobilizados» pela garotada que, ao longo dos últimos quatro anos, vem respondendo à chamada feita pelo Pelouro de Desporto da CML. Uma iniciativa feliz da autarquia, visando sensibilizar os jovens para os benefícios do exercício físico e procurando desviá-los da tentação para entrar nos tenebrosos caminhos que os poderiam conduzir à marginalidade.

A última jornada teve como pontos altos, os confrontos de andebol com «honra e mérito» para as miúdas do CD Olivais e para os rapazes de «Os Lusíadas». No futebol, muitos destaques: GD Graça, Vitória dos Olivais, Águias da Luz, Diabos da Sé, Rodrigues Cordeiro, GB Operário entre muitos outros. Saliência também para os futebolistas veteranos do Alto Pina, AC Chelas, LC Rio de Janeiro, Leões das Furnas, Cruzeirenses, GR Galinheiras, Chelense e mais alguns.

Quanto ao ténis de mesa, cabe referir os bons resultados averbados pelas equipas do Varejense, Casa Pia AC, SL Campolide, Pong Ping, Império do Cruzeiro, Cruz Vermelha, AC Alfama, SC Amoreiras e Mata de Benfica e no voleibol faça-se uma referência negativa para a falta de comparência de algumas equipas.

Sobre o atletismo, recomendamos os olheiros» dos nossos mais poderosos clubes, que não percam a próxima jornada e estejam atentos a uma dezena de garotos que por lá aparecem. Atentem em Tiago Borges, Ana Azevedo, Sílvia Rodrigues, Nuno Dias, Rosa Correia e em mais umas dezenas porque bem poderá suceder que se venham a registar transferências «sensacionais».

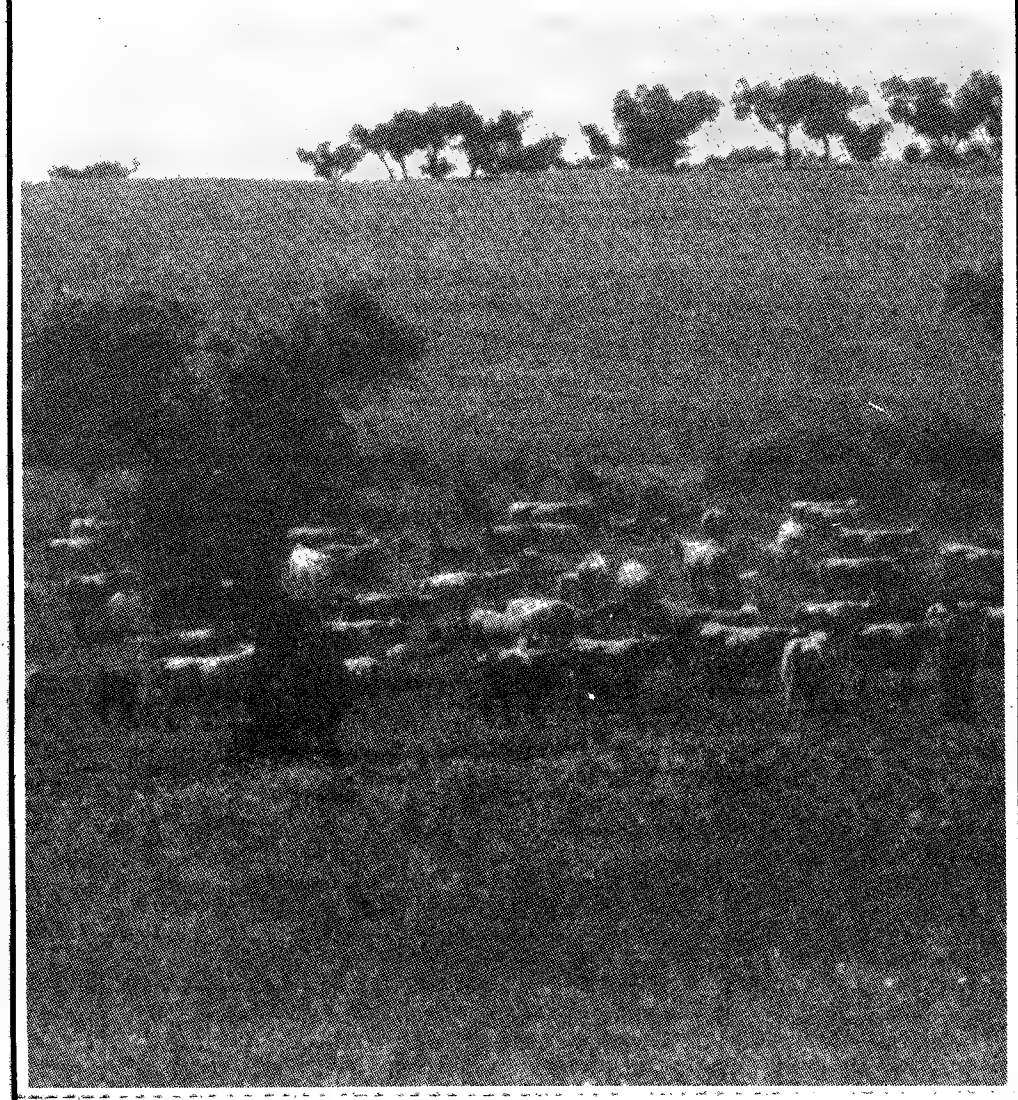
Quanto à natação, valerá a pena ir ver o que de notável se está a passar nas piscinas dos Olivais, Areeiro e Penha de França com centenas de miúdos a frequentarem diariamente as aulas pedagógicas que ali decorrem sob orientação do professor Colaço. Outra iniciativa do Pelouro de Desporto da CML, que merece ser referida elogiosamente.

Alves Henriques

Cooperativa **1.º de Maio**

cooperativa de produção agrícola, CRL

Telef. 42239 - 42142 - 42104
7480 AVIS

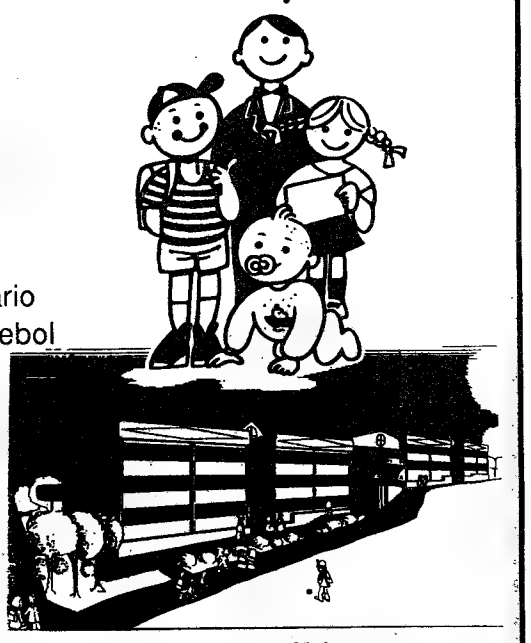


INSCRIÇÕES ABERTAS

Externato Flor do Campo

Contacte-nos
Para garantir vaga
no próximo ano lectivo

Temos:
- Transporte próprio
- Infantil – Primário
- Ciclo Preparatório e Secundário
- Parque infantil e campo de futebol
- Música – Natação
- Ginástica



Aberto todo o ano
das 7 às 20h

Quinta da Carochia, Lt. 4 – B.º Bons Dias
Casal dos Apréstimos – 2675 ODIVELAS
☎ 932 74 22 – 931 54 63

I Série N.º 80
Dia 5 de Abril
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Assembleia da República

Lei n.º 11/90:
Lei Quadro das Privatizações.

Ministério das Finanças

Decreto-Lei n.º 113/90:
Estabelece benefícios fiscais em matéria de Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA) em relação a aquisições de bens e serviços pelas Forças Armadas, forças e serviços de segurança e associações e corporações de bombeiros.

Ministério das Finanças e da Justiça

Portaria n.º 243/90:
Fixa os montantes das taxas a cobrar pelo Centro de Identificação Civil e Criminal.

Ministério do Planeamento

Decreto-Lei n.º 114/90:
Promove a aplicação da Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies da Fauna e Flora Selvagens Ameaçadas de Extinção.

Ministério da Agricultura

Decreto-Lei n.º 115/90:
Cria uma linha de crédito especial para a recuperação e relançamento da actividade das empresas agrícolas, pecuárias e de pescas.

Ministério da Educação

Portaria n.º 244/90:
Cria o Conselho de Acompanhamento da Reforma Curricular.

Ministério das Obras Públicas

Decreto-Lei n.º 116/90:
Reestrutura o trabalho portuário nos portos de Lisboa e do Douro e Leixões.

Decreto-Lei n.º 117/90:
Estabelece o novo regime jurídico aplicável aos motociclos, ciclomotores e velocípedes.

Despacho Normativo n.º 26/90:
Altera as taxas dos serviços internacionais de telecomunicações constantes do anexo I ao Despacho Normativo n.º 112-E/89.

N.º 81
Dia 6 de Abril

SUMÁRIO

Presidência do Conselho de Ministros

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento de Encargos Gerais da Nação para o ano de 1989 no montante de 103.056 contos.

Ministério do Planeamento

Despacho Normativo n.º 27/90:
Fixa o limite a que se refere o n.º 6 do regulamento aprovado pelo Despacho Normativo n.º 48/88 (procede a alguns acertos nas regras relativas à atribuição de comparticipações a instituições privadas de interesse público sem fins lucrativos para a instalação de equipamentos de utilização colectiva).

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Decreto n.º 7/90:
Aprova, para ratificação, o Acordo entre Portugal e Espanha para a Construção de Uma Ponte Internacional no rio Minho, entre Monção e Salvaterra.

Ministério da Agricultura

Portaria n.º 245/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade da Fonte Boa das Vinhas», «Quinta Velha» e outras, situadas nas freguesias da Sé e de Nossa Senhora de Machede, concelho de Évora.

Portaria n.º 246/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades situadas nas freguesias da Póvoa do Concelho, Moimentinha, Vila Garcia, Vale do Seixo e Feital, concelho de Trancoso.

Portaria n.º 247/90:
Actualiza as taxas relativas à concessão, renovação e segundas vias da carta de caçador.

Portaria n.º 248/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade da Bastarda», «Herdade das Paivas e dos Mouços», «Herdade da Capela» e «Herdade da Ronceira», situadas na freguesia de Mosteiros, concelho de Arronches.

Portaria n.º 249/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade do Paço de Safins», «Herdade do Murzelo», «Herdade do Outeiro» e outras, situadas nas freguesias de Ferreira do Alentejo e de Mombeja, concelho de Ferreira do Alentejo.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território: - Céu geralmente muito nublado e vento fraco ou moderado. Possibilidade de trovoadas e aguaceiros, que serão de neve na Serra da Estrela.

Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 2 a 3 metros na Costa Ocidental e ondulação Sudoeste de 1 metro na Costa Sul.

Amanhã: - Céu pouco nublado, tornando-se muito nublado a encoberto. Vento Sul moderado, por vezes forte no litoral. Períodos de chuva e condições favoráveis à ocorrência de trovoadas a partir da tarde. Pequena subida da temperatura.

Depois de amanhã: - Céu muito nublado a encoberto. Vento fraco a moderado de Sudoeste a Sul do Tejo e de Nordeste a Norte. Aguaceiros e trovoadas, especialmente a Sul do Tejo.

MADEIRA

Céu com períodos de muito nublado. Vento Norte moderado.

Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Norte de 2 a 3 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal: - Céu geralmente pouco nublado e vento fraco.

Amanhã: - Céu geralmente muito nublado. Vento Noroeste moderado e por vezes forte. Aguaceiros e possibilidade de trovoadas.

Depois de amanhã: - Céu com períodos de muito nublado. Vento Noroeste moderado e por vezes forte. Aguaceiros.

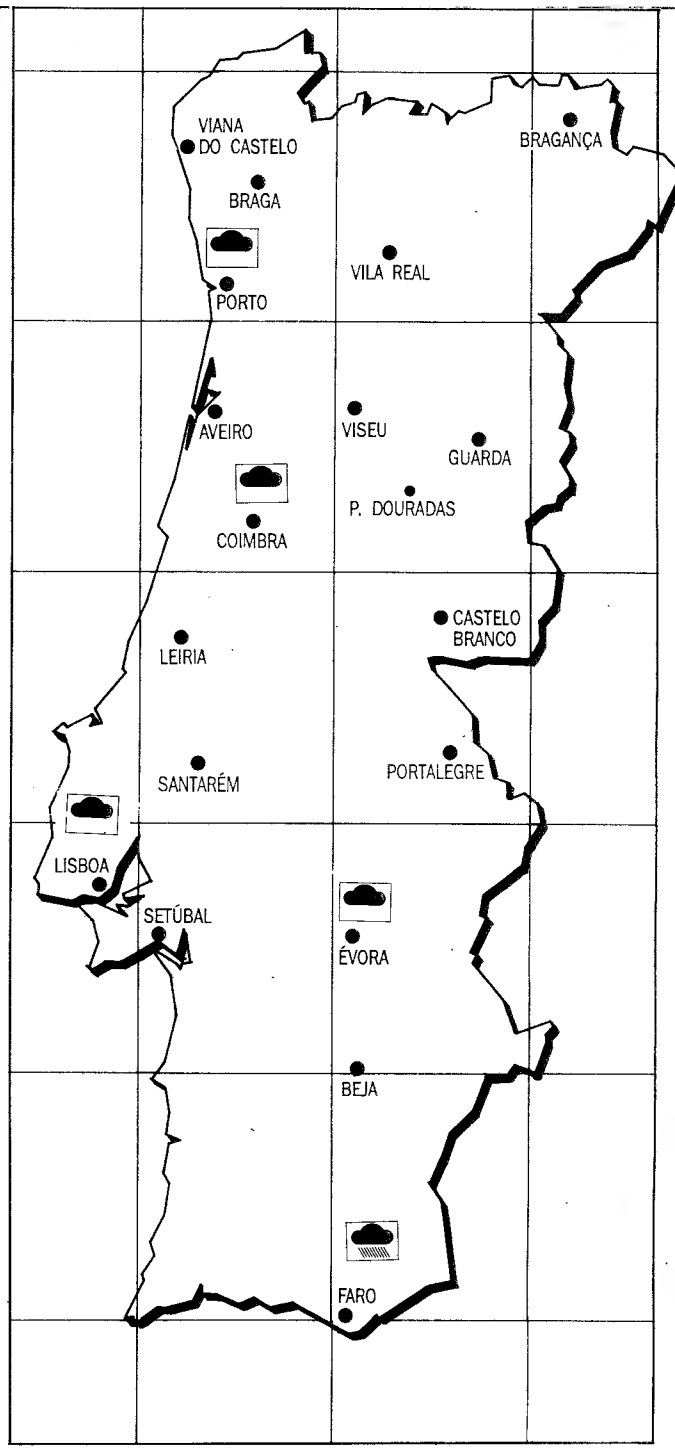
AÇORES

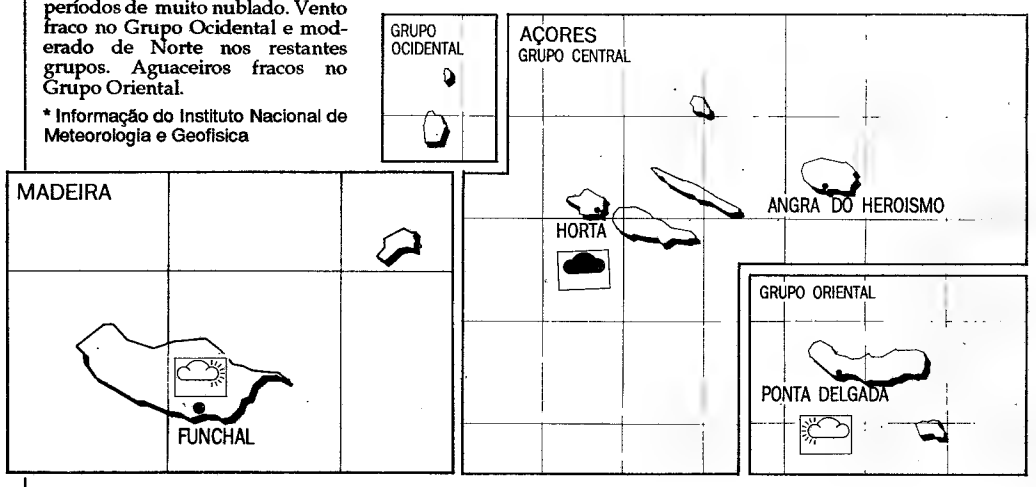
Em todo o Arquipélago: - Céu geralmente muito nublado. Vento Norte moderado a forte. Aguaceiros e possibilidade de trovoadas. Descida da temperatura. Mar cavado a grosso com ondulação Nordeste de 3 metros.

Amanhã: - Céu geralmente muito nublado. Vento Noroeste moderado a forte nas ilhas do Grupo Oriental. Aguaceiros e possibilidade de trovoadas, mais prováveis no Grupo Oriental.

Depois de amanhã: -Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco no Grupo Ocidental e moderado de Norte nos restantes grupos. Aguaceiros fracos no Grupo Oriental.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica





Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
01.34	3,4m	07.44	1,0m
14.04	3,3m	19.50	1,1m

Amanhã

02.20	3,6m	08.19	0,9m
14.43	3,4m	20.25	0,9m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	5	6	Chuva
V. Castelo	10	10	Chuva
Vila Real	8	8	Chuva
Porto	10	10	Neblina
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	9	11	Chuvisco
C. Carvoeiro	10	12	Ag. fortes
C. Branco	9	9	Neblina
Portalegre	7	7	Nevoeiro
Lisboa	11	11	M. nub.
Évora	9	9	Encoberto
Beja	9	10	M. nub.
Sines	-	-	-
Faro	13	13	M. nub.
Sagres	12	13	Chuvisco
P. Delgada	9	10	P. nub.
Horta	11	12	M. nub.
Funchal	11	11	P. nub.

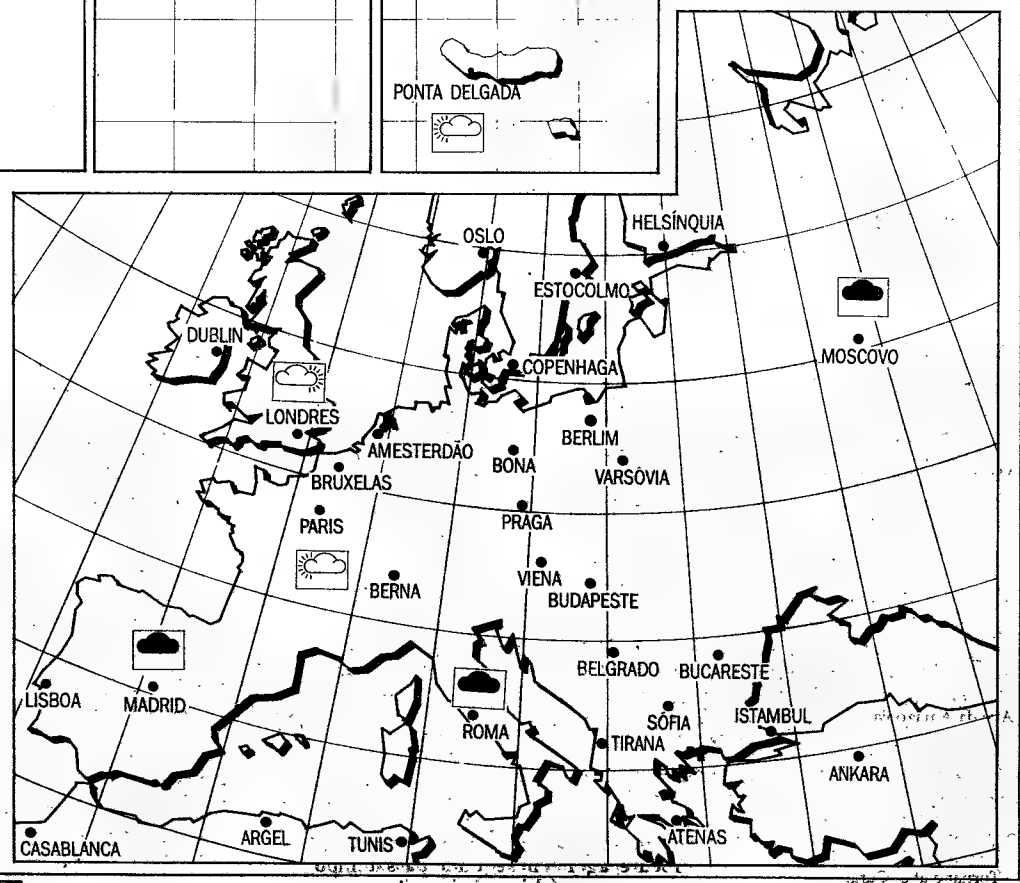
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 16; Porto, 14; Faro, 16; P. Delgada, 14; Funchal, 19.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	8	9	Encoberto
Londres	0	1	Limpo
Paris	1	1	P. nub.
Bruxelas	0	0	Limpo
Amesterdão	-2	0	Limpo
Genebra	6	6	Neblina
Roma	12	12	Chuva
Oslo	2	3	P. nub.
Copenhaga	-1	5	P. nub.
Estocolmo	3	4	M. nub.
Berlim	0	0	P. nub.
Viena	5	6	Chuva
Varsóvia	2	4	Chuva
Atenas	12	15	Neblina
Moscovo	0	1	Limpo

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	-4	5	Limpo
Houston	13	19	Aguaceiros
Los Angeles	13	22	Limpo
Montreal	-5	1	Limpo
Nova Iorque	5	9	Chuva
S. Francisco	11	18	P. nub.
Toronto	-3	3	Neblina
Vancover	4	15	Limpo
Washington	3	7	Chuva
Hong Kong	18	23	Chuva
Melbourne	13	24	Aguaceiros
Pequim	4	12	Chuva
Perth	18	26	Limpo
Singapura	26	33	Trovoada
Sydney	18	22	Chuva
Tóquio	12	20	Limpo
Wellington	12	18	Limpo



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Anjos (ao Cinema Roxy): Guerra, Rua Andrade, 32-36, Tel. 8145513; **Av. Roma (Bairro São Miguel):** São Miguel, Praça Francisco Morais, 1, Tel. 771469; **Baixa:** Oliveira, Rua da Prata, 240, Tel. 878415; **Belém - Altinho:** Gomes Suc., Rua da Junqueira, 326-328, Tel. 3638193; **Encarnação:** Zira, Praça das Casas Novas, 5-A, Tel. 311216; **Estados Unidos:** Gasparinho, Rua Dr. Gama Barros, 54-A, Tel. 890465; **Lapa:** Central da Lapa, Rua dos Navegantes, 10, Tel. 661734; **Lumiar - Quinta do Lambert:** Reis, Rua Pedro Bandeira, 2-A, Tel. 7597432; **Luz - 2.ª Circular:** J. Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A, Tel. 7260969; **Madre de Deus:** Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B, Tel. 382470; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **São Sebastião:** Sagres, Av. Luís Bivar, 69-71, Tel. 547213; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Odivelas:** Catela Tavares, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A, Tel. 9815446; **Pontinha:** Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A, Tel. 993912; **Portela:** Paula de Campos, Centro Comercial Urb. da Portela, Tel. 9431423.

REFORÇO

Alfama: Costa, Rua Escolas Gerais, 88-A, Tel. 863940; **Alto Santo Amaro:** Tapada, Calçada da Tapada, 83-A, Tel. 3634721; **Alvalade:** Sanex, Av. da Igreja, 31-C, Tel. 897505; **Arco Cego:** Providência, Rua D. Filipa Vilhena, 9-C, Tel. 770324; **Arroios - Chile:** Brasil, Rua Alves Torgo, 29-33, Tel. 546843; **Benfica - Portas Benfica:** Benfica, Estrada Benfica, 678-E, Tel. 702532; **Campo de Ourique:** Almeida, Rua Silva Carvalho, 136, Tel. 681726; **Chelas - Zona N.º 2:** Almeida Vaz, Rua Pardal Monteiro, Lote 248 - Loja 92, Tel. 8595673; **Marquês Pombal:** Branco, Av. Duque Loulé, 61-65, Tel. 545048; **Penha de França:** Carrondo, Rua Padre Sena Freitas, 10-A, Tel. 8142518; **Santos:** Marcos Nascimento, Calçada Marquês Abrantes, 36-A, Tel. 664238; **Brandoa - Amadora:** Brito, Rua 25 de Abril, Lote 32-B, Tel. 995338; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Miramar, R. Ernesto Silva, 83, Tel. 2112048. Permanente; **Linda-a-Velha:** Moderna, Av. 25 Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Central, R. Conde Ferreira, 29, Tel. 4430058. Permanente; **Parede:** Grincho, Av. República, 87-A, Tel. 2471204. Permanente; **S. Pedro do Estoril:** São Pedro, R. 9 de Abril, Tel. 2683052. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Suíça, Cruzeiro, Tel. 260087. Até às 22 h; **Cascais:** Cascais, R. Conde Monte Real - B.º Caixas, Tel. 282407. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: Cavaca, R. Elias Garcia, 209, Tel. 4930019. Até às 22 h; **Damaia:** Confiança, R. Bartolomeu Dias, Lote D, Tel. 971023. Permanente; Nova, R. Elias Garcia, 10, Tel. 972530. Permanente; **Queluz:** Vasconcelos, Est. Part. Henr. Pousão, Tel. 4372649. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Araújo e Sá, Est. Paço de Arcos, Lote 1-B, Tel. 9240781. Permanente; **Mem Martins:** Química, Est. Mem Martins, 295, Tel. 9210012. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Cargaleiro Lourenço, Calç. Rinchoa, 38, Tel. 9262006. Até às 22 h; **Sintra:** Teresa Garcia, L. D. Afonso, 3-A, Tel. 9232747. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA

BANDA

Almada: Reis, R. Com. Ant.º Veio, 19, Tel. 2750504. Permanente; **Cova da Piedade:** Cerqueira, L. 5 Outubro, 18, Tel. 2750254. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, Q. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Carlos, Av. Mar, 34-A, Tel. 2901060. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Oliveira Sérgio, R. Álamos, 2-A, Tel. 2296464. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Barreiro:** Normal, Av. Alfredo Silva, 116, Tel. 2073035. Permanente; **Baixa da Banheira:** Bento Lino, Est. Vale Milhaços, Tel. 253260. Até às 19 h; **Corroios:** Aliança, Est. Nacional, 178-B, Tel. 2040302. **Cruz de Pau:** Fonseca, R. Ribatejo, 2-A, Tel. 2211131. Permanente; **Arrentela:** Lusitana, P. Cândido Reis, 10, Tel. 2210007. Até às 22 h; **Montijo:** Borges Cruz, R. Angola, 19 - Afonsoeiro, Tel. 2301853.

MÉDICO DE URGÊNCIA

766 171
766 178
766 179

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa — Cartelão

ENTRE OS MEMBROS DA E. F. T. A.

PORTUGAL É O PAÍS QUE MENOS EXPORTA

GUATEMALA

O EMBAIXADOR ALEMÃO FOI MORTO A TIRO

Portugal é o país que menos exporta

Com um volume de exportações para os países da Associação Europeia de Comercio Livre (EFTA) da ordem dos 8,16 milhões de contos, Portugal é o país que menos exporta dentro daquela Associção. A Islândia, associado muito recente, ainda não contou para as estatísticas que a EFTA agora forneceu À Imprensa, respeitante ao comércio dos seus membros no ano de 1969.

Embaixador alemão foi morto a tiro

O Governo guatemalteco anunciou a noite passada que fora encontrado o corpo do embaixador alemão acidental raptado, conde Karl von Spreti. Um oficial das forças armadas disse que o cadáver do conde, de 62 anos, raptado na terça-feira passada, fora encontrado com um ferimento de bala na fronte e com os óculos, sem aros, agarrados numa da mãos.

Resposta de Nasser rejeitada por Israel

Israel rejeitou, a noite passada, uma anunciada oferta do presidente Nasser do Egipto para conversações no Cairo com o dr. Nahum Goldmann, presidente do Conselho Mundial Judaico, sobre o conflito entre os dois países.

EFEMÉRIDES

1385

• D. João I, mestre de Avis, é aclamado rei de Portugal.

1835

• É promulgado o decreto real de D. Maria II, que cria a beneficência pública em Portugal.

1909

• O almirante norte-americano Robert Peary atinge o Pólo Norte.

1968

• Na Checoslováquia, começa a chamada Primavera de Praga.

1971

• Morre o compositor russo Igor Strawinsky.

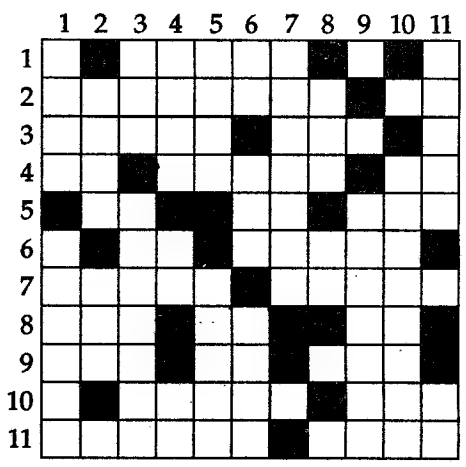
1983

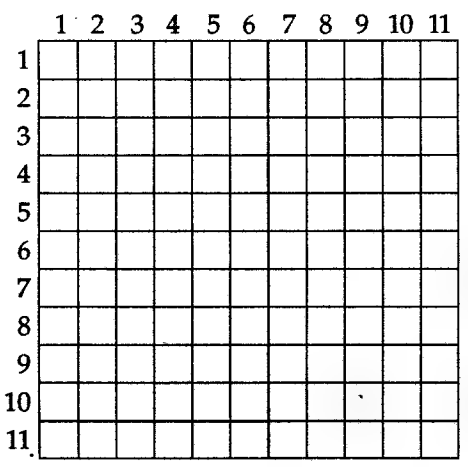
• O ministro dos Negócios Estrangeiros de Granada solicita às nações da Organização dos Estados Americanos que utilizem a sua influência no sentido de evitarem o que consideram como «um ataque militar» iminente ao seu país, que seria apoiado pelos EUA.

1986

• Dois dos jornais sul-africanos de maior circulação citam a activista negra Winnie Mandela, facto que acontece pela primeira vez em 11 anos.

PALAVRAS CRUZADAS





PROBLEMA N.º 17894

HORIZONTAIS:

1 - Artigo definido. Nome de fruto. Conjunção. Artigo definido.
2 - Arremedaras. Bromo (s.q.).
3 - Marcar o peso da tara em. Sadio.
4 - Alternativa. Linguagem (fig.). Centiare.
5 - Apelido. Antes de Cristo. Pronome pessoal.
6 - Basta! Célebre escritor francês autor da obra «O Beijo».
7 - Exclusiva. Cautela.
8 - Ver. Miriare. Germânio (s.q.).
9 - Ave da Amazónia da família dos psitácidas. Antes do meio-dia. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses.
10 - Zombarás. Rente.
11 - Tornar a atar. Cura.

VERTICAIS:

1 - Numeral cardinal. Esposa.
2 - Ruins. General de Napoleão.
3 - Amir. Prevenira.
4 - Substância gordurosa de composição análoga à do éter e do álcool. Antes de Cristo. Item.
5 - Apelido. Estimara.
6 - Brisa. Cidade da Ucrânia. Gostar muito de.
7 - Relativos a oásis.
8 - Sadio. Preposição.
9 - Punira.
10 - Apreciar.
11 - Cidade de França. Freguesia do concelho de Ponte de Lima.

PROBLEMA N.º 16704

HORIZONTAIS:

1 - Sura ou vinho. Prisão (pop.).
2 - Esquina. Pátria de Abraão.
3 - Mossa (Prov.). Nome de mês.
4 - Guarneça de asas. Carreira de cavalos ao desafio.
5 - Hilotas.
6 - Ídolo principal dos japoneses. Bário (s.q.).
7 - Equipados.
8 - Undécimo mês do calendário árabe. Costurar.
9 - Moves os remos. Nome de planeta.
10 - Aldeia de índios do Brasil. Terceiro.
11 - Rezaram.

VERTICAIS:

1 - Na Argélia e em Marrocos, escola pública para crianças. Um dos cavalos imortais de Aquiles, e que lhe anunciou que o seu fim estava próximo.
2 - Pernadas de sobreiro.
3 - Torna a ler. Cidade do Egipto.
4 - Membro de ave. Marreco (Prov.).
5 - Nome antigo da nota musical dó. Aqui. Oceano.
6 - Açaimara.
7 - Apelido. Regular as doses de.
8 - Indignados.
9 - Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Sela pequena e resa.
10 - Ruténio (s.q.). Nome de homem.
11 - Enfeitaras. Suspiros.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 893

HORIZONTAIS: 1 - O. AMOR. E. A. 2 - Ivã. Piora. 3 - Rera. Rd. 4 - Anota. Maias. 5 - SC. Arrastas. 6 - Essa. 7 - Mm. Ciosa. Fr. 8 - Casa. 9 - Ruar. Samora. 10 - Tara. Ia. It. 11 - Amassares.
VERTICAIS: 1 - Oiras. MORTE. 2 - VENCEM. -Ua. 3 - Aaro. Cara. 4 - Atascaram. 5 - Op. Arais. 6 - Rim. Oásis. 7 O MAIS. Aas. 8 - Erras. Arm. 9 - Adita. Rio. 10 - Aa. FORTE. 11 - Passar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 703

HORIZONTAIS: 1 - Renas. Amiga. 2 - Elias. Romãs. 3 - Or. Crio. 4 - Ossa. Res. Ta! 5 - Só. In. Ais. 6 - Tem. Cadelas. 7 - Areal. Asi. 8 - Rasca. Ror. 9 - Asai. Pirata. 10 - DD. Saa. Ar. 11 - Caos. Síria.
VERTICAIS: 1 - Recostaram. 2 - El. Soeras. 3 - Nios. Mesada. 4 - Aarão. Ácido. 5 - SS. Clã. 6 - Cria. PS. 7 - Arrendarias. 8 - Móis. Orai. 9 - Imo. Alara. 10 - Ga. Tias. Tai. 11 - Assassinara.

PROVÉRBIO: O AMOR E A MORTE VENCEM O MAIS FORTE.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Avenida Almirante Gago Coutinho - Telef. 806496
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

ALFA 2
UM AMOR INEVITÁVEL
Filme de Rob Reiner
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3
MISS DAISY
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4
NASCIDO A 4 DE JULHO
Filme de Oliver Stone
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30 horas.

ALFA CLUBE
Avenida Almirante Gago Coutinho - Telef. 806496
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Filme de Steve Kloves
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2
MISS DAISY
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 4
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30 horas.

AMOREIRAS 5
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 6
ALWAYS - SEMPRE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas

AMOREIRAS 7
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões ás 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 9
TEMPO DE GLÓRIA
Filme de Edward Zwick
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 10
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas..

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.30 horas

CAPITÓLIO
Parque Mayer
SEXO EM CHAMAS
Hard-core-1ª escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 horas.

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
SOMBRAS NA TEMPESTADE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
CYBORG
Maiores de 18 anos
às 24.00 horas.

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
Telefone 9434762
VAREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

ESTÚDIO SHEZA
LAMBADA - A DANÇA PROIBIDA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
SEXO NA PRAIA
Hard-core-1ºescalão (porno)
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 horas.

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - Telef. 546085
RAPARIGAS DE UNIFORME
Filme de Leontine Sagan, às 18.30 horas
O ANJO AZUL
Filme de Josef von Sternberg, às 21.30 horas.

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
AMIGOS E DETECTIVES
Maires de 6 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas

ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
AMIGOS E DETECTIVES
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2
TEMPO DE GLÓRIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15 horas.

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
O FILÓSOFO
Filme de Rudolf Thome
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

FORUM PICOAS
AUDITÓRIO 2
O COZINHEIRO, O LADRÃO, SUA MULHER E O AMANTE DELA
Filme de Peter Greenaway
Maiores de 18 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.15 e 22.00 horas.

IMPÉRIO
Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 3525133
AMIGOS E DETECTIVES
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING GEMINI
R. Sousa Lopes
Telef. 8480808
A BRIGADA ASSASSINA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
LAMBADA - A DANÇA PROIBIDA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

KING TRIPLEX 3
TEMPO DE GLÓRIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
Telef. 3631162
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES
Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão
Telef. 538743
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2
ALWAYS - SEMPRE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 16.30, 19.00 e 21.45 horas.

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362
LUA-DE-MEL ATRIBULADA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
FOGO INFERNAL

O MEU PÉ ESQUERDO
Em exibição Quarteto Sala 1 — Qualidade — PUB — Maiores 12 anos

Meg Ryan e Billy Crystal em «Um Amor Inevitável»

CARTAZ

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas
O PELOTÃO DA MORTE
Sábado às 24 horas.

OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
SUPER GIRLS IN 3-D
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
AMIGOS E DETECTIVES
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
O MEU PÉ ESQUERDO
Filme de Jim Sheridani
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 3
TEMPO DE GLÓRIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 4
O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA MULHER E O AMANTE DELA
Maiores de 18 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
ALWAYS - SEMPRE
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 2
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 16.15, 10.00 e 21.45 horas.

SÃO JORGE 3
MISS DAISY
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

7ª ARTE
Av. da República
Telef. 730715
AMIGOS E DETECTIVES
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.45 horas.

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

«A Pécora», em cena no Teatro da Comuna

TERMINAL
Estação do Rossio
Telef. 371573
AMIGOS E DETECTIVES
Maiores de 6 anos
Sessões às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 horas
GOLPE DE VINGANÇA
Sábado às 23.45 horas.

TURIM
Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
LAR, DOCE LAR... ÀS VEZES
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 17.30 e 21.30 horas.

XENON
Av. da Liberdade,9
Telef. 3468446
SEM PRESSA PARA VIVER
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas
TÁXI GIRL
Hoje e amanhã às 23.30 horas.

ALMADA

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
AMIGOS E DETECTIVES
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DE CAPARICA CINEMA PESCADOR
Telef. 2905350
AMIGOS E DETECTIVES
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CASCAIS

CARCAVELOS ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
AMIGOS E DETECTIVES
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas
CYBORG
Hoje e amanhã às 24.00 horas.

CASCAIS MIRAMAR 1
Telef. 2841744
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

M IRAMAR 2
VALMONT
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

OXFORD
Avb. 25 de Abril - Telef. 2865027
LAMBADA -
A DANÇA PROIBIDA
Maiores de 12 anos
Sessões às 16.00 e 21.30 horas.

NOVA OEIRAS CINE PALMEIRAS 1
Telef. 2479144
AMIGOS E DETECTIVES
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

CINE PALMEIRAS 2
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

OEIRAS ALTO DA BARRA 1
Av. das Descobertas - Telef. 4439759
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.45 horas.

ALTO DA BARRA 2
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
ALWAYS - SEMPRE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

CACÉM ESTÚDIO FLORES
Telef. 9247570
O EMBATE
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00 e 21.30 horas.

QUELUZ KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
LAMBADA -
A DANÇA PROIBIDA
Mairoes de 12 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.15 horas.
SALA 2
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30 horas.
SALA 3
AMIGOS E DETECTIVES
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.45 horas.

TEATRO LISBOA

A BARRACA (Cinearte)
Largo de Santos, 2 - Telef. 665360
De 5ª a sáb. às 21.30, dom. às 16.00 horas
MARGARIDA DO MONTE
De Marcelino Mesquita.

CHAPITÔ
R. da Costa do Castelo, 7 - Telef. 878225
5ª, 6ª e Sáb. às 21.30 horas
KLASSIKUS KABARET
De Fernando Gomes.

CINE - TEATRO DA ENCARNAÇÃO
Telef. 8510203
De 4ª a 6ª às 21.30. Sáb. às 15.00 horas.
O MONTE
Pelo grupo de teatro amador «O Culto da Máscara»

COMUNA
Praça de Espanha - Telef. 7260818
De 2ª a Sáb. às 21.30 horas. Dom. às 17.00 horas, descanso à 4ª feira
SALA NOVA
PÉCORA de Natália Correia
(em cena até dia 8)
CAFÉ TEATRO
FESTIVAL DA OTITE
De Carlos Paulo
Em cena aos Sábados às 24 horas.

MARIA MATOS
Av. Frei Miguel Contreiras, nº 52 - Telf. 897017
3ª, 4ª e 5ª, às 21.30, 6ª e Sáb às 20.30 e 22.45. Dom. às 15.00 e 18.00 horas
SEVERA
De Júlio Dantas. Encenação de Nicolau Breyner

MARIA VITÓRIA
Parque Mayer - Telef. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 23.00 horas
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

PRIMEIRO ACTO
R. Eduardo Pedroso, 16-A - Algés - Telef. 2115033
De 3ª a Sáb. às 21.30. Sáb. e Dom. às 17.00 horas
AS PULGAS
De Cunha Leiradella, pela Comp. Persona.

TRINDADE
R. Nova da Trindade - Telef. 320000
De 5ª a Sáb. às 21.45, Dom. às 16.00 horas
AUTO DA ÍNDIA - VIAGEM A CALECUTE
De Gil Vicente, pelo Teatro de Todos os Tempos - Comp. Vicentina

VARIEDADES
Parque Mayer - Telef. 320000
De 3ª a Domingo às 21.30. Domingos e Feriados também às 16.00 horas
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana.

OUTRAS LOCALIDADES

ESTORIL
CASINO ESTORIL

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
1.º Juízo
AVISO

O Doutor Jorge Paixão Pires, Juiz de Direito da 3.ª secção do 1.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa.

FAZ SABER que nos autos de Acção especial de Reforma de títulos, com o n.º 4768 em que é autor — Alexandre Marques Alegria, casado, reformado, residente na Av. dos Bombeiros Voluntários, 39-6.º — Dt.º — Lisboa e requeridas a Sociedade Gestora do Fundo de Investimento Imobiliário — FUNDIMO, SA, e Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, a primeira com sede na Av. Casal Ribeiro, 12-5.º e a segunda no Largo do Calhariz, 20, ambas em Lisboa, foi designado o dia 14 de Maio próximo pelas 14.30 horas, para a conferência a que alude o art. 1069.º n.º do C.P.C., convidando-se, por este meio, qualquer pessoa que esteja na posse dos títulos que abaixo se descrevem a vir apresentá-los neste Juízo até ao dia designado para a conferência.

TÍTULOS EXTRAVIADOS

Título ao portador n.º 190208-3 de 1000 unidades de participação no Fundo de Investimento Imobiliário «FUNDIMO».

Lisboa, 2 de Abril de 1990.

O Juiz de Direito,
Jorge Paixão Pires

O Escrivão adjunto,
Vítor Fernandes Dias

DL 2.ª Pub. 6/4/90

MÁRIO COSTA
Construção Imobiliária
e Desenvolvimento de Empreendimentos, Lda.

Construimos e restauramos melhor, pensando em si.
Com soluções de base, que vão desde o projecto, até à construção em um lote nosso ou directamente no seu lote.
Nós damos forma ao seu projecto global.

MORADIAS

CONSULTE-NOS

REF. 101: Moradia não germinada, sala comum com lareira, escritório, hall de entrada, 3 wc, 3 quartos e dormir sendo 1 suite, cozinha, despensa e garagem, localizada em Cascais. Preço do lote mais a construção 34 000 c.
REF. 110: Moradia com piscina com uma área de 560 m², em S. João Estoril, projecto aprovado, preço do lote e construção 42 000 c.
REF. 320: Em zona de pinhal na serra de Sintra. Preço 80 000 c.
REF. 211: Excelente vivenda com projecto situada em Sesimbra. Preço total 19 000 c.
REF. 511: Moradia não germinada com piscina, localizada em Nafarros, Sintra.

Telefone 77 77 80

Largo do Campo Pequeno, nº 21 - 3º Esq. - 1000 LISBOA
Telefone 77 77 80 - Telex 62865 MARLIP P - Fax 79 33 707

CARTAZ

Telef. 2684521
De 4ª a 6ª às 21.30, sáb. às 18.00 e 21.30. Dom. às 17.00 horas
SOMENTE ENTRE NÓS
De Reginaldo Faria.

ODIVELAS
TEATRO
DA MALAPOSTA
Telef. 9873299
De 3ª a Sáb. às 21.30. Dom. às 16.00 horas
A FLORESTA
De Alexander Ostrowsky

PORTO
TEATRO SÁ
DA BANDEIRA
Telef. 2003595
5ª às 21.30, 6ª e sáb. às 20.30 e 22.45. Domingos e feriados às 16.00 e 20.30 horas
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas.

EXPOSIÇÕES

INAUGURAM

ANTÓNIO INVERNO - Pintura
Galeria Artela - Rua Prof. João Barreira, Loja 15 - Telheiras, (Inaugura hoje, às 22 horas. 15/20 horas, excepto segundas-feiras. Até dia 29)
LAURA CEZZANA - Pintura
Galeria Espiral - Rua Cândido dos Reis, 90 (Inaugura hoje, às 22 horas. 10/14 e 15/19 horas. Até 1 de Maio)
KAURU - Colectiva internacional: Pedro Portugal, Xana, Marcello Giudice e Marco Rotelli.
SNBA - Rua Barata Salgueiro (Inaugura dia 10, às 22 horas)
PAULO QUINTAS - Pintura sobre papel
Pedro e o Lobo - Rua do Salitre, 169 (Inaugura dia 12, às 22 horas)
REGINA CHULAM - "Master Lines", pintura
Galeria Quadrum - Coruchéus (Inaugura dia 10, às 22 horas)
ROGÉRIO AMARAL - Pintura
Galeria Miron - Rua do Mirante, 14 (Inaugura hoje, às 21 horas. 15/20 horas, excepto domingos. Até 12 de Maio)
TINTIN POR TINTIM - Exposição iconográfica (?) que inaugura o espaço alternativo da Galeria Novo Século
Espaço Litoral/Novo Século - Rua do Século, 4 (Inaugura hoje, às 22 horas. 13/19 horas, excepto domingos e segundas-feiras)

Pintura de António Inverno

LISBOA

JE *EST* UN AUTRE - Segunda parte da exposição internacional de auto-retratos. Andy Warhol, Christian Boltansky, Gilberto Zorio, Joseph Kosuth, Marcel Broothaers, Michelangelo Pistoletto e Tony Cragg tornam a fotografia parte integrante de objectos onde já não faz sentido discutir, ou limitar, o que é a escultura. Aliás, tem sido esta galeria quem mais tem contribuído para a confrontação e discussão do que é escultura, hoje. Exposição acompanhada de um catálogo onde, a par da qualidade de algumas reproduções, se reúnem textos de Chaké Matossian, John Yau (crítico da Art Forum) e Pedro Frade, sobre a temática e o sentido da auto-representação.
Galeria Cómicos/Luís Serpa - Rua Tenente Raúl Cascais, 1 (15 às 20 horas, excepto domingos)

JOÃO CUTILEIRO - Exposição antológica de 34 anos de actividade do responsável pela dignificação e difusão da escultura em pedra, de pequeno formato ou de parede. Independentemente da repetição dos temas e técnicas, João Cutileiro soube manter-se atento à vitalidade da escultura portuguesa protagonizada pelos sete escultores presentes em homenagem ao seu Mestre: António Campos Rosado, José Esteves, José Pedro Croft, Manuel Rosa, Maria Felizol, Pedro Fazenda e Sílvia Westfalen.
Galerias das Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian (10 às 18 horas, excepto segundas-feiras)

PEP AGUT - Graça Fonseca parece previligiar o intercâmbio com as galerias espanholas. Depois de Eugénio Cano (por troca com Paulo Feliciano?), a galeria revela agora este catalão residente em Colónia. Além da instalação *Amigos Para Sempre*, onde diferentes tipos de cadeiras uniformizadas pelo estofo dialogam com a *pele* mudada (entretanto emoldurada na parede), Pep propõe uma reflexão sobre a desmultiplicação do espaço/suporte. Mondrian revisitado.
Galeria Graça Fonseca - Rua da Emenda, 26 (15/20 horas, excepto domingos e segundas-feiras)

ALMADA
30 ANOS DE ENSINO DE GRAVURA NA ESBAL - 29 alunos testemunham a qualidade do ensino dessa disciplina ministrado pelos professores Gil Teixeira Lopes e Matilde Marçal, aqui homenageados. .
Galeria Municipal de Arte (15 às 22 horas, excepto segundas-feiras)

J.F.

RÁDIO ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa

14.00:- O Linho e a Seda; **15.00:** Praça dos Sons; **17.00:** Antena 1 - Regiões; **17.15:** Portq d'Abrigo.

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Antena 1; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Informação e Música; **20.00:** A Europa dos Doze; **20.30:** Musical; **21.00:** Passos Perdidos; **21.30:** Livre e Directo. Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

Rede Nacional FM 2 - Estéreo

17.00: Falar Cinema; **17.30:** Canções de Valdemar Henrique, Jayme Ovalle, Paurillo Barroso, Massenet, Mozart e Dowland; **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais - As Sinfonias de Beethoven, **19.30:** Álbum Musical. Obras de Lisle/Berlioz, Chabrier, Bach e Ellington; **20.10:** Álbum Musical; **20.40:** Esta Madrugada no Dois; **21.00:** Música em doze partes; **21.00:** Música em Doze Partes; **22.00:** Música Antiga. Obras de Telemann, Mozart e Bach; **23.00:** Música do Século XX. Obras de Honegger, Bartok, Ives, Cowell, Webern e Françaix; **00.00:** Intérpretes. Em destaque hoje o agrupamento inglês «The Tallis Scholars», sob a direcção de Peter Philips; **00.30:** Música de Câmara. Quarteto com piano em mi bemol maior, op. 47 de Schumann; **01.35:** Sons do Mundo; **02.00:** Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m
16.30: Quando o Telefone Toca; **17.00:** Contacto; **19.00:** Jornal; **19.30:** Quanto o Telefone Toca; **20.00:** Praça de Táxis; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Religiosos; **22.15:** Desporto; **23.00:** 24ª Hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

18.00: RDS - Rádio das Seis; **21.00:** Mercador de Sonhos; **00.00:** A Noite Passada; **01.00:** Som da Frente; **03.00:** Quem Tramou o Locutor. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; **16.00:** Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Continua; **20.10:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00:** Revista; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando.

RFM

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo

15.00: Fórmula Três; **18.00:** Ideiafix; **19.00:** Atlântida; **20.00:** Serra de Estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico.

VOZ DO ALENTEJO

15.00: Boa Tarde, Alentejo; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Alentejo em Notícia.

VOZ DO ALTO TÂMEGA

15.00: Tardes do Tâmega; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Nordeste Magazine.

VOZ DE LISBOA

15.00: Equipa da Tarde; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Sete Colinas; **20.00:** **Diálogo;** 20.30: Transmissão do Terço; **21.00:** Lisboa à Noite.

VOZ DE LEIRIA

15.00: Tardes do Lis; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Leiria 89.

SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

16.35 - CLÍNICA GERAL
17.30 - A HORA DO LECAS
18.30 - RUA SÉSAMO
110º programa: o sapo Cocas está encarregado de fazer o noticiário da Rua Sésamo. Depois, os mais pequenos aprendem várias coisas sobre a palavra Pai e a emissão termina com noções sobre o quadrado.
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.15 - MISSÃO IMPOSSÍVEL
22.10 - TELEMUNDO
Contras da Nicarágua: o princípio do fim
22.40 - CHEFE, MAS POUCO...
36º episódio: o tio italiano de Tony confia-lhe a sua filha. Anna, que está prestes a contrair matrimónio.
O casamento, arranjado pelos pais, corre, entretanto, o risco de não se realizar, pois Ângela, Mona e Samantha resolvem transformar a rapariga numa jovem moderna e tipicamente americana.
23.10 - 24 HORAS
23.40 - UM DIA...
Com Lyon de Castro
23.50 - RÉMATE
24.00 - CARTAS DE HUMOR
00.05 - PELA NOITE DENTRO
«Cidade nas Trevas»

RTP-2

16.50 - 3, 2, 1 CONTACTO
17.20 - AS GRANDES VIAGENS DE COMBOIO
1º episódio: nesta série, sobre o papel dos comboios na evolução no mundo moderno, teremos hoje a presença do escritor e jornalista televisivo Ludovic Kennedy, que nos fala do futuro do caminho de ferro na América do Norte. Kennedy viaja em carruagens que se tornaram famosas, refaz alguns dos mais importantes percursos do século XIX e troca impressões com várias personalidades.
18.20 - MAGAZINE
MUSICAL
18.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
77º episódio
19.25 - ESPAÇO INFANTIL
20.20 - BUCHA E ESTICA
1º episódio: no dia 16 do próximo mês de Junho comemora-se o centenário do nascimento de Stan Laurel. Oliver Hardy nasceria dois anos mais tarde, em 1892. A partir de 1926, Laurel e Hardy formaram, durante duas décadas, a mais famosa dupla de cómicos da história do cinema. Mas, mesmo depois do seu desaparecimento, Bucha e Estica continuam a ser duas das figuras mais populares da comédia cinematográfica. Laurel e Hardy cometeram a proeza que pertence apenas a alguns eleitos: eles tornaram-se imortais. A RTP apresenta, a partir de hoje, algumas das suas mais célebres curtas-metragens.
20.40 - VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DONA BEIJA
22.55 - ROTAÇÕES

Mais uma estreia no 2º Canal: «Bucha e Estica» (os génios na arte de fazer rir) às 20.20

O 86º episódio de «Vale Tudo», no 1º Canal às 20.15

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - TV RURAL
09.25 - MEU QUERIDO SÁBADO
12.30 - GRANDES TORMENTOS
13.00 - NOTÍCIAS
13.10 - TENIS - OPEN DO ESTORIL
15.00 - PARLAMENTO
15.30 - SESSÃO DA TARDE
«Uma Leoa chamada Elsa»
17.05 - VIVAMÚSICA
17.50 - RICARDINA E MARTA
19.10 - SETE FOLHAS
19.45 - TOTOLOTO
20.00 - JORNAL DE SÁBADO
21.15 - O TEMPO
21.20 - BOLETIM DAS PESCAS
21.30 - CENÁRIOS PERDIDOS
23.30 - JULIE E CAROL
00.35 - CINEMA DA MEIA-NOITE
«Os Olhos da Testemunha»

RTP-2

09.02 - UNIVERSIDADE ABERTA
10.15 - NOVOS HORIZONTES
10.35 - MÚSICA N'AMÉRICA
11.30 - CAMINHOS
12.00 - UM LAR PARA OS ANIMAIS
13.00 - CINE-SÁBADO
«Um João Ninguém»
15.00 - ESTÁDIO
19.00 - OS SEGREDOS DE ARARAT
19.45 - CONTOS POPULARES EUROPEUS
21.15 - ESTÁDIO
Inclui Marítimo-Benfica em futebol
22.15 - Primeiro Jornal
22.30 - ESTÁDIO (Continuação)
23.30 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
Compacto

Móveis
OLIVEIRA & LEAL, LDA
(Casa Fundada em 1945)

Mobiliário em todos os estilos-estantes, móveis soltos — jogos de maples veludo e pele, arcas — colchões molas e espuma (por medida) — sommiers (por medida).
Móveis - sala e quarto (por medida).
Mobiliário em pinho — móveis de cozinha.
Não compre sem nos consultar.
Entregas em qualquer ponto do país.

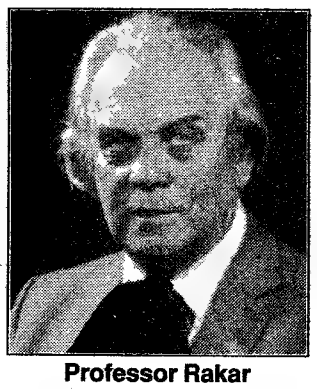
DESEJA PÁSCOA FELIZ AOS SEUS CLIENTES E AMIGOS

Rua da Rosa (Bairro Alto) 73-81-158-160
Telef. 32 18 72 (200 ² exposição)

«Parece que o Governo é 'filho' de Cavaco e que o partido é só seu 'enteado'»

Caetano A. Lapa, «Tempo», 05.04.90

A PERGUNTA DO DIA



Professor Rakar astrólogo

De hoje a uma semana é sexta-feira, dia 13. Será que vamos ter um dia de azar?

«A superstição de que as sextas-feiras 13 são dias de azar é uma fantasia popular desprovida de qualquer base científica. Talvez tenham acontecido algumas coisas más e as pessoas ficaram sempre com essa ideia. A carta astrológica para esse dia, aliás, não revela o mínimo aspecto planetário que seja negativo. Todos os aspectos planetários são positivos e profundamente positivos e revelam a maior harmonia em tudo o que se relaciona com os sentimentos. Tudo isto é bastante lógico, uma vez que se trata de um dia santo, Sexta-Feira Santa. Em conclusão: o dia 13 não é de forma alguma fatídico, isso não passa de uma superstição.»

O DL SUGERE

aos deputados do PSD

Vejam o filme AMIGOS E DETECTIVES, de Roger Spottiswood. Trata-se da história de um investigador policial e do seu cão Hooch, imbatíveis na descoberta dos mais intrincados casos. Comprovem primeiro a sua eficácia e depois talvez os possam contratar para tirarem a limpo, e de uma vez por todas, se as famigeradas escutas telefónicas existem realmente ou, pelo contrário, não passam de mais uma história de «polícias e ladrões».

a Herculano Pombo

Não perca LAMBADA, A DANÇA PROIBIDA. Trata-se da história de uma princesa amazónica que vai aos Estados Unidos para lutar contra a empresa que está a destruir a sua terra e que acaba por lançar a moda do ritmo baiano nas discotecas. Talvez consiga retirar deste filme algumas boas ideias para as lutas ecológicas... ou encontre novas formas de publicitar a sua causa.

a Tavares Moreira

DREXEL

Vá a Nova Iorque, ao LEILÃO DA DREXEL. A empresa de corretagem norte-americana vai vender todos os seus contactos sobre mais de 4 mil empresas e informações técnicas e de cotações sobre as ofertas de acções, entre outras coisas. Uma boa oportunidade para obter as informações, que tanta falta lhe fizeram antes, sobra a correctora, e também de ver quanto é que a Drexel vai ganhar com a venda. Pode ser que dê para repôr os 18 milhões de dólares...

a Nuno Abecasis

Assista à revista VITÓRIA, VITÓRIA, em cena no teatro Maria Matos. Poderá ser uma boa forma de ver que aquele teatro conseguiu renascer das cinzas e reabrir, apesar de não ter obtido a totalidade do subsídio que lhe foi prometido para a sua reconstrução. Foi uma grande vitória daquela sala de espectáculos. Pena é que não tenha acontecido o mesmo a teatros como o Monumental ou o Laura Alves.

Segunda-feira no

Diário de Lisboa

Moçambique e a visita de Chissano a Portugal

A Sida em Portugal

Sargentos reivindicam

Eleições na Grécia, Hungria, Perú e Juguslávia

Artigos de Artur Portela e Alfredo Margarido

Grupo de Trabalho DL sobre política internacional

As transformações na África do Sul

Lourdes Pintasilgo
Jaime Gama
Medeiros Ferreira
Calvet Magalhães
João Soares
Álvaro Vasconcelos

Diário de Lisboa

SEGUNDA-FEIRA

meteorologia

Os senhores da segunda-feira

Quem toca no fruto proibido, por vezes colhe insuspeitos prazeres, mas também acontece que queima os dedos. Produtores e artistas assaz anónimos, de língua anglo-saxónica, na segunda passada, na RTP 2 propuseram a teatralização da «*Metamorfose*» de Kafka. Queimaram os dedos, chamuscaram a obra-prima de sereno terror metafísico, não encontraram cumplicidade.

Não é preciso ser especialista de Kafka, ou amador de teatro do absurdo, para verificar que qualquer coisa não batia certo. Muito simples é o absurdo kafkiano, o da «*Metamorfose*» sobremaneira (para esta ficção o grande modelo fora a terrível e percursora novela de Gogol, «O Nariz»); aqui, o absurdo consiste num bom filho-família que de manhãzinha acorda na sua cama transformado numa barata. Este facto em si não surpreende Gregor Simsa por aí além, aborrece-o, sobretudo, a nova situação que lhe dificulta os movimentos, o atraso ao tentar vestir-se para não chegar tarde ao emprego.

O absurdo de Kafka, a queda sem preparação, não precisa de artifício, não é encenado, não se considera algo de excepcional, não cultiva o estilo, no sentido empolado da palavra. É um desvio trivial, um certo número de circunstâncias que merecem um relato seco, mas pormenorizado, como uma análise bacteriológica de um iogurte estragado do Instituto Ricardo Jorge, ou o comportamento do Benfica em Marselha no «Record», ou um comentário sobre as aplicações dos fundos da CEE, pela SEDES, numa das suas raras reuniões. Isto sim, é a novidade primordial do escritor de Praga, tão banal, tão genial. Absurdo ao natural, não «on the rock».

Era segunda-feira. Absurdo por absurdo, preferi Herman José na RTP 1: compromete menos porque promete menos, exige menos e, assim, decepciona menos.

Jorge Listopad

LOTARIA NACIONAL

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º PRÉMIO
2 302
70 000 CONTOS

2.º PRÉMIO
68 833
12 000 CONTOS

3.º PRÉMIO
56 584
3 000 CONTOS

Sorte Grande
70 000
Vendida hoje
aos BALCÕES da
CASA DA SORTE
LISBOA • BRAGA • PORTO • AVEIRO • VISEU • COIMBRA • SETÚBAL • FARO

LOTARIA DA PÁSCOA
TALUDA 137 000 CONTOS
Bilhetes a 13 000$00 fracção 1300$00
Habilite-se jogando na
CASA VIOLA — A sorte que «Toca»
LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMÃO • SETÚBAL
Correio: R. Assunção, 67 - 1000 LISBOA

SUPLEMENTO DAS SEXTAS-FEIRAS
DO DIÁRIO DE LISBOA
6 DE ABRIL DE 1990,
FAZ PARTE INTEGRANTE DO JORNAL
NÃO SE PODE VENDER
EM SEPARADO.

A MOSCA

DL

do Lis

...s deputados da comissão ...egressarem aos terrenos do ...úlio de Matos, onde também ...parece haver muita história ...para contar

Talvez ...mo que ...título ...enção, ...na últ... ...à ... mis- ...a Ch... ...'Bus ...elei ...

...ção, alegando haver indícios justificativos ...pretexto de uma fe... ...rod... ...Mi... ...rer ...a ...

...s notícias e tem ...iticamente aprove... ...a oposição de uma fo... ...dera a maioria para ...seriamente irritada. ...conteceu isso, ...mente, após a únic... ...ia aberta à Comuni... ...ial, quando foi ouv... ...inistra da Saúde ...utada Leonor Bele... ...e a responsável mi... ...de então divulgou ...dos papéis desap... ...do seu gabinete. ...elícias da oposição ...

...r-geral ...es do ...

...ção ou ofuscação de sucu...

...r cima, o inquérito ...a entrar no negócio dos terrenos do Hospital Júlio de Matos e o arq. Tomás Taveira vai ser um dos convocados a depor. Ele já fez, aliás, chegar à Comissão um enorme caixote de documentos que tem muito para contar e com o qual todo o cuidado é pouco...

Já não bastava, assim, a lembrança repetida de que o inquérito é rigorosamente reservado e, como tal, os membros da Comissão se vincularam ao dever do sigilo: na última reunião da Comissão de Inquérito a tentativa de «black out» informativo atingiu o clímax com a ameaça de procedimento criminal contra um jornalista do «Comércio do Porto» anunciada em comunicado subscrito pelo presidente em exercício, o deputado Valdemar Cardoso Alves.

Foi o caso de um jornalista daquele diário portuense, inconformado, como muitos outros, com o secretismo das comissões, ter divulgado matéria informativa sobre as actividades da comissão mas tendo cometido a leviandade de identificar como fonte da ...cia o deputado socialista

a Semana

A M O S C A

QUASE

Sexta, dia 30

Sexta-feira 30, ou sexta-feira 13? É que se não é, parece: em Faro íamos ficando sem ilha, em Macau sem Macau, anda por cá de esguelha a tropa de direita, zangam-se em Coimbra os da Queima das Fitas e até os inventores vão-se a Genebra, ao salão, sem apoio do Estado.

O que ainda nos salva é a Cultura, e já agora a Rosa Mota, uff, finalmente, fez as pazes com a Federação, meteu ministro e tudo, é uma alegria.

Na Cultura, a alegria não é assim tanta como isso, mas de mal o menos: o Estado lá arrematou uns brincos (préromanos) em leilão, fala-se de poesia a propósito de crianças, o Júlio de Matos Hospital salvou-se, não vai para as mãos do Taveira, e a RTP, coitada, mesmo em diferido, lá deu os «oscares», ficou a gente, para além do mais, a saber como não deve ser uma televisão; se as que aí vêem são como esta, que desgraça.

Da desgraça para a graça, são notícias do estrangeiro, uma diz-nos respeito (é a CEE a investir uns milhões nas conservas portuguesas), as outras não, a menos que sim, afinal Miguel Ângelo e Van Gogh são de nós todos, reabre hoje a Capela Sistina com as cores originais, inaugura-se na Holanda a exposição do centenário da morte daquele que em vida vendeu um quadro por junto.

Sábado, dia 31

Reabriu a Feira Popular, mas nem com sardinhada à borla, foi notícia que se visse, que mais abaixo abriu mas foi o Euromarché, quem pouco popular ficou foi Sampaio, para os de Telheiras, claro. Dantes tinham um bairro, agoram têm, um arraial, viva a herança Abecasis mais o dobrar a espinha aos estrangeiros, por sinal, no país deles em falência.

O resto é secundário: há a visita do presidente da Índia, a Feira do Vinho em Alpiarça, mais a do Peixe em Sesimbra, dança-se em Santarém a preceito o Campeonato de Salão, na Damaia canta (malzinho) Adelaide Ferreira, chegam mais uns brasileiros, para uma teatrada qualquer e sabe-se que Mário Soares, desde hoje, aparece no Brasil num «spot» publicitário. Na TV, em 45 segundos, alguém lhe pergunta: «Como o senhor tem notícias do Brasil?» Resposta: «Eu leio o «Estado de S. Paulo...».

Outro espanto, este um tanto macabro: na Parede, num leilão, um fato, camisa e gravata de Francisco Sá Carneiro, tudo dentro de uma urna, valeu 500 contos, valha-nos Santo António, que isto há gente para tudo.

Domingo, dia 1

Hoje é o Dia das Mentiras, se calhar, é por isso que se anunciam 55 milhões para a Ciência. Não é mentira, é verdade, mais de metade vêem da CEE, e é a única notícia de jeito.

As outras vêm de Paris de França, cresce por lá o racismo, agora além da extrema-direita é a direita não extrema, toda «bon chic bon genre», a dizer não aos estrangeiros, os portugueses estão a salvo...«são brancos, católicos e europeus».

Segunda, dia 2

Eunice é homenageada no Porto, Saramago fala de Israel e anuncia outro romance; há a segunda chamada da PGA, novos autocarros para a Carris, memória dos anos 60 na Gulbenkian, o Sá da Bandeira no Porto salvo por um leilão adiado e o PCP a revelar que os «autênticos» tapetes de Arraiolos já se fazem...nas Filipinas.

Das Filipinas para Itália, onde aos 84 anos, morreu hoje Aldo Fabrizi. Fez filmes para todos os gostos, mas só um o imortalizou: «Roma, Cidade Aberta», assinava-o Rossellini.

E a propósito de cinema, diga-se que hoje Santana Lopes, no acto de posse da nova directora da Biblioteca Nacional disse que assim se encerrava «o ciclo de nomeações de titulares de altos cargos — na administração pública — de entidades ou serviços sob a tutela da SEC»...Ou a gente não sabe ler, ou afinal Salgado Matos (ali presente,aliás), aguenta-se, a menos que aquilo que não se aguente seja o próprio IPC. A ver vamos.

Terça, dia 3

É o Dia do Livro Infantil e a Gulbenkian anuncia os seus prémios, mas o dia começa mal com um vergonhaço europeu: Estrarsburgo diz à Europa e ao Mundo que a maneira como por cá se aplicam os fundos agro-industriais é, preto no branco, um exemplo de má gestão.

À tarde, há mais prémios, agora os da APE, mas o importante é o pessoal do audiovisual quase todo a protestar contra o que bem pode vir a ser uma televisão estrangeirada, essa dos 50% de programas de «expressão portuguesa» mete-se pelos olhos dentro que cheira a telenovela (a propósito, ainda haverá por aí alguém que saiba já quantas há?)

À noite, é o «show» Soares em directo na TV, apesar de tudo não tão bom como isso, que os consensos é o que têm, arriscam-se à pasmaceira.

Quarta, dia 4

Prémio Inapa para Sophia, recital de Tom Krause em S. Carlos, Stein e Cacciato, mimos, no Acarte, e a triste notícia de que, ontem ou anteontem, morreu Sarah Vaugham, adeus «My Old Fame»,é o fim do «Summertime».

Quinta, dia 5

O melhor do Mundo são as crianças — dizia o poeta. Esqueceu-se de dizer que o pior é a gente invocar-lhe o nome em vão para ficar tudo na mesma, oxalá assim não seja pós debate (hoje) no Parlamento.

E da prosa dos deputados para os versos dos poetas: Ramos Rosa está em foco, na SPA, e Mário de Sá-Carneiro também numa exposição de pintura alusiva à sua obra. E já o centenário daquele que um dia escreveu: *«Um pouco mais de sol — eu era brasa,/ Um pouco mais de azul — eu era além./ Para atingir, faltou-me um golpe de asa.../Se ao menos eu permanecesse aquém...»*

O **Quase** que é o seu auto-retrato e o deste país também...

Rodrigues da Silva

O HOMEM E A HISTÓRIA

Nos debates da filosofia da história, o lugar atribuído ao indivíduo foi, ao longo das ultimas décadas, algo contestado, ou seja, perante a descoberta das ciências sociais e da ascenção da «Nouvelle Histoire» o carisma dos «homens históricos» foi, pelo menos, minimizado.Com razão, ou não, reis, presidentes, primeiros-ministros ou homens de Estado passaram para a segunda linha da análise causal dos acontecimentos. Novas ciências, tais como a demografia, a sociologia, a geografia, ou mesmo a economia, subitamente receberam o estatuto de reveladores ou explicadores do real.

No entanto, quando em final de semana reflectimos sobre os acontecimentos mais recentes, não podemos deixar de ficar impressionados com a influência que o individo, neste caso homem de poder, ainda dispõe.

Mikhail Gorbachev, incarna a lógica da Perestroika. A Perestroika, por sua vez, foi imposta pela necessidade de reconversão da sociedade. No entanto, não há um líder ocidental que não tema a exoneração do actual líder do Kremlin, tanto mais que o pós-Gorbachev é neste momento uma incógnita. O seu carisma, mais contestado no interior do que no exterior da União Soviética, e recentemente institucionalizado na sua eleição como presidente da URSS, está a moldar o futuro de meio mundo. Neste preciso momento, a sua capacidade de liderança está a ser posta à prova com a questão da Lituânia. Dilema profundo para a sua política, esta república bâltica, perante a qual Gorbachev está empenhado em não ceder, deve-lhe tudo e espera ainda mais.

Margert Thatcher, a «Dama de Ferro», mudou radicalmente a sociedade britânica, levando a classe média a discutir, palmo a palmo, com o «establishement» a liderança económica e cultural o reino de Sua Majestade. A sua obstinação em marcar bem a distância entre o Reino Unido e continente europeu terá impedido o processo de integração de alcançar os objectivos explícitos do Tratado de Roma. Esta semana, Thatcher viu o castelo desmoronar-se a seus pés, com muitos dos que no passado a apoiaram, tanto no seu liberalismo como no seu isolacionismo, a protestarem violentamente contra as suas mais recentes medidas.

Balduído, Rei dos belgas, figura que pela sua discreção contribuíu para que até hoje a Bélgica se tenha mantido unida num só Estado, desafiou todos e tudo ao fazer prevalecer a sua consciência sobre as obrigações «decorativas» da sua função. Embora muitos tenham logo gritado pela república, Balduíno marcou com um gesto singular a importância do indivíduo face à evolução galopante dos acontecimentos.

Saddam Hussein, presidente endiabrado do Iraque, levantou a sua nação com uma mensagem militarista e expansionista. Após o fim da guerra com Irão, cuja vitória que ele assumiu unilateralmente, e carecendo agora de mais «carne para canhão», decidiu converter o seu poderío militar em estandarte da nação árabe. Perante a sua sede de poder não há armas que lhe chegem.

Não há dúvida de que em todas as épocas de transformações, o indívido demarca-se dos acontecimentos e impulsiona a mudança. Quando os historiadores relatarem os nossos tempos não poderão certamente esquecer os homens que protagonizaram os acontecimentos.

Nuno de Azevedo

GUIDINHA

CUIDADO COM OS CROQUETES!

Atençao! Isto que eu vou escrever nao se pode dizer a ninguém nem sugerir a ninguém nem deixar que alguem fale nisso para dizer a verdade nem se deve pensar nisso e se eu falo é por razoes históricas e mais nada porque há coisas que devem ficar para a história para os que vierem depois de nós saberem como é que a gente é se nao tiverem mais nada que fazer senao meterem o nariz na nossa vida e dizerem que herdaram as nossas características para armarem aos cágados como nós que andamos sempre a dizer que somos marinheiros que o mar é nosso que somos filhos do Bartolomeu Dias e netos do Vasco da Gama quando a verdade é que temos meia dúzia de navios velhos que mal sabemos nadar e que só conhecemos o mar porque olhamos para ele de longe na Caparica quando faz calor mas enfim agora que já expliquei porque é que falo neste assunto posso começar mesmo a falar nele e digo desde já que o assunto é grave mesmo muito grave nao só para mim como para o prestígio das instituiçoes nacionais que sao as melhores do mundo e quando nao sao a gente muda-as com uma revoluçao para estarmos sempre na berra das revoluçoes e podermos dizer que somos a última palavra da política enfim o melhor é eu ir direito ao assunto e o assunto é este sem tirar nem pôr e sem mais palavras: O MEU PAI QUE AGORA É O SENHOR DOUTOR TEM UMA AMANTE NO ESCRITÓRIO é o que eu digo e a quem nao acreditar nesta indecencia eu explico como é que sei desta famigerada história (tirei a palavra «famigerada» do dicionário) a coisa passou-se assim a semana passada uma vizinha toda modernaça que nós temos disse-me que vira o «senhor doutor» a dançar numa «caixa» (eu não uso palavras francesas porque sou pela pureza da língua e por isso traduzo «boite» por caixa que é como faz o dicionário) todo feito com uma marafona vestida de encarnado e eu nao acreditei apesar de nessa noite o «senhor doutor» ter chegado a casa de madrugada por ter tido um serao na Camara (a vinda do presidente Sampaio que mete o nariz em tudo fez com que houvesse muitos seroes) mas vai numa outra noite em que ele tambem fez serao (ele agora faz serao quatro vezes por semana dizendo que é para ver se chega a ministro) ela disse-me a mesma coisa só que desta vez a tal marafona estava vestida de azul e eu fiquei a pensar que talvez o «senhor doutor» andasse a fazer seroes com a tal marafona multicor e nao com uma comissao encarregada de resolver o problema de habitaçao (eu digo isto porque o problema está na mesma de forma e se calhar a comissao também anda a fazer seroes na tal «caixa») e vai resolvi investigar a coisa sem falar a ninguém e arrangei uma moscambilha danada para sair à noite dizendo que ia dormir a casa da minha prima Eufrozinha que vive no Dafundo e que nao se estava a sentir bem lá para a hora da saída da repartiçao puz-me do outro lado da rua da Camara a espiar a porta da saída e vai daí a dez minutos apareceu o «senhor doutor» todo aperaltado todo sorridente todo pulido dos pés à cabeça de braço dado com uma senhoreca vestida de verde (ela deve ter muitos vestidos e eu estou mesmo a ver quem os compra) e foram ambos pela rua fora de braço dado a rirem como se estivessem a contar anedotas até um café da Rua do Ouro quando chegaram lá entraram e sentaram-se a uma mesa ela toda lambida pediu uma bica e uma bola de Berlim e ele pediu um «gin tonic» com muito gelo e gin nacional por patriotismo quanto a mim se ele fosse patriota ia mas era para casa olhar pela mulher e pela filha mas enfim lá bebeu aquilo que nao deve prestar para nada e custar uma data de pilim e comeu uma pastel de natas enquanto eu me lambia toda escondida atrás do balcao a pensar como os pasteis de nata sao bons com muita canela mas custam mais pilim do que o que eu tinha de forma que bebi um copo de água porque tinha de beber alguma coisa porque quando se está a espiar é sempre preciso beber num livro de espionagem que eu li o espiao americano estava sempre a beber whiskey depois de alguns minutos em que o «senhor doutor» disse que a tal senhoreca tinha uns olhos «da cor do céu» um baton da «cor do fogo» um cabelo da «cor do feno quando chegam as searas» e um vestido da «cor do mar» levantaram-se e saíram e eu fui atrás deles com o meu vestido da «cor de rato quando foge» para ver se havia alguma verdade na história de eles se entenderem em mais coisas do que nos assuntos da repartiçao mas hoje nao posso contar o que vi porque ele deve estar a chegar e se me apanha a escrever isto estou tramada até para a semana.

Canal DA Crítica

A M O S C A

MÁRIO CASTRIM

1 — O Presidente da República acha que a RTP não o trata com a dignidade devida a um Chefe de Estado. Verdade. Se ele quiser, eu testemunho.

2 — E que o faz de duas maneiras: **omitindo,** não indo; ou indo, e omitindo. Quanto a mim, fá-lo doutro modo mais sofisticado: metendo-o, a corpo sete, nas páginas interiores, entre o maralhal. Assim o diminui.

3 — A RTP diz que obedece a critérios jornalísticos — isto para responder àqueles que dizem que ela obedece ao Governo.

4 — Cousa, aliás, em que o P. da R. não crê, dado que, em sua opinião, o Primeiro-Ministro não manda na Televisão.

5 — Portanto, se o Primeiro não manda; se o Moniz se rege por critérios jornalísticos; se o PR não vê televisualmente defendida a dignidade presidencial, então não se sabe como, a quem e de que modo há-de ele dirigir-se. O que aliás, como ele costuma dizer «até é normal em democracia»...

6 — PR gosta de ir à TV porque sabe que os portugueses gostam de saber o que ele pensa sobre isto e aquilo. Então os repórteres perguntam sobre isto e aquilo. Mas o PR responde que a isto e aquilo ele não pode responder devido à sua qualidade de Presidente da República. O que não impede os repórteres de ir perguntando sobre isto e aquilo, a respeito do que já sabem que o PR não responderá...

7 — Nestas condições, nenhuma entrevista se safa, todas estão condenadas á partida em termos de interesse público.

8 — Está na cara que o PR cultiva sabiamente a sua popularidade. Digamos a palavra que pode parecer dura, se não tiver um conteúdo político: a sua propaganda.

Se um repórter lhe pergunta isso é apenas para que a pergunta reflicta o facto — e não para que ele o conforme...

9 — Com este homem todas as palavras parecem frívolas, mas todas as palavras lhe são úteis.

10 — Até quando nega a influência do Governo na RTP, no que toca à marginalização da presidência. Confirmando-a, teria de explicar porquê. Assim: fazer a propaganda de Mário Soares equivale a fazer a propaganda do PS; o PSD receia o PS; logo, o PSD boicota a presença de Mário Soares na Televisãoi...

11 — Claro que o dr. Mário Soares pensa isto. Mas não o diz. Porque, francamente, os presidentes não podem dizer tudo quanto lhes passe pela cabeça...

NA SESSÃO DOS ÓSCARES

Perguntaram a Kurosawa se há uma temática comum a todos os seus filmes. Ele respondeu: «Todos perguntam por que não podemos ser felizes uns com os outros».

— Continuará a fazer filmes?

— Sim, continuarei a fazer filmes para ver se consigo apreender a essência do cinema.

•

Obrigado a Fulano, a Beltrano, a Sicrano e obrigado a mim próprio por ter produzido o meu próprio filme.

(O Realizador Premiado)

•

Vamos agora até Sidney, cidade a que deram o nome do meu tio.

(Apresentador)

A CANCELA DO DÓLAR

Grandes fábricas de notícias e de imagens dominam grande parte do mundo. Principal chancela, o dólar. Daí que os grandes órgãos de informação escrita, falada ou televisual, dependam dela em máxima força.

Há situações perfeitamente ridículas. Recordemos aquela grande tempestade no estado do Minnesotta («vejam-se as imagens»...) de que resultou a morte de uma vaca.

Agora veio a história dos brócolos. Assim: o presidente Bush não gosta de brócolos. Que fizeram os produtores? Mandaram 10 mil quilos à Casa Branca, para convencerem o presidente. Resposta dele: «A minha mãe, quando eu era pequeno, obrigava-me a comer brócolos. Mas hoje, que sou Presidente, ninguém me vai obrigar».

Estão a ver? Ainda há quem diga que ser presidente dos Estados Unidos não tem qualquer vantagem.

Certo. Mas que diabo têm os portugueses a ver com os brócolos de Mr. Bush?

I

... esta entrevista com o presidente da República Popular da China...

(Início da entrevista de Maia Cadete ao presidente Joaquim Chissano. Deixe lá, Cadete. Acontece.)

II

Moniz, creio que esta entrevista já foi longe de mais em relação ao que esperava...

(Final de Maia Cadete, na citada entrevista. Barraca!)

III

Na África do Sul há uma Imprensa livre...

(Jaime Nogueira Pinto, Jornal de Sábado.)

IV

C. Cruz — Qual é o banco português responsável pela emissão do dinheiro?

Concorrente — O Banco Fonsecas & Burnay...

(Concurso 1, 2, 3.)

V

Repórter — Sabia que hoje é o Dia Mundial do Livro Infantil?

Senhora — Não, por acaso não sabia.

Repórter — Sabia que...

(Senhor, rapariga, rapaz, etc. etc.) — Não.

Repórter — Sabia que hoje é o Dia Mundial do Livro Infantil?

Empregado de uma livraria — Não, não sabia...

(Inquérito do **Bom Dia!**, repetido no **Ponto por Ponto**.)

VI

O médico francês de grande categoria não vem instalar-se em Portugal, como o médico português não vai fazer sombra em Paris.

Por outro lado, quando se alterarem as condições, as estruturas comunitárias, então ficamos na estrutura ibérica em que estaremos a enfrentar um país que é 20 vezes superior ao nosso, em recursos, em vontade nacional, em estrutura, etc.

Quais seriam as consequências disso?

(Embaixador Franco Nogueira.)

VII

Filho — Posso fazer-te uma pergunta pessoal?

Pai — Claro!

Filho — Não pensas voltar a casar?

Pai — Eu? Por que é que perguntas isso?

Filho — Porque te fazia bom arranjo alguém que te limpasse esta casa.

(Diálogo em «Querido John».)

VIII

Le Pen chegou a dizer várias vezes que há trabalhadores portugueses na Frente Nacional. Mas até agora não tem havido hostilizações contra os portugueses em França, pelo menos por motivos políticos. Pode ter havido por outros motivos, mas não propriamente por motivos políticos.

(Nuno Rogeirio, programa **Bom Dia**.)

IX

A economia americana está a atravessar um dos seus piores momentos desde que Jimmy Carter deixou a Casa Branca. Com uma economia de mãos abertas que durou oito anos proporcionada por Ronald Reagan os norte-americanos estão agora a pagar a factura pelas facilidades concedidas. Menos carismático, mas mais realista, o actual Presidente George Bush ainda não conseguiu contudo garantir a confiança da comunidade financeira. Quando alguns economistas apontam para uma possibilidade em quatro, de recessão, a economia americana sofre a crise grave da estagnação. Centenas de bancos de poupança foram obrigados ao apoio estatal e agora é a vez dos consagrados gigantes como o City Bank, do Chase Manhattan e outros optarem por novas formas de captação de recursos económicos.

(Luís Pires, Nova Iorque.)

O futebolista João Pinto transferiu-se do Boavista para o Atlético, cujos presidentes, Jesus Gil e Valentim Loureiro eram tão, tão amigos...

Mas Pinto lesionou-se. Sem capital, não há juro. Jesus Gil deu entrevista em Espanha. Remate deu-a, no todo ou em parte, não sei: Sei que ouvimos Gil y Gil dizer o seguinte:

Concordámos que esta temporada ficaria em branco e que, na temporada seguinte, de Setembro a Junho, pagaríamos mais dinheiro, dilataríamos o prazo mas depois ele insistiu, queria os trinta milhões até Dezembro. Até nisso concordámos. Agora até nem isso quer. Lá por ele ser presidente do clube ou lá por ele pensar que está a lidar com os pretinhos do Congo, comigo, essa não! Mentiu lastimosamente. Pode dar as conferências de Imprensa que quiser. Primeiro, há que curar o jogador. Mas ele não percebe isso. Para ele, o jogador é como se fosse um cavalo. Quer é receber mais dinheiro e o jogdor que morra. Mas que se desiluda, porque vamos dar uma lição a este senhor dos canibais. Já percebi que com ele o diálogo é à militar ou porque o é, ou porque julga que trata com os nervos, na época da escravatura. Ele tem de perceber o seguinte: o jogador de futebol é um profissional e um ser humano. Tudo bem que se especule a sua cotação no mercado, em função da oferta e da procura, mas não pode ser tratado como um cão.

Cristóvão daria depois a palavra a Valentim Loureiro, presidente do Boavista que, em termos de tempo de antena na RTP, rivalize com Bush e Cavaco Silva. Foi um longo desfiar de acordos, datas, milhões, testemunhos, relatórios, nomes, números, documentos, argumentos, informações. A terminar:

— O atleta (João Pinto) está a 100 por cento apto para jogar. Assim o declara o dr. Vieira Braga, médico do Boavista, mas um grande cientista mundial. A lesão do jogador é uma nova lesão provocada pelo stress.

E pronto. Nestas coisas de futebol é sempre difícil saber onde está a verdade. Mas o major Valentim, diga-se, foi convincente. Nós, portugueses, somos pobres, mas honrados!

Incrível, porém, que a entrevista, que podia levar dois minutos, levasse 10! Não, RTP, não podes fazer isso, depois da meia-noite. Não é altura para discutir cousas tão graves. As pessoas vão enervadas para a cama, com todos os inconvenientes entre os quais a redução de natalidade. Para tantos já basta **o 24 Horas.**

OS DADORES, OS ACTORES E OS GOVERNADORES

O dia do teatro coincidiu com **o dia do dador de sangue.** Não está mal achado, não senhor. Isto de cada um dar o que tem e benevolamente, merece ser lembrado, e ao mesmo tempo.

Tão parecidos, os dadores e os actores. Queixas tão semelhantes... Pobres, mal recebidos, mal compreendidos, ninguém lhes liga...

Assim foi que os vimos e ouvimos na televisão. Na mesma sessão em que ouvimos, a respeito do Teatro, o prof. Cavaco Silva declarar: «O Governo vai empenhar-se em fazer alguma coisa».

Calma, professor. Nada de exageros. Não vale a pena o Estado empenhar-se. Basta que compreenda a importância dos actores — e depois é só dar um jeito.

Bem: dos actores — e dos dadores. Ambos dão sangue. Entende, prof.?

UM EXCELENTE TELEDRAMÁTICO

A importância decisiva de uma televisão estatal consiste na sua possibilidade (por fugir aos esquemas da concorrência) de evitar a agressividade gratuita que prepara o terreno para todos os tipos de violência.

Como é que na RTP se faz a propaganda de um filme desse serão? Chamando a atenção para os seus aspectos mais chamativos, mais valorativos: «Um excelente teledramático. Acção, intriga, violência!!!»

Portanto, diz-nos a televisão, vale a pena ver. Vai ser formidável. Violência, intriga. Não esqueçam, logo à noite...

O mal desta Televisão é estar nas mãos de puros analfabetos que fazem gala da sua irresponsabilidade.

A senhora andara de baixo para cima, no **Jogo de Cartas,** até que devia responder à pergunta para ganhar o «sonho de toda a gente»: o automóvel. A qual era: **Como se chama o autor dos frescos do Gare Marítima de Alcântara?**

A concorrente não sabia o nome. Escusado teimarem: não sabia. Os segundos a correr. E a auxiliar de Nicolau Breyner, ansiosa por ver alguém feliz e aborrecida com a possibilidade da concorrente:

— Vá, diga um qualquer:

Tão jóia!

O PRÉMIO, OS CARCANHÓIS E A AZELHICE

Telejornal deu a notícia. Maria João Pires, recebeu o prémio Fernando Pessoa. Algumas poucas imagens. Deslavadas, coloridas, tranqueliranques. Género «pois sim, para que me deixes».

Para além de tudo quanto devia dizer e não disse, mostrar e não mostrou, deixar ouvir e não deixou, recorde-se que **o Prémio Fernando Pessoa** não foi instituído pelo Governo nem ao menos pela sucursal do Governo que é a RTP — e que não faria mal nenhum se dissesse quem o instituiu, ou seja, quem entrou com os carcanhóis, não tão poucos como isso, o **Expresso.**

Razões de publicidade? Não creio. Pior do que isso. Devem ser razões de azelhice.

O XADREZ NO «XADREZ»

Telejornal deu atempadamente algumas notícias sobre o encontro de xadrez entre Karpov e Timman, candidatas à disputa do título mundial na posse de Kasparov.

Deu, sim, senhor. Mas pouco. O xadrez creio ter em Portugal maior número de praticantes, federados ou não, do que o ténis. Não vou ao ponto de exigir que a RTP preste ao xadrez atenção que lhe presta a atenção soviética. Mas será de lhe exigir **alguma.**

Texto de
Margarida Raposo

AS COISAS VISTAS DE DENTRO

VIAGEM À CIDADE DE PAPEL

Isto era uma situação injusta. Como é sabido, todas as artes recebem regularmente os seus visitantes, todas, excepto, até ontem, a arte jornalística. Mas o panorama mudou e, hoje, um jornal teve a honra de receber o primeiro aventureiro forçado. Cremos que, para esta viagem inaugural, contribuiu o interesse cada vez mais escasso que as pessoas mostram face a simples informações, e a sua crescente expectativa perante as cada vez mais audaciosas divagações.

O certo é que, esta manhã, chegou à redacção do AUDIOVISUAL a insólita notícia de que, à saída de um quiosque famoso em Algés, um indivíduo desapareceu por entre as páginas do semanário A CIDADE DE PAPEL.

A Imprensa, alertada, dirigiu-se precisamente, para o local do invulgar acontecimento. O redemoinho de jornalistas depressa se desfez, já que, passadas algumas horas de concentrada espera, muitos cederam à tensão e desertaram.

Nós ao AUDIOVISUAL, porém, permanecemos firmes. E como a firmeza é usualmente recompensada, conseguimos obter esta extraordinária reportagem, que, de todo o coração, ansiamos que leiam.

O rapaz que vimos surgir, milagrosamente, das páginas do jornal, chama-se José, tem 24 anos e afirmou, ainda atordoado, que nunca antes lhe sucedera coisa assim. Depois de acalmar por uns momentos, relatou-nos pormenorizadamente a sua aventura.

Tudo começara naquela manhã de sexta-feira de presságio. José descia a avenida macambúzia vagarosamente, em direcção ao quiosque. Desobedientes, os pés seguiam com esforço pela estrada. Enquanto caminhava, tentava sistematizar a sua depressão. Nisto, apercebeu-se da proximidade da casinhota. Antecipando a voz à lentidão do corpo, gritou então por A CIDADE DE PAPEL. O semanário foi-lhe entregue, pagou-o e esperava pelo troco, quando se deu conta de que a sua má disposição estava a atingir uma violência perfeitamente despropositada.

De súbito, sentiu uma força electromagnética esmagadora, que parecia apostada em desintegrá-lo. Esbugalhou os olhos e só teve tempo de ver o título do suplemento ARRABALDE — esta semana, União —, e de pensar que tudo aquilo só podia ser uma partida de muito mau gosto.

Instantes depois, uma sensação muito agradável apoderou-se do José: um movimento envolvente e deslizante dava-lhe a impressão de nagegar. Imaginou-se um barco rumando por entre estradas amplas e casas rodopiantes, paisagens do novo espectáculo. Notou que as cores das fachadas das casas dançarinas se alternavam conforma os passos que executavam. As agitadas habitações seguiam um ritmo imposto pelo próprio ARRABALDE, mas também não deixavam de marcar o seu compasso. Reparou ainda outro aspecto: nenhuma das casa daquela feira de cores repetia os tons de alguma das vizinhas.

Foi então que se lembrou do título do suplemento, e não pôde deixar de se interrogar: porquê União? Isso ali não havia, pensou o rapaz, ainda que entre as habitações de cada rua parecesse existir como que um pacto de não agressão de cores. Mas já de estrada para estrada e entre as casas a guerra era descarada, numa tentativa de manterem, provavelmente, posições de colorido destaque na geometria do ARRABALDE.

Estranha União, remoeu o José. Talvez a proximidade o impedisse de ver a harmonia do suplemento. Por isso decidiu afastar-se, ganhou coragem, tomou balanço e saltou. Foi projectado, não para fora do jornal, como queria, mas para o seu caderno principal, A CIDADE DE PAPEL.

Aí, viu-se mais atrapalhado: maior, mostrava-lhe as suas avenidas a perder de vista que, em certos sítios, eram substituídas por longas e estreitas ruelas. Além das estradas, havia muitas casas, casinhas e casinhotas e prédios. Também o ritmo era diferente do do suplemento. O movimento da CIDADE marcava compassos distintos aos rodopios que formavam as cores instáveis das habitações: ritmos agressivos estabeleciam cores gritantes, melados, cores suaves, ao passo que os rodopios muito lentos resolviam-se em cores desmaiadas.

Se primeiro José teve, como já nos tinha dito, dificuldade em se orientar, depois animou-se. Não tardou a perceber o modo como a CIDADE DE PAPEL fora construída, já que esta obedecia a uma ordem rigorosa. Disposta em quatro zonas rectangulares, cada domínio era atravessado por ruas, mais ou menos largas, por onde se distribuíam as casas.

Violentos, os tons das fachadas das habitações da primeira zona eram os mais modernos. Destacavam-se completamente do resto da paisagem.

Passou em seguida para o segundo domínio, onde as cores das casas, muito influentes, teciam e impunham a aparência da CIDADE.

Já o terceiro rectângulo era um espaço aberto. Em vez das casas, erguiam-se tendas, aqui e além, entre aeroportos, cais e estações de caminho-de-ferro. Estas, momentos de desabrigo, convidavam ao esquecimento. Algumas, poucas, persistiam, tornando-se mais simpáticas.

Por fim, no último domínio, o rapaz encontrou uma série de bairros dissemelhantes, que se hostilizavam sem dó. Destes, dois estavam em guerra permanente: o bairro das casas de tonalidades idênticas e das habitações de movimento lento, feito de gestos que se diziam belos.

Após ter percorrido o semanário todo, José fez um esforço para o abandonar. A força que o obrigara à visita ajudou-o na partida.

E assim terminou a aventura do rapaz. Falou-nos ainda, em jeito de despedida, da dor que trazia por não ter sido capaz de fixar todas as nuances volteantes do jornal. Apenas conseguira reter a estrutura deste, segundo nos disse. Deixá-lo a contemplar perplexo a própria impossibilidade de agarrar e manusear a excessiva variedade que observara na CIDADE DE PAPEL.

Texto de
Eduarda Dionísio

DAS FUNÇÕES DOS POLÍCIAS E LADRÕES EM DEMOCRACIA

Compostura! Compostura! Aquele polícia está-me cá com uns olhos...

Era uma vez uma senhora que foi lanchar a uma casa de chá. Pôs a malinha no chão. Quando quis pagar, não tinha com quê. Os documentos também se foram, e isso é sempre o pior. Queixou-se à Polícia. Esperou. Passados meses, recebe uma carta: a Polícia agradecia-lhe a boa colaboração e a confiança que tinha depositado nela, ao lembrar-se de recorrer aos seus serviços. Sugeria que se os cidadãos fossem todos assim, as coisas correriam melhor. Da carteira, nem novas nem mandados.

É uma história de estabilização, que é o contrário de **desestabilização —** esse insulto maior que o Governo lança Oposição e que a Oposição gosta de devolver ao Governo.

A senhora, estabilizou-se, pois, em cidadã roubada, o ladrão em ladrão e a Polícia em Polícia de rosto humano: incapaz, mas cheia de boa vontade civil e de eficácia burocrática.

Quem soubesse de histórias tirar morais poderia daqui concluir que polícias e ladrões existem porque têm que existir e existem para existir. E pronto.

Não é infelizmente o meu caso: a história foi-me contada vai para uns meses e não me larga, **desestabiliza-me,** em suma, com a sua estabilidade toda, não consegui ainda deslindar porquê.

Passo a dizer o que me ocorre quando me lembro dela.

DAS INGÉNUAS RESISTÊNCIAS À IDEIA DE POLÍCIA

Sou de um tempo antigo em que a gente tinha na cabeça e na vontade uma sociedade sem Polícia. As sociedades com polícias eram do reino do estômago e das botifarras nos pés. Era assim.

Uma farda (mesmo com os galões brancos dos feriados que tanto comemoravam os 28 de maios como comemoram os 25 de abris, ou o próprio Dia da Polícia) mais um cassetete pendurado à cinta, bastava para vermos construído um muro a destruir. Admitíamos que um chui ao serão pudesse chorar as suas mágoas de família, habituados que estávamos aos polícias bonacheirões e pobres-diabos do celulóide, sabíamos as condições do recrutamento (os polícias seriam até filhos do povo...), conscientes que estávamos das «contradições do sistema», mas polícias bons, só nas casas deles. Que nas ruas das cidades não se viam diferenças. E depois — memórias que não se apagam — havia os dos treinos especiais, e cães que iam ao cheiro das ideologias, com protecção reforçada de corpo e cérebro, e armas de arremsso de que nos ficavam as marcas. E aqueles outros à paisana, especializados em silêncio de camaleão, até dar.

Para quê escondê-lo, para quê esquecê-lo? A Revolução tinha que ter no programa «Chuis e bófia p'rá prisão» — o que nem é coisa por aí além. Queríamos uma cidade sem polícia.

Confesso que aquela inesperada estrada que se abriu nos corações a jacto de água, no Terreiro do Paço, há um ano atrás, molhando os bons e secando os maus, não me calou tão fundo como devia. Mas juro que não fui eu que disse, mas um outro, daqueles que têm as marcas no corpo de outros tempos, olhando ainda esgazeado para o ecrã: «Só se perderam as que caíram no chão». Limitei-me a rir.

E é assim que eu, cidadã pouco civilizada, me penitencio: por mais **spots** que veja, sonorizados a fanfarra, incentivando, os patrióticos ingressos através de saltos mortais em ambiente de jovialidade galharda, destemida, responsável e filantrópica; por mais inclinações sindicais que depois de crescidos se manifestem; por mais cursos de civilidade a que se sujeitem; por mais espuma de civilização em que se banhem; por mais que a profissão se **humanize** e **feminize;** por mais ordens democráticas que recebam, as forças da ordem serão sempre para mim as patas dos cavalos sobre os corpos dos camponeses; o tiro atirado às pernas do jovem rato de automóvel, que afinal lhe furou os pulmões; o homem de bigode, mangas de camisa e gravata, jantando com a sua brigada na cervejaria, enquanto não deixa de bater chapa com o olhar contra os rostos que lhe dizem qualquer coisa.

Erros de quem imaginou a cidade do sol sem fardas, sem armas e sem castigos, eu sei. Ingenuidades de quem julga que a criminalidade é doença social curável, ou coisa assim...

DO MAU ENTENDIMENTO DAS VANTAGENS DA POLÍCIA EM DEMOCRACIA

Nos últimos anos, muitas pessoas se têm esforçado por me explicar (e eu tenho dado o máximo de provas de o ter entendido) que um polícia é uma pessoa como outra qualquer (boa ou má, conforme Deus a fez no momento da concepção), que o desemprego leva cada um para onde menos espera, que ninguém tem culpa de haver outros (que não os próprios) que tenham nascido já todos virados para o crime e que combater o dito é uma nobre missão, que livra os pacatos cidadãos de incómodos.

Em democracia, um polícia não é mais do que alguém que tem a profissão de ajudar o ceguinho a atravessar a rua, sem atender a credos nem ideologias. Ou seja: em democracia, um polícia não atira um ceguinho comunista para baixo do camião que circule com excesso de velocidade na 2.ª Circular. E, em democracia, o conceito de ceguinho tende a alargar-se: o polícia ajuda o deliquente juvenil, o consumidor de drogas leves, aquele que passou um cheque sem cobertura, aquele que andou pelo desfalque sem o ter feito propriamente. Apanhá-los, encerrá-los, interrogá-los, encarcerá-los, mais não é do que não os deixar serem esmagados pelo camião, prevenir a fraude generalizada e promover o bem-estar da sociedade.

Têm-me explicado tudo isto. E eu aceito o mais que posso. Sei que os agentes que deixam estacionar no lugar proibido para passarem a multa a seguir não passam de excepções.

Mas tenho a declarar que, por mim, acabo por nunca ser capaz de chamar a polícia quando indubitavelmente tenho razão — se alguém me bate pela esquerda e diz que não; se não consigo tirar o carro porque outro me impede a saída; se o vizinho não me deixa dormir com o barulho que faz depois das duas da manhã.

Os meus vícios são tais que fico certa que em frente do homem fardado perderia logo toda a razão: seria imediatamente culpada e condenada. Ele me responderia que se alguém me bateu foi porque eu passei por aquela rua e que, além disso, era clandestina porque não tinha a chapa do nome no carro; que se não conseguia sair era porque queria fazer uma coisa que não passava pela cabeça de ninguém, devia era estar a ver o jogo de futebol; que, se reparei que havia barulho às 2, é porque estava acordada a essa hora, e sabia lá ele o que é que eu tinha andado a fazer antes, e por aí fora.

(Também me parece que as recentes transformações no Leste não são de todo alheias a estas minhas fantasias: aquilo de um agente da Polícia do «comunismo» ser em poucos dias eleito deputado do liberalismo ou coisa assim, tem-me dado muito que pensar...)

O que sei é que hoje, um jogo de futebol (essa distracção das massas por excelência), patrulhada por grandes cães de porte imperial à trela de possantes representantes da Ordem é uma imagem banal.

Ter que ver uma criança, depois da visita de estudo da sua escola primária à PSP, desenhar como T.P.C. o simpático polícia a tratar dos seus cães e cavalos e a ensinar os meninos a atravessar as ruas, entra na minha lista das pequenas violências de todos os dias.

Saber que os concertos rock — essa libertação de energia a mais que até às vezes produz inquietação, interrogação e uma outra harmonia — têm que ser «policiados», pelo menos contra os «meninos nazis» (o Zeca Afonso!) e que as escolas construídas nos descampados baratos dos subúrbios só funcionam com sentinelas às grades — o que não ocorreria reivindicar a qualquer professor normal há bem pouco tempo ainda, sinal talvez que o gorilas do Veiga Simão tinham ficado na memória...) é a morte, célula a célula, dess desfasada utopia da cidade sem polícias nem prisões.

DA SOLIDARIEDADE À FALTA DE SEGURANÇA

Tanta ingenuidade e acidez até enjoa — chegam-me ecos de ttodo o lado. Têm razão.

Foi por isso que me pus a trabalhar, a todo o vapor, para o reforço dos consensos, agora que é Primavera.

Quero pôr-me de acordo e depressa. Sobretudo na questão da necessidade de estabilização e de polícias em qualquer sociedade democrática.

Sorrio, compungida, à senhora que me conta o pavor em que vive de lhe roubarem pratas e jóias, o calafrio que lhe causa saber que alguém lhe pode entrar em casa e remexer-lhe na intimidade, indigno-me com ela por um rapaz das barracas ter subido **às claras** pelo lado de fora do prédio até à varanda donde roubou uma bicicleta. **(A propósito, esqueci-me de fechar a porta à chave).**

Recebo de braços abertos o amigo que chega e me deposita em cima da mesa o rádio do carro, que se habituou a transportar debaixo do braço, em vez de me ter devolvido o livro de que eu precisava. **(É verdade, tenho que mandar montar o meu).**

Compreendo e dou razão a quem me explica que não pode agora pagar a quota da associação (em riscos de fechar) porque teve que mandar instalar um sistema de alarme e cortar as árvores da casa de campo que davam fácil acesso às janelas do primeiro andar. **(Quando é que arranjarei tempo para passar uns dias fora?).**

É verdade que a Polícia é boa. O seu único senão é uma certa falta de eficácia em certos casos. Sobre isso, estamos todos de acordo, penso eu, e é na base do acordo que temos que construir a nossa felicidade.

O único mal é que, de facto, quando se chama, ela não aparece ou aparece tardes deixo fugir o assassino e, com a pacatez do **walkie-talkie** no ouvido, entre o relato, a mensagem em código e

o cigarrinho, deixa fugir o assaltante do banco **(O nosso rico dinheirinho!).**

É aqui que bate o ponto, e só: a Polícia funciona mal. E a sua ineficácia tem explicação: é um serviço do Estado e basta — pessoal mal pago, pouca concorrência, poucas promoções e medalhas, nada que se compare com o incentivo que uma empresa privada sempre dá, pouco trabalho à comissão, à percentagem, qualquer coisa que se saiba é logo apelidada de corrupção...

DA IMPORTÂNCIA DA INICIATIVA PRIVADA NA DEFESA DO CIDADÃO

Há que ser realista. Face à Polícia e à segurança de cada um, sobretudo. Cada um tem a capacidade e o dever de se prevenir. Que o remediar é sinal de pouco senso. E o não remediar sequer é sinal de inadaptação crónica que, tarde ou cedo, acaba por ser castigada, e com razão.

De que serve aspirar a viver como nos filmes, onde se pára o carro quando nos dá na gana, se bate com a porta, se deixa o vidro aberto, para regressar quando bem nos apetece? Temos que nos convencer que um nudista a passear à beira-mar de porta-moedas na mão é a coisa mais natural do mundo.

Aliás, nestes domínios, há ensinamentos que vêm de longe, do Capuchinho Vermelho, dos Três Porquinhos e outras histórias. Não falar com desconhecidos nas ruas, não dar boleias, mesmo que chova a cântaros, não abrir a porta a ninguém, não acreditar sequer que nos vêm pregar o Evangelho ou pedir uma esmolinha, não deixar a chave debaixo do tapete, nem ao vizinho — tudo isto já devia saber aquele cabritinho que se deixou enganar pelo lobo que meteu a pata na farinha para fazer de cabra-mãe. O cabritinho acreditou e, zás, o lobo comeu o cabritinho.

São negas a que a gente se habitua bem e que não custam nada desde que se tenha sempre presente que os únicos que não são lobos somos nós, o que é até um sinal de civilização. Facilita muito, e o engano é sempre pequeno.

E, depois, há as coisas que custam dinheiro, mas que valem a pena, nem que, às vezes, se tenha que fazer um pequeno sacrifício.

Se tivermos seguro contra roubo, já nos não dói tanto que nos levem da parede o retrato da nossa mãe. Se mandarmos colocar uma corrente na porta, ou blindá-la, viveremos quase com a felicidade de um príncipio em sua fortaleza. Se pusermos um alarme no carro, poderemos dormir em paz e só de vez em quando acordaremos, quando o nosso alarme ou outro se puser a tocar.

E, já que a propriedade também é intelectual, registemos o título do nosso próximo livro, antes que algum gatuno o roube. É um passeio. E escreveremos o livro com outra disponibilidade, com menos azedume, com menos prazer na dor e, quiçá, com mais dor no prazer...

DA INSEGURANÇA E DO CRIME COMO FONTE DE REALIZAÇÃO INDIVIDUAL E SOCIAL

Como funcionaria uma sociedade sem roubo — de bens, de vidas, de ideias. Seria, sem dúvida, o regresso ao Homem das Cavernas, à Barbárie. E seria pura Utopia.

Repare-se, aliás, no florescimento económico que o crime permite: postos de trabalho dos dois lados, indústrias novas que, por sua vez, incentivam os inventos tecnológicos, os estudos de psicologia...

Que seria de todo um sector de trabalhadores (e o próprio Sindicato da Portaria e Vigilância) que têm como local de trabalho as portas e os vãos de escada, como ferramentas, o olhar e a força do braço e que, modernamente, tendem a marginalizar, pela sua eficácia, a coscovelhice doméstica da velha porteira e o porte patibular dos antigos guarda-costas?

Que seria das companhias de seguros, fidelidades, bonanças, confianças, essas banqueiras do povo, que patrocinam realizações, até culturais com os lucros excedentes, a quem, exangues, podemos recorrer quando a casa ardeu, o quando já não temos nem mais teremos carro para guiar nem braços para trabalhar?

Que seria das empresas de segurança que se repartem entre o transporte do papel impresso na Casa da Moeda, a transformação dos locais de trabalho em casas fortes com segredo e a descoberta dos segredos internos de cada um?

Que seria das Chaves do Areeiro e as suas mil e umas chaves para sermos únicos, se ser proprietário não fosse ter chave e uma chave não custasse mais do que uma casa?

Que seria dos investidores e dos empregados das fábricas e lojas desses sistemas de segurança que completam ou dispensam chaves e ferrolho, dos mais psicológicos (é só pintar por fora que aquela carrinha não leva dinheiro) aos mais electrónicos; dos que nos fecham entre portas até ver, ao olho que acende assim que se toca à campainha da rua e nem nos deixam tirar um macaco do nariz ou dar um beijo ao namorado, antes de entrarmos, sem sermos vistos no 12.º andar?

E que seria dessa grande solidariedade entre roubados, nesses exaltantes momentos dos documentos desaparecidos e do passa-palavra das regras dos ladrões a que até achamos graça? E dessa cumplicidade, na procura, na entrega, entre roubadores e roubados, que às vezes acontece? — que, no fundo, ninguém quer prejudicar ninguém...

E que seria dessa outra solidariedade de excepção que me aconteceu, a mim, um dia?

Fui lorpa e, como a um qualquer, roubaram-me a carteira em plena rua. Estava ainda em «prisão preventiva» o Otelo. Alguém encontrou a carteira, uns passos mais à frente, mas não quis entregar-**me** à Polícia. É que tinha visto entre a papelada uns autocolantes «de esquerda». Bastante tempo depois, localizou-me e entregou-me a carteira. Bebemos uma cerveja. Ele estava desempregado e ganhava a vida gravando nos vidros dos carros, a ácido, as matrículas — um sistema «anti-roubo», como outro qualquer. E foi assim que passei a usufruir compulsivamente deste artesanal sistema de segurança...

CONCLUSÃO

Só posso concluir que ainda bem que há ladrões. E ainda bem que há polícias. Sem eles, que mundo cinzento e triste não teríamos! Sem verdadeiras aventuras e sem solidariedades!

Isto é tão verdade que, quando em momentos de fúria bem pouco pedagógicos, declaro na aula, não sei a que propósito, «Não sou polícia», vejo uma grande estranheza nos olhares, como quem diz: «É polícia, sim senhora. E que mal há nisso? Ou será que é ladrão?»

Continuo, então, a explicar Fernando Pessoa.

Texto: **Paula Sá**

Em Nova Iorque, os 350 anos do nascimento da princesa portuguesa e rainha de Inglaterra vão ser comemorados com toda a pompa e circonstância. Um grupo de amigos está profundamente empenhado no assunto

CATARINA DE BRAGANÇA A HERANÇA DE QUEENS

A corte inglesa fez-lhe a vida num verdadeiro inferno. Hoje, lá onde quer que esteja, no mundo dos não-vivos, D. Catarina de Bragança, a princesa portuguesa rainha de Inglaterra, bem se pode dar por satisfeita. Não só deixou para a posteridade o tão britânico chá das cinco, como encontrou um grupo de amigos luso-americanos dispostos a honrá-la no bairro nova-iorquino que lhe deve o nome, o famoso *Queens.*

As crónicas do século 17 são pouco simpáticas para com a raínha. Um figura apagada, pouco devedora à beleza, e terrivelmente beata são os seus dados pessoais nelas relatados. Catarina, o patinho feio, conseguiu, inverter a história. Com a maior discrição, pôs toda a Grã-Bretanha a beber chá, mas os ingleses só sabem disso, eventualmente, em livros de curiosidades.

Os americanos, esses, crianças ávidas pelo passado do velho Continente, quando folheiam algum alfarrábio poeirento descobrem o nome da única e exclusiva Queen que deu nome ao borough de Queens, a nossa Catarina, pois então.

Acolheram, por isso, de braços abertos uma jovem associação que pretende promover o nome da rainha em Nova Iorque, aproveitando a maré para divulgar um pouco da cultura portuguesa. *Friends of Queen Catherine* assim se chama a dita associação, criada em Fevereiro do ano passado, sem fins lucrativos e patrocinada pela Fundação Calouste Gulbenkian.

O presidente desta instituição e técnico do Centro de turismo nos EUA, Manuel Andrade e Sousa, veio a semana passada a Lisboa para divulgar o programa de festejos dos 350 aniversário da rainha nos Estados Unidos. Estes foram inaugurados, em Junho de 1988, pelo Presidente Mário Soares e pela presidente do condado, Claire Shulman, no *Queens Museum.*

O grande sonho dos Friends of Queen Catherine é o de conseguirem edificar um monumento régio em sua honra no 6º condado mais populoso dos «States». Para tal está em curso uma campanha de angariação de fundos, na qual se integram as primeiras iniciativas dos festejos: concertos a realizar nos dias 24 de Abril e 2 de Junho, no *Weill Recital Hall* do *Carnegie Hall*, respectivamente, pelos pianistas portugueses João Paulo Esteves da Silva e Adriano Jordão.

Mas o *créme de la créme* da sociedade norte-americana e da portuguesa irá participar num jantar de gala no Hotel Plaza, em Nova Iorque, no dia 9 de Outubro. A associação tem já garantida a presença do duque de Bragança, D. Duarte, e dos multimilionários Donald Trump (nascido em Queens), Hubert Hermes e Hans Josef Thyssen.

Em Portugal, não existem tantos e tão excêntricos homens do dinheiro, nem tão pouco o mecenato cultural é uma prática comum. Ainda assim, Manuel Andrade e Sousa pretende contactar entidades privadas no sentido de ajudarem a financiar o monumento. Entre os possíveis patrocinadores, o presidente da Associação citou as Caves do Vinho do Porto.

«Esta homenagem à rainha portuguesa pode ajudar a reforçar os laços culturais entre Portugal e os Estados Unidos e serve de estímulo dos nossos emigrantes, que aí encontram um ponto de referência», disse ao «DL» Manuel Andrade e Sousa.

Afinal, andamos sempre com lamúrias, a queixar-nos que os americanos nos colonizam, dia após dia, com os «Dallas», os videoclips, e outros enlatados que tais, quando foram os portugas, por interposto rei inglês, que primeiro os colonizou.

Então porque não aproveitar a sua sede de História - pelo menos a que antecede os *westerns*, onde *cowboys* e índios disputavam o agreste território, que essa eles contam-na bem - para lhes «vendermos» algum do nosso teatro, da nossa música, da nossa literatura e das nossas artes plásticas?

Uma vida infernal

A designação *Queens* existe para uma multiplicidade de instituições no condado com o mesmo nome. Colégios, museus, campos desportivos foram assim baptisados. Nem por isso existe alguma rua, estrada, escola, construção ou bairro que faça menção expressa ao nome de Catarina de Bragança.

Não existe, porém, qualquer dúvida quanto à origem daquele *borough*. Em 1964, o irmão de Carlos II de Inglaterra e cunhado de Catarina, o Duque de Yorque tomou aquele pedaço de terra aos holandeses. Para celebrar o feito substituiu o nome da cidade de *New Amsterdam* para *New Yorque*. Integrados no novo espaço, nasciam ao mesmo tempo o *King County* em honra de Carlos II e o condado de *Queens* em homenagem à sua esposa.

Mas afinal quem foi esta rainha portuguesa para merecer tais honras?

No dia 25 de Novembro de 1638, no Palácio de Vila Viçosa, nasceu a filha do oitavo duque e duquesa de Bragança. Baptisada Catarina, esta menina de sangue azul viveria os anos conturbados da luta pela Restauração, época que ficou marcada por um forte espírito nacionalista.

Os 16 anos de dominação espanhola (1580/1640) foram finalmente quebrados e o pai de Catarina assumiu o trono como João IV. Após a sua morte, em 1656, foram tomadas medidas para garantir e fortalecer a independência do país, e entre elas estava prevista uma aliança por matrimónio. O casamento de Catarina e de Luis XIV de França chegou a ser proposto, mas a atitude dúbia dos franceses para com a Espanha, impediu a sua realização.

Em 1660, Carlos II de Inglaterra, cujo pai, Carlos I, foi destronado por Cromwell, restaurou a monarquia e um ano depois decide casar-se. Encarrega o duque de Manchester de encontrar a noiva adequada, enquanto o embaixador português em Inglaterra, Francisco de Melo Torres, atento às reais necessidades, sugere a princesa Catarina.

O casamento era desejável para os dois lados. Catarina ganhava um poderoso aliado para o seu país e Carlos uma esposa saudável, possuidora de vastos bens, que abririam o caminho das possessões portuguesas aos apetites britânicos.

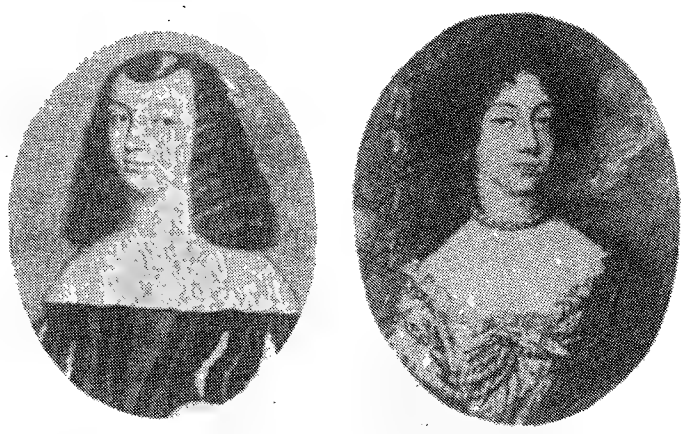
A união consumou-se a 31 de Maio de 1962 e o dote de Catarina de Bragança foi astronómico para a altura: incluiu cerca de 500 mil *pounds* em dinheiro; as cidades porto de Tânger e Bombaim; e a liberdade da Inglaterra estabelecer comércio com as possessões portuguesas da Ásia, África e Américas. Aliás, é nesta altura que ficam lançados os alicerces para próspero Império britânico da Índia.

Catarina nunca viu Nova Iorque ou o condado que lhe foi dedicado. A sua vida na corte inglesa esteve longe de ser feliz. Católica numa terra de protestantes, os seus hábitos transformaram-se em arcaícas curiosidades para as cortezãs. Pobre raínha, dizem as crónicas, vestia mal. As suas saias de balão estavam fora de moda e o cabelo... bom, é melhor não continuar. Conseguiu, contudo, alterar os seculares hábitos sociais da corte britânica.

A sua obstinência em aderir à religião protestante fêz-la cair, inevitavelmente, no conflito intenso entre Protestantes e Católicos. A sua infertilidade foi bode de espiatório para muitos dos ataques de que foi vítima.

A mais séria conspiração ocorre em 1678, quando um grande número de membros do Parlamento, liderados por Chancellor Shaftesbury e lord Buckingham, ligados ao Partido Protestante, pressionam o rei para repúdiar a rainha e eleger o seu filho ilegítimo mais velho, o duque de Monmouth, seu herdeiro. Carlos II opôs-se com veemência e defendeu-a publicamente.

O soberano inglês, a despeito de todas a intrigas, morre em 1685 sem deixar herdeiro. Catarina, alvo de novas intrigas e pressões, acaba por regressar a Portugal em 1693. Passou os últimos anos no seu palácio na Bemposta. Os seus restos mortais encontram-se no Panteão Real na Igreja de são Vicente de fora, em Lisboa.



BREVE IMAGEM FÍLMICA

D. Catarina é patrona de uma importante fatia de Nova Iorque. *Queens* lembra imediatamente, mesmo aos que nunca lá estiveram *in person*, Woody Allen (o mestre na arte de retratar a sua cidade), o rio Hudson, as pequenas casas de tijolos e os incansáveis praticantes de *jogging*.
Mas aquele espaço citadino é muito mais do que esta breve imagem filmica.
Com cerca de 2 milhões de habitantes, *Queens* é o 6º condado mais populoso dos Estados Unidos, assim como o maior dos cinco *boroughs* de Nova Iorque. Em tempos foi considerado o dormitório da cidade, mas actualmente emprega mais de 350 mil pessoas, das quais 75 mil são trabalhadores industriais, pelo que a sua taxa de emprego ronda os 94 por cento.
Tem ainda 196 milhas de costa, tendo a zona de *Newtown Creek* em recebido a distinção de «canal mais movimentado do mundo, para a suadimensão».
A população aqui residente têm um alto nível educacional, pelo que 52 por cento dos indivíduos com mais de 25 anos completaram, pelo menos, os 12 anos de escolaridade. Existem na zona cinco *Colleges: Queens College, Queensborough Community College, LaGuardia Community College, York College*, fazendo todos parte da *Colombia University of New York* e da *St. John's University.*
Queens é igualmente o núcleo das actividades desportivas dos EUA, albergando a sede do famoso clube de baseball Metes, assim como de reputados estádios de ténis, onde ocorre o *open* dos Estados Unidos.
Os dois aeroportos, J. F. Kennedy e LaGuardia, movimentando mais de 40 milhões de passageiros, são uma das mais importantes rotas aéreas do mundo. Empregam 50 mil pessoas que, todas juntas, recebem como salário um bilião de dólares por ano.
A capital da indústria cinematográfica do Este dos EUA situa-se neste local. Em *Queens* estão localizados os históricos *Astoria Motion Picture Studios* e o *Silvercup Studios.*
Ao nível musical, a firma *Steinway Piano Company,* fabricantes dos famosos pianos da marca *Steinway*, instalou neste condado a sua sede.
Queens também foi o local de residencia dos famosos músicos de jazz como Dizzy Gippespie, Count Basie e Louis Armstrong.
Uma multiplicidade de étnias concentra-se na zona, pelo que a violência em *Queens* é tão abundante como os idiomas que ali se podem ouvir, nada mais nada menos do que 150.
O voto histórico da organização das Nações Unidas, que criou o Estado de Israel, teve lugar em Queens, no actual edifício ocupado pelo *Queens Museum,* anteriormente sede da ONU (1946-1950).

P.S.

ANTOLOGIA DE JORGE DE SENA

Zodíaco

Os deuses nascem quando a vida estreita
laços de olhar, em torno da memória;
lembrar com medo é refazer a história
de quantos deuses uma estátua é feita.

Surgem desígnios que a morte ajeita
ao jeito permitido... Sim! Devore-a
a pura terra em água mais eleita,
que, ao chamar gruta à solidão marmórea,

dará, e a Deus, um cântico e um destino.
Se foi impunentemente que menino
me demorei no tempo e não perdi

o bibe sujo que ficou como era,
tenho maior direito ao que se espera:
criei constelações e nunca as vi.

(«Coroa da Terra», 1946)

Não sei, meus versos...»

Não sei, meus versos, que dizeis de mim.
Calou-se o tempo em que dizer só era
vossa alegria, vossa esperança ingénua
de a minha vida vos servir de amor.
Sabeis que não mais volto, que parti
para o silêncio que a liberdade busca
se, já livre de vós, vos não liberta.
Doce era esse adejar violento e dúctil
de umas palavras que teimosas vinham
perto de mais, à margem latejante,
ansiosa, obscura, que éreis vós nascendo.
Tudo morreu, outros esperam quais
não sei, meus versos, que direis de mim.
Se o nunca soube, vós o não sabíeis.
Se o não souber, nunca o direis, pois não?

(«Pedra Filosofal», 1950)

Fidelidade

Diz-me devagar coisa nenhuma, assim
como a só presença com que me perdoas
esta fidelidade ao meu destino.
Quanto assim não digas é por mim
que o dizes. E os destinos vivem-se
como outra vida. Ou como solidão.
E quem lá entra? E quem lá pode estar
mais que o momento de estar só consigo?
Diz-me assim devagar coisa nenhuma:
o que à morte se diria, se ela ouvisse,
ou se diria aos mortos, se voltassem.

(«Fidelidade», 1958)

Acção de Graças

Às vezes, com minha filha no chão junto de mim,
fecho os olhos numa acção de graças...

Mas logo ela galreia,
nem isso me consente.

E regresso um pouco triste a uma alegria imensa.

(«Post-Scriptum», 1960)

Sabedoria de Calígula

Mandei-o descascar batatas,
respondeu-me que os astros auguravam bom tempo.
Decididamente era verdade
que o imperador fizera o seu cavalo cônsul.

(«Peregrinatio
ad Loca Infecta», 1969)

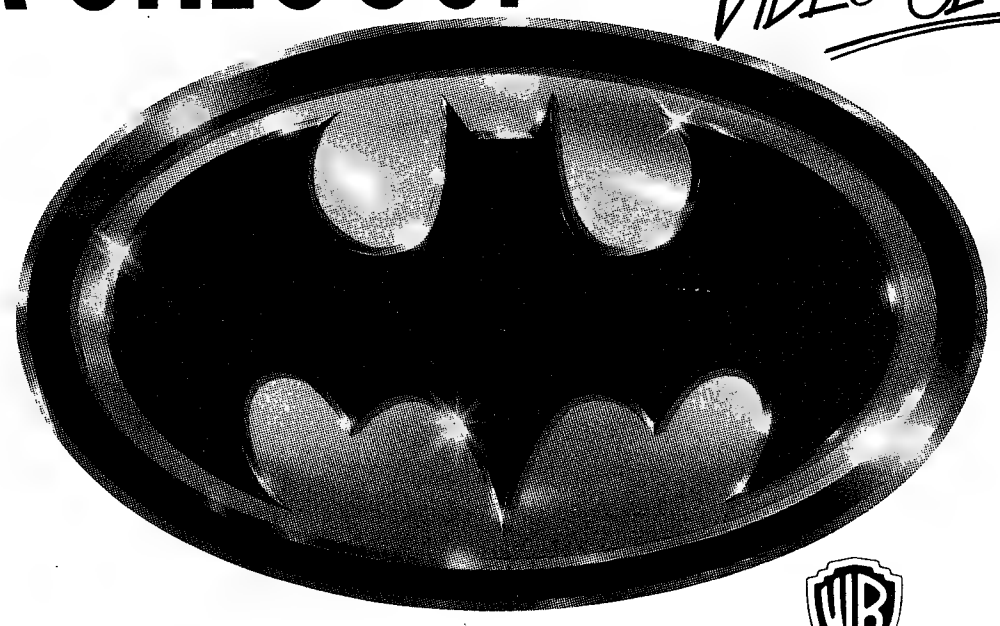
Homenagem a Spinoza

Lentes poliu para de Holanda os míopes
que delas precisavam para a escrita
comercial do açúcar e saborearem
os cantos delicados das pinturas.
Judeu sem sinagoga e sem península
ibérica de avós, moral geómetra
os ângulos mediu aos teoremas
da vida humana em lentes tão convexas
que até o latim lhe é como hebraico morto.
E sem de deus teólogo traçou
as linhas da cidade constituída
segundo as leis dos anjos da razão.
E Bento se chamava este coitado
da suma gentileza de existir-se
e de pensar-se em glória a paciência triste
de polir lentes sem ter deus nem pátria.
Mas só asssim é que os cristais flamejam
em pura transparência apavorada.

(«Exorcismos», 1972)

JÁ CHEGOU!

...AO SEU VIDEO CLUBE



WARNER HOME VIDEO

MAIORES DE 12 ANOS

José do Carmo Francisco

RETRATOS
SENHORAS IDOSAS NA PASTELARIA

Há lugares de repetido encantamento, lugares sem alteração de temperatura onde o sol não aquece nem o vento esfria, lugares, afinal, mágicos. A espera, o encontro, o exame em preparação, o negócio perdido num lugar comum — a mesa da pastelaria. Queria fixar não o estudante apreensivo, o par de namorados alheado dos outros ou o caixeiro viajante com pressa, mas sim as senhoras idosas.

Por outras palavras. O vestido que, ligeiro, roça pela porta e os sapatos rasos anunciam a primeira, a que pode escolher quase livremente os lugares. Trata-se da **primeira,** a que transporta as circunstâncias e o olhar.

O grupo, aos poucos, fica completo. As senhoras idosas surgem da rua e sentam-se à mesa do silêncio. Não falam. Se falassem, se as ouvissem, pediriam que não fossem mais fechadas pastelarias e cafés, lugares onde podem mostrar a sua idade, longe daquilo que as obrigam a ser no resto do dia, todos os dias: fracas, míopes, vulneráveis, indefesas, até à surdez mental dum Mundo cada vez mais longe, mais longe e mais rígido, mais sem tempo para elas.

Se as ouvissem pediriam que não lhes fosse tirado o sorriso do empregado nem a ilusão de que são alguém (pelo menos para ele, empregado), nem o jornal falado da rua e das redondezas que todos os dias elas editam para consumo interno.

Se as ouvissem pediriam que ninguém lhes tirasse o silêncio daquela breve hora nem a revista velha folheada tantas vezes, o livro antigo encadernado, o jornal com o pulsar do Mundo que os óculos esquecidos não podem ajudar a ler, nem (muito menos) a solene interjeição: **Então já sabe?**

Haja alguém que as oiça, lhes suspenda o tédio das manhãs, o sensabor dos peixes cozidos, o pão semelhante a plástico — talvez por causa do celofane.

A rápida aridez do Mundo nada tem em comum ou sequer em paralelo com a sua vida. Onde outrora havia crianças, há hoje cada vez mais cães — basta tocar algumas campainhas do prédio para ouvir os latidos em vez do antigo e infantil **quem é?.** Onde outrora havia cartas e sentimentos há hoje cálculo e egoísmo ao telefone e os carteiros transportam anúncios comerciais, circulares e jornais de província — preferencialmente, dizem as estatísticas. Onde outrora havia uma rede de referências pessoais, uma lógica de gerações, um declive de idades, há hoje casais desfeitos com filhos divididos como se fossem móveis ou electrodomésticos — e esse Mundo já não é seu, dizem (sem o dizer) as senhoras idosas na pastelaria.

Elas já não assistem ao Telejornal, já lhes chega o seu próprio luto, tudo as atinge já filtrado, sem violências, sem lágrimas ruidosas; os desgostos do Mundo já não as afectam.

Elas já não podem andar, deslocam os pés, demoram o mais possível no trajecto, porque pretendem prolongar o mais possível essa viagem diária ao centro do seu pequeno mundo.

Elas não falam, mas se falassem e se as ouvissem pediriam o fim do galopante fecho das pastelarias e dos cafés que até pelo nome (Alsaciana, Nilo, Milano, Riviera, San Remo, Mónaco) lhes recordam lugares distantes onde nunca puderam ir a não ser em sonhos.

Senhoras idosas. Da primeira a entrar disse que transportava as circunstâncias e olhar. Da última a sair direi apenas que me deixou o retrato do porte altivo e a presença ansiosa dum mundo em desmultiplicação — como a roda pedaleira duma bicicleta velha ou como o poço vazio pelo furo artesiano e que hoje dá só avenças em vez de água.

Sociedade da Língua Portuguesa

INSTITUTO DE CULTURA

CURSO LIVRE DE LITERATURA PORTUGUESA
CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE
MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO
(32 horas lectivas de seminários)

Mês de Maio
Dia 2, às 17 horas
Lição de abertura: Prof. Dr. Vítor Manuel de Aguiar e Silva (Universidades de Coimbra e do Minho).
Recital de Poesia e Música: Prof.ª Graça Varela Cid, Prof. César Viana e Prof. José Pimentel (Escola Superior de Música de Lisboa).

Dia 3
«Estéticas finesseculares»: Prof. Dr. José Carlos Seabra Pereira (Universidade de Coimbra).

Dia 7
«Era de Orpheu»: Prof. Dr. Nuno Júdice (Universidade Nova de Lisboa).

Dia 10
«Itinerário humano de Mário de Sá-Carneiro»: Dr.ª Maria Aliete Galhóz (Investigadora do INIC).

Dias 14 e 17
«A obra poética de Mário de Sá-Carneiro»: Dr. Fernando Cabral Martins (Universidade Nova de Lisboa).

Dias 21 e 24
«A obra narrativa de Mário de Sá-Carneiro»: Prof.ª Dr.ª Clara C. Rocha (Universidade Nova de Lisboa).

Dia 28
«A obra dramática de Mário de Sá-Carneiro»: Dr. Luiz Francisco Rebello (Presidente da SPA).

Dia 31
«A epistolografia de Mário de Sá-Carneiro»: Prof.ª Dr.ª Andrée Crabé Rocha (Universidade de Coimbra).

Horário dos dias 3 a 31: das 15 às 16 e 30 horas e das 17 às 18 e 30 horas

Mês de Junho
Dia 1, às 18 e 30 horas
Lição de encerramento: Prof. Dr. Óscar Lopes (Universidade do Porto).
OBS. Porto de Honra no dia da abertura e jantar e entrega de diplomas no do encerramento.

Director: O presidente da Direcção da SLP
Secretário: Dr. José Fernandes Camelo

INSCRIÇÕES, limitadas a 35 participantes, na Biblioteca da SLP, Rua de São José, 41-2.º, 1100 LISBOA, das 9 às 20 horas, de 2.ª a 6.ª-feira.

Móveis
OLIVEIRA & LEAL, LDA.

(CASA FUNDADA A 12 DE ABRIL DE 1945)

Mobiliário em todos os estilos-estantes, móveis soltos — jogos de maples veludo e pele, arcas — colchões molas e espuma (por medida) — sommiers (por medida).
Móveis — sala e quarto (por medida).
Mobiliário em pinho — móveis de cozinha.

Não compre sem nos consultar.
Entregas em qualquer ponto do país.

NA PASSAGEM DOS SEUS 45 ANOS, A GERÊNCIA DE **OLIVEIRA & LEAL** SAÚDA E FELICITA O «DL» NO SEU 69.º ANIVERSÁRIO.

Rua da Rosa, 73-81-158-160 A (Ao Bairro Alto ao lado do «DL»)

LUSOALIMENTOS

SOC. COMERCIAL DE PRODUTOS ALIMENTARES, LDA.

Rua 9, Moinhos da Funcheira,
Serra da Mina — Telefs.: 4948785/723/174
AMADORA 2700

ARMAZENISTA
DE TODA A GAMA
DE PRODUTOS ALIMENTARES,
BELEZA, HIGIENE E LIMPEZA

CASH & CARRY
PROMOÇÕES CONSTANTES
A BAIXOS PREÇOS

VISITE-NOS AINDA HOJE

Texto de
Duda Guennes

SERES FABULOSOS & MONSTRUOSOS

Abertura: Victoria Ibanez Aquino, uma mulher peruana comum que passa os dias cuidando de seus cinco filhos na localidade de Huaura, situada no norte de Lima, tem o coração, estômago e outros órgãos internos invertidos, revelou o jornal «El Comércio», da capital peruana, no mês de Março deste ano.

Com suspeita de tuberculose, Victoria foi levada a um hospital e, ao ser submetida a exames radiográficos, assustou os médicos; estava tudo trocado. É que ela sofre de um mal denominado síndroma de Kartagener, que no Peru a literatura médica só relata mais outros quatro casos.

Victoria tem o coração no lado direito e o fígado no lado esquerdo, estando também invertidos seu estômago e baço. Ela afirmou que não tinha conhecimento dessas anomalias e que só se recordava de que, na sua juventude, sentia fortes palpitações justamente no lado direito do peito.

Em Espanha, nasceu em 1757 o ilustre D. António Félix de Aunon, o qual desfrutava um grande Morgado. Pesava 22 arrobas; todos os dias comia, além do seu cozido, uma perna de carneiro, um peru e um presunto. Era tão gordo, que não havia cavalos que pudessem com ele. Tinha uma cadeira de propósito feita para se sentar. Era inábil para o casamento. Estando doente, os médicos deram-lhe uma dieta rigorosa, dando-lhe só licença de comer a cada refeição um peru. Para um vestido gastava 16 varas de pano, e mais duas para as mangas; para as ceroulas sete varas de algodão, cada sapato podia levar uma quarta de trigo. Morreu de garrotilho em 1802, na idade de 46 anos. Sua mortalha levou 36 varas de pano de algodão; o caixão tinha o comprimento de sete quartas e de largura três varas, e foi conduzido à igreja por 16 homens! Que fartura não tiveram os vermes!

Hoje, à luz da moderna ciência, seria diagnosticado de «obesidade exógena».

NO ANTIGAMENTE

O dr. Brás Luís de Abreu, no seu livro «Portugal Médico» ou «Monarchia médico-lusitana», publicado em Coimbra, no ano de 1726 — «a obra mais portentosa do seu tempo», no dizer de Camilo Castelo Branco — estabelece as «diferenças do homem» em cinco tipos:

«Há várias diferenças deste nobilíssimo Animal; muitas das quais provêm, segundo muitos afirmam ou da qualidade dos climas, ou dos Horóscopos dos nascimentos ou de causas aliás ocultas. Há uns Homens que são Gigantes, outros Pigmeus; outros Andróginos; uns Monstruosos; e prodigiosos outros». E de cada um deles, dr. Abreu fornece alentados exemplos.

Os dois casos supracitados enquadram-se na classificação dos Monstruosos, segundo o dr. Brás de Abreu, que assim os descreve:

HOMENS MONSTRUOSOS

«Deriva-se esta palavra «Mostruo à Monstrando», porque ordinariamente os corpos monstruosos em qualquer espécie servem de mostrar vários acontecimentos futuros, ou às Monarquias, ou Príncipes. Por isso temendo os Antigos a incerteza dos anúncios que podiam prognosticar os Monstros, os abominavam de sorte que os mandava levar a terras estrangeiras ou lançar em alguma ilha deserta e inabitada, como faziam o Lacedemónios seguindo as leis de Licurgo; ou os lançavam no fogo e espalhava as cinzas pelos ares; ou no mar, como faziam os Romanos; ou depois de mortos obrigavam algumas donzelas a cantar hinos e tributar sacrifícios à deusa Juno, com que se purificasse a cidade, como observavam os Atenienses.

Também há esta diferença de homens na espécie humana, e com multiforme variedade monstruosos, porque ou o são na figura ou na estatura do corpo, ou o são no fito e posição das partes, ou na grandeza e número delas, ou no número excedente e defeituoso das mesmas.

Os homens monstruosos na figura são os que em algumas partes têm semelhanças com viventes de outra espécie, como são os seguintes. Os «Arthabatristas», é uma nação de homens quadrúpedes, os quais andam em quatro pés com a face para a terra, como as feras. Os «Cynocephalos», povos da Índia, têm as cabeças como de cão, um dos quais foi levado a Luís Rei Cristianíssimo no tempo em que escrevia Vicêncio o seu espelho das histórias. Esta mesma figura tem também os «Cynamolgos», e ladram como os cães em vez de falarem, têm grandes unhas, vivem do que caçam e vestem-se de peles de feras, se é certo o que afirma Fuentelapenha. A mesma figura observou o nosso Curvo (Semedo) em certo monstro nascido em Lisboa. Certos homens vizinhos dos Tártaros, com quem andam em contínuas guerras, têm também as cabeças como de cães e são tão industriosos nos combates, que raras vezes os ofendem os Tártaros com as suas setas.

Outros com cabeça de Touro e de Carneiro, viu Aristóteles; com cabeça de cavalo, Turriano. No ano de 1664 houve um homem com cabeça, pescoço e crinas de cavalo, o qual servia de soldado e pelejava com arco e flecha, com que se pinta na «Tábua de Hungria», que no mesmo ano deu à estampa Gillis Hendrix. Outros há com cabeça de forma de burro, como foi aquele notável monstro romano que no ano de 1496 se viu em Roma com corpo de homem, cabeça de burro, uma mão de elefante, outra de homem, um pé de boi, outro de águia, o ventre e peito de mulher, com os peitos muito compridos, coberto de escamas todo o mais corpo, e no assento uma cabeça de homem barbado e velho, e outra de dragão — como escreve Eusébio Nieremberg.

MAIS MONSTRUOSOS

Os homens monstruosos no fito e posição das partes são aqueles em que os membros se acham fora do seu determinado lugar. Em certas terras dos Tártaros há alguns homens que têm um braço no peito e um só pé, destríssimos no exercíco das setas, para o que se juntam dois a dois, um pegando no arco, outro disparando a flecha.

Os monstruosos na figura e grandezas de algumas partes do corpo são aqueles em que há partes maiores ou menores do que pede a boa conformação dele. Há certos povos chamados «Turanuccos» que têm tão compridas as orelhas que chegam a tocar a terra. Outros por nome «Satmollas» têm tão largas e extensas, que se servem delas, como de vestido com que se cobrem. Outros chamados «Nigritas» têm o beiço inferior tão derrubado e comprido, que lhe chega ao ventre; e às vezes se lhe inflamam de sorte pelo, o calor do clima, que para se não corromper o cobrem de sal.

Há uns que chamam de «Sciopodes», que têm os pés tão enormemente grandes que deitados na terra se livram do Sol com a sombra dos pés, como se eles fossem uma copada árvore, por isso se chamam assim na dicção grega «Scio», que significa Sombra, e de «Pode», que quer dizer Pé.

Há também homens monstruosos no número excedente ou defeituoso das partes, como são os «Arismapos» ou «Monoculos», que têm um só olho. Os «Monoscelos», que têm somente um pé e com ele andam, correm e saltam destrissimamente. Em Vila Franca de Biscaia nasceu uma menina sem cabeça.

Em Coimbra viu o D. Francisco da Fonseca Henriques um homem, que não tendo mais braços que até o cotovelo, fazia coisas, como se tivera mãos, porque comia, bebia, tomava tabaco, enfiava uma agulha e cosia com um pé de que era coxo. Em Évora pelos de 1577 havia outro, que com os dedos dos pés escrevia, exercitava todas as operações, que mãos haviam de fazer.

No número excedente houve muitos, que nasceram com duas cabeças, quatro braços e outras tantas pernas, dos quais sirva de único exemplo, entre tantos, o monstro que se viu no ano de 1716 na Vila de Castelo Branco, que viu e de quem escreveu eruditamente com discurso mui parecido ao assunto o D. Bernardo Pereyra, médico da vila de Sardoal. Outro semelhante nasceu no ano de 1628 no lugar de Chãs, uma légua da cidade de Leiria, segundo o refere Miguel Leitão de Andrade.

Há certos povos que nascem com duas línguas, ou com ela partida, que falam ao mesmo tempo coisas diversas, perguntando e respondendo ao mesmo acto com diferentes sentidos. Sem língua falava um moço francês de nação, como notou Carlos Raygero. Sem língua falava também prontamente uma Maria de Monçaraz assistente em casa do excelentíssimo Conde da Ericeira.

Muitos mais monstros no número excedente e defeituoso poderíamos trazer, se não corrompera a ordem dos capítulos, a profusão da escritura.

«Este livro, a meu ver — escreveu Camilo Castelo Branco —, é a mais pitoresca história dos costumes daquele século (XVIII). Ninguém lê o *Portugal Médico,* e poucos sabem que desprezado tesouro ali está. Como autor de livros de Medicina é vilipêndio nosso que Brás Luís seja contado na lista dos escritores médicos, de par com os Zacutos, com os Veigas, e com Jacob de Castro Sarmento, como relação das usanças do século XVIII, não há novela nem poema satírico em português que lhe chegue à barba».

Aliás, Camilo escreveu um romance baseado na vida do autor de *Portugal Médico,* é o muito pouco conhecido «O Olho de Vidro».

África AQUI

A M O S C A

CESÁRIA, A QUE NÃO FALA

Maria José Belo Marques

Cesária da voz única, do sentimento inimitável. Ela é a grande cantora de Cabo Verde e, onde quer que se desloque, os que a ouvem rendem-se e comovem-se, mesmo que não percebam crioulo e falem não importa que língua. É um daqueles casos que não ficam espartilhados dentro dos limites de uma fronteira. Tivesse nascido nos Estados Unidos e, hoje, sem dúvida, seria reconhecida internacionalmente como um dos nomes grandes da música. Assim, poucos tem o privilégio de a conhecer, mas para esses alguma coisa de novo aconteceu na sua vida.

Sabia que ía ser uma tarefa difícil conversar com Cesária Évora. Não gosta de dar entrevistas e pouco conta sobre si própria. Histórias sobre a cantora há muitas, umas serão verdadeiras, outras não, mas a sua verdadeira história só ela a poderá contar. Um dia, quem sabe...

Recebe-me descalça na sua casa a cair de velha, degradada. Não é o cenário que se espera e imagina como morada de uma cantora do seu nível. A princípio desconfiada, depois mais à vontade (temos amigos comuns), Cesária, aos poucos, deixa saber um pouco de si. A mágoa e a revolta, latentes, que transporta consigo, ficam porém no seu segredo, enquanto aguentar sem fazer explodir o desabafo.

- Começou a cantar há muito tempo...

- «Desde os seis anos. Comecei a cantar sozinha, nunca aprendi.»

- Que idade tem?

- «Quarenta e oito.»

- Quando é que gravou o primeiro disco?

- « Muito tempo depois de começar a cantar.»

Assim resume mais de quarenta anos de carreira.

Se não canta morre

Em São Vicente, tive oportunidade de a ouvir no Piano Bar acompanhada por piano, baixo eléctrico e caixa de ritmos. Longe da maneira tradicional que a sua forma pura de interpretar exige.

Cesária Évora: a voz, única, de Cabo Verde

- Gosta de cantar assim, ou prefere ser acompanhada por instrumentos acústicos?

- «Conforme calha.»

- Mas não sente diferença?

- «Não. Mas é evidente que não é a mesma coisa. Não há nada como uma morna acompanhada de forma tradicional.»

- Então porquê assim? Já não há tocadores? Onde é que eles estão? Porque não se organizam noites cabo-verdianas, em São Vicente?

- «Há tocadores, pois. Estão cá. Organizam-se é poucas noites cabo-verdianas, o motivo não sei.»

- A Cesária canta sempre descalça. Porquê?

- «Gosto de sentir os pés no chão. Ando sempre descalça. Só me calço para andar na rua.»

- Acha que a música de Cabo Verde tem evoluído, ou não?

- «Está a andar para a frente.»

Comentamos o atrevimento de alguns, e algumas, em se apresentarem como cantores de música tradicional cabo-verdiana. Rimo-nos, comenta alguns casos que chegam mesmo a ser caricatos, mas não quer essa parte da conversa aqui repetida. Fala dos novos compositores, sem esquecer B'leza, que respeita. Por exemplo: Manel de Novas e Ti Góis.

- Há gente a escrever propositadamente para si?

- «Há. Vêm aqui a casa e oferecem-me músicas para cantar.»

Quando grava é porque alguém se resolveu a pagar o disco, pois não tem editora. À partida, esse dinheiro será facilmente reembolsado, porque qualquer gravação da Cesária vende, principalmente nas várias comunidades de emigrantes cabo-verdianos espalhadas no mundo. «É que - como por várias vezes me foi dito - ouvir Cesária é estar mais perto de Cabo Verde».

- Quem pagou este seu último disco?

- «Um cabo-verdiano que vive em França.»

- Depois de gravar os discos recebe alguma coisa por eles?

- «Não. Só na altura da gravação. Não peço nada a ninguém. Sempre fui assim. A minha vida sempre foi isto. Nunca piorou nem melhorou.»

Cesária quando actua em noites cabo-verdianas, ou no Piano Bar, não recebe nada por isso.

- «Não me importo. Eu não consigo é estar muito tempo sem cantar em público. Se não canto morro.»

Dias antes de falar com Cesária, o seu nome fora anunciado no Sal, espectáculo a que acabaria por não ir. Dizia-se que tinha sido mais um dos seus caprichos. A cantora explicou que não lhe tinham garantido o *cachet,* e que já está cansada de sair da sua ilha para actuar e, no fim, não lhe pagarem o acordado.

Uma casa para morar

Cesária tem muitas mágoas. Não as exibe em praça pública. Contudo, aos poucos, falou do seu primeiro filho. O pai, um português que trabalhava nos barcos que ligam São Vicente a Santo Antão, sabia que ela estava grávida quando regressou a Portugal, até hoje. Com a segunda filha passou-se quase o mesmo, só que o pai era cabo-verdiano.

Mas de tudo, o mais chocante é o local onde habita a primeira dama da canção cabo-verdiana.

- Como é possível que uma artista como a senhora viva assim?

- «Sei lá. Não consigo que me dêem outra.»

- Mas a Cesária não ganha dinheiro?

- «Ganho pouco. Nunca consegui viver de outra forma. Tenho a meu cargo uma família. Tenho dois filhos adultos desempregados, uma mãe doente, um neto e uma sobrinhita. Todos dependem de mim.»

- Como consegue?

- «Tenho ajuda dos meus irmãos que estão embarcados. Mas consigo, principalmente, com o meu trabalho.»

- Alguma vez lhe faltou comida na panela?

- «Não, felizmente. Os meus irmãos vão ajudando. E como eu sou uma cabra de porta...»

(Expressão usada em Cabo Verde, terra de cabras, que significa a atitude dos animais à porta das casas, esperando pelo que lhes derem, porque o que vier serve para matar a fome.)

- A Cesária tem algum apoio das estruturas cabo-verdianas da cultura?

- « Não. Nunca tive nenhum apoio. Quando me desloco ao estrangeiro, para cantar, as despesas são todas pagas por quem me contrata.»

- Considera essa atitude uma ingratidão?

- «Não, acho que não. Eu estou viva, não estou morta, tenho mais é que me desenrascar. Mas penso que um dia esse apoio virá. Há sempre esperança. Não percebo é porque aqui mesmo à frente está vazia uma casa, que pertencia às Águas, e não ma dão. Só quero uma casa para morar, mais nada. Dinheiro não há, paciência. Quando aparece, ainda bem...»

- Já a convidaram para ir viver fora de Cabo Verde?

- « Já.»

- E não foi?

- «Fui, mas voltei. Não sou capaz de viver longe de Cabo Verde. Se eu fosse para fora, a cantar, Cesária não era Cesária.»

- Diga o que sente. O que pensa da sua vida?

- «É por isso que eu não gosto de dar entrevistas. Não quero falar. Diga que não diga fica tudo na mesma. Por isso, prefiro não falar.»

Lembro-me de Travadinha, o grande violinista que morreu praticamente na miséria, ou ainda mestre Baptista, construtor de instrumentos, sem oficina para transmitir aos mais novos a sua arte, e na minha memória a voz límpida de Cesária:

- «Cabo Verde é pai para os de fora e padrasto para os de casa.»

O «DL» agradece aos Transportes Aéreos de Cabo Verde (TACV) o apoio concedido a esta reportagem

casa do leão
S. VICENTE PRAIA
SÍMBOLO DA FORÇA
REPÚBLICA DE CABO VERDE

ADEGA
S.A.R.L.
S. VICENTE/PRAIA
REPÚBLICA DE CABO VERDE

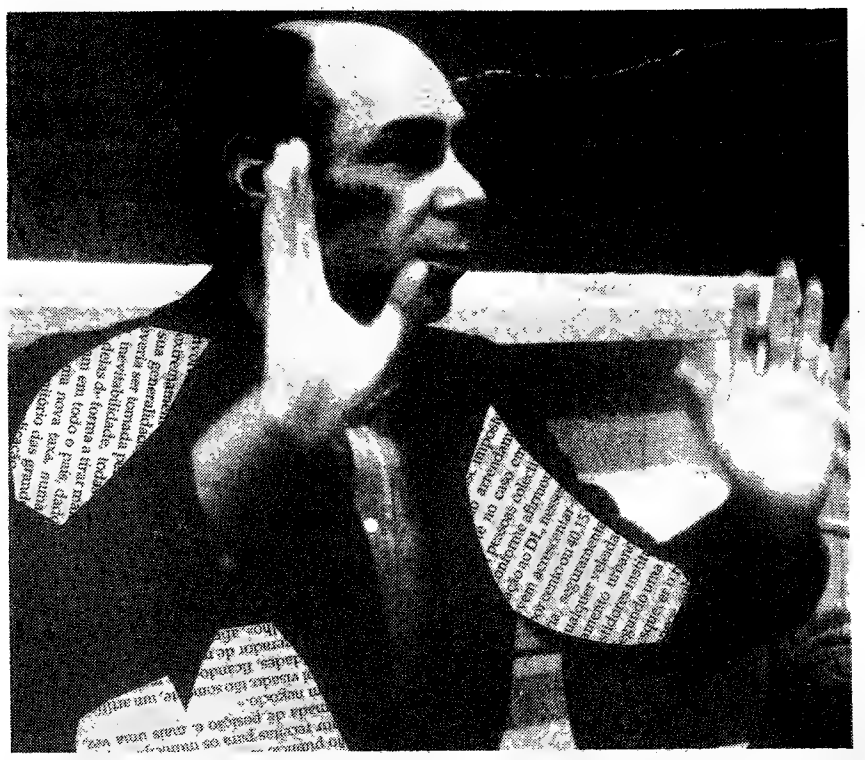
DROGARIA DO LEÃO
Nunes Leão e Companhia Limitada
S. VICENTE
REPÙBLICA DE CABO VERDE

PERCURSOS

Texto e fotos de Inês Gil

VENEZA

Veneza: acabava de chegar à estação ferroviária de Santa Lucia. O rapaz, entorpecido ainda pela longa viagem, aproximou-se do Grande Canal. O frio apanhou-o de surpresa, mas o sol de Inverno envolveu-o pouco a pouco
A água agitava-se: reflexos prateados e dourados saltitavam sobre os vaporetos e as gôndolas. Alguns turistas, nas escadas da estação, cobriam-se de sol. «Em Veneza!» Tinha sonhado tanto com a cidade, tanto e tanto, que lhe parecia que nunca a havia de conhecer. Fechou os olhos e ouviu: eram as gaivotas, eram os italianos que se chamavam uns aos outros e vozes estrangeiras que se iam pelos canais. O rapaz olhou para a ponte "Degli Scalzi" que dava para o centro da cidade. Pegou na mala e atravessou a ponte - e pisou a cidade. «Estou em Veneza! Estou em Veneza!» - gritavam (baixo) todos os seus poros.



«Pá — disse Dinis Machado —, não sei. Por esse lado não devemos ir a lado nenhum...»

ENCONTROS, DESENCONTROS, CONVERSAS, DIÁLOGOS E OUTROS QUE TAIS (IV)

(Notas de um espectador e uma história de amor pelo meio)

«E tentou acalmar o jovem Spiel

«Ó menina Alice, esteja quieta com a porcaria do espelho, já lhe disse várias vezes que tudo aquilo era inventado». Ela (a menina Alice) levou o dedo polegar esquerdo à boca, baixou um pouco a cabeça e olhou de soslaio para quem assim lhe dirigia a palavra (temos que concordar que as mulheres — de todas as idades — utilizam — e que só elas conhecem — gestos que fazem com que o estômago de cada homem dê cá uma reviravolta). «pronto... pronto, menina Alice, não fique assim, mas é que desde que publicámos aquela história, a menina como que levou a peito todo aquele enredo, e à força de manusear os espelhos já esgotámos o «stock» dalgumas lojas... bem sei que a culpa não é sua, que os espelhos são frágeis, mas são seria má ideia deixar de atirá-los contra a chaminé ou de deixar de dar pontapés neles».

Aqui a voz da menina fez-se ouvir muito baixinho:

«não dou pontapés nos espelhos»

«não? então o que é que faz, posso saber?»

«tento passar para o outro lado do espelho»

O homem olhou para o tecto (pois claro, quando convido alguém para o interior de algo, primeiro certifico-me que não tenha só quatro paredes, mas que possua pelo menos seis lados, também um chão e um tecto, não acham?) e disse como se falasse para ele próprio «não dá para crer» e de novo olhou para a menina Alice, dizendo:

«Tá bem, mas promete-me uma coisa só para hoje à noite, se a menina vir neste sítio algum espelho não lhe tente dar pontapés... desculpe, passar para o outro lado, é que estão cá muitas outras pessoas que se poderiam magoar, pois se calhar tentariam fazer o mesmo, tá bem.»

Então a menina disse: «não ficou aborrecido comigo?»

«Não, minha querida»

«Se eu hoje não tentar passar para o outro lado dos espelhos, promete-se uma coisa?»

«Com certeza, o que é?»

Levar-me a Dallas»

«A Dallas, porquê?»

«É que eles têm um espelho muito grande no meio da rua e eu já vi numa série americana as pessoas a passarem para o outro lado sem o partirem»

O homem estendeu a mão direita, agarrou a mão esquerda da menina, encolheu os ombros e começou a andar, de novo a criancinha se fez ouvir:

O Lewis Carroll (é assim que se chama o homem) olhou de novo para o tecto, meneou a cabeça e prometeu:

«Prometo.»

(Nunca faças promessas que depois não queiras ou não possas cumprir — nota do escriba).

Bem, vamos a outros.

Estes dois vêm mesmo a calhar, deixa-me cá ver o que é que dizem.

«Ó Lucas, estou um pouco preocupado»

«porquê?»

«trouxe o nosso amiguinho, o monstrinho amoroso e acerca de meia-hora que o não vejo»

O Lucas cofiou a barba, ajeitou-se dentro da T-shirt onde se podia ler a inscrição «Star Wars III e tantos outros para vos divertir» e tentou acalmar o jovem Spielberg:

«ouve, Spielber, o nosso monstrinho já se viu noutras situações bem mais difíceis, lembra-te que aqui é só malta porreira» (intervenção do narrador — e tem toda a razão, pois, como ele disse, foi só convidada malta porreira, nem outra coisa podia deixar de ser)

e continua o Lucas »...se calhar foi ele próprio que se perdeu e digo isto entre aspas, pois provavelmente travou conhecimento com algumas pessoas e está sossegadamente a conversar» agora é a vez do Spielberg falar: «tens toda a razão... mas quando o criei, tornei-o assim um pouco como que dependendo de amizades»

Lucas: «é o que não falta aqui, é pá sossega-te... já agora quando é que combinamos outras histórias em comum, tenho uma história óptima sobre um «gangster», passado nos anos cinquenta, mas não me está a apetecer filmá-la»

Spielberg: «És sempre a mesma coisa, ainda não percebi bem porque é que não queres ser tu a realizar»

Lucas: «sabes bem que me constipo, que ando sempre com febre, etc»

Spielberg: «ok, ok, conversamos então um dia destes»

Lucas: «ok» e reparando que o seu amigo continuava a olhar em volta como que procurando o tal amiguinho extraterrestre que havia desaparecido, disse-lhe »...ok, vamos lá à procura do nosso menino».

E foram mesmo.

Ih pessoal, ali naquele canto, não é nesse é no outro, sim nesse, pronto... tá focado. Ok.

Bem, como ia a dizer, naquele canto encontram-se as cinco actrizes mais fascinantes do passado e do presente (isto pode ser polémico, mas o narrador tem esta opinião e mantém-a perante qualquer argumentação), parece-me que o encontro será rápido, será então bom dizer os nomes das cinco maravilhosas mulheres: Lilian Gish, Louise Brooks, Marilyn Monroe, Carole Laure e Nastassja Kinski (temos que concordar que este canto deve ser o centro focal por excelência de todos os sentidos — ou quase todos, pois há muitos que nunca darão por nada — desta confraternização), mas, como este encontro é muito de circunstância, faço um pouco de história em como se deu esta casualidade (foi-me depois contada por uma das intervenientes, por isso é que vos posso contar o antes).

O encontro que originou o outro foi o que ocorreu entre a Carole Laure (que no diálogo será identificável com as iniciais CL) e a Nastassja Kinski (que será identificável com as letras NK), estas encontraram-se e começaram a trocar as palavras do costume (da primeira a falar não há registo, mas podemos tentar encontrar um diálogo).

A MOBILADORA SILVENSE

DE

José dos Santos Mourinho & Filhos, Lda.

MOBILIAS • COLCHÕES DE MOLAS E DE ESPUMA • ESPUMA • ESTOFOS • TAPEÇARIAS • ELECTRODOMÉSTICOS • RADIOS • TV • AGENTES AUTORIZADOS DAS MARCAS AEG - TELEFUNKEN - SIEMENS
ESSO GÁS • AGÊNCIA FUNERÁRIA

☎ 442568 (móveis) — ☎ 442238 (electrodomésticos) — ☎ 442852 (agência funerária)
Rua Miguel Bombarda, 4-14 8300 SILVES

vem Spielberg...»

só se narrará mais um ecxerto desse diálogo.

Mais à frente dizia a CL: «olha, podemos ir falar com elas (as actrizes mencionadas — nota do narrador) e saber um pouco as suas opiniões»

NK: «ok, encontramo-nos aqui dentro de dez minutos»

e foi assim que há pouco fomos encontrar estas cinco maravilhosas mulheres juntas e quando a nossa atenção foi chamada para aquele local já a reunião se processava há alguns instantes,

Louise Brooks: «a ideia é gira e por minha experiência pessoal acho que devemos fazer o que acharmos com piada»

Marilyn: «esse tipo, o (espaço fica em branco, porque não consegui fixar o nome, embora me parecesse algo familiar) já uma vez me entrevistou e foi bem simpático, se fosse eu a convidada, aceitava»

L. Gish: «por mim, acho que esse tipo de projectos são de acarinhar, mas peço-vos desculpa, pois disse ao Griffith que não me demorava e ele, vocês sabem como é... tenho que me ir embora, agora o que podemos fazer é marcar um encontro para um dia destes e falávamos não só disso como de outras coisas»

Marilyn: «por mim acho óptimo, basta avisarem-me com um dia de antecedência, ok»

L. Brooks: «façamos outra coisa, combinamos agora o local e a data...»

Aqui o narrador, depois de ter ouvido a data e o local afastou-se um pouco e colocou-se perante um dilema, quando cada uma destas maravilhosas mulheres fosse para o seu lado, a qual seguir?, já que por vontade do narrador, acompanhar-se-iam todas, mas ele não possui o condão da ubiquidade, assim a Nastassja e a Carole foram para um lado, a Marilyn despediu-se das outras duas e afastou-se, ficavam juntas a L. Gish e a L. Brooks.

Mas pensando bem é preferível esperar pelo tal filme (façamos votos para que se concretize) pois e esta é a opinião do narrador, se o fascínio que irradia de Lilian Gish é difícil de descrever então, perante Louise Brooks isso é por demais evidente, são pertença do reino da imagem, não da escrita, pelo menos ao alcance deste escriba.

Parte dedicada a uma só mulher. (E o que a seguir se ouviu — e que portanto se vai ler, nota do escriba, — foi cantado utilizando uma música de José Mário Branco — nota do narrador).

Um e dois e três era uma vez
uma princezinha.
Um e dois e três é agora
a minha rainha.
Um e dois e três de seu nome
Ana Cristina.

pausa, para os intervenientes, para o leitor e já agora, se me permite, também para mim.

bem, retomemos o fio à meada.

«Você sabe bem que o meu herói é um verdadeiro doido por livrarias, então não foi que elē me chateou o suficiente, pois em vez de seguir o criminoso entrou antes naquela livraria que faz esquina entre o 25.ª e a 58.ª Avenida para perguntar à moça que lá trabalha (aqui faz um gesto com ambas as mãos)... e que empregada, mas vou-te contar o episódio, o gajo entra na livraria, empurra a aba do chapéu um pouco para cima, olha para ela e pergunta-lhe «afinal, o que é que diz o molero?», a empregada, soube depois o nome, Dorothy Malone, olhou para ele, saiu de trás do balcão, tirou os óculos e olhou para ele — foi isso mesmo que ela fez, olhou, estou mesmo a ver o ar do meu herói, já nem devia saber o que estava a dizer ou a fazer, bem, ela olhou-o, dirigiu-se à porta da livraria, fechou esta e disse-lhe enquanto se aproximava «sabe, é que está a chover muito»

Diz Molero, desculpem, o Machado: «isso está-me a lembrar algo... e o que é que fez o teu herói?»

De novo a voz do Dennis Mc Shade: «então não é que o imbecil pergunta «foi isso que disse o molero»... não era de lhe dar com a cabeça nas paredes?»

Agora novamente o Dinis Machado: «com um herói desses não te safas»

O Mc Shade: «é o que tenho dito a mim mesmo... e é por causa disso é que te vinha meter uma cunha, como conheces o Hugo Pratt, vias se ele lhe dava uma boleiazinha para um qualquer sítio deserto e o deixava a pão e água»

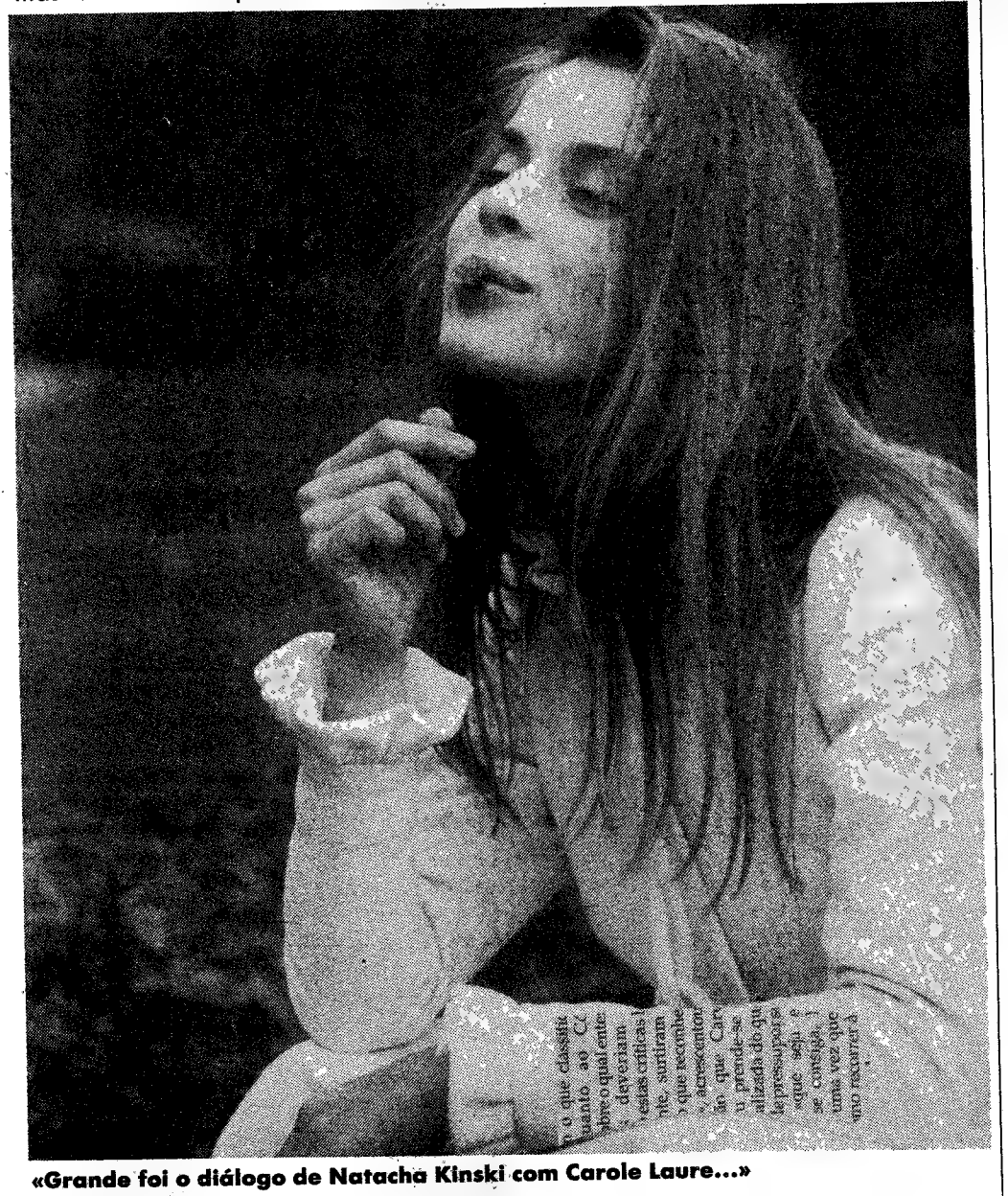
O Machado: «épá, não sei, por esse lado não devemos ir a lado nenhum, o tipo está sempre pronto a dar uma ajuda mas isso seria um pouco chato...» mas observando o ar triste do Mc Shade exclamou »... mas talvez tenha uma solução (o outro sorriu)... conheço um tipo que costuma passear por Nova Iorque, o Alack Sinner e talvez ele consiga que o teu herói se entale nalgum episódio, ok»

Diz o Denis muito aliviado: «agradecia-te muito»

Termina o diálogo, dizendo o Dinis: «não te prometo nada, mas vou ver o que é que se pode arranjar, ok».

Se algum dia, ao passarem numa qualquer rua de Nova Iorque e virem um antigo herói entalado, já sabem, os amigos são para as ocasiões.

Apresentador, narrador, escriba e autor: António José Martins



«Grande foi o diálogo de Natacha Kinski com Carole Laure...»

LIVRARIA PAPELARIA ALEIXO

BRINDES DE CASAMENTO • BRINQUEDOS • MATERIAIS PARA DESENHO TÉCNICO, ETC.

DEPOSITÁRIO DA IMPRENSA NACIONAL CASA DA MOEDA

RUA ATAÍDE DE OLIVEIRA • TEL.: 6 24 25
ARMAZÉM • TEL.: 6 41 26
LOULÉ

PARABÉNS ao Diário de Lisboa

DEPOIS DE

Francisco de Holanda
Cristóvão R. de Oliveira
Damião de Gois

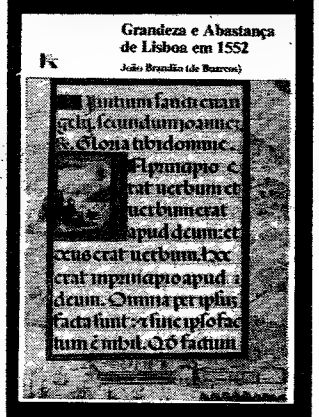
LIVROS HORIZONTE

Apresentam

Grandeza e Abastança de Lisboa em 1552

de

João Brandão



Um dos mais importantes documentos quinhentistas sobre Lisboa. Valioso tesouro informativo sobre a sua actividade sócio-económica, lugares, profissões, mercadorias, quantidades, valores e instituições.
Além de que é uma deliciosa reportagem sobre Lisboa.

EDIÇÃO
LIVROS HORIZONTE
DIFUSÃO
DIGLIVRO/MOVILIVRO

Texto de
Chakê Matossian

A DOS FILÓSOFOS

GEORGES BATAILLE: AS PATAS DA MOSCA

Na **Histoire de l'oeil,** Georges Bataille intitula o capítulo XIII «As patas da mosca», indicando deste modo que a presença da mosca neste episódio da história não constitui um pormenor anódino mas antes um elemento.

Sir Edmond, Simone e o narrador violam e assassinam um padre, Don Amindo, numa igreja de Espanha. Simone olha para a sua obra, o cadáver nu do eclesiástico, examinando-o com interesse. O narrador diz que ela «afastava obstinamente uma mosca que zumbia num raio de sol e voltava sem parar a poisar sobre esta cara» (1). A mosca faz aqui a sua segunda irrupção no texto. O início da história situa-se na França, sem mosca. Os últimos episódios têm lugar na Espanha, sobretudo em Sevilha, sob um céu tórrido que altera os sentidos, provocando uma visãao turva e tremente das coisas, acentuando as emanações corporais, a pestilência da urina, do sangue e do esperma. A mosca, sempre associada com o calor, entra em cena durante uma tauromaquia cujo espectáculo o narrador e Simone abandonam um instante, para ir fornicar numas «latrinas nauseabundas onde moscas sórdidas turbilhonavam num raio de sol» (2). Por um lado, a pulsão de morte, muito presente na sexualidade do narrador e, por outro lado, a sujidade que se revela essencial para o seu funcionamento [«só gostava do que é classificado como sujo» (3)], encontram-se deste modo sublinhadas pelo turbilhão de moscas imundas. No episódio final, a mosca confirma a cadaverização do corpo do padre, o início da sua putrefacção: «ouvia-se voar a mosca por cima do cadáver» (4). A cena descrita por Bataille assemelha-se a um teatro de anatomia, o que é ainda uma maneira de transgredir o religioso para atingir, através do sacrilégio, a violência terrível do sagrado. O local da igreja transforma-se num teatro ou, melhor ainda, Bataille força o local a confessar a sua relação com a representação. As cortinas vermelhas, as douraduras, o tecto adornado da igreja lembram um teatro no qual a cena seria figurada pelo altar que o narrador já fantasma como receptáculo de um acontecimento escandaloso. Além disso, toda a **Histoire de l'oeil** se encontra refletida na igreja que alberga «dois célebres quadros do pintor Valdès Leal representando cadáveres em decomposição: coisa notável, na órbita ocular de um deles, via-se entrar uma ratazana» (5).

A ratazana, como também a mosca, reenviam para a putrefacção, a morte, a peste. Neste sentido, a cenografia de Simone e Sir Edmond constitui o contraponto escandaloso da cena religiosa pintada por Valdès Leal. A cavalo sobre o cadáver do padre, Simone tem uma iluminação que lhe é dada pela mosca: «De repente, Simone lança um pequeno

OTÍLIO LEONEL & MIGUEL, LDA

ESPECIALIZADA EM REPARAÇÕES HIDRÁULICA E MECÂNICA

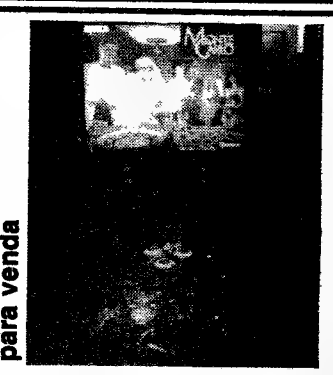
Somos uma empresa com largos anos de experiência em reparações de todas as viaturas de recolha de *resíduos sólidos*

Fazemos orçamentos

SEDE E OFICINAS:
Alto da Cascalheira
2955 Pinhal Novo
Telefone 236 14 99

JACINTO & MARTINS

FABRICANTES DE CONTADORES ELECTRÓNICOS DE SNOOKER P.A.T. N.º 90730



Modelo disponível para venda

SNOOKER'S

MÁQUINAS DE DIVERSÃO
COLOCAMOS EM REGIME DE PERCENTAGEM E VENDAS
TOCA DISCOS DIGITAIS
VÍDEOS - FLIPERS E MATRAQUILHOS

Para mais informações:
JACINTO & MARTINS, LDA.
Telf. (01) 495 18 68 · Fax (01) 495 03 77

A MOSCA
PÁGINA 17

Anfiteatro de Anatomia (Pádua, 1595)

grito. Eis o que aconteceu de bizarro e completamente perturbante: a mosca veio desta vez poisar-se no olho do morto e agitava as suas compridas patas de pesadelo no estranho globo» (6). E, porque a mosca se poisou no olho, Simone soube que devia ter este órgão. Sir Edmond corta-o no cadáver e dá-lho para ela poder satisfazer a sua fantasia. A minúcia do gesto de Sir Edmond ao cortar «delicadamente as carnes» para extirpar habilmente o olho, desperta a imagem do anatomista. A mosca que voa à volta do cadáver metamorfoseia a descrição da cena num desenho de anatomia no qual o artista põe às vezes uma mosca, para insistir sobre o cheiro do corpo — e, daí, sobre a dificuldade do trabalho do anatomista e do artista — como também sobre o aspecto algo demoníaco deste trabalho. Assim, por exemplo, um desenho do médico belga Gérard de Lairesse (1640-1711), o «Poussin do Norte» cujo retrato fez Rembrandt em 1655, mostra uma mosca colocada sobre o pano de tecido, à beira da abertura do corpo. A insolência da mosca remete para o sacrilégio do médico e do artista que, contra a religião, procuram ver a desvelar o mistério da vida, ver, portanto, a própria vista. No famoso **De Humani corporis fabrica,** a plancha do frontispício mostra a dissecação do corpo de uma mulher e Vesálio afirma «com orgulho uma novidade: Foi, o primeiro a ter produzido à luz o útero humano, o lugar da vida, do mistério da propagação da espécie e da vitória da vida sobre a morte» (7). Sabemos quanto a cirurgia e a anatomia, como também — ou sobretudo — a representação da anatomia foram impedidas ou proibidas pela religião. O acto prometendo relaciona-se profundamente com a visão, dá a ver o invisível e o irrepresentável. O olhar médico torna-se poderoso, vê a vida no cadáver, é, como o escreveu Foucault, o «grande olho branco que desfaz a vida» (8). De resto, o primeiro teatro permanente (sendo os anteriores móveis) de anatomia da Universidade de Pádua reflecte, na sua arquitectura elipsoidal, a estrutura do olho. O teatro, inaugurado em 1584, resulta dos estudos conjuntos do anatomista Fabricio de Acquapendente e do teólogo Fra Paolo Sarpi, erudito das ciências matemáticas e ópticas.

Logo no início, a **Histoire de l'oeil** aproxima o olho do ovo e leva esta relação até o fim, ou seja na visão meduseante do olho do padre encaixilhado nas partes genitais de Simone. Georges Bataille desenha por conseguinte um traçado, um circuito ligando a anatomia com o religioso, o teatro o sagrado, a sexualidade com a visão, para desvelar o retorno do «sujo», ou seja, da bestialidade, da violência fundadora. O quadro de Valdes Leal ecoa, através do elemento «ratazana», uma outra passagem da **Histoire de l'oeil,** quando o narrador enuncia a primeira das três coisas que captivam Simone nas touradas: «Quando o touro desemboca como um bólido do touril tal como uma ratazana» (9). Durante as touradas, dois acontecimentos merecem a atenção. Por um lado, os testículos do animal são oferecidos, num prato, à Simone e o narrador compara os órgãos com o «globo ocular» (10). Por outro lado, um touro ao atacar o toureador Granero arranca-lhe o olho direito. A mosca no cadáver do padre estendido dentro da igreja fecha o círculo da **Histoire,** e sublinha com o rato, o touro e Simone, a presença da tauromaquia na sexualidade e na religião; indica que toda e qualquer representação se desenrola, em última instância, numa arena, sufocante e nojenta.

Gérard de Lairesse (plancha para o livro do médico Godfried Bidloo, 1685)

NOTAS

(1) BAITAILLE, Georges; ***Histoire de l'oeil, Ouevres complètes,*** *Paris, Gallimard, 1970, t. 1., p. 67.*
(2) ***Ibid.,*** *p. 54.*
(3) ***Ibid.,*** *p. 45* *(4)* ***Ibid.,*** *p. 67.*
(5) ***Ibid.,*** *p. 59.*
(6) ***Ibid.,*** *p. 67.*

(7) PIGEAUD, J.; «Médecine et médecins padouans», in ***Les siècles d'or de la Médecine. Padoue XV^e — XVIII^e siècles,*** *Milão, Electa, 1989.*
(8) FOUCAULT, M.: ***O Nascimento da clínica,*** *Rio de Janeiro, Forense universitária, 1977, pág. 165.*
(9) ***Histoire...,*** *p. 50.*
(10) ***Ibid.,*** *p. 54.*

TIPOGRAFIA
GRÁFICA CENTRAL ALGARVIA, LDA.
Rua Mouzinho de Albuquerque, 37
☎ 22887 8500 PORTIMÃO

PAPELARIA — LIVRARIA

ARTYS

Livraria diversa, escolar e técnica — Artigos de escritório, escolar e técnico. Fotografia — Cinema e Brinquedos, jogos, bazar, e material didáctico

Rua Santo António, 43/45 Telef. 22074 — 8000 FARO

COOPERATIVA DE CONSUMO «A VONTADE DO POVO» C.R.L.

QUASE 25 ANOS DE BEM SERVIR A POPULAÇÃO

DO TRABALHADOR PARA O TRABALHADOR

Rua dos Lusíadas (Bairro da Caixa)
2860 MOITA — Tel. 2390701

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O **Diário de Lisboa**

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ___/___/___ Pelo periodo de

- ☐ 1 ANO — 18 000$00
- ☐ 6 MESES — 9 000$00
- ☐ 3 MESES — 4 500$00
- 1 MÊS — 1 500$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados: 70$00 cada • Mudança de endereço: 150$00 • Por periodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse periodo, o preço de 1 850$00 • Informação ao assinante: os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacinal até 100 gramas pelo que os encargos postais ali incluidos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade

Enviar para: DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

Teatro

A MOSCA

Carlos Porto

DOCUMENTAÇÃO E FORMAÇÃO

Três personalidades luso-francesas estão ligadas ao ambicioso projecto da criação em Lisboa do **Centro de Documentação e de Formação das Artes e Ofícios do Teatro**, cuja apresentação se realizou hoje, sexta-feira, na Câmara Municipal de Lisboa.

Esta organização de um Centro de Documentação e de Formação é proposta no âmbito da Convenção Teatral Europeia e as três personalidades referidas são Daniel Benoin, Presidente da CTE, João Mota — director da Comuna e representante da referida Convenção no nosso país, e Victor Pavão dos Santos, director do museu Nacional do Teatro, que possui, provavelmente, o maior acervo documental do teatro português. Aliás, a respeito do Museu parecem significativas as referências que lhe são feitas no projecto em questão e que representam uma das razões que levaram à escolha de Lisboa para sede do Centro: **«Lisboa é uma das raras cidades europeias que possui um maravilhoso Museu do Teatro, confiado ao activíssimo Victor Pavão dos Santos. A existência e o funcionamento eficiente desse instrumento, tanto no que diz respeito à conservação de informação como à formação, só pode conceber-se em relação íntima com um espaço no qual, por definição, são preservados o património e a memória do teatro».**

Daremos mais informações sobre este projecto em próximas Moscas.

MERCADO EM SETEMBRO

O Chão da Oliva, Centro de Difusão Cultural em Sintra, anuncia a realização do 3.º Mercado do Teatro, entre 20 e 23 de Setembro. É o seguinte o programa em agenda:

Exposição, com venda e troca, de todos os materiais que têm a ver com o teatro, mais propriamente, com a documentação teatral — programas, cartazes, fotografias, livros, folhetos, recortes da Imprensa, revistas, jornais, etc.

Também exposição e venda de outro tipo de material, o que tem a ver com a produção teatral — material técnico, luminotécnica, sonoplastia, guarda-roupa, caracterização, etc. Paralelamente ao Mercado realiza-se uma exposição este ano dedicada a dois temas: O Ensino do Teatro em Portugal e o Coleccionador de Teatro — exposição de uma colecção completa ou Exposição comemorativa dos 25 anos de actividade do TEC.

Outra acção paralela: um debate sobre o tema O Ensino do Teatro em Portugal.

Numa retrospectiva referente a 1989/90 o Mercado apresentará ainda o máximo de informação possível relativa aos espectáculos da temporada que inclui gravações em vídeo de espectáculos e ensaios; recortes; programas, cartazes, etc. e ainda debates com críticas de teatro.

Acções de animação: espectáculos de rua, com marionetas, etc.; espectáculos a apresentar no encerramento de cada dia do Mercado.

Sintra promete, lá para Setembro.

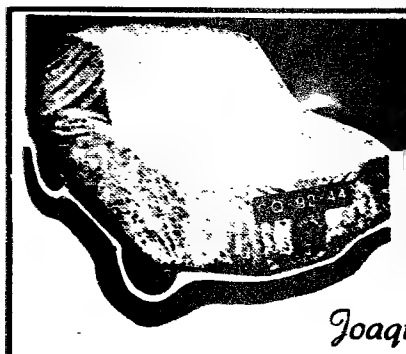
PINTER EM INGLÊS

Em preparação o novo espectáculo dos Lisbon Players. Trata-se, desta vez, da famosa peça de Harold Pinter **The Birthday Party, numa encenação de David Prescott. Lembramos que a televisão transmitiu em 1989 a gravação de um espectáculo com esta peça de Pinter que foi estreada em Portugal pelo Teatro Nacional D. Maria II a trabalhar então no Teatro Capitólio, com o título Feliz Aniversário.** Estreia: 11-12-1967. Encenação de Artur Ramos. Estavam lá a Josefina Silva, o Sinde Filipe, o Baptista Fernandes, entre outros. O cenário era de Sá Nogueira.

BEIRAL DAS ANDORINHAS

PAPELARIA • LIVRARIA
TABACARIA • AGÊNCIA • JORNAIS
REVISTAS • ARTESANATO

Tel. 4 21 13 **MONTE GORDO**



COBERTURAS IMPERMEAVEIS
PARA AUTOMÓVEIS
TODAS AS MARCAS E MODELOS

ENTREGA IMEDIATA

Joaquim Ezequiel, Lda.

☎ 2080613 (Rede de Lisboa) Vila Nogueira - 2925 AZEITÃO

A MOSCA
PÁGINA 19

As Três Irmãs, numa interpretação do Teatro de Arte de Moscovo — espectáculo de 1958

1990 ANO TECHEKHOV

A MELANCOLIA DAS ÁGUAS PARADAS

Nas nunca assaz gabadas Memórias a que deu o título «Uma Casa com Janelas para Dentro», Costa Ferreira lembra (p. 338) a sua ida aos Açores e Madeira, no **Velho** Carvalho Araújo, com a companhia do Teatro Nacional Popular, dirigida por Ribeirinho. Escreve: **Nós levávamos no reportório, para ocasiões especiais,** O Pedido de Casamento **com que umas décadas antes Ribeirinho tinha apresentado Tchekhov em Portugal. Desta vez eu era que fazia a peça com Lili Neves e Canto e Castro. Ninguém pense, porém, que representa com marcações rigorosas no Carvalho Araújo. Num momento de calma perfeita eu atravessava a cena de um extremo ao outro a correr sem qualquer justificação ou representação, apenas levado pelo balanço do barco.**

Mas Costa Ferreira refere-se também à peça **As Três Irmãs** a propósito da sua estreia em Portugal pela companhia de Azinhal Abelho e Orlando Vitorino, Teatro d'Arte de Lisboa, como aqui se referiu. Escreve Costa Ferreira no seu livro (p. 360):

Nesta primeira «tournée», estávamos nós a dar espectáculos em Castelo Branco quando me telefona para o Hotel do Turismo Azinhal Abelho, que com Orlando Vitorino empresariava o Teatro da Trindade que ia abrir a temporada com o meu já polémico drama Quando a Verdade Mente, **e sobre marcação minha. Azinhal Abelha propunha-me entrar para a Companhia estreando-me na segunda peça do reportório — as admiraveis** Três Irmãs **de Tchekhov e logo no principal papel masculino, o irmão que que «começava a tornar-se obeso depois de morte do pai». Perguntei, ansioso, quem ia dirigir esse espectáculo e informaram-me que era o actor Samwell Diniz, ora como já tive ocasião de mostrar neste livro Samwell Dinis era um excelente actor, mas pessoa muito pouco inteligente, o que contra tudo que se possa pensar, é muito frequente por este mundo fora. Cheio de medo e ao mesmo tempo de vontade de fazer o papel, pretextei já ter um compromisso e pedi para responder no outro dia de manhã. Compreende-se que eu tivesse medo de reaparecer com uma responsabilidade enorme** (era a primeira peça grande de Tchekhov que se apresentava em Portugal) dirigido por um profissional naturalista, que ignorava tudo do Teatro moderno. No outro dia de manhã, depois de uma insónia total, pedi pelo telefone a Azinhal Abelho um «cachet» altíssimo que eu sabia que ele não me podia dar. (...)

Quando terminou a carreira longa de Quando a Verdade Mente, **estrearam-se** As Três Irmãs, **quem fazia o André era o excelente Augusto de Figueiredo, actor admirável, mas magríssimo. Quando na peça, Olga diz: «O André também era bonito antes de ter engordado», passou a dizer-se: «O André também era bonito antes de ter enrugado». Isto significava a total destruição das características psicossomáticas da personagem. Perante estas irresponsabilidades, mais uma vez eu tive razão em renunciar!**

O mais curioso é que Costa Ferreira viria a encenar a peça de Tchekhov no Teatro Nacional já em 1980. É o que havemos de ver. Opinião diferente da desta foi a do crítico do «Diário de Notícias» (22-12-1955), com as iniciais F(ernando) F(ragoso), texto ilustrado por um desenho de F. Neves. O crítico do «DN» mostra-se bem informado acerca de Tchekhov e da sua importância no teatro contemporâneo. Cita Elsa Triolet, Barrault e Stanislavski nome então quase desconhecido entre nós. Eis um excerto da sua crítica:

As grandes peças de Tchekhov têm a melancolia das águas paradas sobre as quais vogam folhas mortas. Uma névoa de poesia envolve docemente a paisagem das almas. O drama é todo feito de silêncios como se fosse preciso calar o próprio coração, para não acordar ecos discretos, capazes de denunciar o sofrimento pudicamente escondido na sombra de frustrações e renúncias. E estes silêncios — aquilo que se não diz, mas que se adivinha para além das falas das personagens — é o tal «impressionismo evocador» atribuído pela crítica do nosso tempo ao teatro do autor russo. A «corrente submarina» citada por Ermilov, e que não se mostra à superfície do diálogo: a «terceira dimensão» da dramaturgia de Tchekhov. Um grande encenador francês enunciou o tema da peça da seguinte maneira: «Gostaríamos tanto de ir para Moscovo. Iremos para Moscovo? Afinal não poderemos ir para Moscovo».

Assim, Tchekhov aproximava-se do público português. Mas só muitos anos mais tarde na sua verdadeira dimensão. Lá iremos.

FALAS

As coisas, finalmente, vão começar a mexer. Já mexem, aliás... Lá para o Estoril, no Teatro do Casino, um grupo de actores brasileiros com cheirinho a telenovela, na peça de Reginaldo Faria, actualmente com o heterónimo de Marco António, em Portugal, claro intitulada **Somente Entre Nós.** Eles são, além do propriamente dito Reginaldo Faria, o Tony Ferreira, a Ângela Faria e o Filipe Martins.

Outra estreia, hoje precisamente, é também fora de portas, no Teatro da Malaposta (Olival Basto) com uma peça de Ostrovski. **A Floresta,** nunca representada em Portugal (vergonha!), encenação de José Peixoto com o CDIAG.

Na sala polivalente do CAM, o ACARTE tem vindo a apresentar um pequeno festival de mímica que vale a pena acompanhar. Depois dos Batatinhas, que quem viu não esquece, e de Daniel Stein com **The Time Piece,** vão passar por lá o italiano Carmelo Cacciato, a inglesa Nola Rae, os alemães ocidentais Habbe+Meik e o argentino Benito Gutmacher.

Novidade vai ser também na Comuna o espectáculo **Cage,** pela Comédie de Saint-Étienne. Trata-se de um texto construído a partir da célebre **Comunicação a uma Academia** de Kafka, encenação de Jacques Bellay e interpretação de Paul Charieras e Jacques Bellay. O espectáculo, apresentado em Lisboa no âmbito da Convenção Teatral Europeia, estará na Comuna de 10 a 12 de Abril. Na Comuna, precisamente, mantém-se com o êxito que se sabe a peça de Natália Correia, **A Pécora,** encenação de João Mota. Também na Comuna o espectáculo de café-teatro **Festival da Otite,** sábado à meia-noite.

COOPERATIVA DE CONSUMO 3 DE MARÇO UNIÃO PIENSE, C.R.L.

MERCEARIAS, CARNES, FAZENDAS
ELECTRODOMÉSTICOS E MOBÍLIAS

Rua da Cooperativa, 14 — telef. 85170 - 7855 Pias

Mário Deitado
DECORAÇÕES EM CORTIÇA
PAVIMENTOS * TECTOS * ARTESANATO
MATERIAIS DIVERSOS PARA DECORAÇÃO
deseja aos seus clientes e amigos BOAS FESTAS e FELIZ ANO NOVO
ORÇAMENTOS GRÁTIS
EXPOSIÇÃO E VENDA
R. 5 de Outubro, 1 • ☎ 221 05 32 • SEIXAL

Texto de
Manuel Cintra

RETRATOS NO TEATRO

FERNANDO GOMES

Tem um ar muito sério, à primeira vista. E uns olhinhos tristes e agitados, na cara magra e comprida e de traços vincados. E de repente, no meio da conversa, solta uma enorme gargalhada, cheia da enorme energia alegre que tem, como artista imparável que é. E pode estar a rir de algum disparate que disse, e ao qual achou graça. Actor, encenador, figurinista, autor de muitos dos textos cómicos que encena, produtor frenético de vários e simultâneos espectáculos, Fernando Gomes é um dos bichos carpinteiros mais espantosos do teatro português. Porque faz muitas coisas, e sempre com qualidade. Porque inventou a pouco e pouco um estilo muito pessoal e ao mesmo tempo popular, no bom sentido, e português. E porque nunca se cansa. E o ar sério a que me referi é um contrasenso, como em outros actores cómicos: assim como oferece espectáculos, oferece alegria.

Fernando Gomes nasceu no Porto e passou a sua infância num bairro social modesto, como aqueles que lá viviam. O pai era representante de uma firma têxtil, e andava de terra em terra, vindo a casa aos fins-de-semana. Nessa altura, iam todos em família ao cinema do bairro. Desde pequenino que viu muitos filmes que foram alimentando o seu imaginário. Mais tarde teria uma predilecção pelas comédias musicais e por todos os filmes em geral que falassem da vida nos palcos. Coisa que hoje se reflecte intensamente nos seus espectáculos, muito virados para uma reinvenções do cabaret. O pai e a mãe tocavam ambos pianos, velhas modas espanholas ou brasileiras da sua juventude. E uma grande paixão pelo tango, que Fernando herdou. O pai, que tocava de ouvido, chegava mesmo a compor coisa que depois a mãe escrevia. E tinha sido actor amador no Clube dos Modestos, juntamente com uma tia sua. Fernando na escola teve sempre grandes dificuldades. Não conseguia aprender o que lhe queriam ensinar. Em casa, com uma amiga vizinha, inventava brincadeiras cheias de aventuras, construía túneis com tapetes e trapos... havia salvamentos, perigos, dramas...

Na escola, a pouco e pouco, conheceu algumas pessoas que se interessavam por ballet. Alguns estavam na escola de Pirmin Treco, um bailarino espanhol radicado no Porto. Mas nessa altura não era muito bem visto os rapazes praticarem dança, e por outro lado a escola era cara. Só já tarde, aos vinte anos, Fernando acabou por entrar, porque o convidaram, e havendo falta de rapazes isso foi possível a título gratuito. Veio a ter a sua estreia numa Ópera, «La serva padrona», no Círculo Portuense de Ópera, em que participou como bailarino.

Lembra-se do seu receio de que o pai não gostasse de o ver ter aquela actividade. Mas a ópera teve sucesso, até lhe fizeram uma referência favorável nos jornais, e o seu pai, ao contrário do que temia, gostou imenso de o ver.

Começou a gostar cada vez mais de teatro, tornou-se sócio e frequentador do Teatro Experimental do Porto, onde ia ver actuar actores como Dalila Rocha e João Guedes, na época da direcção de António Pedro.

Além de várias participações como bailarino no Círculo Portuense de Ópera, Fernando Gomes foi um dia convidado para uma participação numa peça de um grupo amador de Avintes. Tiraram partido do facto de ele dançar, mas também representava. A peça chamava-se «O avançado-centro morreu ao amanhecer» e era encenada por Monteiro Meireles. Veio a Lisboa, ao concurso de Teatro Amador, e ganhou o primeiro prémio. Mas pouco depois tudo isto foi interrompido pela tropa, que viria a durar três anos, uma ida para a Guiné. Nesta altura, vir a ser um homem de espectáculo, ainda não era uma coisa assumida. E a tropa, por o levar para tão longe, teve algo de fascinante. Fernando sonhava viajar, ainda hoje sonha.

No fim da tropa decidiu por um lado mudar-se para Lisboa, onde aconteciam mais coisas, e por outro lado viajar. Esteve cerca de um ano em Lisboa, como empregado de escritório (que já tinha sido no Porto) e depois quis ir a Londres, cidade pela qual tinha um grande fascínio. Após um curta viagem de reconhecimento, veio a Lisboa buscar o dinheiro que pôde juntar e voltou para Londres cerca de seis meses, vivendo de pequenos empregos. Foi a altura dos musicais dos anos 60: «Hair», «Jesus Cristo Superstar», etc. Após a estada em Londres, ainda foi, menos tempo, à Alemanha; mas não gostou tanto. Decidiu então que, já que era de teatro que gostava, ia tentar fazer teatro em Portugal.

Isso veio a tornar-se possível no Teatro Experimental de Cascais, onde começou por fazer uma substituição em «Fuenteovejuna», de Lope de Vega, seguindo-se «Cerimonial para um Combate», logo a seguir ao 25 de Abril. Para Fernando, que seguia há algum tempo o percurso do TEC, poder entrar para aquela companhia foi um fascínio. Guarda disso excelentes recordações.

Tinha tido uma grande admiração, de ouvir falar e ver notícias nos jornais, pela companhia de Rafael de Oliveira. Achava maravilhoso o facto de eles andarem de terra em terra. O Teatro ambulante atraía-o, era uma ideia que queria experimentar. Já depois do 25 de Abril foi ter com essa companhia, mas foi uma decepção. Já não era itinerante, tinha mudado de moldes. Essa experiência durou pouco.

Viria a entrar para a Casa da Comédia, para «A Dama Pé-de-Cabra», e pouco depois, ainda com encenação de Filipe la Féria, o espectáculo «Faz tudo, faz tudo» foi um marco importantíssimo na sua carreira. A peça passava-se no mundo do circo e contava a vida de um palhaço. Foi a primeira vez que Fernando Gomes foi muito destacado e elogiado pelo seu trabalho. Aliás, vê-se o carinho que ainda tem por esse espectáculo, não só pela primeira maneira como dele fala, mas pelo cartaz emoldurado que tem em casa na parede. Seguiram-se várias experiências, ora na Casa da Comédia, onde fez o espectáculo sobre Pasolini, ora na Comuna, onde participou em «A Viagem» e num especttáculo de café-concerto que em parte também escreveu.

Mas foi por essa altura que Fernando Gomes decidiu que não devia estar vinculado a nenhuma companhia, e começou a fazer espectáculos em geral em bares, como «A Última Moeda», com Maruga e Cândida Vieira, espectáculos mordazes de crítica social que ele próprio escreveu, constituídos de pequenos números de café-teatro. Isso trouxe-lhe um certo sucesso, foi convidado a participar, na televisão, nos programas de Júlio Isidro, e seguiu-se uma época em que Fernando Gomes esteve ligado sobretudo ao café-teatro. Mas isso, a seu ver, criou na cabeça daqueles que fazem teatro uma ideia falsa, de que não era já pessoa para ser dirigido por outros, coisa que pôde desmentir mais recentemente com as suas participações, por exemplo, em «Vieux Carré» de Tenesse Williams, no Teatro da Graça, ou o recentíssimo «Happy End» de Brecht no Teatro Aberto.

No fundo, Fernando Gomes gosta de variar, de correr riscos, de não saber bem de mais o que é o futuro. Quando criou com um grupo de jovens actores o espectáculo «Maria», não me mates que sou tua mãe», conjugou numa peça escrita por si as artimanhas cómicas adquiridas ao longo de muitos espectáculos de café-teatro. Actualmente, com «Klassicus Cabaret», no novo espaço do **Chapitô,** na Costa do Castelo, Fernando torna a participar como actor, coisa pela qual tem um gosto imenso, e regressa um pouco à fórmula do espectáculo em vários números cómicos sucessivos.

Entretanto, prepara já um outro espectáculo, uma peça em que adapta uma outra, e um tal Eduardo Schwalbach que descobriu à venda na Feira da Ladra. O TIL (Teatro Infantil de Lisboa) acaba de estrear uma encenação sua para crianças, e com tudo isto não há quem faça parar a criação deste homem.

Nos seus espectáculos é ele quem organiza quase tudo, gosta de organizar, de preparar, de divulgar, e se não fosse a falta de tempo ainda o fazia mais.

Diz-me que se um dia conseguisse de parar, um pouco, de fazer teatro, se não fosse tão maluco, gostava de partir numa viagem de barco, romântica, sem rumo certo, à aventura. Mas isso, era se conseguisse parar...

INDESTRAL

Indústria de Desperdício e Trapo, Ld.ª

Fábrica — Estrada Nacional, 117
Valejas — Telefone 4355558
2795 — LINDA-A-VELHA

CAFÉ - RESTAURANTE

O TRILHO

REFEIÇÕES TIPO REGIONAIS

RUA DE ST.º ANTÓNIO, 1
Tel.: 84 314
7960 VILA DE FRADES

casa LUCY'S

- **Artigos de Desporto**
- **Pronto-a-vestir**
- **TRAFIC e TON SURTON**
- **Agente da Tabaqueira**

Rua da Liberdade, 2 • ☎ 59 502
8375 S. BARTOLOMEU DE MESSINES

Conto de
Jaime Rocha

METROmorfoses

RAMADÃO E PAELLA

De repente, viu-se rodeado de muçulmanos. Apareceram em bandos, pelos túneis de S.Sebastião. Vinham ensonados, com os olhos ligeiramente oleosos, vestidos de cores escuras.

«**Desta é que não escapo**», temeu Gregório S.

Um deles tinha um pente no bolso das calças. Ficara mesmo à sua frente, de costas. Falaram quando se empurraram para que ninguém ficasse de fora, mas depois calaram-se. Todos os passageiros se calaram.

«**Nunca roubei um pente a um muçulmano**», pensou. Era um pente de metal, ponteagudo, parecido com uma navalha de barba. Alguns deles traziam toucas brancas e cremes, de renda e de lã. Tinham um ar triste, distante, como se chegassem de um funeral ou da ressaca de um boda de ciganos.

«**Se me matassem aqui, por ser ateu, ninguém daria por nada**». Eram pensamentos que envergonhavam Gregório S., mas aos quais não conseguia fugir.

Vinha a ler uns artigos sobre a morgue do Porto, escritas por um repórter do **Independente.** Era um caderno que tratava de assuntos de cadáveres e sobre os diversos aspectos da morte, tal como ela é ritualizada naquela cidade nortenha. Falava de Agustina e de Eugénio de Andrade e de um arquitecto que caiu num buraco e ia morrendo.

Os muçulmanos enchiam toda a carruagem. Continuavam calados, olhando-se entre si como se se preparassem para um suicídio colectivo. Pareciam estatuetas inertes num bazar, uns por cima dos outros. Bastava olhar de relance para um grupo deles para se perceber que não pertenciam a este mundo. Tinham vindo de um outro planeta, senhores de uma verdade longínqua, imperceptível.

Gregório S. sentiu-se sozinho, num mundo novo. Era o **Ramadão.** Era como se atravessasse um deserto num comboio, numa última viagem, depois de uma revolta popular.

Nas paredes do Metro, cartazes da prevenção rodoviária diziam que «**Comigo o miúdo vai sempre atrás. Eu amo-o**». É um anúncio com um pai alourado, a sorrir, enquanto o filho mete a mão para fora do vidro, deixado, descuidadamente, aberto.

Gregório S. continuou a ler, procurou um lápis para sublinhar um texto que falava de um hospital psiquiátrico. Sentiu os olhos dos muçulmanos fulminando as páginas do jornal. Reparou que não havia nenhuma recensão sobre os livros de Salman Rushdie e isso apaziguou-o.

«**A morte no Metro é horrível: o cheiro a borracha; os gritos que ecoam nos túneis; as macas, com os cadáveres, levadas pelas escadas, aos solavancos; o ambiente pesado, cheio de fantasmas**».

Como desfazer-se destes pensamentos, agora que estava metido no meio de dezenas de muçulmanos ? Era essa a grande preocupação de Gregório S.: «**Se eles me lêem os pensamentos, não sei o que será**».

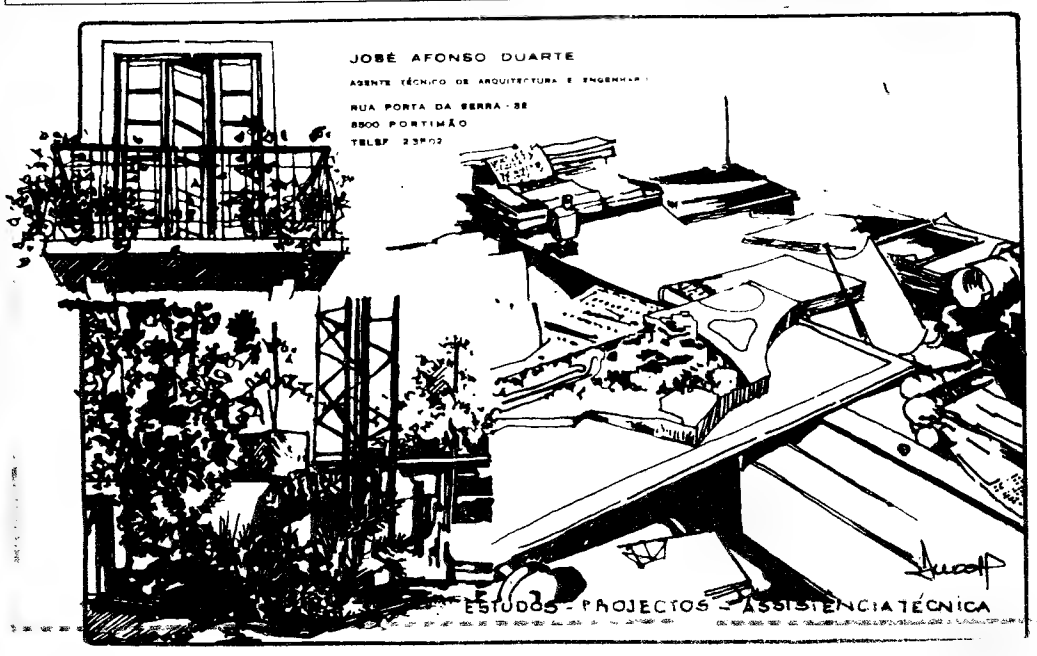
Tentou pensar na chuva, nos óscares de Hollywood, nas férias, nos problemas da electricidade em Setúbal, em peixe fresco, nos livros de Ian Mcwan, mas só lhe vinha ao pensamento a imagem de Bettelheim, asfixiado, com a cabeça dentro de um saco de plástico, como se se tratasse de um contos de fadas.

Só lhe restava sair, calmamente, mas decidido, como se fosse para uma reunião sindical. Atrás dele saíram alguns muçulmanos. A Praça do Martim Moniz estava repleta. Cheirava a fritos. Dois cozinheiros espanhóis, protegidos pela polícia, confeccionavam uma paella numa frigideira gigante, enquanto alguns jovens distribuiam panfletos de propaganda a Benidorm.

O grupo de muçulmanos foi-se aproximando. Havia gente espalhada pela praça, sentada no chão, com um prato de plástico ao colo, a saborear a paella: um arroz amarelo, com chouriço e pedaços de frango.

Os muçulmanos estavam arrepiados, a olhar para aquilo. No Ocidente, as emoções são fortes em qualquer dia, não há segredos interiores, os enigmas desfazem-se numa dose de carne à alentejana. A bicha para o repasto dava a volta à estátua. Gregório S. hesitou. Os muçulmanos também. Ficaram ali, parados, a contemplar os cozinheiros e o fumo quente que saltava do arroz.

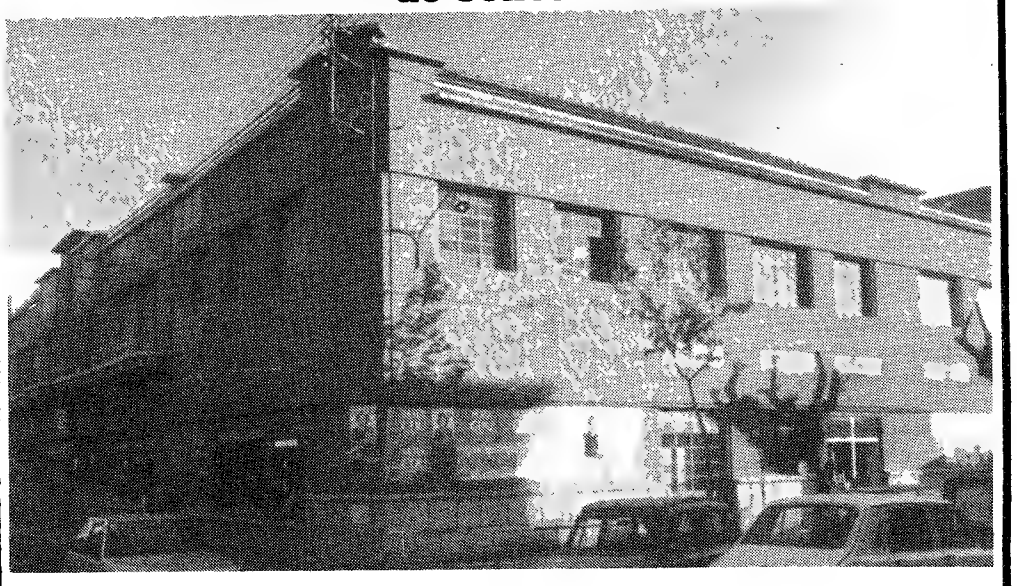
Na bicha, mendigos, desempregados, velhos, rufias, aleijados, africanos e empregados de escritório, esperavam a sua vez, sabendo de antemão que nunca iriam pôr os pés em Benidorm.



COOPERATIVA COPIE DE MSE
FUNDADA EM 7-1897

97 ANOS
AO SERVIÇO
DO CONSUMIDOR

Uma Cooperativa de Consumo ao Serviço da População do Concelho de Almada



SUPERMERCADOS
EM
COVA DA PIEDADE E FEIJÓ
PASTELARIAS, VENDAS
Em
Cova da Piedade e Laranjeiro
FABRICO PRÓPRIO DE PÃO E PASTELARIA
Novo Espaço Comercial no 1.° andar com 19 Lojas
Posto Médico e ENFERMAGEM

Rua da Cooperativa Piedense, 94 – Telefs. 276 10 11/2 — 2800 COVA DA PIEDADE

Cinema

A MOSCA

CRÓNICA

DO TOSTÃO AO MILHÃO

Rodrigues da Silva

Uma semana em cheio! Em cheio porque das quatro estreias, mesmo a indiscutivelmente menos importante não é de desprezar... se houver fôlego bastante para lá chegar depois das outras três, para cada uma seu paladar, vem a propósito porque a primeira, primeiríssima, dá pelo nome de «O Cozinheiro, O Ladrão, A Sua Mulher e O Amante Dela».

Tal título (por acaso ou de propósito) é desde logo revelador do excesso desmedido deste filme a vários níveis inesquecível, já lá iremos, registem-se entretanto os nomes dos outros, «O Meu Pé Esquerdo» (teve dois «oscares»), «Um Amor Inevitável» (não teve nenhum, mas se calhar devia ter), fique para o fim o série B «A Noiva Que Veio do Espaço», seria uma pena que saísse já de cartaz, vai no Politeama, haja público que o defenda.

*

«O Cozinheiro...», esse não necessita de apelos semelhantes, público tem e terá, e merecidamente, aceite-se ou não este objecto, a verdade é que o filme de Peter Greenaway é de tal modo espectacular que perante ele é impossível ficar-se indiferente.

Um filme, sim, mas dir-se-ia uma ópera, de tal modo tudo é imenso e grandioso, a começar nos cenários, na música, no guarda-roupa, no impacto da cor até à interpretação e à câmara e os seus «travellings» que acentuam a monumentalidade do conjunto.

Falou-se do cenário, mas antes deve começar por dizer-se que, mesmo antes dele, há um pano de fundo, a reprodução gigantesca de quadro de Franz Hals «O Banquete dos Oficiais da Guarda Civil», à sua frente se situa a mesa do restaurante «Les Hollandais», aqui decorre grande parte da acção.

E há o guarda-roupa, assinado por Jean-Paul Gaultier, a música, de autoria de Michael Nyman, a interpretação, em vários registos, com o espantoso contraste entre a truculência arrogante de Michael Gambon (o ladrão) e a falsa indiferença de Richard Bohringer (o cozinheiro).

O ladrão veste de negro e vermelho, o cozinheiro de branco; vermelhos são os tons do restaurante, brancos quase irreais os dos lavabos, pelo meio fica a cozinha, este filme tem no ciclo da comida uma fábula e um fétiche.

E há a biblioteca, num contraste com o restaurante, espaço de libertação dos espíritos, entre livros se possuem em sossego os amantes, com livros, sufocado, será assassinado um deles, para voltar, morto, ao outro local do crime, a mesa das refeições, e aí ser vingado e fazer-se justiça.

Dizer isto é dizer muito pouco, há evidentemente uma história e se há uma fábula há por definição uma moral, pode ser ela a da gratuidade de tudo que é transformado em objecto, por aí perdem as coisas o sentido.

Escreve-se isto e pressente-se aqui a fraqueza essencial deste filme, uma obra que (quase se pode dizer) se consome a si própria. E será com certeza por isso que chegado ao momento capital do filme o espectador, perante a irrealidade absoluta, encontra-se distanciado, a salvo, portanto, de qualquer impacto, tudo pode acontecer e acontece mas já nada espanta, a capacidade de surpresa encontra-se esgotada, nada mais há a fazer do que sair da sala e interrogar-se a gente se a proposta desta obra está ao nível do cometimento.

Talvez sim, talvez não, há que ver este filme mais do que uma vez. Na dúvida, considere-se que com «O Cozinheiro...», Peter Greenaway, (tal como, noutra dimensão, com «O Contrato») se não encontrou já, busca sem dúvida um caminho original para o cinema... a menos que o cinema, mais do

que ser por ele servido, o sirva a ele e ao seu sentido do espectáculo, há autores que por aí se perdem, outros se ganham, veremos.

*

Greenaway é inglês, Jim Sheridani, o realizador de «O Meu Pé Esquerdo» é irlandês, se falam a mesma língua não é a do cinema, nada há de mais oposto que os seus dois filmes.

«O Meu Pé Esquerdo» quase poderia ser uma história para a televisão. Quase... Um quase onde cabe o rigor da recriação histórica (os anos 20 a 50 deste século), a capacidade de criar um ambiente, (o do proletariado de Dublin) e nada mais do que isto.

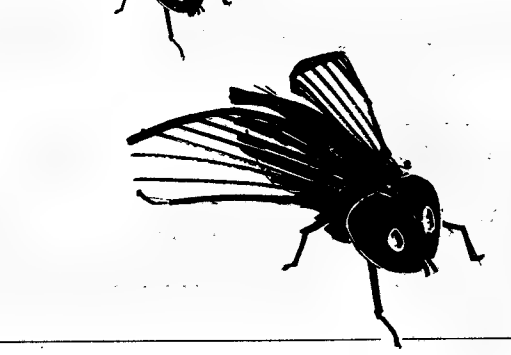
E nada mais porque o realizador soube imprimir dramatismo a cada movimento de câmara, evitando que ela se limitasse a registar o «real», e contou com um conjunto de excelentes actores, do principal a todos os secundários.

A história inspira-se na biografia do pintor irlandês Christy Brown, afectado, de nascença, por uma paralesia cerebral que lhe deixa apenas o controlo motor do pé esquerdo. Com ele Brown se vai libertar da situação de posto à margem, graças, antes do mais, ao desejo de sair de si próprio, comunicando.

Pela capacidade de escrever a palavra **mãe** sai do gheto, pela paixão adquire a fala, pela ironia e a cultura enfrenta a adversidade, pela sedução acaba por casar (em 1972..) aqui termina o filme, quase fábula sobre a redenção.

Daniel Day Lewis é o actor principal e é brilhante, não tanto pela «perfomance» que obviamente o papel lhe impõe, mas sobretudo pela capacidade de interiorizar o personagem, e com uma subtileza nada retórica que, por estranho que pareça, nos recorda ter sido ele o inesquecível intérprete de «A Insustentável Leveza do Ser».

«O Cozinheiro...«» e se este filme se consumisse a si próprio?



*

Um filme de intérpretes é «Um Amor Inevitável» e dizer isto não diminui o papel do realizador, Rob Reiner, ou não fosse ele o autor (entre outros) de «Conta Comigo».

Aqui, em «Um Amor Inevitável», porém sem estes actores, o filme bem poderia soçobrar, há aliás momentos em que se sente que o realizador esticou demasiado a corda, é talvez longo de mais o caminho a que se obriga até ao «happy-end».

E o «happy-end» é o casamento, muito embora até lá se chegar o filme nos diga de como são ínvios os caminhos que a ele conduzem. E se há um impulso, uma atracção, mais do que o sexo, é o conhecimento mútuo a grau máximo da sabedoria nestas coisas de casais.

Ele e ela (Billy Crystal e Meg Ryan, maravilhosos ambos) levam bem uma década a conhecerem-se e se uma vez, entretanto, vão para a cama é um tanto por acaso e nem resulta. O que resulta é a persistência dessa sedução mascarada de amizade, esse convívio a espaços, espécie de controlo à distância a que se entregam, até que a confiança se estabelece, as almas se tornam, se não gémeas, pelo menos complementares e o amor (ou o casamento) se torna... inevitável.

Tudo isto se passa num magnífico registo de comédia moralizante (mas não moralista) com um verdadeiro «show» dado às tantas por Meg Ryan, quando no restaurante finge um orgasmo para provar ao companheiro que nem sempre o que parece é.

É talvez o momento mais alto do filme, a menos que o seu melhor seja a capacidade do realizador, ir conduzindo a história sem grandes rasgos, mas com a fluidez que se adapta bem à lógica do discurso.

*

E conclua-se com um filme menor, mas não desprezível, chama-se ele «A Noiva Que Veio do Espaço», é uma pequena produção americana série B, cujo mérito maior é a noção dos seus limites e uma boa dose de salutar loucura. Com uns efeitos especiais de trazer por casa e actores que qualquer dia hão de dar que falar, o realizador consegue, numa comédia meio ficção científica, gozar com tudo o que é mais ou menos instituído.

A história não vale a pena contá-la, diga-se, no entanto, que o rapaz para do purgatório ascender ao céu impõe-lhe Deus que persiga o diabo. Mas o diabo é de saias, às vezes desde à Terra e faz das suas, andam ele e ela todo o filme atrás um do outro, no fim fica-se com a sensação de que a ele o que lhe dá gozo é isso mesmo, nas tintas para o céu, o diabo tem mais piada.

Piada, já agora teve esta semana, em que desde o filme pobreta até ao esplendor do de Greenaway — do tostão ao milhão — tudo valeu a pena. Nem sempre assim é, mas que assim seja...

ATALAIA
RESTAURANTE SNACK BAR

FADOS NO ATALAIA

Jante ou ceie connosco até às 2 horas da manhã ao som do fado com **ESMERALDA AMOEDO e AUGUSTO RAMOS** e os artistas convidados **MACIEL e BERTA FERNANDA** acompanhados por **LUÍS GONÇALVES e QUIM DE OLIVEIRA.**

EXPERIMENTE O NOSSO SERVIÇO ESPECIAL DE ALMOÇOS (DE 2.ª A 6.ª FEIRA)

APRECIE AS NOSSAS ESPECIALIDADES: BACALHAU À ATALAIA, FONDUE À BOURGUIGNONE, ARROZ DE MARISCO.

ENCERRAMOS AO DOMINGO • RUA DA ATALAIA, 35-37 (AO BAIRRO ALTO) • **TELEFONE 32 01 21**

1200 LISBOA

NA CINEMATECA

JAMES DEAN E «O DIABO PROVAVELMENTE» «RAPARIGAS DE UNIFORME» E MOZOS EM ANTESTREIA

Há Sternberg e «O Anjo Azul», há Nicholas Ray e «Fúria de Viver» (com James Dean, será preciso recordá-lo?), há Kazan e «Esplendor na Relva», há Laurence Olivier e «Henrique V», mas este cronista permite-se chamar sobretudo a atenção para algo mais que poderia passar despercebido ante o peso de todos aqueles filmes.

E que algo mais? Apenas isto: o «cult-movie» de Leontine Sagan, cineasta alemã de uma só obra, realizada em 1931, «Raparigas de Uniforme»; o filme de Marguerite Duras «Les Enfants», nunca exibido comercialmente entre nós; «O Diabo Provavelmente», feito em 1977 por Robert Bresson, cineasta genial que os exibidores portugueses desde o 25 de Abril criminosamente (passe a expressão...) vetam ao nosso conhecimento; e ainda a antestreia da primeira obra de Manuel Mozos, novo realizador português.

Tudo isto acontece na Cinemateca, a partir de hoje e até quarta-feira (na quinta iniciam-se as férias da Páscoa), na maior parte dos casos integrado no ciclo «O Cinema e A Escola».

Filmes alemães dos anos 20 passam, entretanto, numa nova sala para sessões especiais de cinema, a Sociedade Recreativa de Santa Catarina (Rua Costa do Castelo n.º 1). O destaque aqui vai para os filmes de Ernst Lutitsch.

O Teatro da Malaposta, por sua vez, passa um filme de James Ivory e «Trás-os-Montes», a primeira longa-metragem da dupla portuguesa António Reis/ Margarida Cordeiro; e o ABC Cine Clube exibe «Rue Cases-Nègres», o filme de estreia (1983) da realizadora de «Assassinato sob Custódia», Euzhan Palcy.

Todo o programa a seguir, com ressalva de eventuais alterações de última hora:

Hoje, dia 6

ABC Cine Clube de Lisboa (às 18 e 30,na Sociedade Portuguesa de Autores): «Rue Cases-Nègres», de Auzhan Palcy. Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Raparigas de Uniforme», de Leontine Sagan; e «O Anjo Azul», de Josef von Sternberg. Sociedade Recreativa de Santa Catarina (às 22): «Os Olhos da Mumiana» e «A Princesa das Ostras», ambos de Ernst Lubitsch. Teatro da Malaposta (em Olival Basto, às 21 e 30): «Os Europeus», de James Ivory.

Amanhã, dia 7

Cinemateca (respectivamente, às 15 e 30, 18 e 30 e 21 e 30): «Splendor in The Grass», de Elia Kazan; «Tea and Sympathy», de Vincente Minnelli; e «Rebel without A Cause», de Nicholas Ray. Sociedade Recreativa de Santa Catarina (às 22): «Destroços», de Lupu Pick e «A Boneca», de Ernst Lubitsch. Teatro da Malaposta (em Olival Basto, às 21 e 30): «Trás-os-Montes», de António Reis e Margarida Cordeiro.

«E se o filme de Robert Bresson 'O Diabo Provavelmente' fosse uma obra de pintura! Se contasse uma histó.ia como a pintura de Giotto a conta também?» (Marianne Fricheau). O filme, inédito comercialmente em Portugal, passa na terça-feira à noite, na Cinemateca

Depois de amanhã, dia 8

Teatro da Malaposta (em Olival Basto, às 17): o mesmo programa do dia 7.

Segunda, dia 9

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Ladrão Precisa-se», de Jorge Brum do Canto; e «Les Enfants», de Marguerite Duras.

Terça, dia 10

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «O Acidente», de Joseph Losey; e «Le Diable Probablement», de Robert Bresson. Instituto Franco-Português (às 21): «La Mort en Direct», de Bertrand Tavernier.

Quarta, dia 11

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Um Passo, Outro Passo e Depois...», de Manuel Mozos, antecedida de cinco curtas-metragens de 1952 realizadas por Carlos Marques para a Campanha de Analfabitização de Adultos; e «Henry V», de Laurence Olivier. Sociedade Recreativa de Santa Catarina (às 22): «Escada de Serviço», de Leopold Jessner; e «Torgus», de Hans Kobe.

Quinta, dia 12

Sociedade Reacreativa de Santa Catarina (às 22): «Danton» de D. Buchowetzky.

A VER

Dos filmes em exibição comercial em Lisboa, eis uma lista elaborada por ordem descrescente de qualidade e interesse, de acordo com um critério obviamente pessoal.

EM ESTREIA

- «O Cozinheiro, o Ladrão, a Sua Mulher e o Amante Dela», Peter Greenaway (1989)
- «O Filósofo», Rudolf Thome (1988)
- «O Meu Pé Esquerdo», Jim Sheridani (1989)
- «Tempo de Glória», Edward Zwick (1989)
- «Um Amor Inevitável», Rob Reiner (1989)
- «A Guerra das Rosas», Danny de Vito (1989)
- «Os Fabulosos Irmãos Baker», Steve Kloves (1989)
- «Clube dos Poetas Mortos», Peter Weir (1989)
- «Negócio de Família», Sidney Lumet (1989)
- «Miss Daisy», Bruce Beresford (1989)
- «Nascido a 4 de Julho», Oliver Stone (1989)
- «A Noiva Que Veio do Espaço», Daniel M. Peterson (1989)
- «Querida Eu Encolhi os Miúdos», Joe Johnston (1989)
- «Os Deuses Devem Estar Loucos II», Jamie Uys (1989)

EM REPOSIÇÃO

- «Cinema Paraíso», Giuseppe Tornatore (1989)
- «Nove Semanas e Meia», Adrian Lyne (1985)
- «Brigada Assassina», Andrew Davies (1989)

R. da S.

Videorama

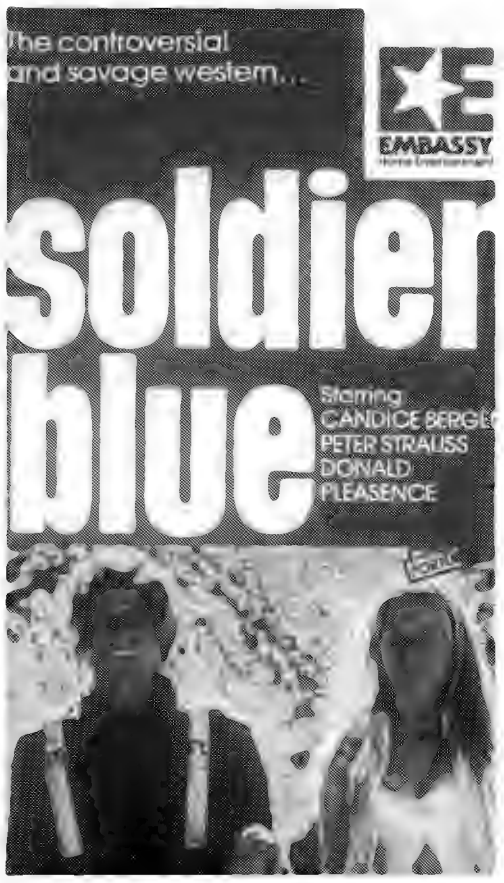
A MOSCA

Maria João Martins

HARLOW: A MULHER QUE NÃO QUERIA AMAR

Jean Harlow, uma das vedetas mais lendárias da década de 30, não tem em Carrol Baker, nem na película de Gordon Douglas uma evocação à altura. Antes pelo contrário. Esteticamente, o filme é vulgaríssimo e perde-se com facilidade em pormenores contraproducentes. Por outro lado, há erros graves na biografia da actriz que, de resto, não se chamava Jean Harlow, mas Harlean Carpenter. Para esquecer.

«Harlow». Realização: Gordon Douglas. (E.U.A- 1965). Intérpretes: Carrol Baker, Martin Balsam, Red Buttons, Angela Landsbury, Peter Lawford, Raf Vallone. Cor. 121 minutos.Drama. Para maiores de 12 anos. Edição Edivídeo.



O SOLDADO AZUL

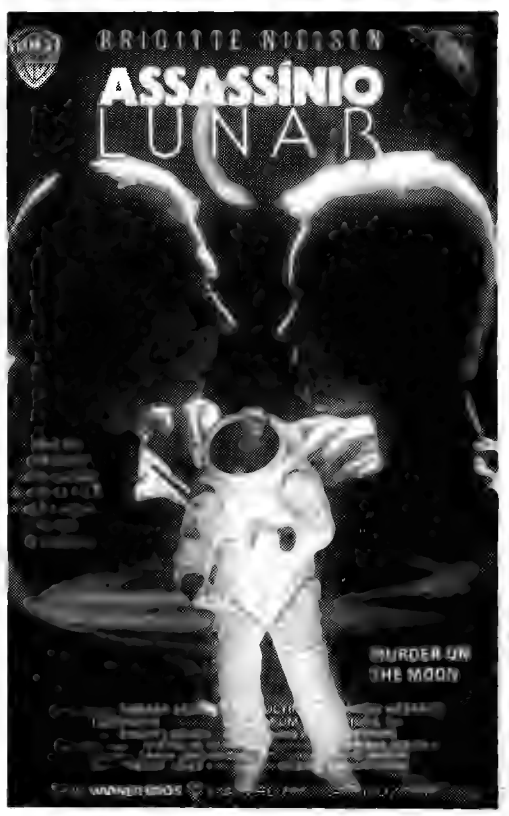
Embora não seja propriamente um filme e tanto, «O Soldado Azul» vale sobretudo pela polémica que gerou em torno da intervenção norte-americana no Vietname. Com efeito, o soldado revoltado contra os excessos de crueldade que recaíem sobre os índios e a mulher branca que viveu dois anos no meio deles, deve ter agitado os ânimos no Pentágono em 1971. O «tio Sam» via, assim, perturbadas as suas boas intenções desde há décadas tão vivamente apregoadas nos «westerns».

Soldier Blue. Realização: Ralph Nelson. (E.U.A - 1980). Intérpretes: Candice Bergen, Peter Strauss, Donald Pleasance. Cor. 101 minutos. Western. Música de Buffy St- Marie. Para maiores de 12 anos. Edição Edivídeo. Venda directa.

NAS ASAS DO VENTO

No princípio do século, voar era, para o ser humano, um sonho inacessível. Entre os pioneiros contam-se, por exemplo, os irmãos Wright. A sua história, desde o sonho à sua realização, é-nos evocada por este filme inesperadamente belo, em que a figura do rapazinho que com eles colabora e do seu sonho se mostra, de facto, muito bonita.

Winds of Kitty Hawk. Realização: E. W. Swackhammer. (E.U.A - 1978). Intérpretes: Michael Moriarty, David Huffman. Cor. 98 minutos. Drama. Para maiores de 6 anos. Edição Edivídeo.



ASSASSÍNIO LUNAR

De uma mulher que consegue viver maritalmente com Mr. Stallone, não se podem esperar grandes exigências. Pelo que os filmes que protagoniza estão à altura das suas preferências privadas. «Assassínio Lunar» é um filme rudimentar, paupérrimo, acerca de uma bela agente da Nasa perseguida por um agente da KGB.

Murder on the moon. Realização: Michael Lindsay-Hogg. (E.U.A - 1989). Intérpretes: Brigitte Nielsen, Julian Sands, Gerald MvRaney. Cor.96 minutos.Ficção científica.Para maiores de 12 anos. Edição Kodak/ Warner Home Vídeo.

CLUBES DE VIDEO

vídeo 1000 MAY

AGORA TAMBÉM EM VENDA DIRECTA

ALUGUERES DESDE 100.00

Loja 1 — R. Barão de Sabrosa, 78-A • Tel.: 83 83 03 • LISBOA
Loja 2 — R. Barão de Sabrosa, 35-A • Tel.: 83 83 03 • LISBOA
Loja 3 — C. do Monte (à Graça) • Tel.: 87 82 78 • LISBOA
Loja 4 — Av. de Madrid, 14-B (ao Areeiro) • Tel.: 848 89 37 • LISBOA
Loja 5 — R. José Galhardo, 7-A (Quinta do Lambert) • Tel.: 758 18 51 • LISBOA
Loja 6 — R. Nova (Pederneira) • Tel.: (062) 537 18 • NAZARÉ
Loja 7 — R. Adolfo Coelho, 12 (Alto de S. João) • Tel.: 82 12 42 • LISBOA

SISTEMA INÉDITO • SEM JÓIA • 4.AS FEIRAS 1 ALUGUER GRÁTIS

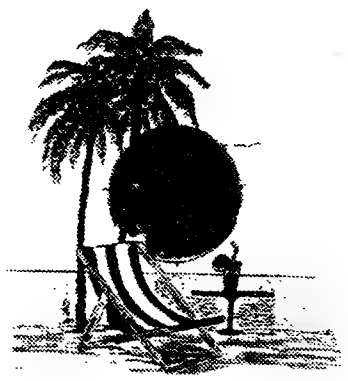
A «VAMP» QUE VEIO DA RUA

Nascera talhada para o mito. Os cabelos louros, platinados, pareciam feitos da mesma seda que os vestidos de luxo envergados diante das câmaras para especial deleite do público. Jean Harlow, baptizada Harlean Carpenter, ao contrário do que sugere a edição videográfica da Edivídeo, fora resgatada à rua e à vulgaridade por um agente que, como ela, buscava a grande oportunidade da sua carreira.

Os primeiros filmes usavam-lhe a beleza como se de um adereço se tratasse. Eram as comédias de «pastelão à cara» que só serviam para mostrar aos americanos o rosto que, meses depois, eles veriam como a «vamp» americana por excelência, em oposição às europeias Garbo e Marlène. Ao contrário destas, Jean Harlow não parecia pressagiar o fim de uma era de «vinho e rosas». Talvez porque a Europa nada lhe dizia. O sorriso não lhe pousava nos lábios para acentuar superioridades sobre os pobres mortais e assim atingia corações um pouco por todo o mundo. Em Portugal, por exemplo, os correios das revistas «Animatógrafo» e «Cinéfilo» estavam repletos de cartas a pedirem o endereço da loura platinada. Mas só Clark Gable e Cary Grant detinham o monopólio dos lânguidos olhares de Jean Harlow, até que esta morreu, aos 26 anos num Hospital de Los Angeles.

Jean Harlow: a mais americana das «vamps»

O Guia do Bom Garfo



RESTAURANTE Praia Azul

CERVEJARIA · MARISQUEIRA · SALAS PARA BANQUETES

Gerência de Francisco Pássaro

SITUADO A 10 M DA PRAIA, SOBRE A FALÉSIA, COM VISTA DESLUMBRANTE. ÓPTIMO LOCAL PARA DESPORTOS NÁUTICOS (SURF E WINDSURF) E PESCA DESPORTIVA

O PARAÍSO QUE ESPERA POR SI

Especialidades: ***Arroz de tamboril ★ Bacalhau à Praia Azul ★ Pernil de javali ★ Arroz de marisco***

• MARISCOS VIVOS •

PRAIA AZUL – BOAVISTA – SANTA CRUZ • TORRES VEDRAS • TELEF. 061/9 71 33

RESTAURANTE E CERVEJARIA

DUAS AMAZONAS

SALÃO PARA BANQUETES

ESPECIALIDADES:

• ARROZ DE MARISCO • AÇORDA DE LAGOSTA

• FONDUE • BROCHET DE FILÉ MIGNHOM

ENCERRAMOS À 1 DA MANHÃ E AOS SÁBADOS PARA DESCANSO DO PESSOAL

AVENIDA DUQUE D'ÁVILA, 47-A — 1000 LISBOA — TELEFS. 52 18 92 - 52 19 58

O PAVÃO

RESTAURANTE, CERVEJARIA E MARISCOS

VENHA EXPERIMENTAR AS NOSSAS ESPECIALIDADES

ENCERRAMOS ÀS 2 DA MANHÃ E AO DOMINGO

RUA DONA ESTEFÂNIA, 108-110 — 1000 LISBOA — TEL. 53 14 91

RESTAURANTE VERDE MINHO

Gerência de: JORGE RODRIGUES

Especialidades:

- CARNE PORCO ALENTEJANA
- ARROZ DE MARISCO
- ARROZ ANGOLANA
- DOMINGO E 5.ª FEIRA
- COZIDO À PORTUGUESA
- ARROZ DE LAMPREIA

MÚSICA AMBIENTE

Sala Própria para Casamentos e Baptizados

Encerrado à 2.ª Feira

Urbanização da Mealhada, Lt. 2-Lj.-E Mealhada — LOURES

Tel. 983 51 80

GRANDE CHURRASQUEIRA CAMPO GRANDE

ESPECIALIDADES:

Bacalhau c/ Batata a Murro
Açorda de Marisco
Espetada de Lombo na Brasa
Cabrito Assado à Padeiro
Costeleta de Vitelão na Brasa
Tornedó à Casa

Encerra domingos ao jantar e 2.ª-feiras todo o dia

Campo Grande, 402

Telefs. 759 01 31 - 759 14 77

LISBOA

O SERAFIM

RESTAURANTE * CAFÉ * CERVEJARIA

PEIXE SEMPRE FRESCO

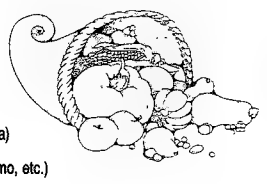
PARA COMER BEM ATÉ AO FIM
SÓ VISITANDO O SERAFIM

R. Dr. Peixoto Correia, 69 - Tel. 2230 179 - SESIMBRA

---

espiral

CENTRO PARA A DIVULGAÇÃO DE ALTERNATIVAS



* Restaurante
  Pratos: vegetarianos, macrobióticos, chinês, peixe, doces e salgados, bebidas e sumos
* Salão de chá
* Música ao vivo (todos os sábados)
* Artesanato
* Galeria (exposições de pintura, fotografia)
* Produtos dietéticos
* Livraria (ecologia, esoterismo, orientalismo, etc.)
* Conferências (todas as terças às 21h)
* Cursos astrologia, tarot, meditação, cozinha vegetarianas, macrobiótica e pintura
* **Consultas (medicina, fisioterapia, shiatsu, astrologia, tarot).**

Aberto todos os dias das 12 às 22h, incluindo fins-de-semana e feriados.

Praça Ilha do Faial, 14-A (à Estefânia) — Lisboa — Telef. 573585

CASA TRANSMONTANA

ESPECIALIDADES

DE TRÁS-OS-MONTES

• DIARIAMENTE, O PRATO DO DIA É UMA ESPECIALIDADE DIFERENTE

ENCERRADO SÁBADOS E FERIADOS
TODO O DIA E DOMINGOS AO ALMOÇO

CALÇADA DO DUQUE, 39
TEL. 320300 — LISBOA

Restaurante

MOINHO SALOIO

Açorda de Marisco
Peixes frescos no Carvão
Costeletas de novilho à Moinho
Rancho à Minhota à 6.ª-feira

Rua Padre Américo, 14
Telef. 987 04 59

Quinta da Quintinha
Póvoa de Sto. Adrião - 2675 ODIVELAS

Restaurante

O FORNO IDANHENSE

Comida regional da Beira Baixa

Especialidades

- Peixe sempre fresco
- Bacalhau c/batatas a murro
- Espadarte no churrasco
- Arroz de tamboril
- Costeleta de novilho
- Cabrito recheado no forno
- Assados em forno de lenha
- Grelhados (à vista do cliente)

O Famoso Bife na Pedra

Sala para banquetes

Aberto todos os dias

Reabriu totalmente remodelada a casa típica da Beira Baixa

Largo Famões, 1 - FAMÕES 2675 ODIVELAS - Tel. 932 96 09

MARIAZINHA

Comida Caseira

Refeições por encomenda rápidas e para fora

Restaurante Snack-Bar

Rua S. José, 232 (junto ao Tivoli)
Tel. 55 54 37 — ***1100 LISBOA***

RESTAURANTE

O António do Meco

ANTÓNIO AGOSTINHO DA SILVA

Telef. 2232939

ALDEIA DO MECO (FETAIS) 2970 SESIMBRA

RESTAURANTE TÍPICO

• FADO NA SUA EXPRESSÃO MAIS CASTIÇA
(POR ELENCO PRIVATIVO)

• SALA PRIVATIVA PARA GRUPOS
• FOLCLORE
• COZINHA PORTUGUESA

Rua Gilberto Rola, 22-24 (a Alcântara)

☎ 67 24 31 - 60 66 55 • LISBOA

Texto de
Roby Amorim

A REPETIÇÃO DOS LUGARES COMUNS

Publicidade e propaganda são tão velhas como o Mundo. Já o velho Adão sabia dessas coisas...

O velho Jeová limitou-se a transmitir a Eva uma informação, válida e útil: «Eis aqui o primeiro homem». Adão aproveitou a deixa para fazer a primeira publicidade, convenhamos que honesta: «Não há outro como eu !». Depois, apareceu a cobra a lançar o esboço da sociedade de consumo: «O primeiro a pecar, recebe GRA-TIS uma dourada maçã como prémio. Vá à Àrvore da Sabedoria e certifique-se das condições».

Relativamente à informação, a propaganda ganhava o papel de reveladora de segredos. Para a publicidade, restava o privilégio de repetidora dos lugares comuns.

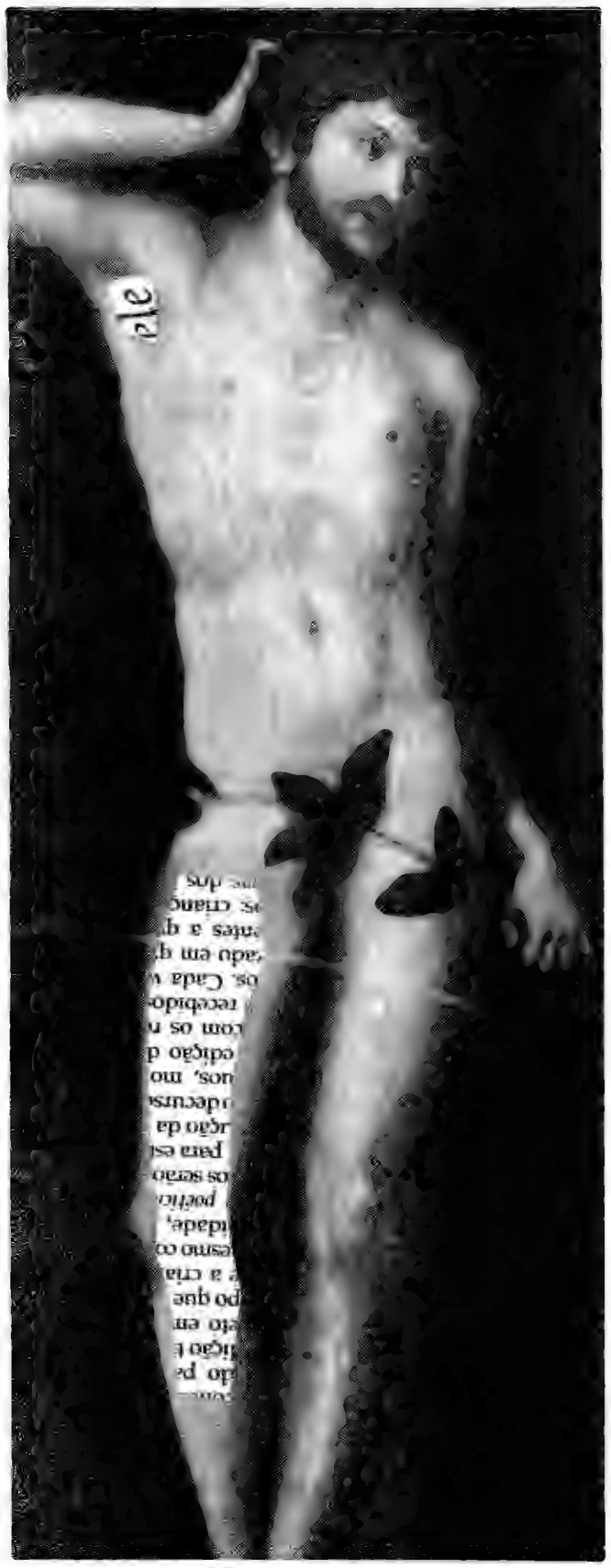
A propaganda é subversiva por vocação, mortífera por contágio e viria a atingir, na primeira metade do século XX o seu máximo de perversidade e de ignomínia, embora entre as parábolas de Cristo e as imprecações de Göebbels tenham decorrido apenas uns 700 mil dias...

Mas, entretanto, zelosos propagandistas criaram os utensílios necessários ao recrutamento dos fieis: o comércio de vizinhança (capelas e oratórios), a grande distribuição (catedrais e mesquitas), a selecta das normas e das referências (Bíblia e Alcorão), o carimbo de dispensa (indulgências), as PLV (Publicidade no Local de Venda), (crucifixos e estatuetas), os seminários de formação (concílios), as viagens com bonus (peregrinações), a publicidade sonora (sinos e muezzins) e o *spot* publicitário (aparições).

Durante um enorme período, a informação foi escassa, imperativa, seca, sempre proveniente de quem mandava. Destinava-se a demonstrar o poderio e a impor uma vontade. Mais tarde, será a repetição massiça de ditos, de regulamentos, de encíclicas, de bulas e de leis, naquela altura trágica em que alguns homens aprenderam a ler e a escrever e outros a obedecer.

A publicidade emergia, como ainda se pode ver nas paredes da velha Roma: «*As minhas azeitonas são boas, e são mesmo boas*», «*A quem comprar uma parelha de bois, oferece-se um escravo como bonus* », «*Tudo que não é vendido por mim, fica mais caro* ».

Ou em caricaturas e acusações políticas, como, ainda há não muito tempo. se podia ver nas lusitânicas ruínas de Santiago do Cacem, *grafitti* apressados para uma esquecida eleição autárquica.



Os romanos inventaram a publicidade clássica, paredes meias com a propaganda. com os seus *albuns*, grandes paredes de gesso branco nas quais se inscreviam as actas oficiais (as *Acta Diurna,* determinadas por Júlio César, apesar de já existirem anteriormente, embora sem regularidade).

Inesperadamente, uma publicidade silenciosa. Será o século XIII que vai fazer aparecer a palavra neste indispensável meio de comunicação, por meio dos pregões, pelos quais as autoridades informavam o povo das decisões tomadas no cume. Em 1436, Gutenberg inventa os caracteres móveis e, logo a seguir, Martinho Lutero, lança os seus cartazes proclamações, afixados em Witenburgo. Em 1630, Teophraste Renaudot lança o seu *Bureau d'Adresses* , a primeira agência de pequenos anúncios que vai transformar-se, meses mais tarde, às ordens de Richelieu, em *La Gazette de France,* que, a partir do sexto número, já insere reclames (*la réclame* no feminino. como Eça de Querós continuava a grafar trezentos anos volvidos)

Em 1830 é a autêntica revolução: Émille de Girardin lança o jornal *La Presse* e afirma um princípio que continua a vigorar: «*Os anunciantes é que têm que pagar o jornal*». Depois, foi o que sabemos. A publicidade que cria necessidades ou que julga fazê-lo, pois, na sua ingorância, talvez não esteja mais do que a recuperar apetites.

O pior disto, são os apetites políticos, que já não passam pela publicidade, mas pela propaganda. E, aqui, voltamos a Adão. É possível que não fosse o melhor, mas, pelo menos, era o único. Hoje, todos pretendem não apenas ser os melhores, como também os únicos, o que é manifestamente falso, mas que a propaganda se encarrega de tornar manifesto. Valha-nos a parva e humilde sinceridade do nosso primeiro pai!

STAND

PEÇAS ORIGINAIS

OFICINAS

Fórmula 4
Concessionário Fiat

CREDITO FIAT

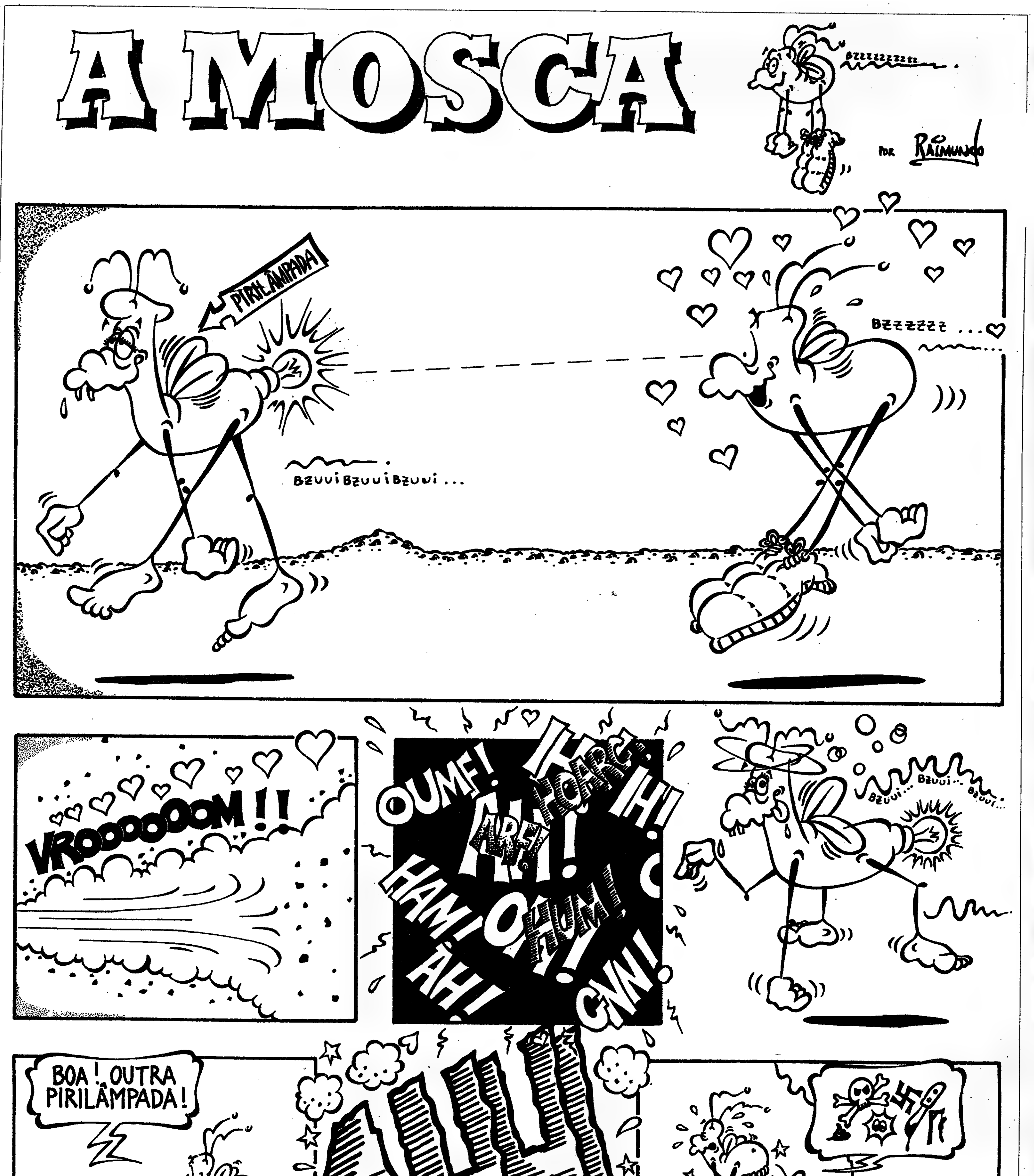
Sistema Usado Seguro

FIAT

Estrada Serra da Mira, Lotes 124 - 126
Telefax 492 13 73

Casal de S. Brás — 2700 AMADORA
Telefs.: 493 27 24 - 492 03 48 - 492 29 49

FIAT


A MOSCA
BZZZZZZZZZZ...
POR RAIMUNDO
PIRILÂMPADA
BZUUIBZUUIBZUUI...
BZZZZZZZ...
VROOOOOOOM!!
OUMF!
IH!
HAM!
ÂH!
GNN!
BZUUI... BZUUI... BZUUI...
BOA! OUTRA PIRILÂMPADA!
AH!
RAIMUNDO 90

Os portugueses e o dinheiro

Diário de Lisboa

OS PORTUGUESES O DINHEIRO

AGARRÁMOS o sucesso no caminho para o futuro

Agarrámos o sucesso num conceito inovador de comercialização em Portugal.
Temos um projecto novo para construir Bem-Estar.
Somos o Grupo Pão de Açúcar.
Temos uma «Trading» — a ***Planco.***
Também uma Distribuidora — a ***Solnave.***

E temos a ***Supa*** *— com Minipreços e Hipermercados.*
Participamos em muitas outras empresas.

Somos o Grupo Pão de Açúcar.

GRUPO PÃO DE AÇÚCAR

Satisfazendo vários pedidos...

Antes de mais, a reabilitação da tradicional associação destas três palavras, lugar comum introdutório de actuações em maus espectáculos, de declamações de baixa poesia, de discursos de oradores palavrosos em festas familiares e provavelmente da publicação de textos medíocres em ingénuos boletins paroquiais. Se normalmente são a via directa para coisas que não satisfazem ninguém e que nunca foram pedidas, não é isso razão para condená-las ao desuso, quando querem dizer exactamente isso: satisfazendo vários pedidos.

Feita a reabilitação, esclareça-se que é satisfazendo vários pedidos ou, mais exactamente, muitos pedidos de leitores do DL, que voltamos a publicar em conjunto, constituindo o conteúdo deste suplemento, as reportagens da série «Os Portugueses e o Dinheiro», insertas nas nossas edições das duas primeiras semanas de Janeiro.

Tendo como linha de rumo uma sondagem encomendada à Euroteste, «Os Portugueses e o Dinheiro» é um trabalho de investigação de uma equipa de jornalistas do DL, que abordam o tema em perspectivas tão diversas como os rendimentos, a poupança, o consumo, a ostentação, o jogo e a fiscalidade.

O interesse com que o público acolheu esta série foi comprovado, primeiro, com a procura dos jornais em que foi publicada, desde logo esgotados, e posteriormente com numerosos pedidos de republicação do trabalho, procedimento tão pouco comum que inicialmente se apresentava improvável. O número de solicitações nesse sentido avolumou-se, no entanto, de tal modo que a viabilidade dessa hipótese teve de ser encarada.

O suplemento que o leitor tem nas mãos e que incluimos na nossa edição de aniversário é o resultado da iniciativa finalmente tomada de proporcionarmos a parte significativa do nosso público a satisfação do desejo manifestado da leitura global de toda a série, com o tratamento que a sua publicação simultânea permitiu e com o enriquecimento em imagens resultante da reprodução a côres. Incluem-se também agora alguns textos não publicados inicialmente por imperativos de espaço.

Inquérito — Sondagem «Diário de Lisboa» — Euroteste

Universo e amostra

O universo da sondagem «Diário de Lisboa»/Euroteste «Os Portugueses e o Dinheiro», cujos resultados se publicam em quadros insertos ao longo das páginas deste suplemento, foi constituído por indivíduos com 15 anos ou mais, residentes no Continente em localidades de 100 ou mais habitantes. A amostra foi de 1000 entrevistas. Destas, 37,4 por cento foram realizadas no Litoral, 23,5 na Grande Lisboa, 15,7 no Interior Norte, 12,6 no Interior Sul e 10,8 no Grande Porto.

Por faixas etárias, a sondagem reservou 39,5 por cento da amostra ao grupo dos 15 aos 34 anos, 12 por cento ao grupo dos 35 aos 54 anos; e 28,5 aos de mais de 54 anos.

Por classes, a amostra foi constituída por 185 indivíduos das classes A/B; 423 da classe C1; 316 da classe C2 e 76 da classe D.

A caracterização das classes foi feita sumariamente, pelos seguintes elementos:

Classe A: rendimento familiar superior a 150 contos e nível de instrução universitário; **classe média alta (B):** rendimento entre 100 e 150 contos, nível de instrução média; **classe média superior (C1):** rendimento entre 60 e 110 contos e instrução média profissional; **classe média inferior (C2):** rendimento entre 30 e 60 contos, operários e trabalhadores, com instrução primária; **classe baixa (D):** rendimento até 30 contos, trabalhadores não especializados e dos serviços domésticos, de instrução primária incompleta, residentes em zonas pobres.

SUMARIO

4 *A segurança dos ricos e a felicidade dos pobres* — Adelino Cardoso
O deus milhão e a rainha pecúnia — Ernesto Sampaio
O Muro do Dinheiro — Adelino Cardoso

9 *Mais amealhar do que semear* — Dina Soares
Os Tios Patinhas da Europa — Dina Soares
Produzir e poupar já mandava Salazar — Adelino Cardoso

12 *«Exibicionista, eu...? Nem pensar!»* — Paula Sá
O 25 de Novembro dos Ricos — P.S.
O alquimista do sucesso — P.S.

16 *Eu jogador não me confesso* — Céu Neves
Há horas felizes — C.N.
O Bairro do Totobola — C.N.
O perfil do jogador — C.N.

24 *O fisco desconhece os ricos* — Adelino Cardoso
Oliveira Costa: «Montámos uma máquina poderosa de investigação» — A.C.
Medina Carreira: «O Estado é incapaz de travar a fuga fiscal» — Paula Sá
Os cobradores sem rosto e sem justiça — Adelino Cardoso

29 *Mal pagos, resignados e biscateiros* — Dina Soares
Os marginais da Boutique de Alcofa — D.S.
Viver a ganhar 32 contos por mês — D.S.
O hipermercado dos pobres — D.S.

36 *Entre o fazer e o haver é difícil escolher* — Céu Neves
Operário, profissão de futuro — C.N.
Bata branca substitui o sujo fato macaco — C.N.

40 *Comilões, aperaltados e tristes* — Ana Mafalda Inácio
Na sala de espectáculo do consumo — A.M.I.
Misérias da saúde — A.M.I.

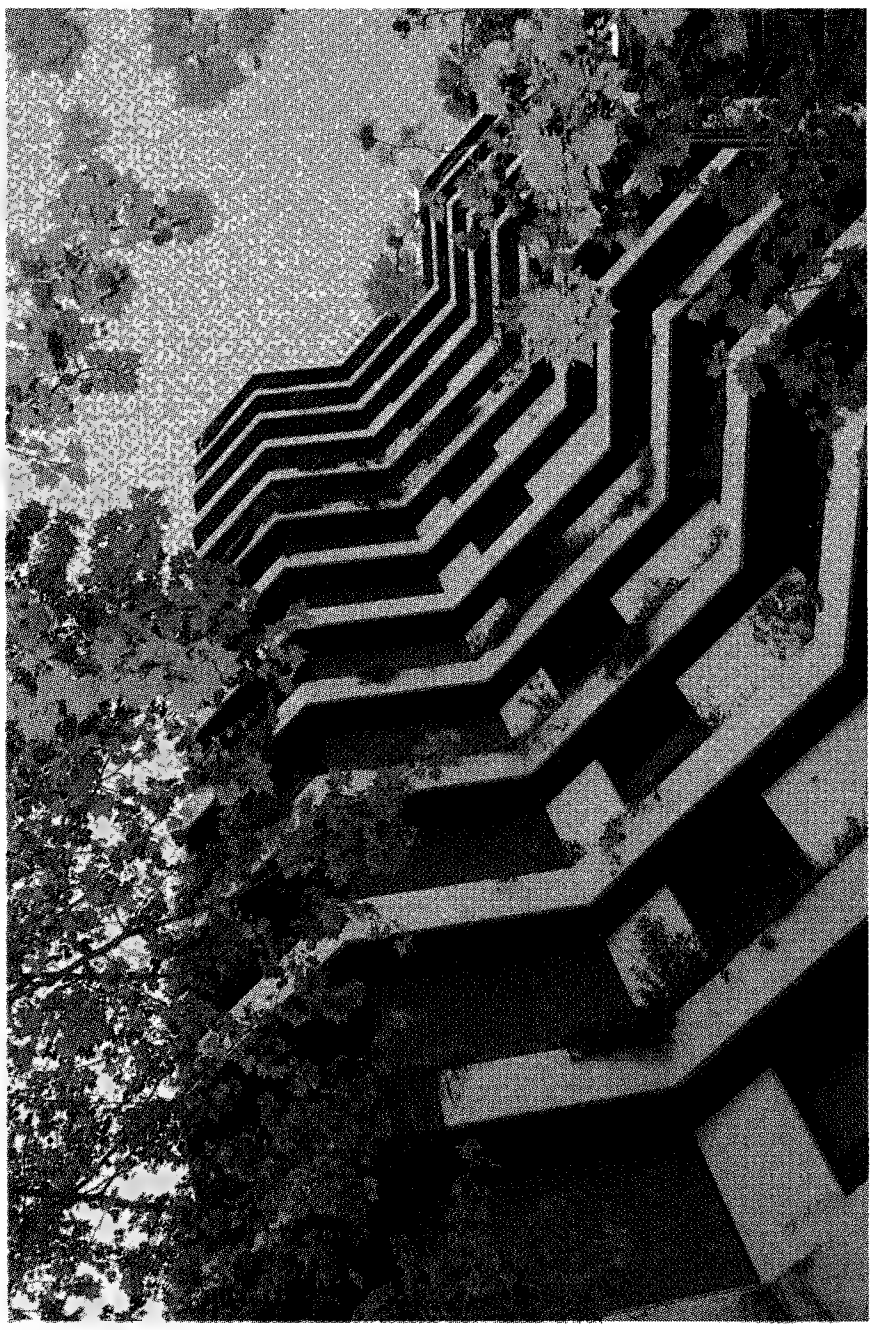
47 *Quanto mais pobres, menos invejosos* — Adelino Cardoso
Almeida Santos: «Poder mal pago gera a corrupção» — P.S.
Carlos Manuel: «Uma pontinha de inveja» — P.S.
Matar ou não matar o Mandarin — A.C.
Dos mercadores de sobrado aos usurários do prego — Geraldo Dias

OS PORTUGUESES E O DINHEIRO

OS PORTUGUESES E O DINHEIRO

A segurança dos ricos e a felicidade dos pobres

Numa sociedade que começa a ficar encharcada de interesses económicos, afinal os portugueses não pensam que o dinheiro dê poder ou felicidade, excepção feita aos mais novos. Na maioria os portugueses entendem que o dinheiro representa segurança, talvez uma resposta ao medo do futuro, quais gatos escaldados por quentes crises económicas.



A atitude da grande maioria dos portugueses face ao dinheiro é a da segurança, em especial os das classes mais ricas e os dos habitantes dos grandes centros urbanos. A expectativa de felicidade mora na classe baixa e na população das zonas do interior, o que vale bem por dizer que o dinheiro só não dá felicidade aos que já são ricos.

Esta é uma das primeiras conclusões de um vasto inquérito-sondagem, de que hoje publicamos este primeiro capítulo e, através do qual vamos tentar conhecer alguma da relação de íntima das pessoas com o dinheiro e, modestamente, por aí tentar uma aproximação à sociedade portuguesa, subitamente avassalada pelos interesses económicos, pela propriedade, pelo dinheiro.

Se esta sondagem tem algum rigor, e tem pelo menos a valor de uma aproximação à realidade, a partir desta primeira questão fundamental, que indaga da relação mais directa do indivíduo com o dinheiro, concluiríamos que vivemos ainda uma situação de insegurança. Uma insegurança quase atávica, vinda dos tempos do fascismo, a que não é estranha a crise económica do início dos anos 80, que leva as pessoas a segurar o futuro com o amealhar do dinheiro.

Concluiríamos ainda que, nesta fase de arranque para o desenvolvimento, o dinheiro não é considerado fortemente uma fonte de poder. Tal atitude só tem algum significado para as gerações mais novas (13,5%) e para a classe em ascendência, a classe média (13,5%). Em termos de mentalidade, é talvez pre-

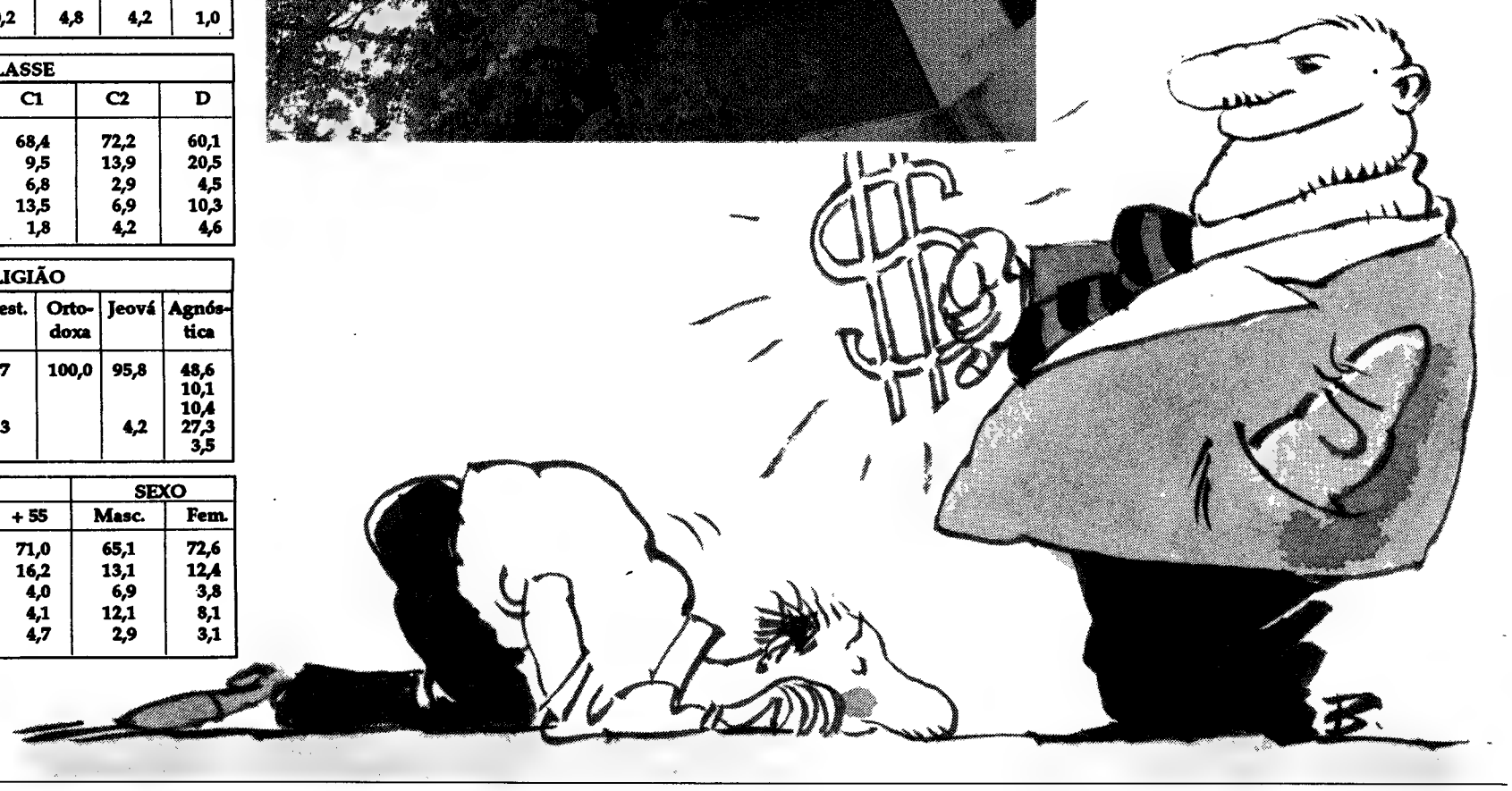
Para si, ter dinheiro é importante para dar segurança, para dar felicidade, para dar prazer ou para dar poder?

	PERCENTAGENS VERTICAIS					
	TOTAL	Gran. Lisboa	Gran. Porto	Litoral	Int. Norte	Int. Sul
Dar segurança	69,1	76,2	77,1	72,3	55,3	56,6
Dar felicidade	12,7	5,3	10,4	9,8	24,4	22,9
Dar prazer	5,2	7,1	3,1	3,3	9,7	3,4
Dar poder	10,0	9,6	9,1	9,9	6,4	16,1
Não sabe						
Não responde	3,0	1,8	0,2	4,8	4,2	1,0

	CLASSE				
	TOTAL	A/B	C1	C2	D
Dar segurança	69,1	72,6	68,4	72,2	60,1
Dar felicidade	12,7	7,2	9,5	13,9	20,5
Dar prazer	5,2	9,1	6,8	2,9	4,5
Dar poder	10,0	10,7	13,5	6,9	10,3
NS/NR	3,0	0,5	1,8	4,2	4,6

	RELIGIÃO					
	TOTAL	Católica	Protest.	Ortodoxa	Jeová	Agnóstica
Dar segurança	69,1	71,0	80,7	100,0	95,8	48,6
Dar felicidade	12,7	13,1				10,1
Dar prazer	5,2	4,2				10,4
Dar poder	10,0	8,7	19,3		4,2	27,3
NS/NR	3,0	3,1				3,5

	IDADE			SEXO	
	15/34	35/54	+ 55	Masc.	Fem.
Dar segurança	62,8	75,1	71,0	65,1	72,6
Dar felicidade	12,6	9,8	16,2	13,1	12,4
Dar prazer	8,9	1,8	4,0	6,9	3,8
Dar poder	13,5	10,8	4,1	12,1	8,1
NS/NR	2,2	2,6	4,7	2,9	3,1



ocupante que esta relação do dinheiro com o poder seja mais relevante, segundo dados de que dispomos, na faixa etária dos 15/19 anos (23,5%), que é aquela também que mais relaciona o dinheiro com o prazer.

Espanta que os jovens se relacionem com o dinheiro mais em termos de poder do que de felicidade, a não ser que já confundam um com outra coisa como, de certo modo, nos disse o sociólogo Paquete de Oliveira:

«Para os jovens de hoje, de modo mais flagrante, o dinheiro vale sobretudo pelo que dá, pelo que conquista, nas coisas, ou no espaço do mundo e da vida. Não é importante que o pai seja rico. O importante é ter o carro. Não é importante ser proprietário do "Frágil", o importante é ir ao "Frágil", conquistar esse espaço.»

É a vaga de hedonismo e de individualismo que atravessa a juventude, movida por um modelo liberalista de «sociedade das possibilidades imediatas». Sociedade em que - é ainda Paquete de Oliveira a falar-nos - «tudo é possível a todos; é possível ser rico, vir a ser rico, como vir a ser sábio; é possível ser súbdito, como vir a ser chefe, ter poder; é possível andar a pé ou de transportes públicos, como é possível ter um grande carro; é possível ser pobre ou vir a ter uma grande fortuna.»

Saídos de uma experiência hiperinflacionista, as pessoas perderam o respeito ao dinheiro. Quando a inflacão caíu para menos de metade, e isso aconteceu em apenas quatro anos, de 1984 para 1988, começaram a gastá-lo, a tirar a barriga de misérias. A moeda desrespeitou-se. Paquete de Oliveira cita Michel Serres: «o dinheiro tem todos os sentidos por não ter nenhum, não vale nada e vale tudo, por ser, nesta sociedade o equivalente geral de todos os valores.»

A relação prioritária do dinheiro com a segurança, que esta sondagem revela, reflecte, de algum modo, a sociedade portuguesa.

Uma sociedade que não é ainda uma sociedade rica e de bem estar, que não oferece segurança social, no emprego, na saúde ou na velhice e, daí, o dinheiro como um seguro para o futuro; daí, como veremos noutro dia, a propensão para a poupança, muito mais acentuada do que em outros países europeus mais desenvolvidos.

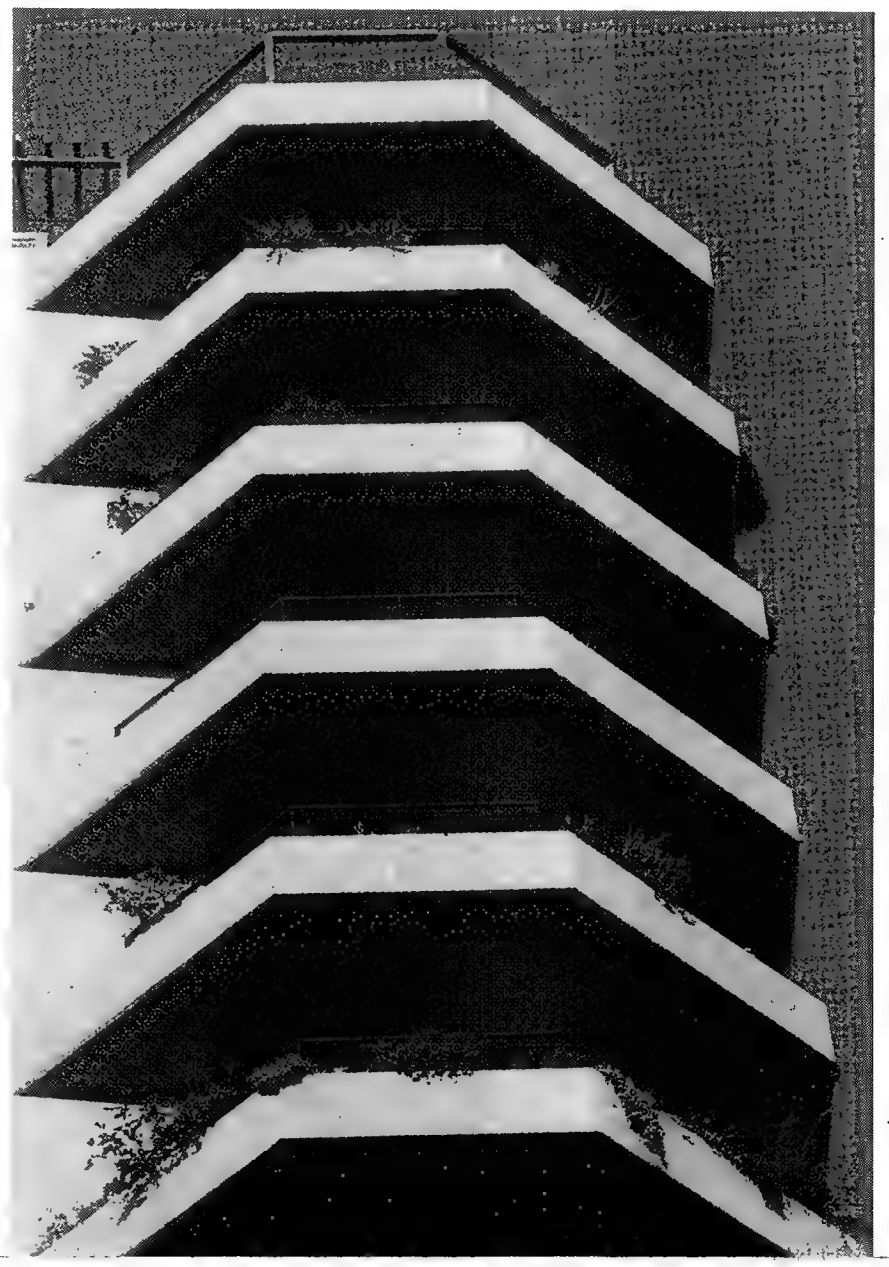
O dinheiro é maior fonte de segurança para as mulheres (72,6%) do que para os homens (65,1%); para os mais idosos (75,1%) do que para os jovens (60,1%).

A relação com o prazer é mais notória na Grande Lisboa e no Interior Norte (?), nas classes mais ricas e nos mais jovens.

No nosso contexto social, ainda marcado por algum subdesenvolvimento, é normal que a relação do dinheiro com o prazer, apareça desvalorizada, embora possamos admitir que os resultados da sondagem tenham alguma falibilidade, por a noção de prazer ter sido de difícil interpretação para os sondados. De qualquer modo, e sem entrar em grandes especulações, pode-se talvez adiantar que há pouco dinheiro disponível e, simultaneamente, um baixo índice cultural, para que os portugueses acedam pela moeda ao usufruto de bens ou serviços não essenciais e não fungíveis.

Noutra parte da sondagem, veremos em que grau os portugueses colocam o prazer na hierarquia dos seus consumos e aí se confirmará esta conclusão.

Adelino Cardoso



COMENTÁRIO

O Muro do Dinheiro

Há muros que se vão derrubando, o de Berlim, por exemplo. Há outros muros que vão crescendo, os das desigualdades, o do dinheiro, muros de opressão nas sociedades da liberdade.

Há dias, Jorge Sampaio, invectivado por não falar com veemência, com o suficiente júbilo, da queda do muro de Berlim, respondia que outros silenciavam e não derrubavam os muros existentes dentro da cidade de Lisboa, separadores dos que vivem e dos que vegetam.

Também recentemente, o Presidente da República dizia: «há dinheiro fácil e sente-se porventura demasiado o peso do dinheiro na sociedade portuguesa». Mário Soares falava de ostentação, de crise de valores e da necessidade de incentivar e preservar vastas áreas da vida nacional do simples poder do dinheiro.

Esta pacata sociedade portuguesa começa, de facto, a ficar encharcada de negócios, obcecada por êxitos fáceis. Ganha-se dinheiro na Bolsa, especula-se em imobiliários à custa de bens públicos, procura-se dinheiro fácil, rápido. Procuram-se cursos para carreiras de sucesso financeiro, procuram-se lugares nas grandes empresas e, se não se sabe fazer mais nada, cargos públicos.

A luta é feroz, o objectivo é o dinheiro, a segurança e, se possível, a glória. Os litígios crescem, a vida não vai mal para os advogados.

A competição aí está, a selecção não será a dos mais competentes e dos mais inconformistas, será a dos mais audazes e mais ardilosos.

O rasto que ficará para trás desta vertigem não lhes interessa muito. Quem vier atrás que feche a porta.

Mas a vertigem acabará por levá-los a bater com a cabeça no muro, e este ciclo acabará por ter o seu refluxo. Porque as pessoas hão-de voltar a querer encontrar-se consigo. Porque a sociedade não aguenta por muito tempo, nem excessos de ordem,nem excessos de desordem, como se está a ver a Leste e a Oeste.. Porque tem de haver limites para a destruição da Natureza ou para a desumanização das cidades. Porque, atafulhados de consumo, as pessoas acabarão por descobrir que nada acrescentaram a si mesmas e que, ao contrário do que disse um *yuppie* americano, o dinheiro não é o único resultado do que fazemos e a que os outros estão atentos.

Adelino Cardoso

Uma sociedade excessivamente comandada pelo dinheiro vai perdendo o rumo do bem público ou comum; torna-se agressiva e pouco solidária; desigual e pouco fraternal.

Quando as pessoas valorizam de mais o dinheiro é porque deixaram de saber a que outras coisas dar valor. Esterilizaram.

OS PORTUGUESES E O DINHEIRO

O dinheiro na literatura portuguesa

O Deus milhão e a rainha pecúnia

Usurário hebreu. Embora condenada pela Igreja, a usura era uma componente imprescindível da vida económica

«Quem dinheiro tiver fará o que quiser», reza o adagiário, que também diz «Negro é o carvoeiro, branco é o seu dinheiro» ou «Dai-me dinheiro, não me deis conselhos».

O dinheiro, de facto, atravessa a literatura portuguesa de uma ponta à outra. Primeiro, de Newcastle, e depois, de Paris, Eça de Queiroz, por exemplo, escreve a Ramalho: «As dívidas serviram a Balzac para aprofundar o mundo bancário, agiota, notário e forense; mas eu nem tenho essa consolação, que as minhas dívidas me tragam a revelação de tipos essenciais: elas só servem para me envelhecer e me bestificar. (...) Eu estou a *court d'argent*, além de toda a expressão: - e só me poderei equilibrar para o meado do mês que vem. Mas, até lá, nem um magro sou. E todavia é necessário pagar ao tendeiro».

Ainda de Paris, em carta ao seu amigo conde de Arnoso: «Enfim meu filho, a luta pela vida! Luta bem vã, quando se empreende com uma pena na mão, em língua portuguesa. Todo o meu erro foi, quando era moço e forte, não estabelecer uma mercearia, para o que aliás tenho jeito e gosto. Estava agora gordo e sossegado como o toucinho que cobriria o meu balcão, e quando tu por lá aparecesses, eu diria com deliciada superioridade: *Oh, Sr. Conde, temos agora aí um queijinho que é de se lhe arrebitar a orelha*. E seria o céu aberto».

Para Camilo, no universo do deus milhão, «o ouro sacratíssimo do trabalho, empolgado pelos grifos do demónio, e sacudido às rebatinhas, alastrará de sangue o ouro onde cair, como a chuva de betume candente sobre as cidades malditas».

Quase cego, dir-se-ia que as coisas começavam finalmente a tornar-se claras para o grande escritor nas solidões de São Miguel de Seide: «Não podemos alterar a letra dos dicionários: o roubo formulado legalmente chama-se *propriedade;* a restituição da propriedade, imposta à mão armada, e sem camaradagem da justiça, chama-se roubo».

Pois sim, mas «O dinheiro é tão bonito, tão bonito o maganão! Tem tanta graça o maldito, tem tanto chiste o ladrão!», como o canta João de Deus, mestre da estrofe de metro variado, que quase nos enternece com a ideia do dinheirinho, ao arrepio dos diatribes de um Padre António Vieira, fulminando «a ladroeira dos ministros»: «Já que lhes não dá do que dirá a gente, não me dirão onde acharam estes tesouros sem irem à Índia, ou que arte tiveram para medrarem tanto em tão pouco tempo, para que os desculpemos ao menos com a vizinhança? Já o sei, sem que mo digam: houveram-se como a raposa no galinheiro em que entraram. Cevaram-se não só no necessário, senão também no supérfluo. Não se contentam em se verem fartos e cheios como esponjas, querem engordar com acepipes; e por isso lançam o pé além da mão e estendem a mão até ao céu e as unhas até ao inferno, e metem tudo a saco, quando o ensacam, e são como o fogo que a nada diz - basta!»

O dinheiro, a massa, o móni, os carcanhóis, o pastarel transformam tudo, ao ponto de mais valer a velha com dinheiro que a moça com cabelo. Com efeito, mais abranda o dinheiro que palavras de cavalheiro. Que mais? D. Francisco Manuel de Melo, um português fino, põe na boca do Vintém tristes visões: «Vi desmanchar compras e vendas de grande interesse pela diferença de meu valor, porque a moeda é figura e cifra a vontade de quem a tem, que, segundo sua estimação, lhe dá o preço. Vi matarem-se homens por meu amor; arriscarem-se e não sei se perderem honras e conveniências por meu respeito, tão baixo preço põe a avareza aos homens, que suas mais ricas partes vendem por bem pouco dinheiro. E conheci dois pares de testemunhas e de testemunhos, que não custaram um ceitil mais daquilo que eu valho. Quantas honestidades se perderam por esta taxa! Quantas devassidões por ela se continuaram! Quantos negócios foram transtornados por este tal preço! Bastara que por mim desfizesse um casamento de muitos mil cruzados, que a ambas as partes estava muito bem. E o que mais me fazia era logo a sentença com que um destes malditos saía de revés, provando que estava averiguado que quem não estima um vintém não estima um tesouro. Ora dizei-me: parece-vos que será grande delito não estimarmos nós os homens, que tão pouco se estimam? Se aquelas cousas em cujo troco eles se deram foram de outra mossa ou raridade, bem puderamos enganar-nos; mas, sendo nós próprios o valor de suas honras e vidas e sabendo, como ladrões de casa, o pouco que valemos para ser preço de cousas de tanta valia, digo e torno a dizer que bem mal fará o dinheiro que destes tais fizer algum caso».

Furioso estava este vintém! Deus nos livre! Na casa de Herodes, porém, mais vale ser vintém que pai ou filho. «Penso no meu povo pobre, na vidinha tilintada em magros cobres, na mesquinhez à sobreposse» (Alexandre O'Neill) e creio que o pior do dinheiro é tornar natural a desigualdade entre os homens, estabelecer duravelmente que o valor de cada homem nunca será medido pela força e tamanho das convicções próprias, mas pela quantidade de dinheiro que possui.

Ernesto Sampaio

SPS
Sociedade Portuguesa de Seguros s. a.
AGF
GRUPO

CONTA POUPANÇA-HABITAÇÃO

TOTTA

Habitor

AGORA COM
CONDIÇÕES EXCEPCIONAIS
DE ABERTURA
MÍNIMO 5.000$00
À TAXA MÁXIMA

POUPE NOS IMPOSTOS...
...E O SEU FILHO TERÁ UMA CASA!

BANCO TOTTA & AÇORES

JM GRUPO M

Apresentamos a RTC que você não vê.

A RTC que você vê entra diariamente em milhões de lares nos intervalos da programação da RTP.

A RTC que você não vê, é a empresa que diversificou a sua acção para a exploração de outros domínios publicitários e para sectores subjacentes e complementares à actividade televisiva.

Através das suas associadas, a RTC expande a sua intervenção para áreas que vão desde a participação no mercado editorial, permitindo que livros e fascículos de grande interesse lúdico e cultural cheguem aos mais variados públicos, até a actividades no media market, colaborando na promoção de espectáculos, e na reorganização do espaço urbano.

Firmemente implantada no universo da comunicação, a RTC é uma empresa apta a dialogar com diversos interlocutores nacionais e internacionais. E isso é fundamental. Sabe porquê? Porque desta forma, a RTC desenvolve uma acção que beneficia as mais variadas áreas da sociedade.

Em resumo: a RTC ao intervir activa e efectivamente nos diversos domínios em que actua, contribui para o progresso social e para o prestígio da língua e da cultura portuguesa.

Esperamos que tenha tido muito prazer em conhecer-nos.

Para nós, foi importante apresentar as duas faces da nossa empresa.

RÁDIO TELEVISÃO COMERCIAL

Mais amealhar do que semear

Os portugueses são muito poupados, é verdade. São até o povo mais poupado da Europa. Tradicionalmente, guardavam o seu dinheirinho no colchão, para o que desse e viesse. Hoje, as formas de aforro mudaram, mas a mentalidade mantém-se. É o espírito de aferro-lhar para a velhice e não para o investimento, de amealhar sem semear

Dezembro, mês de compras de Natal. Ao chegar à Baixa lisboeta, deparamo-nos com centenas de pessoas carregadas com embrulhos coloridos. Uma verdadeira imagem da sociedade de consumo. Mas continuemos a descer até à Praça do Comércio e entremos no belo edifício do Ministério das Finanças. Para quê? Para vermos outro tipo de pessoas, fazendo outro tipo de compras. Ali, o ar não é atarefado, mas sim calmo. As pessoas não correm de loja em loja, esperam pacientemente numa fila em que estão outras pessoas esperando pacientemente. Quando saem, não trazem nas mãos embrulhos coloridos, mas pequenos recibos que guardam cuidadosamente na carteira. São os Certificados de Aforro. A sua garantia para qualquer imprevisto.

Se alguma conclusão indiscutível se pode tirar desta sondagem, é a de que os portugueses, ao hierarquizarem os seus gastos, colocam a poupança em lugar destacado. Se compararmos com as variáveis apresentadas - alimentação, saúde, habitação, vestuário e prazer - apercebemo-nos de que poupar é muito importante para os nossos compatriotas.

A população do Interior Sul, de mentalidade mais conservadora, apresenta a maior percentagem de pessoas (2,3 por cento) que colocam a poupança no primeiro lugar da hierarquização de gastos. Esta escolha deve-se, provavelmente, ao facto de grande maioria trabalhar por conta própria, em especial na agricultura, o que exige a constituição de um pé-de-meia para a velhice.

Em contrapartida, os habitantes do Litoral, geralmente ocupados na indústria, comércio e turismo, sentem menos necessidade de prevenirem os seus últimos anos, e por isso só 0,4 por cento amealha antes de gastar.

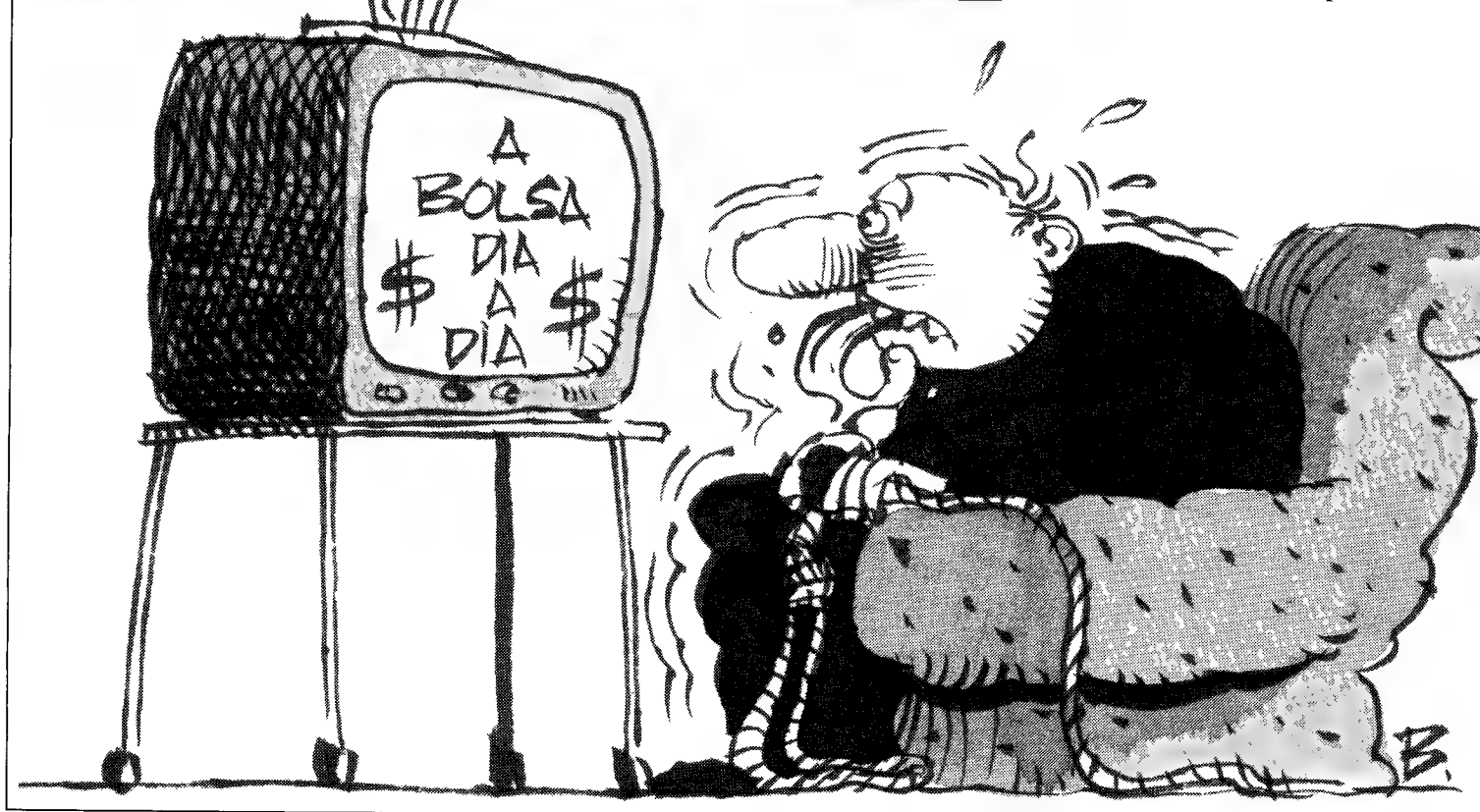
A divisão Norte/Sul, em termos de mentalidade, é também visível na forma de encarar a poupança. Os lisboetas, mais perdulários e menos cautelosos, seriam, na fábula de La Fontaine, as cigarras, enquanto os seus compatriotas do Porto, mais económicos, encarnariam melhor o papel de formigas. Conclusão imediata é igualmente de que quem mais tem mais poupa. A classe A/B apresenta maior percentagem de inquiridos a colocar a poupança em primeiro lugar nas opções. Em último lugar, com apenas 1 por cento contra 1,8 da anterior, vêm, obviamente, as classes mais baixas, obrigadas a gastar a maior parte dos seus rendimentos nas necessidades imediatas.

Os números indicam ainda que os homens são mais poupadinhos do que as mulheres. As explicações podem ser várias e, por vezes, pouco abonatórias do sexo feminino. «Cabeças de vento imprudentes», diriam os mais machistas, ao que outros responderiam «mais espertas, porque vivem o dia-a-dia». Preferimos justificar estes números com o facto de as mulheres serem, geralmente, mais dependentes do que os homens, tendo menos dinheiro para poupar e mais despesas para fazer.

Quem não elege o aforro como opção prioritária são as pessoas com mais de 55 anos. Símbolo de desafogo? De modo algum. Os curtos rendimentos de que dispõem não lhes permitem guardar nada. O que tinham a aferrolhar já aferrolharam na juventude, provavelmente quando tinham entre 15 e 34 anos.

A faixa etária dos jovens é, aliás, a que maior propensão tem para amealhar. O horizonte da velhice talvez não seja, para os mais novos deste escalão, a maior motivação da poupança. A necessidade de comprar uma casa será, provavelmente, a que os leva a abrir a tal conta no banco para guardar os tostões que sobram todos os meses.

continua na pág. 10



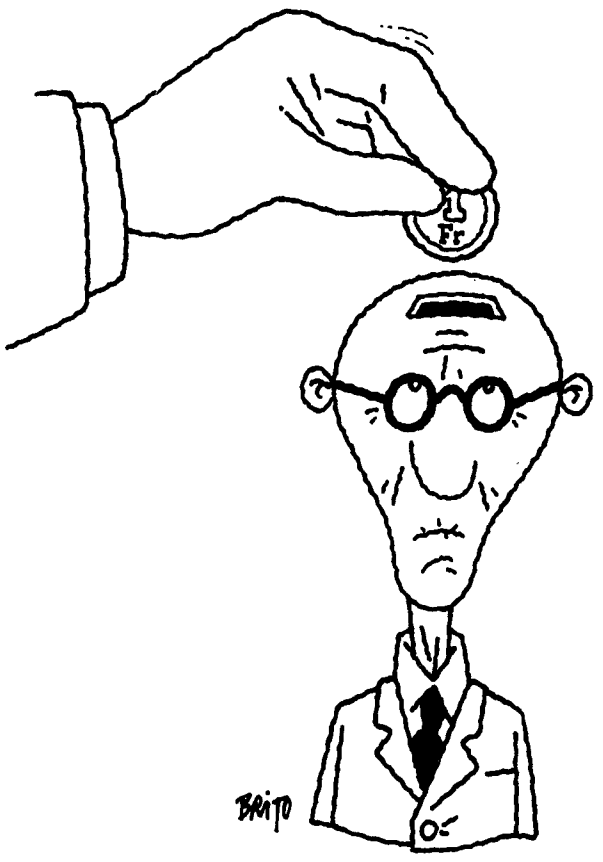
continuação da pág. 9

A ambição suprema de todos os aforradores é a casa. Com 55,1 por cento das escolhas, a compra de prédios ou andares apresenta uma larga margem relativamente aos depósitos a prazo, colocados em segundo lugar com 17,7 por cento. Tal conclusão prova que uma das necessidades básicas de qualquer pessoa - a habitação - está longe de ser satisfeita.

Neste capítulo, Lisboa e Porto vêm também à frente, o que demonstra que esta necessidade é mais premente nas grandes cidades. Na opinião dos lisboetas, as acções constituem também uma boa forma de aplicar as suas poupanças, com uma percentagem de 15,5 por cento. No entanto, como se pode ver no texto «Os Tios Patinhas da Europa», essa acaba por não ser a opção escolhida.

Nas restantes regiões, os depósitos a prazo são considerados bem mais seguros do que as especulações financeiras. A mesma conclusão é válida para as classes mais baixas, menos afoitas, e para os mais velhos. Apenas as classes alta e média alta, e os jovens apresentam maior apetência para arriscar e, portanto, para este tipo de operações.

Dina Soares



O que é que considera o melhor investimento: acções, depósitos a prazo, compra de prédios e andares?

	REGIÃO					
	TOTAL	Gran. Lisboa	Gran. Porto	Litoral	Int. Norte	Int. Sul
Acções	11,2	15,5	11,8	11,4	3,9	11,2
Depósitos a prazo	17,7	10,9	20,0	23,8	13,8	15,1
C. imóveis	55,1	69,4	61,5	48,2	48,5	51,9
Não sabe						
Não responde	16,4	4,7	7,4	16,7	33,8	23,5

	CLASSES				
	Total	A/B	C1	C2	D
Acções	11,2	15,7	14,7	9,3	5,6
Dep. a prazo	17,7	11,5	16,3	20,1	20,0
C. imóveis	55,1	70,7	59,0	56,6	31,4
NS/NR	16,4	2,5	10,7	14,5	43,0

	IDADE			SEXO	
	15/34	35/54	+ 55	Masc.	Fem.
Acções	17,8	8,4	5,1	12,9	9,7
Dep. a prazo	13,2	19,7	21,7	19,2	16,4
C. imóveis	58,5	61,0	43,9	55,9	54,4
NS/NR	10,9	11,6	29,5	12,7	19,8

Lugar em que as pessoas colocam a poupança quando se lhes pede que hierarquizem os seus gastos

%

	Classes				
Lug. da poupança	Total	A/B	C1	C2	D
1.º	1,1	1,8	1,1	1	1
2.º	4,6	7,7	2,4	5,9	2,7
3.º	11,9	15,2	13,6	10,8	8,4
4.º	21,7	18	22,5	24,8	16,1
5.º	29,5	22,4	26,3	25,8	49,6
6.º	15,9	21,9	21,9	13	7,1

%

	Idades			Sexo	
Lug. da poupança	15/34	35/54	+55	Masc.	Fem.
1.º	2,5	0,5	–	1,3	1
2.º	7,4	3,3	2,1	7,5	2
3.º	13,9	8,4	12,9	12,1	11,6
4.º	18,1	24,8	23,2	25,2	18,5
5.º	19,1	34,6	38	26,5	32,1
6.º	20,6	17,6	7,5	15,6	16,2

Investimentos em bens de raiz

O FUNDO VIP – Fundo de Valores e Investimentos Prediais é a resposta certa para os investidores que prezam e procuram a Eficiência e a Segurança. Constituído por um património sólido e seguro – bens de raiz – terrenos e prédios de arrendamentos seleccionados e de crescente valorização, garante, no presente e no futuro, rendimentos acrescidos do capital investido.

As poupanças aplicadas no Fundo Vip beneficiam da segurança de um investimento de médio prazo com valorização assegurada. Da distribuição trimestral de rendimentos através de crédito automático. Do reinvestimento dos rendimentos recebidos isento de comissão. Numa palavra, a valorização com Eficiência e Segurança. INVISTA FUNDO – INVISTA VIP.

Ao seu dispor aos balcões dos Bancos Depositários

MONTEPIO GERAL CA SA ECONÓMICA

BANCO FONSECAS & BURNAY

SILVIP – Sociedade Gestora do Fundo de Valores e Investimentos Prediais (FUNDO VIP), SA.

SEDE E ESCRITÓRIOS: Av. Fontes Pereira de Melo, 6-5.º • 1000 LISBOA • Telefones: 52 03 11 • 57 46 51 • Telex: 13603 CONSTRP. • Telefax: 53 93 58

Os Tios Patinhas da Europa

Os portugueses são normalmente encarados como os Tios Patinhas da Europa. Económicos, poupados, previdentes, começam a aferrolhar para a velhice assim que arranjam o primeiro emprego. «Recorde de poupança», anunciavam os cabeçalhos dos jornais de 31 de Outubro, dia mundial do pé-de-meia. No entanto, o hábito de apertar o cinto está longe de ser uma característica nacional ou uma opção de vida. A dura realidade é que os portugueses são obrigados a encher o baú para terem um fim de vida decente.

Segundo dados divulgados pelo Banco de Portugal, as famílias portuguesas amealharam, em 1988, 19,2 por cento do Produto Interno Bruto, ou seja, um total de 1155,5 milhões de contos. Resistindo estoicamente à tentação de consumir bens efémeros, preferiram empregar 144,2 milhões de contos em Obrigações e 80,5 milhões de contos em Bilhetes do Tesouro e Títulos da Dívida Pública de curto prazo, os famosos CLIP.

Os depósitos de poupança, com o dinheirinho ali bem à mão, são actualmente a forma preferida pelos nossos compatriotas para fazerem o seu pé-de-meia, arrecadando uma fatia de 187,9 milhões de contos. Mais à mão ainda está a moeda aferrolhada em contas a prazo. Todavia, os tradicionais depósitos começam a ficar em desvantagem face aos novos produtos financeiros, cabendo-lhe o terceiro lugar, com 114 milhões de contos.

As acções e as unidades de participação vêm na cauda das escolhas com 28,2 e 0,9 milhões de contos, respectivamente, a provar que o ditado que diz que «o seguro morreu de velho» ainda tem mais peso que aquele segundo o qual «quem não arrisca não petisca».

O investimento é, porém, a forma preferida pelos portugueses para aplicarem o seu dinheiro. Só em 1988, 435,5 milhões de contos foram investidos pelas famílias em bens duradouros como casas e terras. As aplicações no mercado secundário, ou seja, as transacções na bolsa com títulos já emitidos, os Certificados de Aforro e outras operações diversas constituem as formas de aplicação da poupança dos restantes 164,3 milhões de contos.

«As pessoas interessam-se mais pela liquidez do que pelo rendimento, pois a motivação principal da poupança é a prevenção e não a especulação», considera Alberto Ramalheira, presidente da Junta de Crédito Público, que acrescenta: «A conta a prazo é, à primeira vista, mais segura que os títulos e quando as pessoas não confiam muito, preferem depositar.»

A insegurança face ao futuro está igualmente bem patente na escolha, cada vez maior, dos seguros de vida como forma de aplicar o dinheiro. Os dados divulgados pelo Instituto de Seguros revelam que em 1986 existiam 1545 apólices do ramo vida, número que aumentou, em 1987, para 2107, ou seja, mais 562. No ano passado a quantidade de apólices feitas sofreu também um acréscimo tendo os prémios atingido níveis recorde: 31.5 milhões de contos, o que representa um aumento de 11,72 por cento.

Tentação consumista ganha terreno

Apesar das taxas de aforro continuarem altas, a verdade é que os portugueses parecem estar a ficar mais perdulários. Os valores absolutos continuam a aumentar, é certo, mas os valores em relação à riqueza nacional produzida têm vindo a diminuir progressivamente, pelo menos desde 1985. De 26.8 por cento no referido ano, passou para 23,1 por cento em 1986, 21.7 no ano seguinte e 19.2 em 1988.

Tal tendência é, de acordo com os especialistas, preocupante a nível macroeconómico. «O decréscimo do consumo acarreta uma diminuição do investimento na formação bruta de capital fixo, o que prejudica o País», explica Alberto Ramalheira. Em sua opinião, a poupança em Portugal tem que continuar ainda durante muito tempo porque é preciso investir muito para que o País se desenvolva: «Se não estivermos dispostos a sacrificar o consumo no presente, ficaremos estagnados no futuro», conclui.

Combater a famigerada inflação é outro dos objectivos da poupança pois não comprando reduz-se a pressão sobre os preços e as importações. Também aqui a componente macroeconómica é determinante, quer relativamente à taxa de investimento, quer no que diz respeito ao saldo da balança de transacções correntes, tradicionalmente desfavorável ao nosso país. O truque é tornar os produtos dos agentes financeiros tão conhecidos e sugestivos como os de consumo efémero. Tarefa hercúlea se comparada com o deslumbramento provocado pela oferta tentadora das montras das lojas.

Dina Soares

Poupança das famílias

1988	milhões de contos
Total	1155,5
Investimento	435,5
Depósitos a prazo	114
Depósitos de poupança	187,9
Títulos do Estado	80,5
Obrigações	144,2
Acções	28,2
Unidades de Participação	0,9
Outras operações	164,3

Fonte: Banco de Portugal

Produzir e poupar já mandava Salazar

A exaustiva campanha de aforro despejada sobre os portugueses, em páginas de jornais, em emocionantes mensagens publicitárias televisivas, corresponde a um esforço desesperado do governo para nos convencer a guardar dinheiro, emprestando-o ao Estado ou a instituições financeiras. O Livrinho da Poupança tornou-se a Biblia da doutrina financeira de Cavaco Silva para uso do cidadão comum.

Quase parecemos regressados àquela campanha do Estado Novo, em que Salazar mandava produzir e poupar. As circunstâncias históricas eram diferentes. A guerra obrigava a um esforço de auto-suficiência, era preciso dinheiro para os grandes planos de obras públicas, o Estado não garantia nenhuma protecção social. Salazar não desenvolvia, aforrava, o ouro armazenado nos cofres fortes do Banco de Portugal fez parte das mais profundas mitologias do regime.

É certo que o pedido de esforço de poupança é hoje feito em nome de necessidades macroeconómicas, em nome da necessidade de investir para desenvolver, de conter os excessos de um país que não deve viver acima das suas possibilidades. Viver acima das possibilidades é consumir mais do que investir, ou seja consumir o que não se produz, é agravar a dependência do exterior, é não controlar a inflação, ganhar hoje o que não chega para amanhã.

Diríamos que poupar se trata de uma atitude patriótica, tal qual o apelo salazarista de reconstrução nacional. Só que os tempos mudaram e, como nos diria Vitor Constâncio *«ninguém se motivaria hoje pelas necessidades do Estado e do País que são reais, a poupança é um problema nacional, se nos queremos modernizar, temos de investir mais e consumir menos»*.

Por isso, o aliciamento é feito à base de vantagens, que são rendimentos mais ou menos aliciantes. Reduções fiscais, a promessa de mais segurança no futuro.

Como nos explicaria ainda Vitor Constâncio, a necessidade de aforro particular decorre fundamentalmente das carências financeiras do Estado. Captando rendimentos disponíveis dos cidadãos, o Estado de uma cajadada mata dois coelhos, subsidia o défice do seu Orçamento sem recurso a mais amoedação que inflacionaria a economia.

Poupar é, portanto, emprestar. Já vai longe o tempo do aforro de colchão. Emprestar ao Estado é seguro. O português é ainda muito desconfiado. E por isso, e sobretudo as classes mais baixas ou menos cultas, depositam no banco do Estado, subscrevem títulos públicos ou, como o expressa o resultado desta sondagem, acham mais seguro investir em bens imóveis. Comprar a casinha ou o terreno é ainda o sonho do emigrante, nesta secular pouca propensão dos portugueses para o investimento produtivo.

Emprestar também ao sector privado, e daí os múltiplos instrumentos financeiros lançados no mercado. São as obrigações, -*são os fundos, são os seguros-poupança, tudo modos de tentar criar uma acumulação de capital que nos falta para o investimento.

Vitor Constâncio reconhece que campanha em curso também *«visa aumentar a dimensão dos intermediários financeiros que são centros de acumulação de capital em qualquer economia»*.

Quem empresta tem de tomar precauções, saber a quem empresta e para quê. A memória do que aconteceu com as poupanças dos cidadãos pouco antes do 25 de Abril ou, mais recentemente, com a Caixa Económica Açoreana, aconselha a precauções e, sobretudo, deve obrigar a que o Estado vigie e fiscalize os movimentos e as aplicações de capital.

Advertia recentemente o Presidente da República que o poder político tem de sobrepor-se ao poder económico e não pode deixar sobrepor-se por ele.

Adelino Cardoso

Exibicionista, eu...? Nem pensar!

Diz-se frequentemente que os portugueses são vaidosos, que gostam de ostentar. Eles negam a pés juntos tal defeito. Mas, na prática, quando não têm ou não querem gastar, vasculham as montras, procuram as últimas modas. Exibem-se falando alto e bom som dos seus bens e proventos

Metro apinhado em hora de ponta. Conversa puxa conversa e temos a Maria x a contar à Luísa y que comprou uma mobília de sala por mais de 500 contos, que as despesas com o Mercedes do marido são astronómicas, que a mensalidade do colégio do Joãozinho atinge os 25 contos e por aí fora. Os restantes utentes são obrigados a ouvir mesmo sem querer. A situação descrita é caricata, pura ficção, mas não foge muito da realidade. Os malogrados utilizadores dos transportes públicos são indeliberados intrusos na vida alheia. Falar alto e a bom som do que se tem (ou se inventa ter) é uma das características dos portugueses. Maneira prática de se ostentar e nem sequer custa dinheiro. Admitir que somos um povo exibicionista, isso é outra conversa...

Exibir ou não a riqueza? Se nos cingissemos aos dados da sondagem chegaríamos à conclusão que os portugueses são comedidos, desprendidos dos bens materiais. Esta postura atravessa todas as classes sociais, alta (A/B), média (C1 e C2) ou baixa (D) para o caso é quase irrelevante. Os nossos conterrâneos mostram-se solidários quando dizem «não» à ostentação. Pelo menos 44 por cento dos inquiridos assim respondem, contra 33,9 por cento dos que batem as palmas aos perdulários.

Somos o país da Europa onde mais se poupa e menos se investe o pé-de-meia.Talvez por isso seja ainda difícil admitir que alguém exiba o que para outros é ganho com tanto suor. De facto, os sociólogos são unânimes quando referem que o desejo dos portugueses em demonstrar um certo poder económico é muitas vezes abafado pelos longos anos de austeridade. A filosofia inerente ao anterior regime, a de «produzir e poupar manda o Salazar», pesa inevitavelmente na mentalidade da população.

Porém, os valores sociais funcionam sempre sobrepostos e como um pau de dois gumes. São precisamente os mais velhos, com mais de 55 anos, os que viveram os tempos de aferrolhar o dinheiro para os cofres do Estado, os permeáveis à ideia de demonstrar a riqueza. Dos inquiridos desta faixa etária 40,3 por cento afirmam que se deve mostrar os bens, contra 39,1 por cento que expressam o sentimento contrário.

Os condicionalismos psicológicos funcionam neste campo. Reformados sem grandes proventos, os idosos portugueses têm necessidade, a título de compensação para as suas carências financeiras, de falar (e ostentar, como se refere no início pode passar exclusivamente por aqui) do que construíram para os filhos.

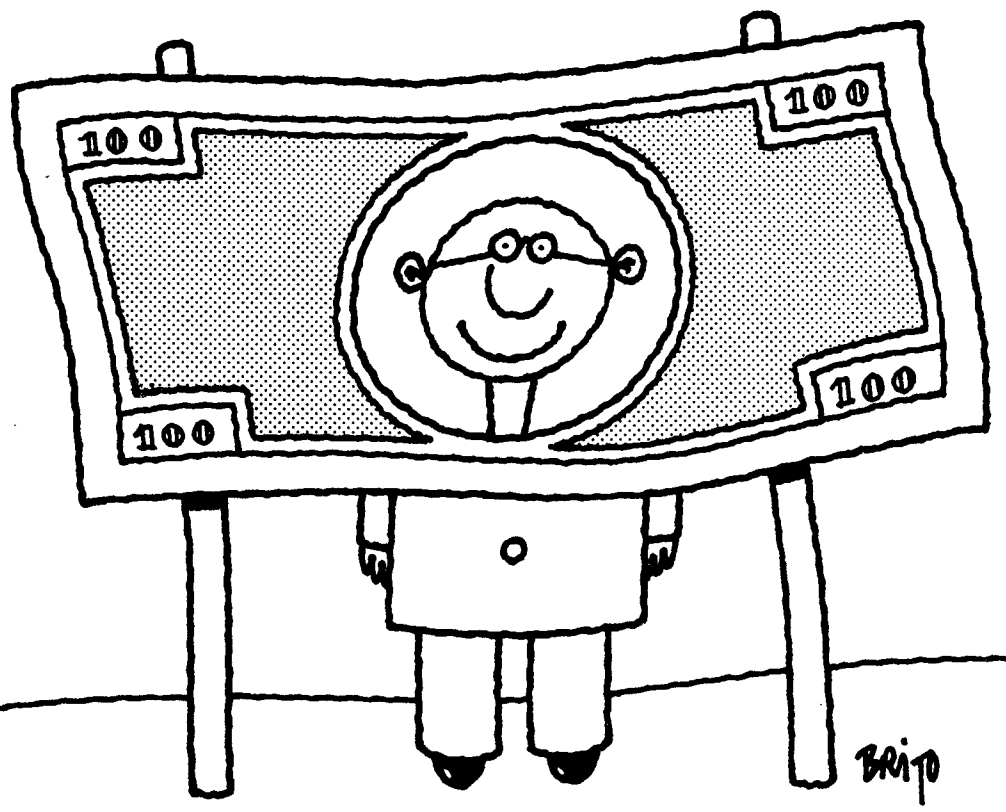
Em contrapartida, são os indivíduos da chamada «idade madura», entre os 35 e os 54 anos, e os mais jovens, entre os 15 e os 35 anos, os que menos gostam de mostrar as notas aos outros. A população naquelas franjas etárias vive num período de relativa prosperidade económica, onde é vertiginosa a circulação de bens e serviços. Os valores sociais alteraram-se. A lógica é a seguinte: «Para quê mostrar o imediatamente visível?».

A ostentação é intrínseca a uma sociedade onde a pujança económica está consagrada como um dos pontos cardeais. Comprar uns ténis Nike ou uma mota «Vision» para os mais novinhos, ou um carro para a restante população activa já não constitui algo transcendente.

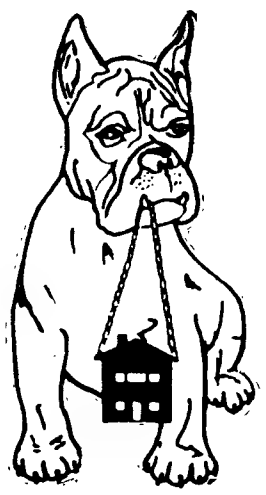
Os números indicam ainda que os homens têm mais pudor em demonstrar os seus proventos do que as mulheres.

Assim, dos inquiridos do sexo masculino 48,3 por cento dizem que não se deve exibir a riqueza, contra 40,1 por cento do sexo feminino. A lógica delas faz sentido. Tanto tempo dependentes dos homens, é normal que agora, desejem demonstrar, com veemência, o contrário.

Analisar os resultados da sondagem em termos de regiões revela a feição, o contorno, das comunidades portuguesas, sobretudo o das duas maiores cidades. Lisboa, núcleo de serviços e do poder político, portas abertas ao exterior pouco gosta que lhe descoubram os sinais de riqueza (e os podres ainda menos). O Porto, e não podia de deixar de assim ser para fazer jus à fama dos portistas, é a única zona onde os inquiridos declaradamente dizem «mostre-se o que se tem, é para isso que trabalhamos». O fenómeno do novo-riquismo, consequência directa da prosperidade económica da zona (as grandes indústrias concentram-se no Norte), acarreta o

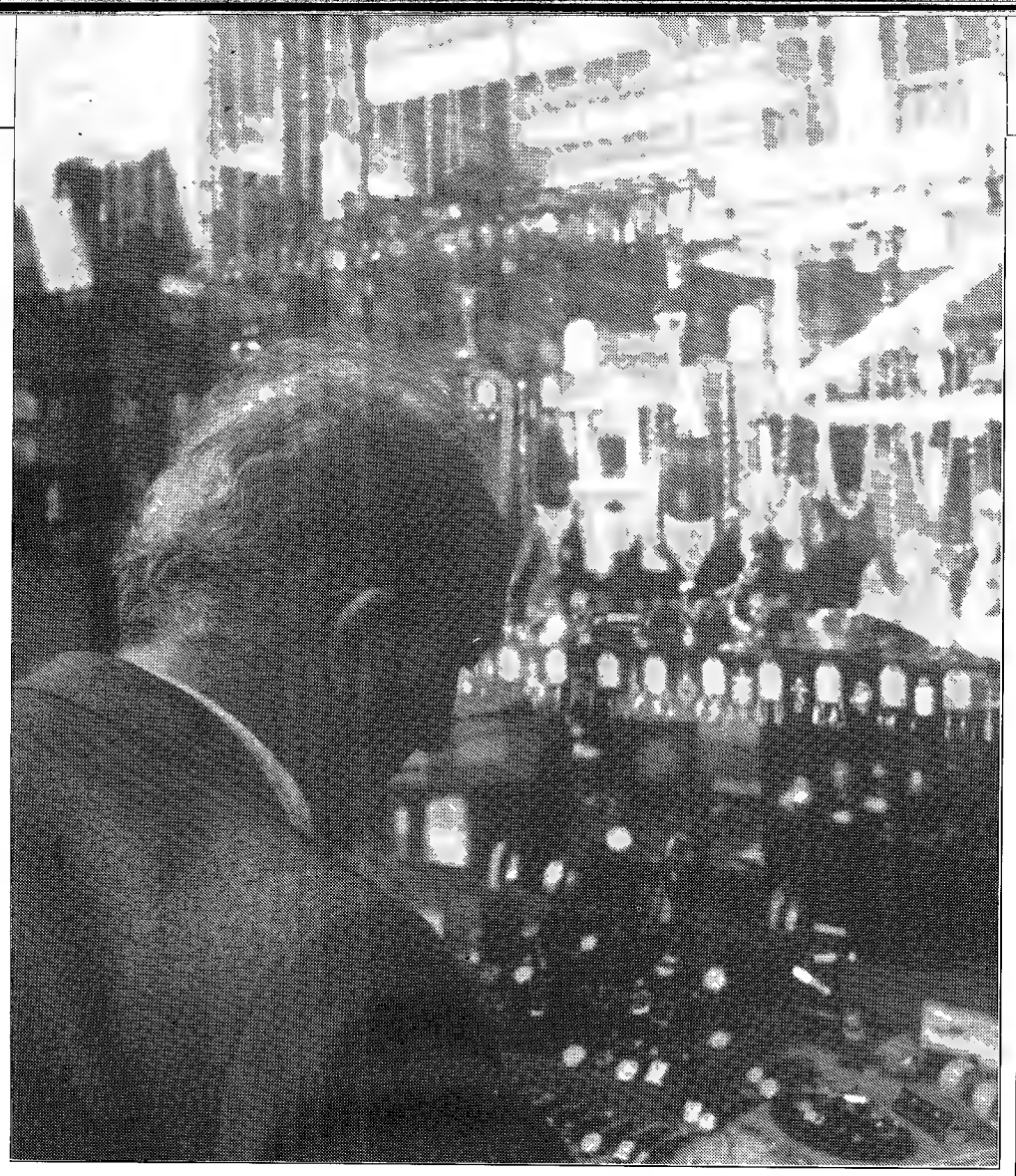


ALARMES
DIAFA



UM NOVO ESTILO EM SEGURANÇA ELECTRÓNICA
— orçamentos ROUBO/FOGO GRATUITOS
para qualquer ponto do País

R. Capitão Leitão, 47-1.º D-B
ALMADA
Tel: 276 13 87
Fax: 274 10 94



gérmen da insustentável leveza do dinheiro. Só 28 por cento da população da Cidade Invicta opta pela não exibição da riqueza.

O Litoral, o Interior Norte e Sul apresentam resultados semelhantes neste capítulo.

Os inquiridos destas zonas mostram-se mais favoráveis à ocultação dos bens, sempre na ordem dos 40 por cento, ainda que os da orla marítima sejam menos rigídos nesta postura.

Consumidores exibicionistas? Nem pensar! A quase totalidade da população portuguesa sente-se incapaz de tal atrocidade.

Numa primeira leitura, a oscilação é mínima neste ponto, pois 91,4 por cento dos inquiridos diz não conseguir esbanjar dinheiro. Até mesmo os portistas, para os quais a exibição da riqueza não traz mal ao mundo, se retraem.

O sociólogo confrontado com os dados da sondagem não se conforma: «Que modéstia... a verdade é que os portugueses gostam de ostentar e consomem nesse sentido», frisa Moisés Espírito Santo, docente da Faculdade de Ciências Sociais Humanas da Universidade Nova.

Acrescenta: «Uma prova do que digo é a constante corrida atrás das modas, os portugueses são uns 'lambemontras'».

Paula Sá

É de opinião de que quem tem muito deve mostrar aos outros a sua riqueza ou deve esconder dos outros a sua riqueza?

%

	REGIÃO				
	Grande Lisboa	Grande Porto	Litoral	Int. Norte	Int. Sul
Deve mostr. outr.	33,9	32,5	41,6	35,6	26,0
Deve esc. outr.	44,0	50,8	28,3	46,3	40,9
Não sabe	16,6	10,1	20,3	14,2	28,4
NR	5,5	6,6	9,8	3,9	4,7

%

	CLASSIFICAÇÃO				
	Total	A/B	C1	C2	D
Deve mostr. outr.	33,9	30,5	35,1	33,8	35,2
Deve esc. outr.	44,0	49,4	43,2	44,8	33,4
Não sabe	16,6	9,9	15,3	17,5	22,6
NR	5,5	10,2	6,4	3,9	3,8

%

	Idades			Sexo	
	15/34	35/54	+55	Masc.	Fem.
Deve mostrar	28,9	34,4	40,3	32,2	35,4
Deve esconder	46,9	44,6	39,1	48,3	40,1
Não sabe	18,6	14,7	16,0	14,6	18,4
NR	5,6	6,3	4,6	4,9	6,1

É capaz de comprar coisas caras para mostrar que é uma pessoa abastada mesmo que isso o faça passar por alguns sacrifícios?

%

	CLASSE				
	Total	A/B	C1	C2	D
Sim é capaz	3,8	9,4	3,9	2,5	1,9
Não é capaz	91,4	88,8	93,0	93,7	85,6
Não sabe	3,9	1,0	3,1	3,9	8,0
NR	0 ,9	0,7	–	–	4,5

%

	Idades			Sexo	
	15/34	35/54	+55	Masc.	Fem.
Sim é capaz	5,2	4,0	1,8	4,9	2,9
Não é capaz	92,1	91,5	90,3	91,7	91,1
Não sabe	2,8	4,2	5,2	3,4	4,4
NR	–	0,3	2,7	–	1,7

O alquimista do sucesso

Na Idade Média, os alquimistas procuravam transformar o simples metal em ouro. Tentaram em vão. Mas o sonho de encontrar a «pedra filosofal» persistiu para além deles. Ser rico, bonito, bem sucedido e, sobretudo, poder demonstrá-lo, é a grande quimera da sociedade actual. Um alquimista contemporâneo experimentou juntar estes ingredientes. A publicidade encontrou, finalmente, a fórmula secreta.

Meninas e meninos charmosos, vestidos com classe, usufruindo de espaços sumptuosos ou ousados, num misto de felicidade e sucesso a toda a linha - tipo anúncios da Gillete, Martini ou até das sopas Knorr (passe a publicidade...) - invadem diariamente os écrans, as páginas das revistas, os placards nas ruas. «Como eu gostaria de ser assim!» O desabafo, tantas vezes inconfessado, vem de qualquer cidadão que consome, em doses maciças, os anúncios mesmo sem se dar conta deles.

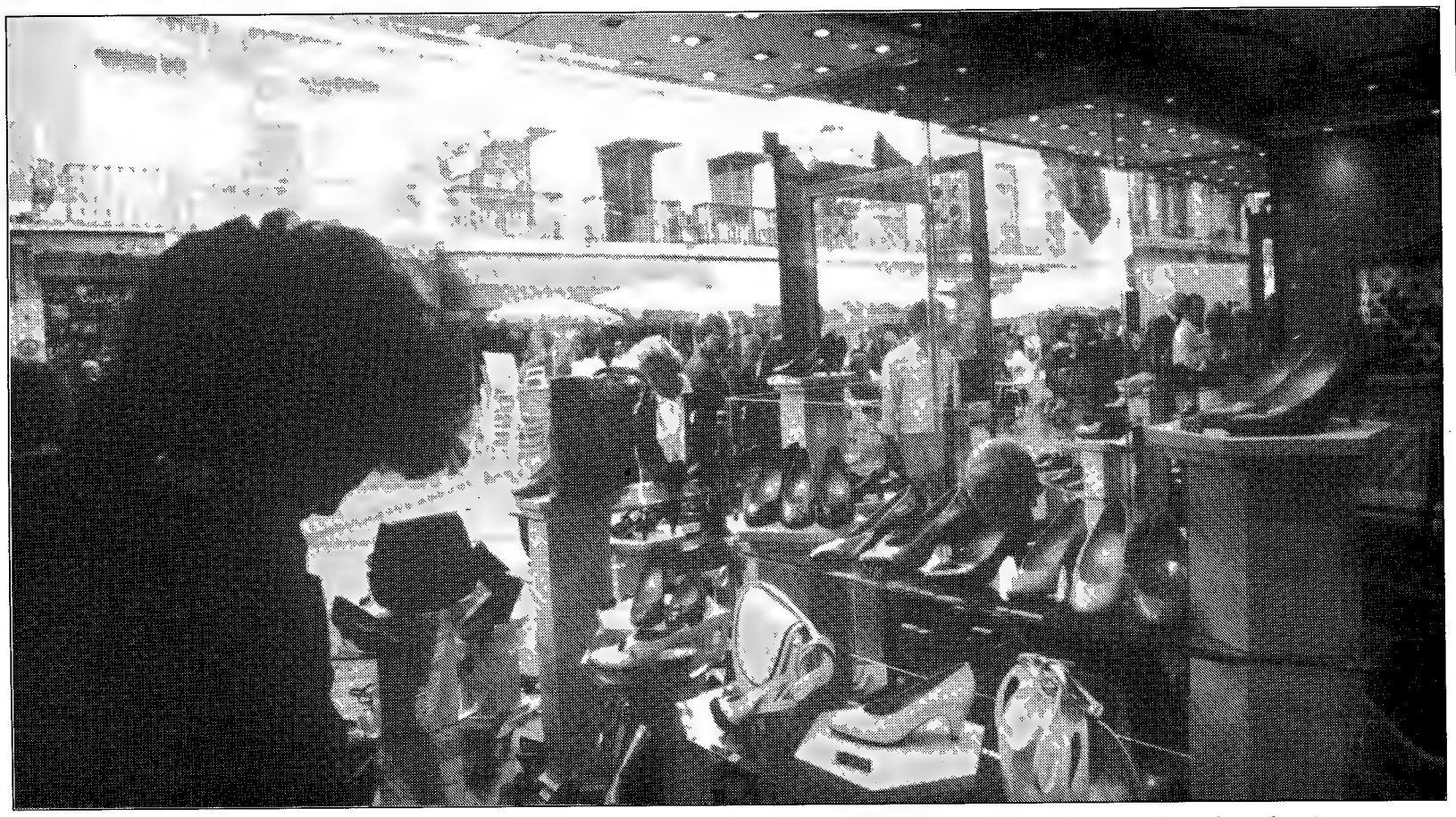
Procurar imitar esses seres torna-se uma febre. Ostentar para além das posses ganha foros de um desejo incontrolado. Mas será culpa da publicidade? Será ela, como agente socializador, que impele os portugueses para o consumo desmedido? «Claro que a publicidade tem algo a ver com a ostentação», diz Pedro Frade, assistente na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova. Considera, porém, que se não existissem atitudes sociais que suportassem aquele tipo de anúncios eles não teriam razão de existir. A publicidade investe cada vez mais na representação de estilos de vida, na possibilidade de as pessoas se metamorfosearem. Os objectos, esses, apenas servem de suportes. Beber um bom whisky, ou ter um bom carro são sinónimo de poderio económico, de poder mostrar aos outros que se sabe escolher. Tem a marca de uma assinatura.

«Os publicitários têm a perfeita consciência que as pessoas, sobretudo em Portugal, gostam de viver acima das suas possibilidades e, como tal, jogam nesse campo», sublinha João Rapazote Fernandes, director de uma produtora de filmes publicitários. Mesmo num anúncio dirigido a uma classe média baixa os ambientes e as situações recriadas são rebuscadas aos meios de uma classe abastada. O recurso frequente aos desportos naúticos e aos hercúleos marinheiros de água-doce que os praticam, para publicitar produtos dos mais díspares, é exemplo flagrante disso mesmo.

Trata-se de um ciclo vicioso, onde a publicidade é um sintoma, entre muitos, de uma sociedade onde o poder económico é um valor fortemente reconhecido, por oposição aos anos 60. O alquimista contemporâneo produz e reproduz este estado de espírito. O êxito é inegável.

P.S.

O 25 de Novembro dos ricos



Sinais de ostentação há-os por todo o País. No Porto o fenómeno do novo riquismo é dos sintomas de que o dinheiro português perdeu o pudor. Mas foi na capital, a cidade mais cara, que procurarmos o mundo das élites, o da reserva com direito de admissão. A Lisboa das sete colinas alberga os lugares seleccionados por onde passam os políticos, os grandes empresários, os senhores e as senhoras da alta. É o espaço do poder económico, feito de jóias e lustros, vestidos de noite, bolides de alta potência e casas sumptuosas. Pinheiro de Azevedo, quando primeiro-ministro, disse ter restituído aos portugueses o direito de usarem gravata. Cavaco Silva concedeu aos abastados o privilégio de mostrarem a sua riqueza.

Deixemo-nos de miserabilismos. Estamos na capital mais pobre da CEE é certo, mas uma certa euforia económica trouxe à tona uma vaga de novos ricos.Há cinco anos estas pessoas escondiam a cara, hoje sentem-se menos pecadores por viverem muitos pontos acima do comum português. «Mas de que serve o dinheiro se não o posso converter em estatuto próprio?» A resposta veio com o consumo de bens de luxo. A célebre revista «Olá» engendrou o culto da imagem para esta classe social, transformou-se na Bíblia das «Kikis», das «Jójós». Basta desfolhar as suas páginas para se saber tudo sobre a fina flor de Lisboa.

A obsessão dos novos ricos ou de uma classe média abastada é o consumo de marca e, nesta febre, os carros continuam a ser um dos mais poderosos símbolos do poder económico do mundo moderno. A subida da venda de automóveis de grande cilindrada, a preços de tirar o chapéu, comprovam-no. Durante o ano passado foram adquiridos 773 carros de valor superior a 10 mil contos. Ex-líbris desta gama é o Ferrari F-40, comprado pelo industrial de calçado, António Gonçalves, pela módica quantia de 43 mil contos. Veio ainda para Portugal um Rolls-Royce e dois Bentley, créme de la créme da indústria automóvel, na ordem dos 30 e tal mil contos.

«Não me choca que as pessoas comprem o melhor. A história de andar de fatinho à Mao nem na China está a dar...», comenta Edgar Piló, dirigente da Associação do Comércio Automóvel (ACAP). Um bom carro já não chega para marcar a diferença, o último halo da febre consumista é o telefone de carro, o telemóvel. Este serviço de comunicação, posto em prática no início de 1988 pelos CTT, a 500 contos cada aparelho, e uma assinatura mensal no valor de 8.500 escudos, seduziu cerca de duas mil pessoas, muitas das quais banqueiros e empresários. Os CTT esperam um acréscimo de mais mil utilizadores do telemóvel para o início deste ano.

Outros meios de transportes, ligados aos desportos caros, como os aviões particulares e os iates, vêem engrossar o seu caudal. A aquisição é cara e a manutenção destes bens só é acessível às bolsas mais abastadas da nossa praça. Segundo o Registo Aeronaútico Nacional de 1988, existem 57 aviões de uso pessoal, 35 dos quais em Cascais. Uma aeronave de dois lugares, em 1ª mão, custa cerca de 12 mil contos. Uma firma especializada no ramo explicou ao «DL» que uma hora de voo orça em cerca de 10 contos e para justificar a aquisição de um aparelho um proprietário deverá, pelo menos, fazer 100 horas de voo anualmente.

Mas são as casas, e sempre elas, as endeusadas. Os guetos de ouro crescem na cidade, as urbanizações de superluxo a preços astronómicos vendem-se rapidamente. Telheiras, Parque dos Príncipes, Campo Grande e Amoreiras são a aposta dos grandes imobiliárias. Andares, cuja a ostentação é mesmo q.b. - de mármores e tectos falsos rebaixados, banheiras anatómicas, circuitos internos de televisão, jardins interiores, piscina, campos de ténis e squahs - chegam a custar mais de 60 mil contos. Quem estiver interessado que se avie, pois pouco sobra para adquirir, ainda que a primeira pedra de alguns destes empreendimentos esteja por lançar.

E não é só comprar a casinha, também é preciso ornamentá-la em conformidade. As lojas especializadas em decorações multiplicaram-se nos últimos anos. Oferecem bibelots tão caros como mobílias, tecidos a 40 contos o metro e mão-de-obra (os decoradores) paga a peso de ouro. As antiguidades e o mobiliário importado, sobretudo de Itália, enchem estes espaços. As festas particulares, muitas vezes quase faraónicas, dos nosso ricaços pouco mais precisam para ficar abrilhantadas. Só faltam as colunistas sociais da «Olá», presença obrigatória para que a festa obtenha a pujança desejada.

Os novos ricos imitam a papel «químico» os que as velhas famílias tradicionais outrora abastadas faziam por princípio. Só interessa o chique. Frequentam os Clubes de Golfe do Estoril e da Quinta da Marinha, jogam ténis aos fins-de-semana, praticam vela ou equitação. Almoçam e jantam em restaurantes de luxo, os da costa, como o Beira Mar, Porto Santo ou Recta de Alcoitão, os dos hotéis, como o Avis ou Meridien, ou outros sonantes, como a Casa da Comida, o Tavares e o Gambrinos. O preço das refeições oscila dos seis mil escudos às várias dezenas de contos...

Das salas passa-se para a aparência pessoal. Hedonistas, estes novos ricos alimentam a sua imagem nas lojas de marca francesas e italianas, Hugo Boss, Cerrutti, Armani, Louis Vuitton, Gucci, entre outras, e nos estilistas portugueses Augustos e Zé Carlos. Ana Salazar foge um pouco a estes circuito, mas é ela que nos diz: «Apesar de parecer inacreditável, em Portugal são as coisas mais caras que se vendem rapidamente. Não pelo seu design, mas sobretudo como emblema de poder-riqueza».

Às vezes corre-se o risco de que o guarda-roupa resulte mais fino e delicado do que quem o usa. Para encurtar as distâncias estão os cirugiões plásticos. Emendar um nariz rebelde ou eliminar umas rugas incómodas custa muito dinheiro e torna-se um hábito frequente a esta fatia da sociedade portuguesa. Ainda assim, os profissionais não gostam de ouvir a palavra ostentação. «A cirurgia plástica não pode ser considerada um luxo. Um nariz pode representar um compromisso de trabalho», sublinhou ao «DL» o professor Baptista Fernandes, um dos mais conceituados médicos portugueses daquele ramo da medicina.

No fundo trata-se de um ciclo vicioso: se tenho outro visual, como prescindir de um carro novo? Os novos ricos lisboetas gostam de mostrar uns aos outros as novas aquisições, os fatos deslumbrantes, cheios de frou-frous, nas suas festinhas. A ostentação fica por aí. Sentem, ainda, a inibição de se evidenciar monetariamente numa sociedade pobre, atrasada, cheia de carências.

Paula Sá

PELA 1.ª VEZ EM PORTUGAL
Benidorm
EM AVIÃO
1 Semana DESDE 29.000$
2 Semanas DESDE 39.900$
INCLUINDO
AVIÃO DIRECTO LISBOA/ALICANTE/LISBOA + TANSPORTE AEROPORTO/HOTEL/AEROPORTO
+ ALOJAMENTO EM APARTAMENTOS OU ALOJAMENTO E PENSÃO COMPLETA EM HOTEL
PEÇA-NOS INFORMAÇÕES DETALHADAS
ALVARÁ N.º 504
À DESCOBERTA
Viagens e Turismo, Lda.
AV. ENG. DUARTE PACHECO
URB. AMOREIRAS TORRE 2-5.º PISO-SALA 8
1000 LISBOA - PORTUGAL
TELEF. 655809/655819/655857
TELEX 64516 DESCOB P • FAX 657659

AGROPROMOTORA

CONCEPÇÃO, CONSTRUÇÃO E EQUIPAMENTO
DE UNIDADES AGRO-INDUSTRIAIS

CONSULTORIA TÉCNICA E ECONÓMICA/FINANCEIRA

ASSISTÊNCIA TÉCNICA A UNIDADES AGRO-INDUSTRIAIS

PROJECTOS E ESTUDOS DE VIABILIDADE TÉCNICA E
ECONÓMICA PARA A AGRO-INDÚSTRIA

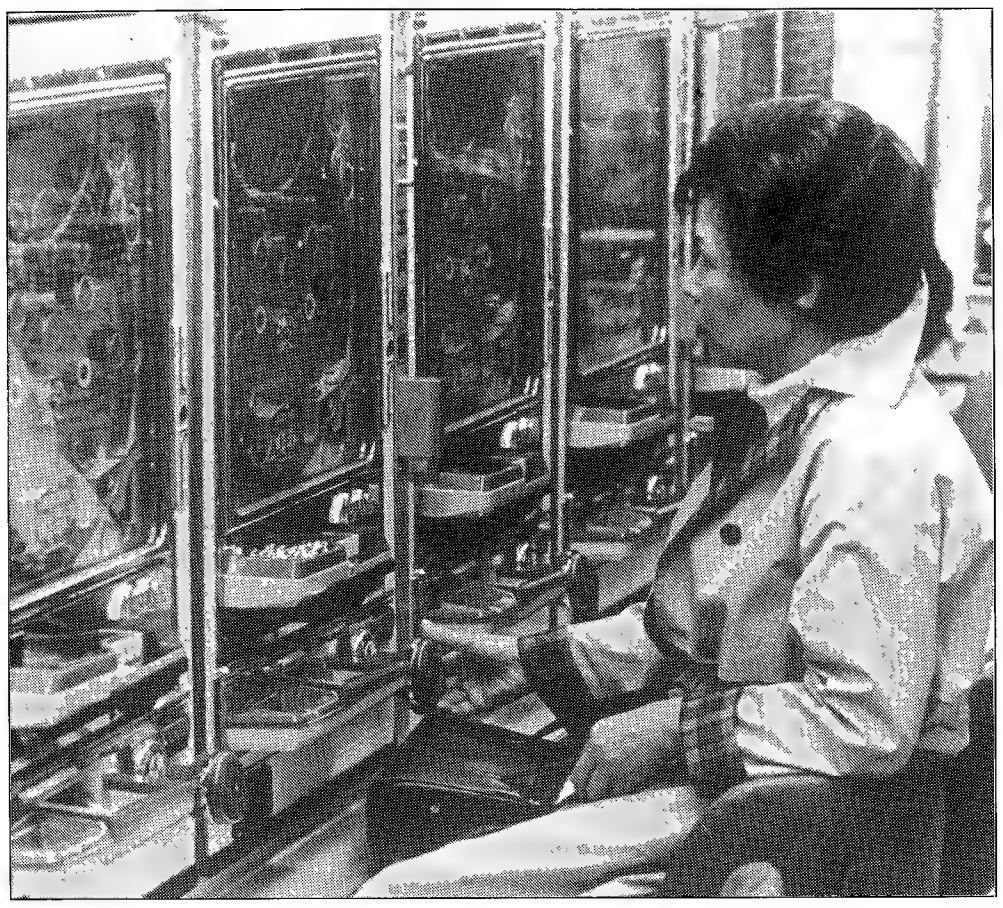
AGROPROMOTORA

LISBOA: Rua Cardeal Mercier, 29-1 — Telef: 73 51 35 — Telex: 427 29 — Telefax: 73 54 17 — 1600 LISBOA

PORTO: Rua de Santa Catarina, 481, 1.º — 4000 PORTO — Telf: 31 06 42

LUANDA: C.P. 2385, Telef: 36 01 34 — Telex: 4126

OS PORTUGUESES E O DINHEIRO



Eu jogador não

Em épocas de recessão económica aumenta a procura da Lotaria, Totoloto, Totobola e do Bingo. Quanto menos dinheiro há mais se joga. Se o salário não chega procuram-se outras alternativas. Para muitos, a alternativa é o jogo. Joga-se para tentar a sorte ou azar, e por hábito. Os números da chave são escolhidos supersticiosamente, a idade, o dia em que o filho faz anos, o número da porta, etc., etc. A esperança é a última coisa a morrer, dizem. E as pessoas esperam e jogam. As receitas globais confirmam essa tendência. Curiosamente, os portugueses não gostam de revelar esta faceta.

Não só não revelamos onde jogamos como não gostamos de ser conhecidos em caso de saída de um prémio. Comprova-o esta sondagem e a nossa própria experiência. Nenhum recém-contemplado pela sorte aceitou ser entrevistado para o DL. As pessoas procuram defender-se de eventuais oportunistas.

A grande maioria, 65,2 por cento, pede o anonimato ao preencher os boletins de Totobola e Totoloto. O dado mais saliente surge na subdivisão do grupo etário dos 15 aos 34 anos. Apenas 11,8 por cento das pessoas com idades entre os 30 e 34 anos quer manter-se anónimo.

As pessoas de mais baixos rendimentos são excepção no conjunto das classes sociais, 62,8 por cento, não pretende fazer segredo do seu prémio. Não conhecem a riqueza, não sabem quais são os seus problemas. A maior percentagem de anónimos, 70,8 por cento, reside na Grande Lisboa, e pertence à classe alta e média alta, 81,6 por cento.

Uma amostragem feita, a pedido do DL, pelos serviços de escrutínio do Totobola e Totoloto revelou que 80 por cento dos apostadores põe a cruz nos boletins para, se lhe sair o prémio, conservar o anonimato.

Uma parte significativa dos inquiridos, 42,1 por cento, esconde os seus hábitos de jogo. Este valor aumenta significativamente no Interior Norte, onde 57,8 por cento não menciona qualquer modalidade. A explicação não está apenas no segredo que as pessoas fazem dos vícios. Esta é a zona do país com maiores deficiências nos transportes e comunicações. De onde é possível concluir que também o jogo, não tem só a ver com a capacidade mone-

Costuma jogar em quê?

%

	REGIÕES					
	TOTAL	Grande Lisboa	Grande Porto	Litoral	Int. Norte	Int. Sul
Lotaria	12,1	18,2	23,2	7,0	6,0	14,4
Totobola	24,4	27,5	34,9	25,0	11,3	24,5
Totoloto	55,4	64,1	67,5	52,0	40,8	57,4
Bingo	3,9	6,2	7,6	3,0	1,4	2,5
Máquinas jogo	3,7	5,0	7,0	3,4	2,7	0,7
Roleta	0,2	--	1,0	--	0,5	0,2
NR	42,1	32,4	29,4	45,7	57,8	40,7

%

	CLASSES				
	Total	A/B	C1	C2	D
Lotaria	12,1	25,2	18,6	6,4	2,8
Totobola	24,4	29,2	39,7	20,0	4,3
Totoloto	55,4	61,5	75,4	51,1	25,7
Bingo	3,9	12,1	6,0	0,9	--
Máquinas jogo	3,7	8,5	6,6	1,3	--
Roleta	0,2	--	0,3	0,4	--
NR	42,1	33,6	23,0	45,5	74,3

%

	Idades			Sexo	
	15/34	35/54	+55	Masc.	Fem.
Lotaria	9,5	19,9	7,1	16,5	8,2
Totobola	28,7	30,9	11,3	37,8	12,5
Totoloto	61,8	69,4	30,9	63,1	48,6
Bingo	6,1	4,2	0,6	5,7	2,4
Máquinas jogo	7,1	2,6	0,2	6,2	1,5
Roleta	0,3	0,3	--	0,3	0,1
NR	34,7	28,9	67,0	32,7	50,4

segur line

cobra

O NÚMERO UM DOS ALARMES PARA AUTOMÓVEIS

- ALARME TOTALMENTE COMPUTADORIZADO
- 2 TELECOMANDOS
- 5 CIRCUITOS INDEPENDENTES DE PROTECÇÃO
- PROTECÇÃO DO HABITÁCULO POR ULTRA-SONS (DOPLER SYSTEM)
- LED AVISADOR DE ALARME ACCIONADO
- AUTO-ALIMENTÇÃO
- GARANTIA 5 ANOS

AUTO-RÁDIOS :

AGENTES OFICIAIS:

BLAUKPUNT
ALPINE
SONY
CLARION

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

NOS ALARMES COBRA E NA NOSSA COMPETÊNCIA ESTÁ A DIFERENÇA

RUA DA BENEFICÊNCIA, 122 – ☎ 73 10 51 - 76 84 00 - 73 09 25 – FAX 73 09 52
1600 LISBOA

me confesso...

Costuma pôr a cruz no boletim do Totoloto/ Totobola para, se lhe sair, não saber que foi premiado?

%

	REGIÕES					
	TOTAL	Grande Lisboa	Grande Porto	Lito-ral	Int. Norte	Int. Sul
Sim	65,2	70,8	59,4	64,4	60,1	66,5
Não	34,8	29,2	40,6	35,6	39,9	33,5

%

	CLASSES				
	Total	A/B	C1	C2	D
Sim	65,2	81,6	64,1	64,9	37,2
Não	34,8	18,4	35,9	35,1	62,8

%

	Idades			Sexo	
	15/34	35/54	+55	Masc.	Fem.
Sim	67,0	67,4	54,8	67,2	63,0
Não	33,0	32,6	45,2	32,8	37,0

tária dos indivíduos. É muito importante a possibilidade de acesso aos bens de consumo.

Pode-se comprovar esta tese com a análise dos resultados nos dois principais distritos nacionais, Lisboa e Porto, onde apenas 32,4 por cento e 29,4 por cento, respectivamente, não responde. Recorde-se que são estas zonas que engrossam o volume de receitas dos jogos. Por exemplo, segundo o relatório do Totobola e Totoloto, os lisboetas têm uma agência para 1500 habitantes.

A distribuição por idades e sexos indica-nos que os mais idosos e as mulheres jogam pouco, a maioria não dá qualquer resposta. O que confirma que o jogo é ainda um hábito masculino, situando-se a classe etária dos jogadores entre os 35 e 54 anos.

O Totoloto é preferido por 55,4 por cento das pessoas. A justificação está na própria mensagem publicitária: «É fácil, é barato e dá milhões.» Sendo o de prémio global maior, e apesar das probabilidades de saída serem inferiores a qualquer outro jogo, o custo de cada aposta é mínimo.

Com apenas 50 escudos qualquer pessoa se pode habilitar ao sorteio. No Interior Norte, menos de metade dos indivíduos opta pelo Totoloto, 40,8 por cento. Em relação a outros tipos de jogo, verifica-se que a Lotaria tem pouca adesão no Litoral e no Interior Norte.

A avaliar pelas respostas à nossa sondagem, os grupos sociais economicamente mais débeis, classe baixa e média inferior (D), não frequentam as salas de casino e do bingo. Cerca de 20 por cento da classe alta e média alta (A/B) e 12,6 por cento da classe média superior (C1), inclui o Bingo, as Máquinas e a Roleta na lista das suas preferências. O Bingo tem a particularidade de ter mais simpatias na classe alta, 12,1 por cento. De realçar que estas modalidades apresentam uma facturação superior da Lotaria, Clássica e Popular, Totobola e Totoloto, o que se explica pelas grandes quantias de dinheiro despendidas por cada jogador nestes jogos. Na subdivisão da classe etária, dos 15 aos 34 anos, verifica-se que os jovens, dos 15 aos 24 anos, preferem as máquinas, colocando esta modalidade em terceiro lugar.

Céu Neves

A.M.A.® Auto Monumental do Areeiro, SA

concessionários

VW Audi

oficinas e peças

Stand 1
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10
1000 LISBOA
Telef. 80 50 27

Stand 2
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 11-C
1000 LISBOA
Telef. 88 49 75

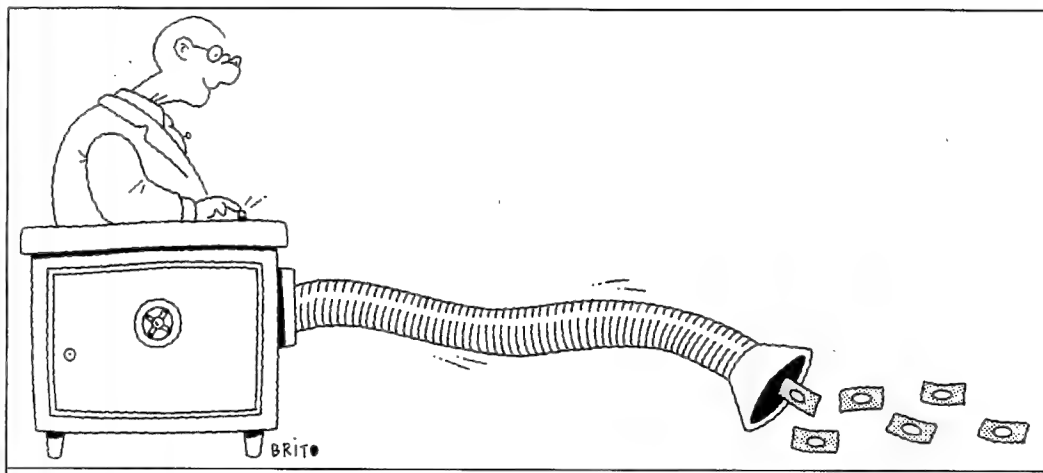
Stand 3
Estrada Lisboa - Sintra
Alfragide 2700 AMADORA
Telef. 90 05 68/90 02 41

Stand 4
Av. Cidade do Porto
(Rotunda da Encarnação)
1800 LISBOA - Telef. 33 58 80

GOLF (GAMA) — Encargos 15.000 km/Ano (Set 89) • Máx 230 760$00 (Cons 159 900$00, Seg 19 110$00, Imp 51 750$00) • Mín 137 560$00 (Cons 71 820$00, Seg 19 110$00, Imp 46 630$00)

Sede: Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 - 1000 LISBOA
Telefs. 89 41 85/6/7/8 • Telex: 63403 AMACAR P • Telefax: 80 47 75 • Teleg.: VOLCAR

40 ANOS FAZEM A DIFERENÇA



Mais do que o orçamento da Educação e da Saúde

Em Portugal, o que se gasta em jogo legal, por ano, dava para construir 19 auto-estradas de 50 km, 26 hospitais, 392 faculdades, ou 785 escolas secundárias, as receitas globais, em 1988, foram de 157 milhões de contos. Se somarmos o volume do jogo clandestino, este valor atinge os 300 milhões. Muito mais do que gastaram, o ano passado, o Ministério da Educação ou o Ministério da Saúde.

Os portugueses jogam e muito. A maioria tenta a sorte em mais de uma modalidade, Lisboa é, também, a capital do jogo. Seguem-se-lhe Porto e Setúbal. As modalidades vencedoras são o Totoloto e as máquinas e roleta do Casino.

O número de apostas indica-nos o Totoloto, o jogo mais popular. Foram gastos em 1988, 44 milhões e 700 mil contos, 28,4 por cento do total de todos os jogos.

Os valores movimentados apresentam o Casino, máquinas e bingo, o campeão de receitas. Mais de 64 mil contos, representando 40, 82 por cento da totalidade.

Comparativamente a outros países, como ficou comprovado com a Lotaria Europeia, temos a maior taxa de vendas de Lotaria de todo o mundo. Por cada sorteio são emitidos cerca de 70 mil bilhetes. A percentagem de sobras não ultrapassa os 20 por cento.

A distribuição de receitas por distrito do Bingo e jogos sociais - lotarias, Totobola e Totoloto - não traz novidades. Lisboa regista quase 30 por cento do valor das apostas e metade do total de cartões vendidos. O Porto surge em segundo lugar, 17,8 por cento no Totobola e Totoloto e cerca de 25 por cento no Bingo. Setúbal, zona com graves problemas económicos, está em terceiro lugar.

A grande diferença reside em Aveiro, penúltimo no Bingo e quarto no Totobola e Totoloto.

Do jogo clandestino não há dados. Conscientemente, ou não, todos já apostámos ilegalmente. Quem nunca comprou uma rifa para a festa de finalistas, ajudou a paróquia, contribuiu para as despesas do clube ou do partido? Isso é ilegal. A Santa Casa da Misericórdia é a única entidade promotora de concursos de apostas mútuas e com competência para aplicar multas. Tudo o resto - cartões, bilhetes, rifas, introdução em território nacional de uma lotaria estrangeira - é ilícito.

Apesar de se estimar um valor elevado, ninguém arrisca números. A única referência que temos é o relatório de contas do Totobola e Totoloto, de 1988. Este lamenta o aumento do jogo clandestino, «onde segundo inquéritos levados a efeito, embora sem base científica,o volume de dinheiros movimentados naquelas participações poderia ser já superior ao que se regista nos jogos legais».

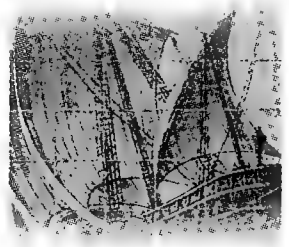
RECEITAS GLOBAIS DO JOGO

em milhões de contos

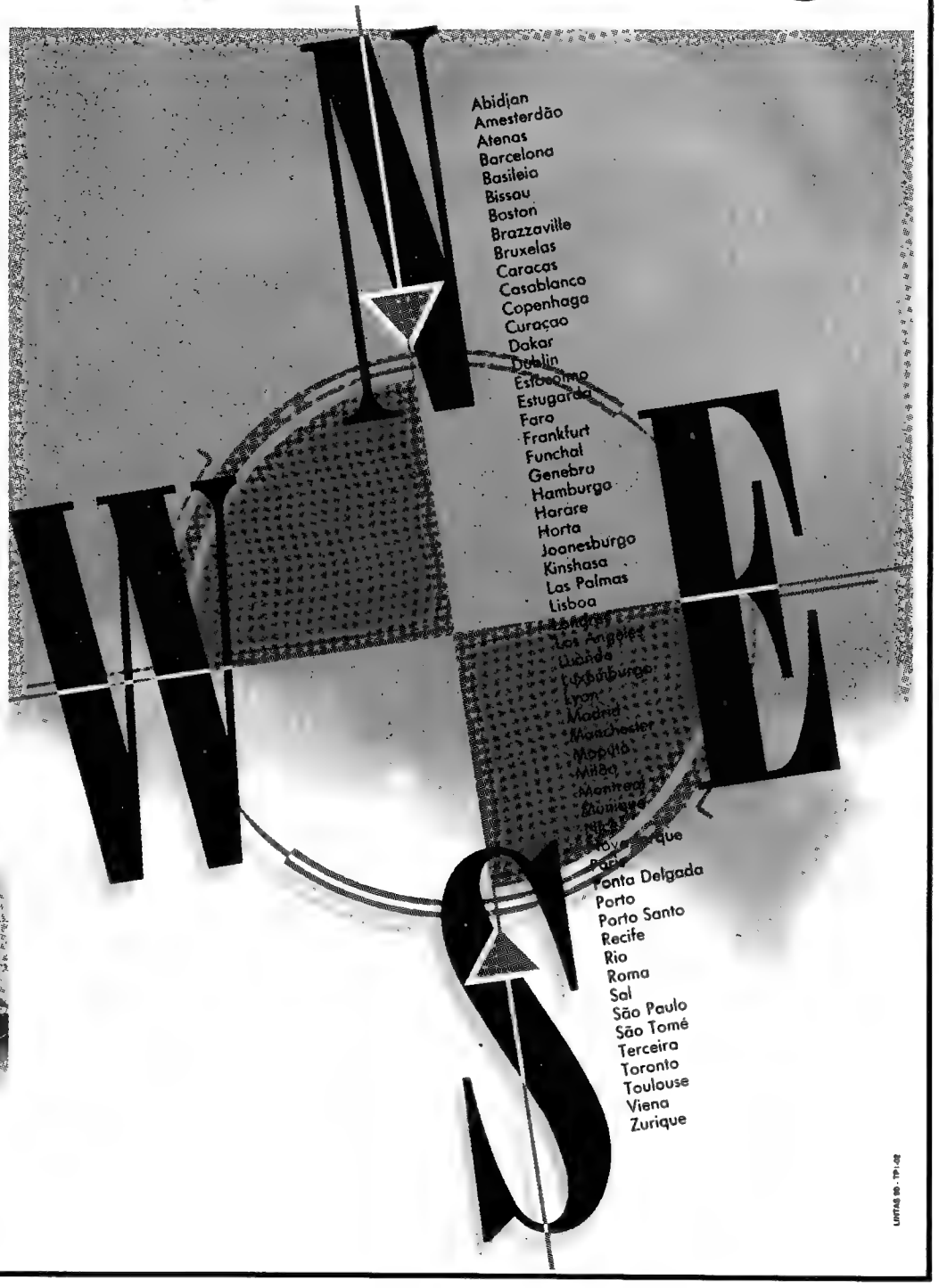
	1988	%
LOTARIA NACIONAL	22,2	14,1
LOTARIA POPULAR	4,4	2,8
TOTOBOLA	6,9	4,4
TOTOLOTO	44,7	28,4
CASINO	64,3	40,8
BINGO	14,9	9,5
TOTAL	157,4	100,0

O MUNDO COM tap AIR PORTUGAL

O mundo onde todos os mundos se cruzam. Sempre mais vasto.
Sempre mais perto.
Um mundo de mais de 50 destinos onde a distância quase não existe, onde os continentes se encontram, onde o prazer de viajar se descobre.
Um mundo que se expande para pôr o Mundo em contacto.



DAMOS ASAS
AOS SEUS SONHOS



LINTAS 89 - TP1-02

Há horas felizes...

Tempos houve em que quem ia receber a taluda levava uma pasta, um polícia e, algumas vezes, o cauteleiro que lhes tinha vendido a «sorte». Hoje as grandes quantias vão directamente para a conta bancária. Apenas a Lotaria Popular traz, ainda, à Santa Casa alguns dos felizes contemplados. O ritual desapareceu e as manifestações de felicidade são raras. Normalmente, quem recebe menos é quem faz mais alarido. Vai para um canto da tesouraria e conta o dinheiro nota a nota. Parece que ganhou uma fortuna. Mas, os talismãs, as crenças, a ilusão de ser rico, continuam.

Nos serviços da Misericórdia contam-se algumas histórias rocambolescas da Lotaria. O relato mais conhecido é sobre um senhor que comprou o bilhete e o colou na porta de sua casa para «dar sorte». O «feitiço» resultou, os números foram premiados. O contemplado tentou descolar a cautela, mas esta ameaçava rasgar-se. Arrancou a porta e apareceu com ela para levantar o prémio.

A reacção mais espontânea foi a daquele velhote que se apresentou nos serviços da Misericórdia porque tinha a terminação. A empregada que o atendeu disse-lhe que tinha o primeiro prémio. O homem levou as mãos à cabeça e saiu disparado pela porta. Horas mais tarde, já refeito da surpresa, apareceu para receber o dinheiro.

Menos sorte teve um jogador que se dirigiu à tesouraria com várias fracções. Depois de uma verificação atenta das mesmas responderam-lhe que estas não tinham qualquer valor. O homem muito convicto respondeu: «Não pode ser! Eu sonhei com a Virgem Santíssima e ela disse-me que eu tinha ganho a lotaria».

Pior que não ser um «feliz contemplado» é ser acusado de falsificador. Sobretudo quando a pessoa em causa é um agente da autoridade. Foi o que aconteceu a um polícia que queria levantar uma fracção viciada. A fraude foi detectada e a funcionária pediu-lhe a identificação. O agente correu em direcção à rua e nunca mais apareceu.

Do Totobola e Totoloto não se conhecem as primeiras reacções, até porque os resultados são divulgados directamente, ou pela rádio, ou pela televisão.

O que se conta tem a ver com a forma como se adivinhou a chave e a aplicação do dinheiro recebido. Ainda hoje se lembra a sorte do pastor alentejano que, sem nunca ter visto um desafio de futebol, acertou isoladamente na chave do totobola. Estávamos em 1963. No ano anterior um guarda da PSP acerta no «13», mas nem por isso deixa de se apresentar no seu local de trabalho. No entanto, devido à curiosidade popular, os seus superiores são obrigados a conceder-lhe dois dias de folga para se ausentar da cidade.

Em 1972, um professor quando recebeu o prémio deu a cada um dos seus 36 alunos uma nota de mil escudos. Houve, também, um jogador que viu mal a sua chave e rasgou o impresso pensando que ainda não era desta que a sorte lhe tinha sorrido. Valeu-lhe não ter pedido o anonimato. Na segunda-feira, a rádio apresentava-o como o único totalista.

Estas são algumas das histórias que se contam. Seguir-lhes o rasto é difícil. Se a alteração económica dos premiados conduziu a uma mudança de vida, torna-se mais complexo avaliar. Sabe-se que compraram uma casinha e um carrito para si, para os filhos ou para os pais, e pouco mais. Se antes de serem «ricos» eram reservados, a reserva depois é muito maior.

C.N.

TÃO PERSONALIZADOS
COMO A SUA ASSINATURA.

TÃO PERSONALIZADOS
COMO O NOSSO ATENDIMENTO.

Serviços com personalidade
e assinatura

BANCO ESPIRITO SANTO
E COMERCIAL DE LISBOA

O Bairro Totobola

Foi o maior prémio até então recebido, dois mil 260 contos, repartidos por uma «sociedade» de 22 pessoas. Em 1965, quando foram os únicos totalistas, deu para erguer o Bairro Totobola, no Mucifal, em Sintra. A iniciativa foi do senhor Tita que, com os 186 mil escudos que recebeu, construiu seis casas. Hoje ri-se muito quando fala no valor do seu «império» que confessa não saber ao certo qual é. Para ele, este prémio não foi um começo, mas deu-lhe um «grande empurrão».

Dos contemplados, 14 compraram o terreno e construíram as moradias. É difícil imaginar que cerca de dois mil contos tenha dado para tanto, mas, segundo o impulsionador do Bairro, presentemente seriam cem mil. Na altura uma telha custava 11 tostões e meio, neste momento são precisos 56 escudos. Um pedreiro ganhava 45 escudos por dia, hoje recebe cinco contos.

Aquele foi um ano de sorte. Saíram prémios diversas vezes. A maioria das pessoas da sociedade da Marisqueira Tita criou uma vida extraordinária, os outros, uns seis ou sete, daí a um mês já não tinham dinheiro».

Quando souberam que tinham «um 13» estavam longe de calcular o valor do mesmo. Na semana anterior, os totalistas receberam apenas 40 escudos. Só à meia-noite veio a confirmação de que eles eram os únicos a acertar na chave. O senhor Tita lembra-se deste dia «como se fosse hoje» e recorda que a primeira pessoa a dar-lhe os parabéns foi o Artur Agostinho às oito horas da manhã de segunda-feira.

Há, ainda, uma pequena curiosidade nesta história, alguém a quem a sorte passou ao lado. Um rapaz que fazia parte da sociedade e a quem foi paga a quota-parte, na altura 20 escudos, e que acabaria por desistir de jogar.

O senhor Tita fuma cachimbo e é proprietário de quatro firmas, oito carros, as piscinas das Azenhas do Mar, vários terrenos e prédios. Joga regularmente, em especial no totobola, e tem recebido pequenos prémios. Nunca jogou na Bolsa e diz porquê: «Se sabemos ganhar dinheiro porque não somos nós a semeá-lo? O dinheiro é a coisa mais difícil de semear. E na Bolsa temos de esperar que sejam os outros a semear os nossos ganhos.»

Fora o episódio do totobola, a história deste «comerciante» é igual a tantas outras. Quando se casou não tinha nada, hoje não sabe ao certo quanto vale a sua fortuna. Há «coisas que não têm preço». Aos 55 anos de idade gosta de mostrar que tem dinheiro. No entanto, para ele a parte material já não é tudo. E a prová-lo está a vaidade com que fala dos filhos, uma rapariga que aos 22 anos «já era advogada» e um rapaz que com 14 anos está no 10.º ano.

C.N.

CRIANÇA lanidor MODA lanidor CRIANÇA lanidor

D E S I G N

Veroviçul

MODA lanidor

MODA EUROPEIA

CRIANÇA lanidor MODA lanidor CRIANÇA lanidor

CRIANÇA lanidor

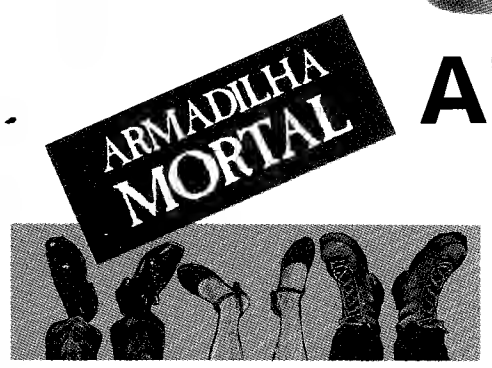
COM PREÇOS PORTUGUESES

LISBOA
Rua da Prata, 268 – 87 91 99
Rua Saraiva de Carvalho, 171 – 66 55 00
Rua Edison, 4C – 88 87 81
Av. de Roma, 22 A – 88 87 81
Av. Grão Vasco, 37 A – 70 79 08
Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 78 – 726 04 16
Centro Comercial das Amoreiras. loja 2087
PORTO
Rua 31 de Janeiro, 157 – 02 - 38 22 06
SANTO TIRSO
Praça General Humberto Delgado. 25 – 052 - 5 17 23
ALMADA
Rua Olivença, 4A – 276 17 84
SETÚBAL
Rua Dr. Paulo Borba, 53 – 065 - 2 64 15
ÁGUEDA
Av. Dr. Eugénio Ribeiro, 51 – 034 - 62 37 96
MONTIJO
Av. Alm. Cândido dos Reis, 86/88 – 231 03 15
PORTIMÃO
Rua da Hortinha, 25 C – 082 - 2 33 03
COVILHÃ
Centro Comercial da Estação – loja 30
Praceta Duarte Simões – 075 - 3 24 58
AVEIRO
Rua Domingos Carrancho, 3 – 034 - 2 63 98
BARREIRO
Rua Miguel Bombarda, 17 - R/C – 207 54 19
BRAGA
Largo do Paço, 2/3 – 053 - 61 16 87
VISEU
Rua Francisco Alexandre Lobo, 47 – 032 - 2 33 23
FUNCHAL
Rua do Gorgulho, Centro Comercial Lido, loja 15 – 091 - 6 13 05
LEIRIA
Largo 5 de Outubro, 41
ALBUFEIRA
Modelo Prisunic
TOMAR
Centro Comercial Templários C - 121
GUARDA
Largo Freire Pedro da Guarda, 35/57 – 071 2 46 45
CASTELO BRANCO
Rua Diogo da Fonseca, 8
SALAMANCA
Rua Mayor, 12
BEJA
Rua dos Açores, 1 – 084 2 44 39
CALDAS RAINHA
– R. Heróis da Grande Guerra
PONTA DELGADA
Travessa Liceu n.º 6

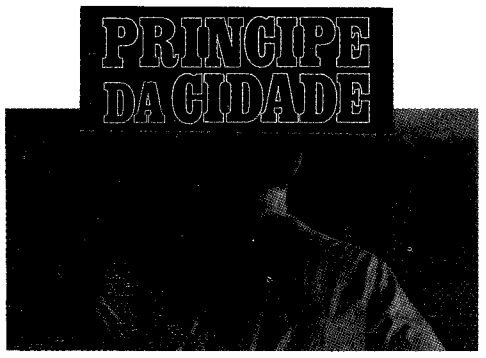
MODA lanidor CRIANÇA lanidor MODA lanidor CRIANÇA lanidor MODA lanidor CRIANÇA lanidor MODA lanidor CRIANÇA lanidor MODA lanidor

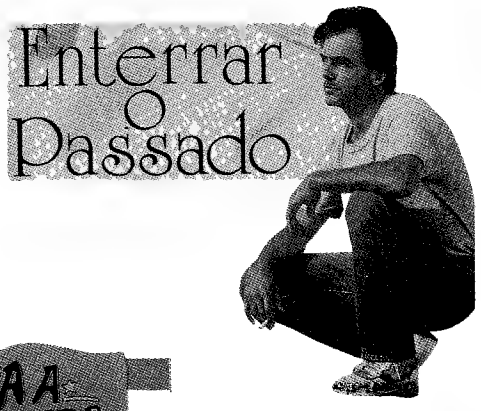
WARNER HOME VIDEO

APRESENTA



OS GANSOS SELVAGENS





CHEVY CHASE
QUE BEM QUE SE ESTÁ NO CAMPO

ESTREIA DIA 11

NO SEU VÍDEO CLUBE

OS PORTUGUESES ODINHEIRO

Moedas

Mensageiras de Cultura

Mesmo as simples moedas que utilizamos todos os dias são feitas com elevada preocupação cultural.
Servem-se de temas da História, da tradição popular e de valores a transportar para o futuro.

Nas moedas de 1, 5 e 10 Escudos figuram rosáceas de rendas tradicionais e filigranas. Na moeda de 20 Escudos é representada uma rosa-dos-ventos da cartografia antiga. Na moeda de 50 Escudos reproduziu-se um navio português de três mastros, a partir de uma cerâmica hispano-mourisca de c. 1425-1430.

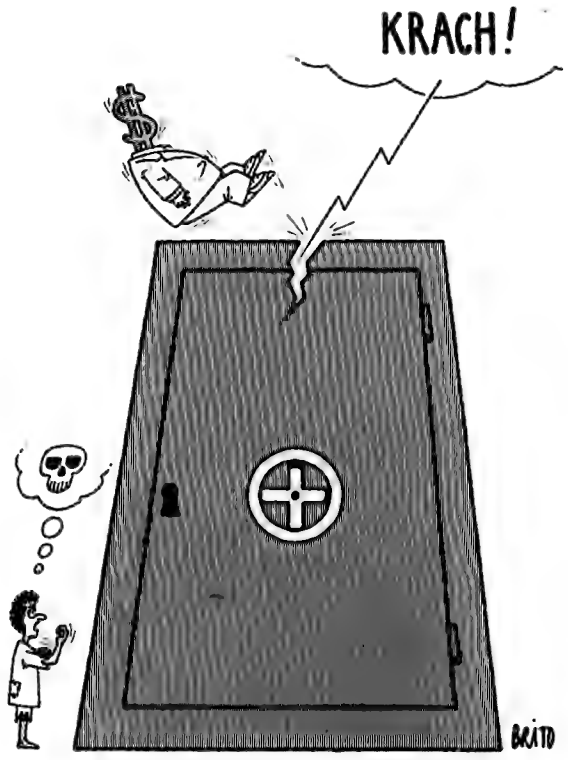
A nova moeda de 100 Escudos é dedicada à Ciência Portuguesa, através da figura de Pedro Nunes, matemático e cosmógrafo do século XVI. Dá-se também relevo à Europa comunitária em que Portugal se integra e onde terá o seu futuro. É a nossa primeira moeda bimetálica, com um anel exterior em cuproníquel e o núcleo em bronze-alumínio.

GRAFIDEC

imprensa nacional casa da moeda

IMPRENSA NACIONAL - CASA DA MOEDA, E.P.
LISBOA • PORTO • COIMBRA

Fabricamos Moedas · Cunhamos História



O vencedor vencido

Os jogadores dividem-se em duas espécies, os que jogam grandes quantias de uma só vez e os que gastam alguns escudos todas as semanas. Os primeiros são ricos e apostam no Casino, os segundos são pobres e tentam o Totoloto, Totobola ou Lotaria. Na primeira situação o jogo pode pôr em risco a vida pessoal do indivíduo ou resultar na dupla personalidade. Na segunda não há consequências graves, é apenas um desafio para quem leva uma vida pacata. Em ambas o objectivo é o mesmo: sentir-se triunfador, sair vencedor. Normalmente são pessoas inseguras a quem vencer no jogo dá poder.

Os casos patológicos encontram-se junto dos jogadores da roleta ou máquinas, onde o jogo assume características de vício. Segundo o psiquiatra Daniel Sampaio estes são de dois tipos: « Por um lado, aquela pessoa que começa a jogar e joga sem parar de uma forma descontrolada e põe em risco toda a sua vida pessoal, caminhando para uma degradação progressiva. Por outro lado, temos aqueles indivíduos que funcionam como se fossem duas personalidades. Vivem num equilíbrio instável entre a sua vida profissional adequada e uma vida de jogo que ocorre sobretudo no fim-de-semana. Estas pessoas conseguem durante bastante tempo, e às vezes por toda a vida, fazer a coexistência entre esses dois modelos de vida»

É difícil seguir o rasto dos que arruinam a sua vida, estes normalmente não recorrem a tratamento psiquiátrico. São sempre terceiros a pedir ajuda, a mulher, a mãe ou os filhos. Muitas vezes caem na marginalidade.

A história que Daniel Sampaio nos contou é um caso de dupla personalidade. É um sujeito com 28 anos, casado, dois filhos (um com um ano e outro com três), professor do ensino secundário. Durante cinco anos jogou na roleta. Ganhando umas vezes, perdendo outras e mantendo a sua actividade completamente secreta da mulher, mas não da mãe (isso é que é curioso). As perdas que tinha no jogo compensava-as com o aumento do número de explicações, chegando a trabalhar 16 horas por dia. As idas ao Casino eram justificadas através de um encontro com amigos, sem especificação do real motivo.

A certa altura, o equilíbrio rompeu-se e ele teve que pedir uma grande quantia de dinheiro à mãe. Esta não suportou o segredo e contou tudo à nora. Houve uma crise conjugal que quase resultou no divórcio. Mas foi possível através de uma psicoterapia compreender mais intimamente o que se passava. Era um indivíduo muito inseguro para quem o ganhar na roleta significava um triunfo face aos outros homens, que, de outra forma, não conseguia suplantar.

Céu Neves

BomDia

seu
o iogurte

BIOLACTA, CRL

Rua Luís Augusto Palmeirim, N.º 15 – A/B • Tels.: 89 83 27/80 50 20

1700 LISBOA

COMECE O DIA COM ALEGRIA COMENDO IOGURTE BOM DIA

O fisco desconhece os r

De portugueses vai ficar o céu cheio, segundo o preceito bíblico de que é mais fácil um camelo entrar por um buraco da agulha do que um rico transitar para o território celestial. Porque em Portugal só há nove ricos, segundo os cardápios do cobrador nacional de impostos.

A última estatística disponível (1987) diz, de facto, que só nove contribuintes declararam ter rendimentos anuais superiores a 50 mil contos. Outras estatísticas indicam que rendosíssimas profissões liberais auferem, para efeitos fiscais, remunerações ridiculamente inverosímeis. Não admira, por isso, que esta sondagem revele que 70 por cento dos portugueses acredite na fuga aos impostos de todos os outros portugueses, não obstante a maioria, 76 por cento, considerar que tal fuga assume um carácter grave. Mas a consciência cívica desta gravidade não os leva a participar no combate ao crime (descrença no sistema?), pois 63,8 por cento se recusariam a denunciá-lo.

Da ineficiência administrativa fiscal, fonte de tanta injustiça, desta incapacidade de bem cobrar para melhor distribuir, nasce esta desconfiança dos contribuintes que atiram a esmo no alvo da prevaricação. E os prevaricadores, para o vulgo, são os ricos (22,2%); empresários, comerciantes e industriais (26,7%); os políticos (17,2%), e as profissões liberais (9,2%).

A classe alta e os mais jovens pensam ser os profissionais liberais quem mais foge; a classe média superior, os ricos e os políticos, a que a classe média inferior acrescenta os comerciantes.

A classe baixa tem uma manifesta desconfiança dos políticos o que, no caso dos impostos, revela pouco esclarecimento e uma animosidade pouco saudável em regime democrático.

E também um menor esclarecimento da classe baixa e dos mais idosos que os leva a ser mais contemporizadores com a fuga fiscal. As classes mais elevadas, alta (76%), média alta (81%), e média superior (69%) são as que pensam ser substancialmente elevada a fuga aos impostos, até talvez por conhecimento de causa e confissão espontânea do pecado.

Já quanto à gravidade da infracção é uniforme a condenação. Se é geral este sentimento de elevada dignidade cívica, ele levar-nos-ia a admitir que o combate à fuga teria boa aceitação social, tanto maior quanto nos convencêssemos de que, como nos afirmou o secretário de Estado Oliveira Costa, a eficácia de tal combate permitiria diminuir as taxas da fiscali-

Um tostãozinho para os liberais

Julgava o cidadão comum que era o único a ganhar mal e a ser explorado? Desengane-se. Os nosso médicos, engenheiros, advogados, economistas, arquitectos, desenhadores e desportistas são uns pobretanas. Mal ganham para comer. Segundo dados do Imposto Profissional referentes a um período de três anos - de 85 a 87 - estas profissões liberais auferiram rendimentos diminutos e pouco condignos com o seu estatuto social.

Os médicos declaram ao fisco, no período referido, rendimentos médios na ordem dos seiscentos contos por ano. Isto correspondeu a um Imposto Profissional de 51 contos, em 1985, 57 contos, em 1986, e 63 contos, em 1987. Os advogados pouco mais foram bafejados pela sorte. Pagaram nos mesmos anos, respectivamente, 60 contos, 71 contos e 79 contos. Fazendo as contas, grosso modo, estas duas classes não teriam conseguido, em média, mais do que 50 contos mensais para se governarem...

Os economistas, engenheiros e arquitectos nunca ultrapassaram a marca dos 60 contos ano do respectivo imposto, à excepção dos economistas que, no ano de 1987, desembolsaram para as Finanças cerca de 86 contos. Situação verdadeiramente paupérrima apresentaram os desenhadores, cuja declaração de rendimentos resultou em 10 contos de IP, nos anos de 1985 e 86, e em 12 contos, no de 87. Os desportistas, incluindo os jogadores de futebol, coitados, são uns «tesos». Em 1988, só 50 deles pagaram a mesma obrigação fiscal na ordem dos 16 contos, o que equivale a um rendimento médio de 30 contos mensais.

P.S.

Acha que as pessoas declaram o que ganham para efeitos de impostos ou acha que há pessoas que fogem tanto quanto podem ao pagamento de impostos?

%

	REGIÕES					
	TOTAL	Grande Lisboa	Grande Porto	Litoral	Int. Norte	Int. Sul
Declaram	21,5	15,3	18,1	16,9	38,4	28,4
Fogem	70,6	84,7	77,3	72,5	50,3	57,9
NR	7,9		4,6	10,5	11,2	13,7

%

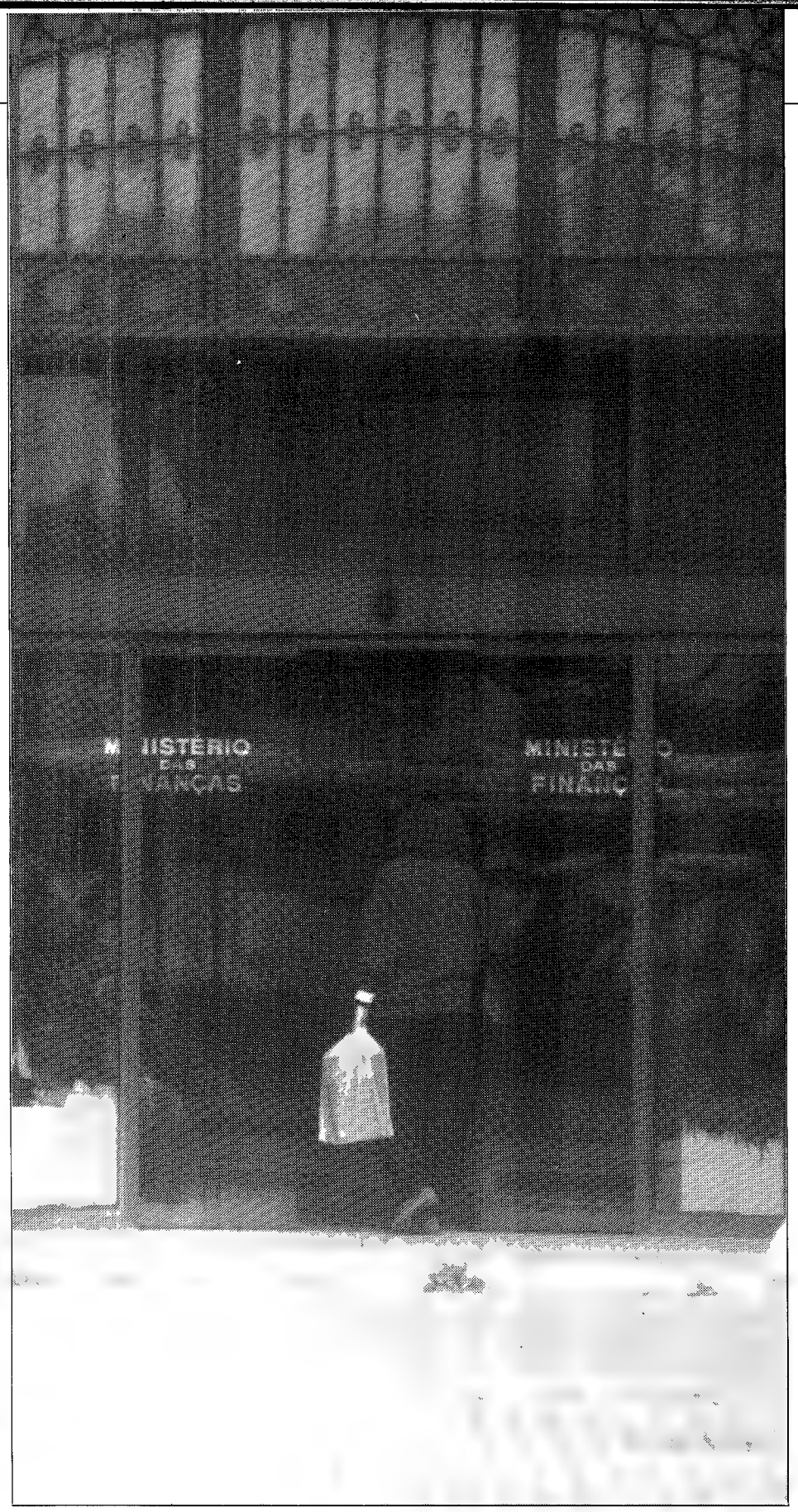
	CLASSES				
	Total	A/B	C1	C2	D
Declaram	21,5	20,0	14,8	23,5	29,6
Fogem Imp.	70,6	76,3	81,2	69,6	49,5
NR	7,9	3,6	4,0	6,9	20,9

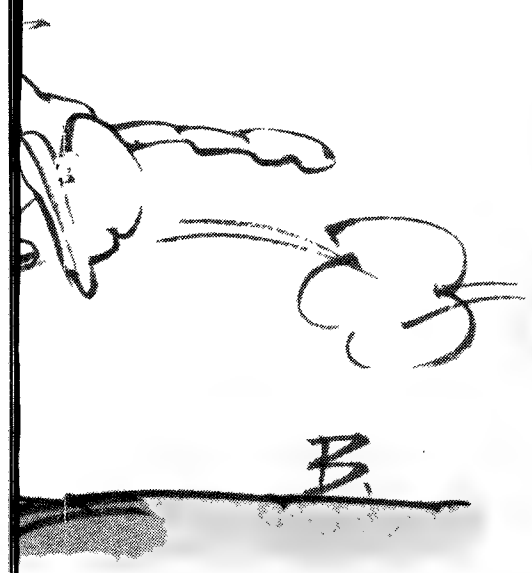
ricos

dade. O imposto será tanto mais bem aceite quanto o Estado for mais capaz de aplicar o tributo com equidade (que não sejam só os trabalhadores a pagar a crise); com justiça (os que mais têm, mais têm de pagar, em progressividade); quanto mais o Estado for parcimonioso e rigoroso nos gastos improdutivos e nos desperdícios, e generoso nas despesas sociais e desenvolvimentistas.

A pedagogia como a luz deve vir do alto.

Adelino Cardoso





Quem considera que foge mais aos impostos?

	CLASSES				
	Total	A/B	C1	C2	D
Os ricos	22,2	18,9	21,6	28,7	11,3
Os políticos	17,2	15,6	20,8	17,1	12,5
Os empresár.	10,3	12,6	13,3	9,2	5,6
Os comerc.	13,4	11,7	14,4	15,5	8,5
Os industriais	3,0	3,5	5,0	2,7	
Prof. liberais	9,2	20,5	11,0	6,6	1,8
Trab. c/próp.	0,4	0,8	0,3	0,5	
Jogad. futebol	3,5	8,7	4,9	2,0	
A empresas	1,2	0,9	1,9	0,6	2,7
Os patrões	2,4	2,4	5,9	1,0	
Os que podem	2,0	4,0	1,2	2,2	0,8
Todos		1,6	5,9	1,7	0,7
Func. públicos	1,2	2,1	1,5	1,3	
Operários	0,1	0,4			
Quem tem men.	1,4	1,1	0,9	2,4	
Outros	1,9	0,4	2,7	1,1	3,9
NS/NR	29,3	19,4	18,1	28,0	60,0

Fugir ao pagamento da totalidade dos impostos é, para si, um acto muito grave, grave, pouco ou nada grave?

%

	CLASSES				
	Total	A/B	C1	C2	D
Muito grave	21,0	24,5	20,6	26,3	6,5
Grave	55,0	52,0	51,7	52,1	70,1
Pouco grave	11,4	14,3	13,9	10,4	6,8
Nada grave	5,3	6,0	8,2	3,3	4,2
NR	7,2	3,1	5,6	7,8	12,4

Se tivesse conhecimento de alguém que tivesse cometido uma infracção fiscal, que atitude tomaria? Denunciaria a pessoa ou calar-se-ia?

%

	CLASSES				
	Total	A/B	C1	C2	D
Denunciaria	5,5	6,3	5,6	5,1	5,7
Calar-se-ia	63,8	57,7	67,9	67,1	54,4
Depende grau	15,5	24,0	16,2	14,0	10,3
Não sabe	11,3	7,2	7,9	10,2	22,8
NR	3,9	4,9	2,4	3,4	6,8

COMENTÁRIO

Os cobradores sem rosto e sem justiça

Muitas revoltas se levantaram na história medieval contra as violências dos tributos senhoriais. Quantos colectores de impostos reais não foram sovados ou mortos pela fúria dos espoliados!

Hoje, os colectores não têm rosto. A injustiça do Estado é anónima. A indignação já não é popular e vem das classes médias. A revolta chama-se fuga fiscal. Um Estado moderno mostra hoje a sua face de justiça social, quanto mais equitativo conseguir ser na cobrança e na aplicação dos impostos.

O Estado português não é justo. Pode afirmar-se que a democratização do pós-25 de Abril não chegou ao campo da fiscalidade. As desigualdades têm vindo a acentuar-se e somos hoje menos iguais aos outros do que ontem. A responsabilidade política não cabe a este ou àquele Governo. Cabe a todos.

Todos deitaram a mão pesada sobre os rendimentos dos assalariados e levantaram a mão dos rendimentos do capital.

As investigações que fomos realizar ao mundo do fisco confirmaram amplamente o acerto da desconfiança dos portugueses perante o sistema fiscal e perante a face injusticeira do Estado, revelada por esta sondagem.

Para o fisco só há nove ricos em Portugal. As centenas de abastados portugueses que compraram automóveis de preço superior a 20 mil contos, vivendas ou andares de dezenas de milhares de contos, iates de cruzeiro, aviões privativos, que dão festas principescas e exportam capitais para o estrangeiro, não existem nas listas das nossas repartições de finanças.

São uma pura ficção fantástica da literatura cor-de-rosa que, dantes, faziam a delícia das costureirinhas, que já não há, e hoje ilustram o álbum das vaidades de revistas mundanas.

Cirurgiões milionários, médicos de luxo, advogados de grandes negócios, economistas de gabinete internacional, ganham pouco mais do que o salário mínimo nacional... As nossas investigações levaram ao conhecimento de que, para efeito de pagamento de impostos, eles não ganham mais do que 50 a 90 contos por mês, coisa que envergonhará um qualquer contínuo de bom banco comercial.

As empresas, essas, dão quase todas prejuízo.

A pagar imposto que se veja não há mais do que duas mil e tal. Em termos fiscais, dir-se-ia que a economia deste País vive nas catacumbas de uma clandestinidade, a que é uso chamar-se subterrânea.

Sem rosto, sem moral, pouco justiceiro a cobrar e a distribuir, que autoridade tem o Estado para nos convencer a cumprir o dever cívico de contribuir pelo tributo fiscal para um bem pouco comum.

O Governo em exercício deitou mãos a uma Reforma Fiscal. Garante que muita coisa vai mudar. Disso damos testemunho pela voz do seu representante qualificado na matéria.

Outros dizem que o imposto único não é único e mantém situações desiguais para diversos rendimentos. Disso também damos testemunho.

Vamos esperar para ver.

OS PORTUGUESES E O DINHEIRO

Oliveira Costa

«Montámos uma máquina poderosa de investigação»

Oliveira Costa, secretário de Estado dos Assuntos Fiscais, responsável pela aplicação da Reforma Fiscal. Fomos ouvi-lo acerca dos resultados da nossa sondagem.

Diário de Lisboa - *Os resultados da sondagem revelaram que 70 por cento dos inquiridos sente que se foge aos impostos em Portugal. Como entende esta sensação generalizada?*

Oliveira Costa - À custa de tanto se repetir que há fuga, a ideia generalizou-se na comunidade. Nenhum país se pode vangloriar de ter erradicado o fenómeno. Nem na Suécia, onde são publicados os rendimentos e os impostos pagos pelos cidadãos, se conseguiu tal proeza. A fuga existiu e existe.

DL - *Não comunga totalmente, então da percepção de 70 por cento dos portugueses?*

O.C. - Cem por cento das pessoas podiam dizer que há fuga fiscal, porque ela é uma verdade *à la palice*. Como eu costumo dizer, os principais adversários da Reforma Fiscal são os meus órfãos, os militantes da fuga ao fisco. Obviamente porque esses foram os que melhor se aperceberam da montagem da máquina de acção fiscal, com a criação de bases de dados. Para eles as possibilidades de evasão vão ficando espartilhadas.

DL - *Tem uma ideia do actual volume da fuga fiscal?*

O.C. - Qualquer número que se atire para a mesa é altamente falacioso. Não existem estudos que nos dêem garantias de saber qual o montante da fuga fiscal. Mas temos uma sensibilidade, que é medida pela evolução das receitas e o nível das taxas de incidência fiscal desde 1985 para cá. A verdade é que a receita aumentou sistematicamente desde essa altura e de maneira significativa, enquanto as taxas de incidência fiscal baixaram drasticamente.

DL - *No princípio dos anos 80, o Imposto Complementar abrangia exclusivamente 10 por cento do rendimento nacional. Em 1981, os contribuintes que declaravam mais de mil contos de rendimento eram apenas 2093. Em 1986, apenas 0,31 por cento dos contribuintes declaravam ter rendimentos superiores a 5 mil contos. Onde estão, afinal, os ricos neste País. Estes números indiciam ou não um pesado volume de fuga das classes mais ricas?*

O.C. - Obviamente que indiciam. Mas se lhe dermos números do IRS verifica-se que o número de pessoas com rendimentos para 5 mil contos deve ter sido multiplicado, pelo menos, por dez. Hoje aparecem já, com frequência, ordenados de mil contos por mês. Há uma evolução notável, sobretudo a partir de 1988, nos rendimentos declarados e estou certo que em 1990 o salto ainda vai ser maior.

DL - *Porém, continuamos a ter um sistema em que são os detentores de rendimentos do trabalho os mais incapacitados de fugir ao fisco. As empresas ainda têm imensas possibilidades de o fazer através, por exemplo, da não distribuição de dividendos.*

O.C. - Também tem havido melhorias significativas no controlo dessas situações. Mas para ver a evolução neste domínio basta dizer que a contribuição industrial das empresas do grupo A, em 1985, foi de cerca de 22 milhões de contos e, em 1989, referentes a rendimentos de 88, foi de 190 milhões de contos. Existe um muito maior rigor na matéria colectável.

DL - *Não é também indiciador de alguma fuga que cerca de 90 e tal por cento do imposto de rendimento pago por sociedades diga apenas respeito a duas mil e tal e as restantes pagam oito e tal por cento do total dos impostos?*

O.C. - As empresas dos grupos B e C apresentaram sempre resultados ridículos. Efectuamos um controlo mais apertado sobre as empresas do grupo A. Esses dados que me referiu podem indiciar, mas há outros factores a ter em conta. As grandes empresas têm uma boa organização e índices de rentabilidade necessariamente superiores às pequenas e médias empresas, que muitas vezes estão mal organizadas.

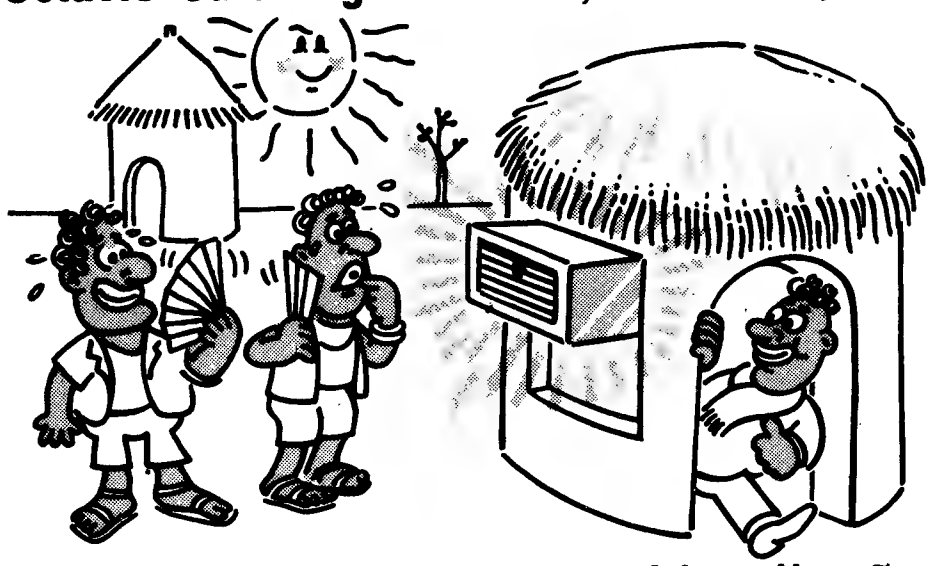
DL - *Afinal quem foge aos impostos?*

O.C. - Os industriais e os comerciantes fogem, mas há áreas onde isso é mais visível do que noutras. Há ramos que propiciam mais a fuga como seja a construção civil. As profissões liberais são em todo o mundo a área de actividade onde a fuga fiscal é mais expressiva e mais difícil de controlar.

DL - *As pessoas sentem que é grave fugir aos impostos, mas dizem-se incapazes de denunciar uma fraude. Como explica a contradição?*

O.C. - Os portugueses são muito avessos à denúncia clara. Tenho recebido inúmeras cartas com denúncias anónimas e na sua maioria provenientes de pessoas que se zangaram com o patrão. O que os leva a denunciar é um sentimento de vingança, fazem-no egoisticamente. Era bem mais interessante que o fizessem por dever cívico. Se formos ajudados pela comunidade poderemos diminuir a carga fiscal sobre os contribuintes.

A.C.

OSF
Octávio Saramago Ferreira, Herdeiros, Lda

• Ar condicionado • Ventilação
• Electricidade e águas
Instaladores autorizados
FNAC
☎ 983 3893
R. Combatentes Ultramar, 86 - Botica - 2670 LOURES

Medina Carreira

«O Estado é incapaz de travar a fuga fiscal»

A fuga aos impostos em Portugal é um fenómeno generalizado. Os portugueses são, porém, uns infractores conscientes. «O sentimento nacional da fuga é muito forte», diz Medina Carreira, antigo ministro das Finanças. Os dados da sondagem confirmam a sua tese. O advogado socialista, um dos acérrimos críticos da recente Reforma Fiscal, explica, numa breve conversa com o «DL», os mecanismos legais e psicológicos que presidem à evasão ao fisco. Não aponta fórmulas para a estancar, antes caminhos para minimizar o forte sentimento de injustiça que leva os contribuintes a fazer o gesto tão típico do Zé Povinho ao ex-ministro Cadilhe.

Medina Carreira não tem dado tréguas ao Governo Cavaco Silva no que se refere à fiscalidade. Especialista nesta área, o antigo ministro desmonta as situações de fraude e as culpas que o Executivo tem para ele na matéria. Na sua opinião, é simplicista dizer: os portugueses são larápios por natureza, está-lhes no sangue. Ainda que assim fosse, costuma-se dizer que «a ocasião faz o ladrão».

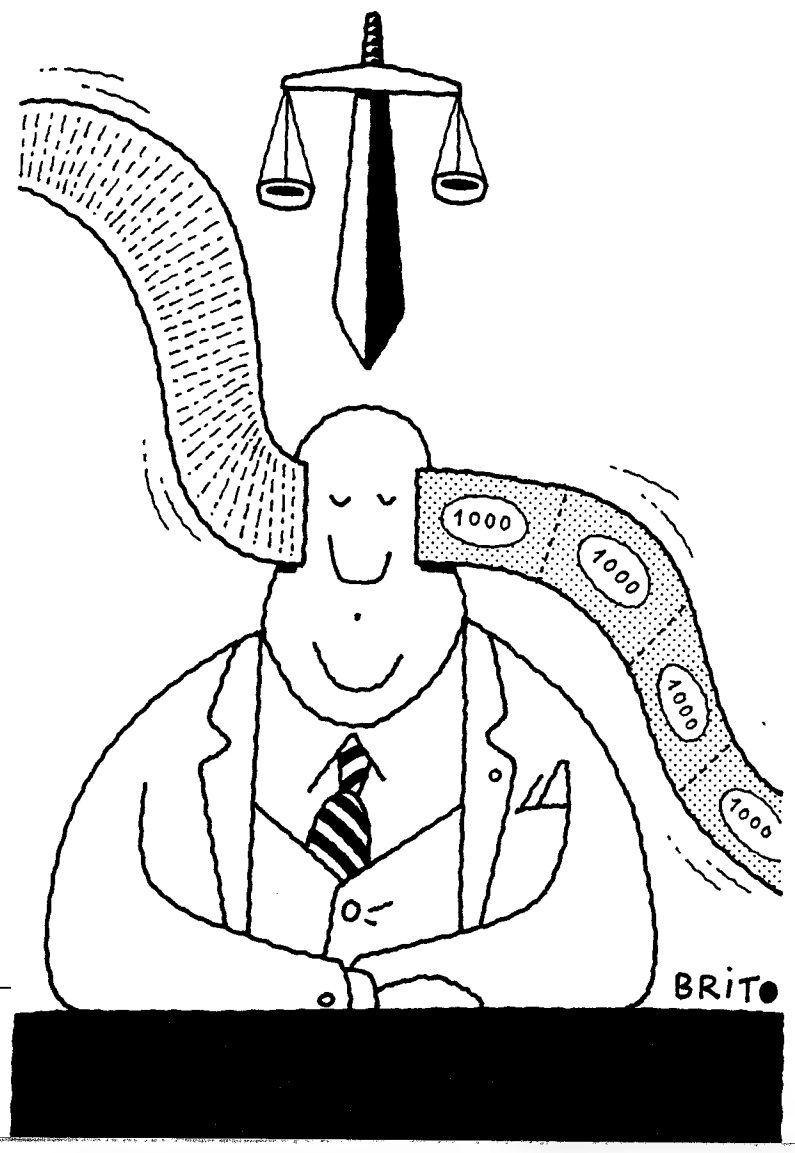
A Reforma Fiscal é o cavalo de batalha para aquele advogado. Vê nela uma fonte inesgotável de distorções e de injustiças. Considera-a um labirinto com várias saídas para escapar ao Minotauro (neste caso encarnado pelo odiado fisco). «A mais grave, e mais hipócrita de todas as formas para fugir aos impostos é a dos próprios regimes legais que possibilitam essa conduta», frisa Medina Carreira. Cita a título de exemplo a nova modalidade do imposto sucessório - percentagem que se paga ao Estado sobre a transmissão de bens, entre os quais se insere o caso das heranças - e demonstra como a lei permite escapar àquela obrigação fiscal.

Imagine-se um indivíduo detentor de vários títulos, imóveis e acções. Coloca-os numa sociedade, configurada numa empresa. A lei permite-lhe pagar, em vida, cinco por cento sobre o seu capital para abater o tal imposto sucessório, que pela anterior legislação era liquidado pelos herdeiros. Só que a sua empresa, mascarada de sociedade anónima, sustenta tudo aos empregados: o telefone, o automóvel, as viagens ao estrangeiro, os colégios dos filhos, os almoços e jantares de marisco aos fins-de-semana com a família na costa de Cascais, entre outras coisas. Os dividendos acabam por ser nulos aos olhos das Finanças.

Montado este esquema viciado a fuga aos impostos vai longe. A sociedade pelo facto de existir e trabalhar deveria pagar o IRC, o sócio recebendo os lucros deveria pagar o IRS, e o patrão o tal imposto sucessório. Mas como os dividendos não chegam a aparecer, uma sequência de impostos de 40 por cento (IRC), mais 25 por cento (IRS) e mais 5 por cento (sucessão) transformam-se em zero, zero, zero. O tal indivíduo morre em dupla paz... Nada pagou nem fez pagar aos seus sócios e seus herdeiros.

«Os rendimentos de capital, em Portugal, fogem muito à tributação precisamente porque há maneiras legais de contornar a distribuição de dividendos», frisa Medina Carreira. O fiscalista, num tom irónico, lança o repto ao primeiro-ministro: «Com 15 minutos de televisão arranjava a Cavaco Silva uma valente dor de cabeça». Para tanto, refere, bastava demonstrar aos portugueses a situação de um pobre diabo que re-

continua na pág.28



CAMPANHA DE ANIVERSÁRIO

★ VÍDEOS VHS c/ comando ➧ 49 360$

★ LEITOR VÍDEO c/ comando ➧ 34 145$

★ APARELHAGENS STÉREO — 2 DECKS c/ comando ➧ 21 370$

• PREÇOS SUJEITOS A IVA 17% •

PAGAMENTO ATÉ 12 MESES

CASA TOYA
ELECTRODOMÉSTICOS

Shopping Center Palmeiras, Loja 60-61
Tel. **247 18 26** — 2780 OEIRAS

Medina Carreira

continuação da pág. 27

cebe uma pequena courela e paga bem pago o respectivo imposto e a de um senhor herdeiro de uma dourada fortuna que nada tem a declarar.

Falsas as ilusões de que a evasão fiscal apenas se processa a este nível. Ela atinge todos os estratos da sociedade. A sua incidência varia consoante os malabarismos possíveis às diferentes classes sociais. O dedo dos contribuintes vira-se acusador para as profissões liberais, mas elas apenas representam, na óptica do nosso interlocutor, uma pequena fatia das profissões autónomas. Para Medina Carreira, «toda a actividade por conta própria presta-se a um grau mais acentuado de fuga aos impostos».

No trabalho por conta doutrém, ou seja o assalariado, é preciso distinguir as categorias superiores, onde também há possibilidade de oferecer o carro, as viagens, as refeições e a escola aos filhos à custa da empresa, e as categorias inferiores, que pouco ou nada conseguem fugir, pois os seus descontos são feitos à partida e sem concessões de outra natureza.

Uma escapadela mais dissimulada é praticada pelo próprio Estado enquanto instituição, tal como afirma aquele advogado. «Quando o Estado põe ao serviço de determinadas categorias de funcionários o automóvel e a gasólina, bens anteriormente apenas facultados a membros do Governo, também está a fugir aos impostos», acentua Medina Carreira.

Por exclusão de partes, o que não fugirá às teias das Finanças? Quase se resume, segundo palavras do fiscalista, aos impostos retidos na fonte por instituições sujeitas a uma controlo apertado, como é o caso da banca.

Então como estancar esta sangria? Será suficiente diminuir a carga fiscal? E como promover a educação cívica para demonstrar que os impostos servem a comunidade? Medina Carreira prefere voltar à sondagem. A solução para o problema está contida nas respostas dos inquiridos. «Três quartos dos sondados dizem claramente que se foge aos impostos. Isto é grave porque confirma o fenómeno e, ao mesmo tempo, revela a conciência cívica de que o Estado é incapaz de o travar, as pessoas não acreditam na máquina de fiscalização», diz.

Por outro lado, afirma, prevalece um sentimento de injustiça, mesmo quando as pessoas não sabem muito bem do que estão a falar. Sintomático deste sentimento é o facto de os inquiridos terem referido os ricos como as pessoas que mais fogem aos impostos.

Os contribuintes sentem ainda o seu dinheiro a sair dos bolsos para o Estado o aplicar de uma forma errada. «Os carrões e o fausto do Governo e do Presidente da República dão ao público uma sensação pavorosa de dinheiro mal gasto», comenta o antigo ministro. Acrescenta que «é por esse motivo que a roubalheira fiscal, considerada formalmente grave pelos contribuintes, também é perdoada em larga escala». De facto, poucos são os inquiridos que se dizem capazes de denunciar uma fraude mesmo com conhecimento de causa. O pensamento subjacente à atitude é linear: «para quê denunciar o roubo ao Estado se ele ainda saqueia mais?»

A fuga aos impostos será mesmo possível de travar, perante tantas condicionantes? Medina Carreira julga possível o «milagre». Uma menor carga de impostos, uma máquina de fiscalização eficaz, mais e melhores tribunais capazes de julgarem em curto espaço de tempo os casos de evasão fiscal, uma contenção de despesas públicas e, sobretudo, um atenuar do sentimento de injustiça nos contribuintes são os ingredientes que aponta para minimizar o problema.

Paula Sá

A poupança é o motor do desenvolvimento

As poupanças confiadas à CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS são aplicadas na criação de novas fontes de riqueza. São um motor de desenvolvimento do País.

A CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS é um estabelecimento de crédito com raízes profundamente portuguesas, firmadas em mais de um século de actividade bancária. O seu desenvolvimento interno, a par do incremento das suas relações internacionais, levou já à abertura de mais de 400 agências tanto em Portugal como no estrangeiro.

Com a entrada do País na CEE, a CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS mostra-se apta a aceitar os desafios que se traduzem em desenvolvimento e progresso.

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Mal pagos, resignados e biscateiros

Não é novidade para ninguém que os portugueses estão mal pagos. Mais de 60 por cento ganha menos de 59 mil escudos por mês, ou seja, o mesmo que os espanhóis recebem como salário mínimo. Mas, apesar dos seus fracos rendimentos, eles não se queixam muito. Resignam-se. E quando o dinheiro, mesmo bem esticado, não chega até ao fim do mês, a solução é arranjar um pequeno biscate

A população portuguesa pertence, na sua maioria, às classes baixa e média inferior. De acordo com os dados da nossa sondagem, 63,1 por cento dos inquiridos ganham menos de 59 contos, e desses 17,7 por cento menos de 20 mil escudos mensais. Apesar de tudo, quando lhes pedimos opinião sobre as remunerações pagas pelas empresas onde trabalham, recebemos respostas bem curiosas. Na realidade, se juntarmos a percentagem dos que se consideram bem pagos com a daqueles que escolhem a opção do «nem bem nem mal», concluímos que 55,2 por cento do total está pelo menos resignado com os rendimentos de que aufere. Plenamente satisfeitos com a sua situação de muito bem pagos estão, contudo, apenas 3 por cento dos inquiridos.

O Interior Norte e Sul e a faixa etária acima dos 55 anos constituem os estratos populacionais que apresentam a maior percentagem de inquiridos com menos de 20 contos mensais. Tal fica possivelmente a dever-se ao facto de estes grupos serem constituídos maioritariamente por pequenos agricultores e reformados, cujos baixos rendimentos são por de mais conhecidos.

Talvez mais surpreendente é o facto de o salário situado entre os 20 e os 39 contos aparecer, em 23,2 por cento da população, como sendo o recebido ao fim do mês. Esta classe vive sobretudo fora dos grandes centros urbanos, embora a região do Grande Porto também apresente uma taxa considerável de pessoas com esta remuneração.

A Grande Lisboa apresenta-se como «a cidade dos ricos», possivelmente pela concentração de quadros na capital. Apenas 3,5 por cento dos inquiridos afirmam receber menos de 20 contos mensais e, por outro lado, uma percentagem de 2,1 por cento ganha acima dos 200 mil escudos por mês.

Os «milionários» não são apenas os lisboetas, mas também os jovens entre os 15 e os 34 anos, 1,3 por cento dos quais declara ganhar acima das duas centenas de escudos. O nível de instrução mais elevado é talvez a justificação para este resultado.

Apesar de mal pagos, apenas 12,4 por cento dos inquiridos que trabalham por conta de outrem (35,9 por cento do total) declaram recorrer ao trabalho secundário. Trata-se, uma vez mais, de um dado algo surpreendente que se pode possivelmente atribuir ao facto de as pessoas, em geral, não gostarem de admitir que fazem uns biscates por fora. No entanto, em 81,9 por cento dos casos, declaram que as empresas onde trabalham não lhes exigem exclusividade.

A percentagem dos que trabalham fora de horas aumenta no exterior dos grandes centros - onde as pessoas, depois de saírem dos empregos se dedicam à agricultura - na classe mais baixa, na faixa etária dos 35 aos 54 anos - geralmente o grupo dos que têm família para sustentar - e entre os homens.

A maioria dos portugueses - 62,8 por cento - prefere trabalhar por conta própria. Esta tendência acentua-se nas classes mais baixas, mais vocacionadas para o pequeno comércio, agricultura e trabalhos de construção civil, na faixa etária com mais de 55 anos e entre as mulheres, facilmente justificável se nos lembrarmos da grande quantidade de empregadas domésticas e costureiras, por exemplo.

Os rendimentos do trabalho ultrapassam em larga escala os provenientes de outras fontes: 73,3 por cento para os primeiros e 5,8 por cento para

continua na pág. 30

Qual é o volume do seu rendimento normal, ou seja, do seu salário e de outros rendimentos?

%

	REGIÕES					
	TOTAL	Grande Lisboa	Grande Porto	Litoral	Int. Norte	Int. Sul
Menos 20	17,7	3,5	23,2	19,0	26,6	24,2
20 a 39	23,2	18,1	19,8	25,0	30,3	22,0
40 a 59	22,2	16,8	17,2	27,3	19,3	25,3
60 a 79	10,5	15,8	10,9	7,5	8,3	12,0
80 a 99	5,5	3,5	10,0	8,0	0,7	4,0
100 a 119	3,1	4,0	7,4	1,7	2,7	2,4
120 a 139	1,0	2,1	1,1	1,1		
140 a 159	1,0	1,5	0,6	0,7	1,4	0,7
160 a 179	0,2	0,3	0,4	0,3	0,1	0,2
180 a 200	0,2	0,6			0,3	
Mais de 200	0,6	2,1		0,1	0,3	
NS/NR	14,8	31,8	9,3	9,4	10,1	9,2

%

	Idades			Sexo	
	15/34	35/54	+55	Masc.	Fem.
Menos 20	7,7	7,3	43,1	12,5	22,3
20 a 39	21,1	20,0	29,8	21,0	25,2
40 a 59	25,3	30,0	9,2	27,7	17,3
60 a 79	14,6	11,9	3,3	14,8	6,6
80 a 99	6,9	7,1	1,7	6,0	5,1
100 a 119	3,4	4,5	1,1	3,4	2,8
120 a 139	1,3	1,3	0,3	1,8	0,4
140 a 159	1,6	0,7	0,3	1,3	0,7
160 a 179	0,4	0,1	0,2	0,3	0,2
180 a 200	0,3	0,2		0,3	0,1
Mais de 200	1,3	0,1	0,2	0,7	0,5
NS/NR	16,0	16,7	10,8	10,2	18,9

Acha que a empresa onde trabalha paga muito bem, bem, mal ou muito mal?

%

	REGIÕES					
	TOTAL	Grande Lisboa	Grande Porto	Litoral	Int. Norte	Int. Sul
Muito bem	3,0	1,7	1,9	6,5		
Bem	29,7	28,1	36,7	31,7	25,6	23,4
Mal	30,6	29,2	23,5	27,5	39,2	43,3
Muit mal	6,0	6,5	5,6	4,3	7,7	8,5
Nem bem nem mal	25,5	25,9	29,7	26,2	25,8	18,7
NS/NR	5,2	8,5	2,6	3,8	1,7	6,1

%

	CLASSES				
	Total	A/B	C1	C2	D
Bem	29,7	37,2	29,8	24,8	26,1
Mal	30,6	18,6	25,1	39,6	64,3
Muito mal	6,0	9,7	5,4	3,3	9,7
Nem bem nem mal	25,5	16,8	32,0	28,6	
NS/NR	5,2	10,8	4,1	3,8	

%

	Idades			Sexo	
	15/34	35/54	+55	Masc.	Fem.
Muito bem	3,1	2,9	3,7	3,2	2,8
Bem	29,9	30,5	21,1	30,2	28,7
Mal	34,7	26,0	23,1	32,3	27,2
Muito mal	5,9	4,6	17,6	5,2	7,6
Nem bem nem mal	18,3	35,2	26,9	26,0	24,5
NS/NR	8,0	0,9	7,6	3,1	9,2

A empresa onde trabalha exige-lhe que não trabalhe em mais nenhum outro sítio?

%

	REGIÕES					
	TOTAL	Grande Lisboa	Grande Porto	Litoral	Int. Norte	Int. Sul
Sim	13,1	12,0	35,4	11,0	6,5	2,5
Não	81,9	80,9	57,2	84,9	87,5	97,5
NS/NR	5,0	7,1	7,3	4,1	6,1	

Mal pagos, resignados e biscateiros

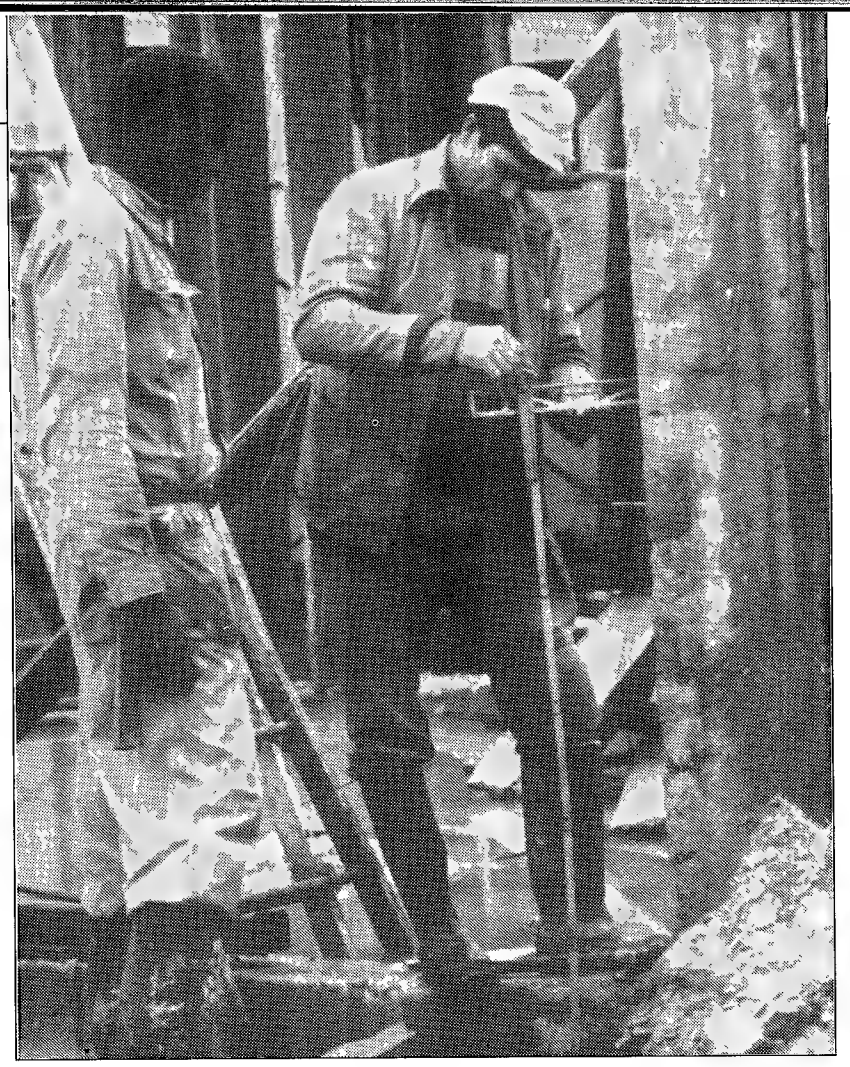
continuação da pág. 29

os segundos. Mesmo no caso das pessoas que não contam exclusivamente com o salário, 57,6 por cento declaram que este representa mais de 41 por cento dos seus recursos. De salvaguardar o caso do Interior Norte, onde os salários não ultrapassam os 11 e 20 por cento dos rendimentos totais. A prática da agricultura de subsistência contribui, com certeza, para esta resposta.

A sondagem Euroteste/«DL» foi, assim, mais longe, procurando saber quem trabalha por conta própria ou é assalariado, quem recorre ao trabalho secundário e qual a percentagem dos rendimentos do trabalho nos rendimentos totais.

A não publicação dos referidos quadros deve-se exclusivamente a condicionamentos de espaço.

Dina Soares



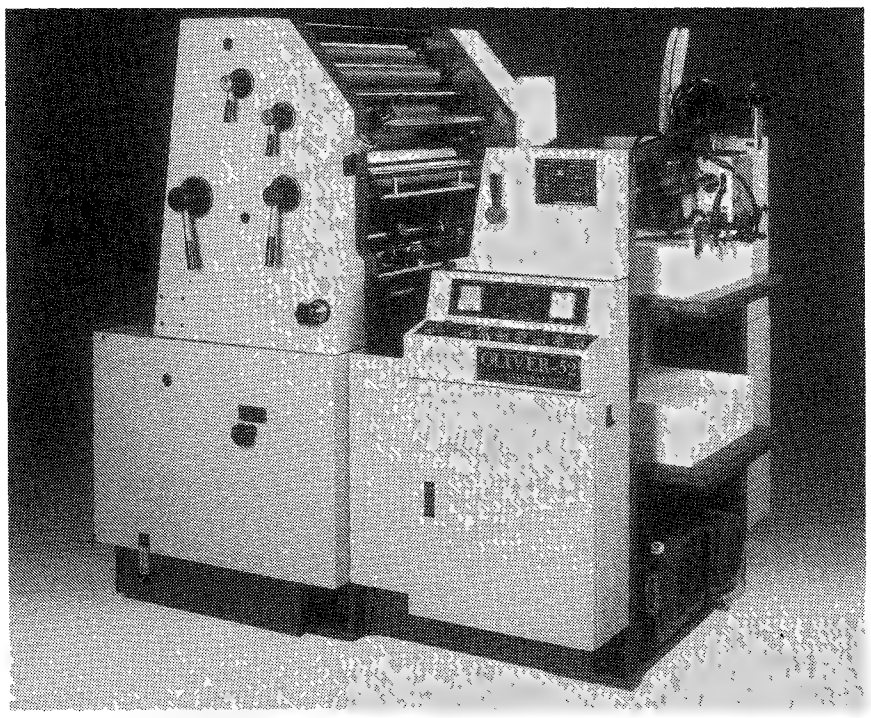
SAKURAI
OLIVER-52
520mm × 360mm (20 1/2" × 14 1/16")

A SAKURAI OLIVER 52 é o pequeno gigante de impressão offset, capaz de igualar a capacidade de produção de uma máquina de maior formato.

A SAKURAI OLIVER 52 tem as melhores características de robustez, durabilidade, produtividade e qualidades únicas de impressão.

A SAKURAI OLIVER 52 está preparada para poder ser equipada com dispositivo de numeração e picote.

A SAKURAI OLIVER 52 foi construída de modo a poder imprimir, sem quaisquer problemas, em papel, extrafino a uma velocidade de 12 000/I.P.H.



SIGLA

SOCIEDADE DE IMPORTAÇÕES GRÁFICAS, LDA.

RUA RUBEN A. LEITÃO 2-B — 1200 LISBOA
Telefs.: 371531 • 325944 • 373577 • FAX-372885 • TELEX • 14031 HERGAR P

matcline
FOTO-PRODUTOS, LDA

EQUIPAMENTOS E PRODUTOS GRÁFICOS

PRODUCTS BY Kodak
AGENTE AUTORIZADO PRODUTOS ARTES GRÁFICAS

PLURIMETAL SPA
REPRESENTANTE PARA PORTUGAL CHAPAS OFFSET E EQUIPAMENTOS

**Praceta António Ferreira, Lote 8-12.º Dt.º — 2795 CARNAXIDE
Telef.: 4183119/3219 — Telex: 63664 MATFOT P**

Os marginais da Boutique de Alcofa

Fazer compras na «Boutique de Alcofa» tornou-se uma prática tão comum nos últimos anos que já ninguém pensa nisso como uma actividade marginal. Pode mesmo dizer-se que ir aos ciganos se tornou uma moda. Veja-se a popularidade da feira de Carcavelos onde, a par das pessoas pertencentes a classes mais baixas, se encontram os «meninos da Linha», e os calções com que irão para a piscina da Quinta da Marinha.

A actividade comercial é, sem dúvida, a face mais visível da economia paralela. Surgidos com maior força, após o 25 de Abril, os vendedores ambulantes pululam um pouco por toda a parte, desde as feiras de província às artérias principais da capital. Instalados nos locais de maior comércio, eles rivalizam com os outros comerciantes com tal desfaçatez que se instalam bem às portas das lojas, vendendo frequentemente produtos com as mesmas etiquetas.

Os vendedores ambulantes não são, todavia, os únicos protagonistas da chamada economia subterrânea. Na realidade, este tipo de economia atinge tantos sectores quantos os abrangidos pela actividade legal, diferenciando-se apenas pelo facto de não entrar na contabilização nacional.

A declaração de uma produção ou de um rendimento menores do que reais, os salários não declarados, o trabalho por conta própria nas horas vagas e o contrabando, bem como as actividades marginais - caso da prostituição - constituem terrenos vivos de uma economia que subsiste lado a lado com a legal e que contribui em muito para que o País, no seu todo, se mantenha com mais saúde.

De acordo com um estudo efectuado em 1984 pelo Banco de Portugal, calculava-se que a economia paralela representava, em 1981, cerca de 11 por cento da riqueza nacional. Caracterizada, no referido estudo, como «amortecedor» da crise económica, a economia paralela é considerada como um dos factores da «capacidade de encaixe» das sociedades em crise.

Manuel Villaverde Cabral, no seu estudo «A economia subterrânea vem ao de cima», considera que só a partir do 25 de Abril, e particularmente no final dos anos 70, é que as pessoas começaram a ter consciência do fenómeno da economia paralela. Para este historiador e sociólogo, a revolução foi de certa forma responsável pelo recrudescimento desta actividade, na medida em que a liberalização política arrastou consigo uma certa liberalização económica.

No mesmo estudo, o antigo director da Biblioteca Nacional entrevistou 179 feirantes ao longo do ciclo anual de um mercado situado a 60 quilómetros de Lisboa, tendo concluído que apenas 50 por cento dos entrevistados exercia aquela actividade a tempo inteiro. Dos restantes 107, 40 por cento eram feirantes a título principal, tendo como actividade secundária a agricultura, o artesanato ou a indústria. Os restantes 66 feirantes eram-no apenas ocasionalmente. Dois terços deles tinham na agricultura a sua actividade principal.

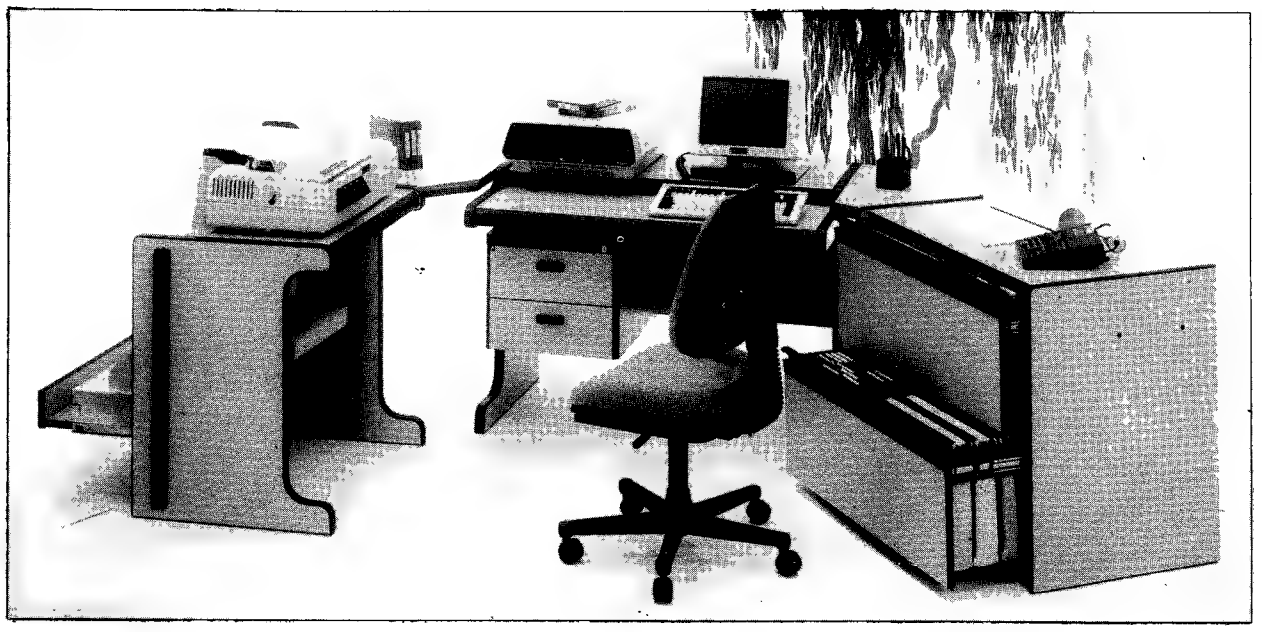
Embora intensificada com a crise, a economia subterrânea não pode, assim, ser considerada apenas como um factor prejudicial da economia de um país. Na verdade, a sua proliferação tem permitido, muitas vezes, a sobrevivência ou a melhoria das condições de vida de muitas pessoas que não têm lugar nas actividades ditas legais, evitando desta forma que se concretizem situações de ruptura aparentemente inevitáveis.

D.S.

maquirema

Soc. Importadora e Revendedora de Máquinas, Ld.ª

Um espaço no seu escritório



GABINETES ADMINISTRAÇÃO E DIRECÇÃO

SECRETARIADO EXPEDIENTE GERAL

INFORMÁTICA

BIOMBOS

RECEPÇÕES

DE LA OLIVA
CADEIRAS ANATÓMICAS

ARMÁRIOS

SALAS REUNIÕES

EN MUEBLES DE OFICINA TODO
porta mobiliario

A REDACÇÃO DO DL FOI EQUIPADA COM maquirema

Escritório — Exposição — Vendas e Armazém
Quinta da Figueira — Lt. A Lj A/5 — Venda Nova — 2700 Amadora
Telef: 4744652 — 4745074 — Telex 63509 — Fax: 4740561
Venda de Consumíveis —/ Centro de Cópia.
Praça Olegário Mariano, 2-B — 1100 Lisboa — Telex — 824707

Lotaria Nacional

assim cantam o
Sr. PALPITE e a D. TALUDA

Primavera, tanta flor
tanto amor, tanta alegria
... e tanto, tanto valor
nos prémios da Lotaria!

Habilite-se todas as semanas
aos fabulosos Prémios da
LOTARIA NACIONAL

Viver a 32 contos

Será possível viver com um rendimento mensal de 12 contos? Ou mesmo com 32 contos? Alguém conseguirá viver condignamente com 32 contos por mês? Condignamente talvez não, mas que existe muita gente que não aufere mais do que isso, existe. Nada mais nada menos do que 152 mil pessoas, ou seja, 10,5 por cento da população portuguesa. Se a esta percentagem juntarmos os 40,5 por cento que recebem entre 32 e 64 mil escudos mensais, apercebemo-nos de que um total de 733 mil pessoas, exactamente 51 por cento da população apenas recebe, no máximo, dois salários mínimos mensalmente.

Mas há mais. Estes valores, encontrados através das declarações de rendimentos para efeito do pagamento do Imposto Complementar de 1987 acabam, com certeza, por não ilustrar fielmente a realidade. Muitos são aqueles que não preencheram a declaração uma vez que nem sequer ganham o suficiente para existirem no reino do fisco.

A vida é, contudo, feita de contradições. E se muitos gostariam de conseguir figurar nas listas do mundo fiscal, a verdade é que a maioria faz tudo para de lá sair ou, pelo menos, para passar despercebido. Assim, são 64, apenas 64, aqueles cujos rendimentos ultrapassam os 1430 contos por mês. E destes, apenas nove admitem auferir mais de 50 mil contos por ano, isto é, uma média de 3570 contos mensais.

Neste capítulo, e uma vez mais, os dados fornecidos pela Direcção-Geral das Contribuições

ganhar por mês

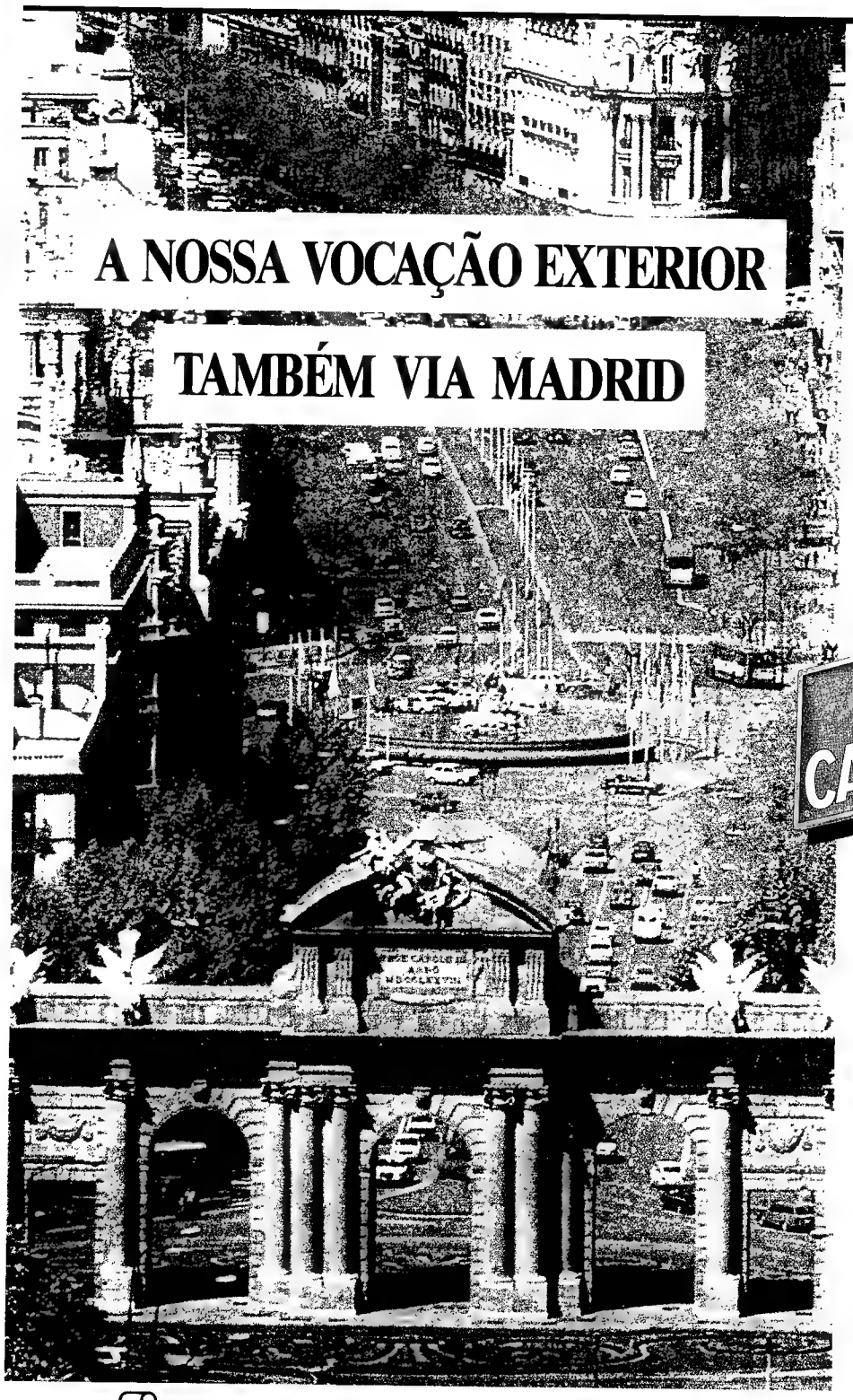
e Impostos pecam certamente por defeito. Já nos escalões imediatamente anteriores, a situação é, provavelmente, inversa. Através de malabarismos contabilísticos, grande parte dos muito ricos transformaram-se, assim, apenas em ricos, indo engrossar o número dos que recebem, em cada mês, entre 180 (ou mesmo 100) e 1440 contos.

A vulgarmente designada classe média (alta e inferior) é - de acordo com os rendimentos declarados para o extinto Imposto Complementar - constituída por 43,4 por cento dos contribuintes. São estes que compram os pequenos andares, os carros económicos, que passam férias no Algarve em quartos alugados e que mandam os filhos para as escolas privadas durante o ensino básico. Os seus rendimentos variam entre 64 e 178 mil escudos.

Face a tudo isto, os portugueses sentem-se mal pagos? Já vimos através da nossa sondagem que sim. No entanto, recorde-se uma outra sondagem publicada há uns meses pelo «Semanário». De acordo com os dados então divulgados, 23,2 por cento dos habitantes do Interior Sul consideravam que um rendimento mensal de 20 contos seria suficiente para a sobrevivência de uma família de quatro pessoas.

Nas maiores cidades portuguesas - Lisboa e Porto - esta quantia aumentava para entre 80 e 100 contos. Pouca ambição para quem declara sentir-se tão mal pago.

D.S.

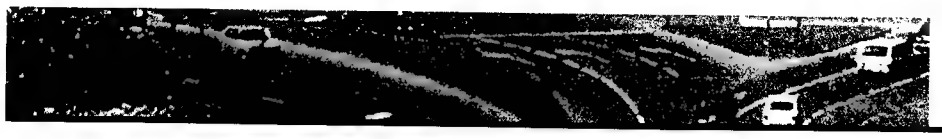


Sucursal B.F.E. em Madrid.

Ao inaugurar uma nova Sucursal no estrangeiro, agora em Madrid, o Banco de Fomento e Exterior passa a operar no mercado espanhol oferecendo um serviço bancário completo aos empresários portugueses, nas suas relações comerciais e financeiras com Espanha. Também via Madrid, prosseguimos a nossa vocação exterior.

BANCO DE FOMENTO E EXTERIOR PORTUGAL
Calle Serrano, 49 - 3.º 28006 MADRID
Telef.: 00-34-1 / 577 89 74-435 10 34
Fax: 00-34-1 / 276 63 87
Telex: 27423 FOBAN E

Banco de Fomento e Exterior



Sucursais: Bruxelas, Madrid.
Representações: Caracas, Madrid, Luanda.

As feiras são, por excelência, os terrenos vivos da economia paralela. Palco de transacções comerciais consideráveis, elas são a saída para os que ou estão desempregados ou não ganham no seu emprego o suficiente para todas as despesas

O hipermercado dos pobres

«Olha a toalha da ilha da Madeira, fabricada por milhares de meninas órfãs de pai e mãe» - anuncia a cigana através do seu altifalante - «Se fossem a uma loja custava uns vinte contos, mas aqui não custa quatro, nem três, nem dois, só um conto e quinhentos. E quem não tiver dinheiro pode pedir emprestado que eu aceito».

É assim todos os domingos. De madrugada começam a chegar as largas centenas de feirantes que vão montando as suas tendas, sempre no mesmo lugar porque ali quem não respeita arranja confusão. Passado algumas horas, quando está tudo cheio desde a Rotunda do Relógio até ao Poço do Bispo, chegam os primeiros compradores e tudo se anima. Estamos na Feira do Relógio que, aos domingos de manhã, se transforma no maior centro comercial de Lisboa.

«Há de tudo para todos», seria a frase que melhor descreveria aquele recinto. Desde produtos hortícolas, carne, peixe e vinho, até roupas, têxteis para o lar, louças e aparelhagens de alta fidelidade, cassettes «com selo e garantidas», animais vivos, móveis e bugigangas em segunda mão, não esquecendo os famosos courato e frangos assados acompanhados por copos de vinho, há mesmo de tudo.

Paulo Paulino é talvez um dos mais antigos feirantes do Relógio. Embora bastante jovem - tem apenas 24 anos - já há doze que se dirige todos os domingos àquele recinto para vender roupa. Ser feirante não é, contudo, a sua ocupação principal. De segunda a sexta trabalha numa loja, mas como o ordenado não chega para as despesas, tem que ter aquele «gancho».

Esta situação repete-se com uma boa parte dos vendedores que ali se encontram. Alexandre (que não diz o apelido para o patrão não o reconhecer) é, durante uma semana, um simples empregado de pronto-a-vestir. Aos domingos transforma-se no Rei das Camisas. «Os ordenados são pequenos e a gente tem que se desenrascar», explica, ao mesmo tempo que vai anunciando as camisas baratas. No entanto, o negócio também não parece render muito, e Alexandre optou por vender só no princípio do mês, quando as pessoas ainda têm dinheiro.

Lado a lado com estes amadores de feirante encontram-se os profissionais, aqueles que fazem da venda ambulante o seu modo de vida. O jovem António Gomes, de 19 anos, trabalha numa grande barraca de calçado. Intitulando-se orgulhosamente como encarregado dos empregados, ele conta-nos que o seu patrão circula pelas feiras da região de Lisboa todos os dias menos à terça-feira em que o negócio está fechado para descanso do pessoal. Quando lhe perguntamos se espera ficar toda a vida a vender em feiras, ele limita-se a responder que já teve mais esperanças de que isso não acontecesse.

Os ciganos são, todavia, os reis da feira. Embora se dedique ao comércio por tradição, esta raça também não teria grandes possibilidades de optar por outra profissão dada a desconfiança de qualquer pessoa em darlhes emprego. Maria de Fátima é uma das centenas de ciganos que se dedica a 100 por cento à vida de feirante. No entanto, o negócio cada vez lhe corre pior. «Não querem que a gente trabalhe em lado nenhum, querem proibir tudo, e isto cada vez está mais fraquinho», queixa-se acrescentando, ainda, que a concorrência cada vez é maior, pois «quem tem empregos ganha mal e depois vem para aqui estragar a vidinha à gente».

D.S.

OPAL

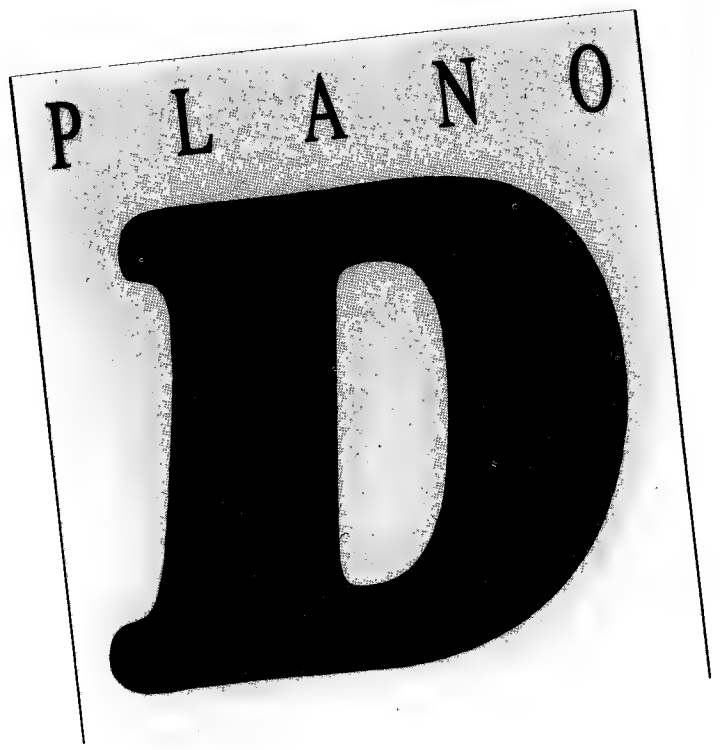
LEITE AGROS
AGORA
COM ABERTURA
FÁCIL

A qualidade da origem.

AGROS

UNIÃO DAS COOPERATIVAS DE PRODUTORES DE LEITE DE ENTRE DOURO E MINHO E TRÁS-OS-MONTES, U.C.R.L.

PORQUE DECIDIR A TEMPO É DECIDIR MELHOR



ASSEMBLEIA

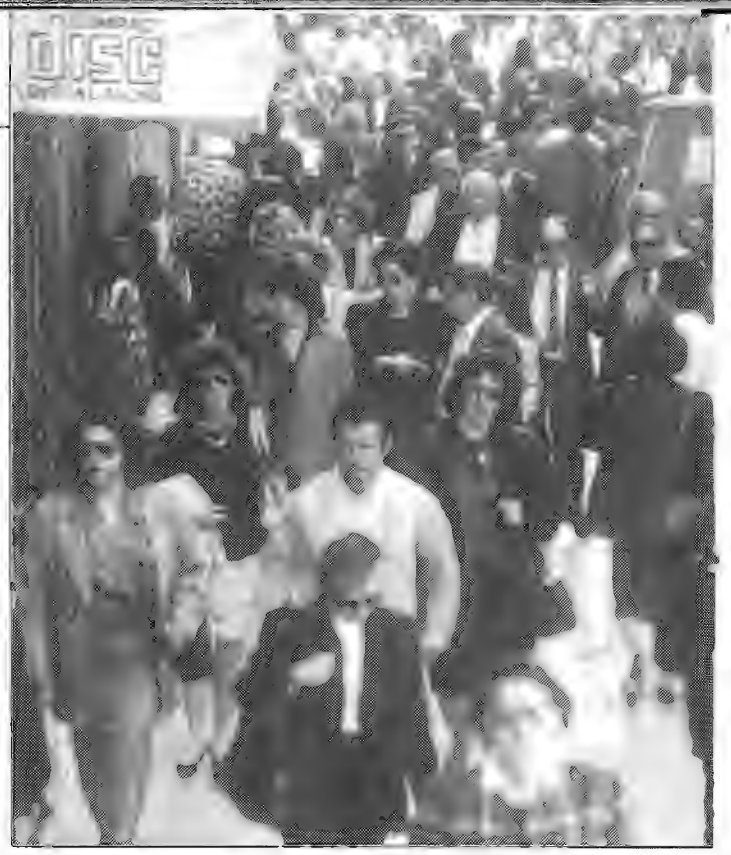
06 ABRIL - 21,30 H. - PORTO SHERATON HOTEL

- PORQUÊ?
  A necessidade de Portugal criar infra-estruturas é recomendada e apoiada pelo Parlamento Europeu e pela CEE com fundos específicos que tem prazos de aplicabilidade.
- POR QUEM?
  Associações, Autarquias, Clubes, Empresas, Comércio, Industria, Desporto, Ensino, Turismo, Saúde, Habitação, Tempos Livres.
- COMO?
  Através do sistema de Consórcio de que somos Líderes Mundiais em Imobiliária.
- ÂMBITO?
  Andares, Consultórios, Moradias, Centros Administrativos, Pavilhões, Salões Polivalentes, Courts de Ténis, Piscinas, Complexos Fabris, Centros de Manutenção, Pistas de Atletismo, Restauro e Melhoria de Estruturas...
- ONDE?
  Em qualquer ponto do País.
- VANTAGENS?
  O sistema de Consórcio, de que somos paradigma, constitui o processo mais fácil, económico, versátil, e com maiores garantias.
  Fornece o pré-cálculo de encargos e prévio conhecimento de custos.
  Incentiva a poupança, e promove a programação do investimento.
- MEIOS?
  A constituição de um grupo homogéneo e uniforme de 240 membros, direccionado a fins comuns, possibilita a concretização mais rápida, e rentável dos projectos, prazos de pagamento alargados, isenção de hipotecas ou outras reservas de propriedade, mensalidades suaves e duas atribuições mínimas mensais pelos critérios de sorteio e licitação.

NORGRUPO

SEDE — AV.ª DA REPÚBLICA, 868/872 - 7.º/8.º - TEL. 307018 - TLX 29741 - FAX 307243 - 4400 V.N. GAIA
DELEGAÇÃO BRAGA — CENTRO COMERCIAL MAXIMINOS - LOJA 3 - TEL. 75019/75219 - 4700
DELEGAÇÃO COIMBRA — RUA FERREIRA BORGES, 34-4.º DT.º - TEL. 36405/36416 - 3000
DELEGAÇÃO LISBOA — RUA FILIPE FOLQUE, 10-1.º DT.º - TEL. 543689/543657/543618 - 1000
DELEGAÇÃO FARO — RUA SOTTO MAYOR, 7-1.º DT.º - TEL. 21318 - 8000

IDEM



Imagine que lhe ofereciam dois empregos que lhe davam, qualquer deles, o suficiente para viver bem. No entanto, aquele que profissionalmente era menos interessante, pagava muito melhor. Qual escolheria? O menos interessante profissionalmente que pagava muito mais ou o mais interessante profissionalmente que pagava menos?

%

	REGIÕES					
	TOTAL	Grande Lisboa	Grande Porto	Lito-ral	Int. Norte	Int. Sul
Menos inter. profis.	26,0	18,9	33,8	33,5	16,5	22,5
Mais inter. profis.	56,3	75,3	50,9	51,3	45,8	53,3
Não sabe	16,0	5,7	15,1	13,5	34,6	20,4
NR	1,7	0,2	0,2	1,7	3,1	3,8

%

	HABITAT				
	TOTAL	Até 2000	2000 a 10000	10000 a 100000	Mais de 100000
Menos inter. profis.	28,1	18,9	25,7	25,5	
Mais inter. profi.		48,8	60,1	66,0	69,3
Não sabe		21,1	19,1	6,8	4,9
NR		2,0	2,0	1,5	0,3

%

	CLASSES				
	Total	A/B	C1	C2	D
Men. inter. prof.	26,0	24,0	21,8	32,1	21,2
Mais inter. profi.	56,3	70,1	67,4	50,3	38,7
Não sabe	16,0	4,7	10,0	15,7	37,1
NR	1,7	1,2	0,8	1,8	3,0

%

	Idades			Sexo	
	15/34	35/54	+55	Masc.	Fem.
Men. inter. profi.	23,5	34,3	20,4	27,5	24,8
Mais inter. prof.	68,6	53,8	42,0	60,4	52,6
Não sabe	7,4	11,3	33,2	11,4	20,1
NR	0,5	0,6	4,4	0,7	2,5

%

	RELIGIÃO					
	TOTAL	Católica	Protes-tante	Orto-doxa	Teste. Jeová	Agnós-tico
Menos inter. prof.	26,0	27,0	27,6		21,8	18,6
Mais inter. prof.	56,3	54,1	68,2		74,0	79,5
Não sabe	16,0	17,2		100,0	4,2	1,8
NR		1,7	1,7	4,2		

Entre o fazer e o haver é difícil escolher

O Bruno tem 16 anos, é excelente aluno e adora computadores. Quer formar-se em Engenharia Informática porque é uma profissão de futuro. Quando lhe perguntamos pelo pai, 40 anos, artista plástico, responde: «Continua a fazer bonecos, isso não dá nada.» O primeiro faz o que gosta para ganhar, o segundo gasta para fazer o que gosta. Nem sempre a escolha é fácil e imediata.

Este pequeno relato mostra-nos aspirações completamente diferentes. Estas não estão ligadas só a sentimentos ou tendências individuais, mas principalmente à percepção e à representação do mundo exterior. O meio social e cultural é determinante na imagem que os indivíduos têm de si e dos outros. Um outro problema é a possibilidade de escolha dos indivíduos.

A sociedade actual, através dos *mass media*, publicita o «homem novo» como um indivíduo bonito, educado e com sucesso. O sucesso define-se por uma profissão de prestígio e bem remunerada. É o futuro da geração do Bruno. Há 30 anos defendiam-se ideias menos conservadoras e materialistas. Era a época do sonho, da criatividade, aquela que formou os pais do Bruno. Os símbolos da juventude eram outros. Hoje, o dinheiro tornou-se uma variável importante no estudo das aspirações. A forma como as pessoas projectam o seu futuro profissional e familiar é limitada pelas condições económicas. A situação financeira tem um papel fundamental na relação entre as aspirações e meio social.

Contrariando esta tendência do mundo moderno, a nossa sondagem revela-nos que os portugueses são pouco materialistas na escolha da profissão. Face a dois empregos, um bem remunerado e outro mais interessante, a maioria, 56,3 por cento, opta pelo segundo. Ou seja, o salário não é importante.

A pouca afeição que tem ao dinheiro é também patente quando 53,6 por cento das pessoas afirma que os bens dos outros não as escandaliza. Mas, mais uma vez, se deve fazer a distinção entre a ideia que as pessoas têm de si, o julgamento que fazem dos outros e aquilo que pensam que os outros esperam de si. Uma análise destes três vectores levaria, como se poderá ver na interpretação de outras questões, a conclusões diferentes. Por exemplo, 36,6 por cento dos indivíduos consideram-se mal pagos.

Entendemos que a variável idade, pelas diferenças de valores e situação profissional, pode suscitar outra leitura. De facto, há uma grande percentagem de jovens, 25,7 por cento, a optar por uma profissão bem remunerada. Sendo este grupo etário, 15 a 24 anos, a principal vítima do desemprego e encontrando-se no início de uma vida activa e familiar, é natural a preocupação monetária.

O mesmo não se poderá dizer da classe de idades entre 35 e 54 anos, a que escolhe com mais frequência um salário elevado, 34,3 por cento. São pessoas estabilizadas na vida, dando particular valor a um certo bem-estar social, o grau de consumo é muito maior. Em situação oposta encontram-se os indivíduos entre 25 e 34 anos. Revelando uma posição idealista, 74,5 por cento opta por um trabalho com interesse.

O meio sociogeográfico revela-nos três atitudes face à questão. Os que escolhem o emprego mais interessante, os que dão uma importância relativa ao salário e os que têm dificuldade em responder. No primeiro caso encontramos Lisboa, 75,3 por cento escolhe um trabalho mais criativo. Este resultado é explicável por na capital existir uma maior opção de escolha e salários mais elevados. No segundo, registamos as percentagens do Grande Porto e Litoral, 33,8 e 33,5 por cento, respectivamente. Não podemos esquecer que são zonas do País em grande ascenção económica, onde o dinheiro assume um papel cada vez mais importante. No terceiro, surge o Interior Norte, 34,6 por cento não sabe qual escolher.

As possibilidades de acesso bem como o meio social explicam melhor a posição dos indivíduos. São as classes altas aquelas que escolhem maioritariamente o emprego mais interessante, 70,1 por cento. Na situação inversa encontramos duas classes, a média inferior (C2), 32,1 por cento opta pelo que pagava melhor e a classe baixa (D), 37,1 por cento não sabe o que escolhia. Para as classes superiores não existem problemas económicos, têm garantidos um nível de vida elevado, por isso o dinheiro não assume um papel preponderante como acontece nas classes inferiores.

Estas não têm satisfeitas as necessidades mínimas de subsistência. Na classe baixa, com menor poder de escolha e economicamente mais débil, o importante é ter emprego. Se é bem remunerado, se é mais interessante, é uma questão secundária.

Céu Neves

RELÓGIOS
Qualidade e modernidade
Preços acessíveis
300 modelos à escolha

Q&Q
BRAND
Quality and Quantity

PARA UMA IMAGINAÇÃO SEM LIMITES, OS RELÓGIOS DE OPÇÃO ILIMITADA

Fábricado por
JAPAN CBM CORPORATION
Tóquio

Representante oficial
DJR - Importação e Exportação, Lda.
Rua de Benformoso, 69 - 2.º 1100 Lisboa
Telef. 87 68 29 - 87 10 41 Fax 87 13 21 - 87 07 54

ANDAMOS
A PAR E PASSO
COM O FUTURO

O caminho de ferro é um espaço onde se desenvolvem as tecnologias mais avançadas. E o seu campo de aplicação, em Portugal, é vastíssimo.
Nas locomotivas, carruagens, estruturas da via, sinalização, automatização das passagens de nível e na informática adaptada já à marcação de lugares e gestão do parque de vagões.
Os Caminhos de Ferro Portugueses fazem questão de andar a par e passo com o futuro.
Sempre na perspectiva de melhor servir o público em rapidez, segurança, comodidade e eficiência.

Caminhos de Ferro Portugueses

Operário/profissão, de futuro

As pessoas não estão interessadas no dinheiro. O importante é ter uma profissão interessante. Já o sabemos, disseram-nos os inquiridos nesta sondagem. Nós chegámos a outras conclusões quando fomos à procura dos estudantes das profissões do futuro. Falámos com alunos da construção civil, engenharia e gestão. Sendo diferente as aspirações de um aprendiz de estucador ou de gestor, o objectivo é o mesmo, ter uma boa profissão, ganhar bom dinheiro.

As opiniões não diferem muito no seu conteúdo. Apenas na forma se nota a clivagem social e cultural. Em contraponto duas atitudes e maneiras de encarar a vida. Se o João, 19 anos, do Fundão, revela: «Já tive muitas profissões, mas esta é a única que dá mais dinheiro. Posso ganhar mais de cem contos por mês», o Carlos, da mesma idade, de Beja, diz-nos: «Eu queria qualquer tipo de engenharia, mas pensei que com Engenharia Civil talvez tivesse mais facilidade de colocação», acabando por reconhecer que com este curso pode ganhar mais. Profissão interessante e salário elevado estão, muitas vezes, associados. A maioria dos alunos do Centro de Formação Profissional da Indústria da Construção Civil e Obras Públicas (CENFIC) são africanos, em especial da Guiné, Cabo Verde e Angola. Grande parte dos estudantes portugueses vêm da província. Este dado é bem representativo do que se passa na Construção Civil. As idades oscilam entre os 15 e 26 anos.

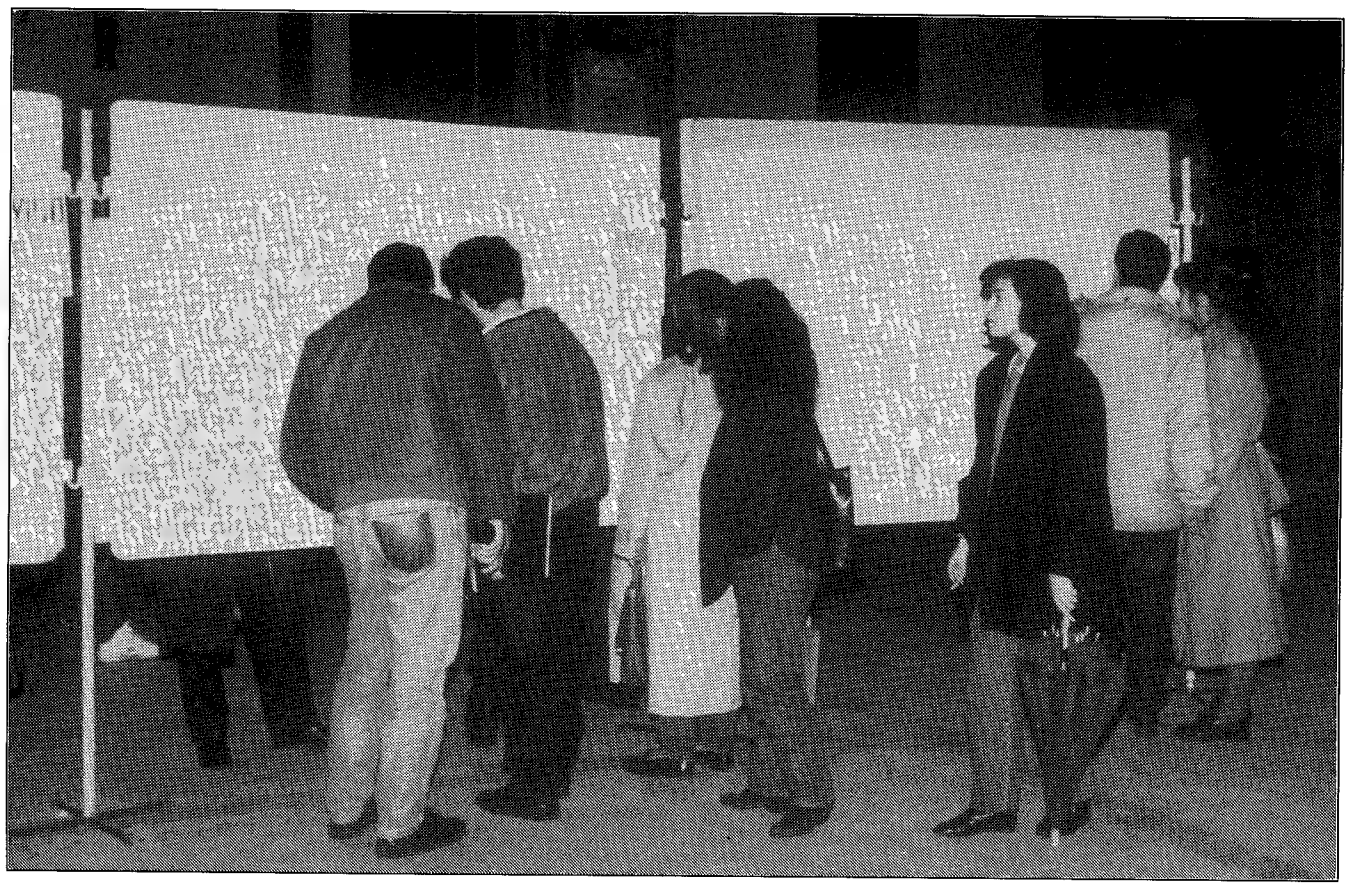
O que os levou a frequentar estas acções de formação financiadas pela CEE foi a necessidade de obterem uma qualificação profissional. Muitos deles já trabalhavam como serventes. Segundo um dos monitores «um aluno nestas condições evolui mais rapidamente.Em três meses começa a fazer trabalhos que lá fora leva anos a aprender». Não podemos esquecer, ainda, que recebem um subsídio de 28 mil escudos, muito perto do salário mínimo nacional.

Para os formandos de estucador, pedreiro e carpinteiro, o que os levou a escolhèr estes ramos foi a necessidade de «ganhar dinheiro e ter uma boa profissão», onde há falta de mão-de-obra. A resposta mais curiosa é a do Fernando, 26 anos, Guiné: «Faço isto para ajudar a minha família. Era servente, mas os estucadores ganham mais. Há outros na Construção Civil que também ganham bem, mas nós trabalhamos à sombra, dentro de casa.»

Os estudantes de Engenharia Electrónica e Computadores e Engenharia Civil pretendem exercer uma actividade interessante. Muitos fizeram a sua opção quando estavam no 9.º ano unificado, ainda não pensavam num emprego. Hoje são funções bem remuneradas, o que torna mais aliciante a escolha. O mesmo se passa com os alunos de Gestão, profissão nova e em expansão. Por exemplo, Mário, 24 anos, 4.º ano, gosta desta área, mas reconhece: «É uma profissão de muito futuro, em termos de mercado de trabalho no nosso país, é o que tem mais saídas profissionais.»

C.N.

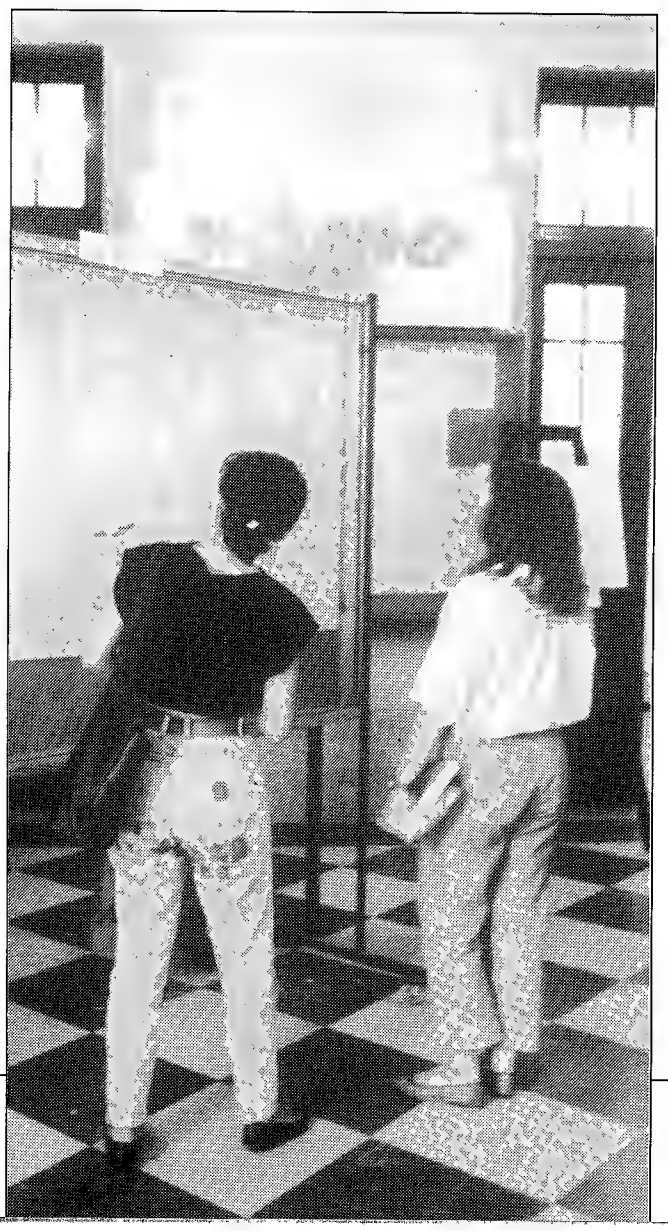
Bata branca substitui o sujo fato macaco



Quando se fala em profissão de futuro pensa-se em colocação imediata e salário elevado. Foi a primeira conclusão a que chegámos na nossa investigação. No Fórum Estudante, num debate sobre este tema, um dos convidados, especialista em comunicação empresarial, perguntou a outro que defendia a educação como uma via e explorar: «Quanto ganha um professor?» A resposta foi: «Tudo tem de ser ensinado». No entanto, em Portugal, o ensino não faz parte da lista de empregos com futuro. Estes encontram-se nas áreas da Engenharia, Informática, Biologia, Gestão/Marketing e Construção Civil. Em regra, os alunos preferem usar uma bata branca, optam por trabalhos limpos.

É evidente que sobre este tema várias são as opiniões. Empregos em desenvolvimento e expansão, profissões de prestígio e funções bem remuneradas são situações completamente diferentes. O último «Semanário» publica uma sondagem revelando que, para os inquiridos, Economia e Direito são os cursos mais indicados para se fazer parte da elite portuguesa.

Para os organizadores do Fórum as profissões do futuro passam por uma licenciatura. Com opinião diferente, o Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) entende que a Construção Civil é uma fonte inesgotável de emprego. Numa colecção intitulada «Profissões do Futuro» podemos encontrar informações sobre soldador, estucador, pedreiro, carpinteiro, etc. No que todos parecem estar de acordo é que o mais importante é ter uma boa formação, ter uma qualificação.



A análise às ofertas de emprego publicitadas nos jornais, em Outubro do ano passado, revela que as profissões mais procuradas são técnicos comerciais, 20 por cento dos anúncios, gestores/economistas, 15 por cento, e engenheiros electrónicos, 10 por cento. Este estudo feito pela MSL, empresa de recrutamento e selecção de pessoal, e publicado no «Semanário» de 30 de Novembro do ano passado, indica que os sectores de actividade com maior procura são importação/exportação, 19 por cento, electrónica, informática e telecomunicações, 14 por cento, ensino e químico-farmacêutico, 10 por cento e construção civil, 9 por cento. Em termos de remunerações, os quadros superiores dos transportes aéreos destacam-se de todos os outros.

Uma outra pista para encontrar as profissões de futuro são os cursos existentes num país. Nos últimos cinco anos as áreas de estudo em que se oficializaram mais licenciaturas foram a Engenharia, Informática, Educação e Gestão. O que quer dizer que o sistema educativo tem, de alguma forma, acompanhado a evolução profissional. Em contrapartida, desapareceram algumas licenciaturas de Letras.

A formação profissional do IEFP, em colaboração com as empresas, procura incentivar os trabalhos ligados à construção civil e indústria.

O acesso à profissão é sempre limitado pelo estatuto sociocultural de cada indivíduo. No entanto, este aspecto nem sempre é tido em conta pelos jovens que procuram o primeiro emprego, como nos referem as técnicas do IEFP, Fernanda Leitão e Telma Ruas. As pessoas estão mais viradas para as chamadas profissões limpas. Qualquer actividade ligada ao terciário é bem aceite, mesmo quando apenas se tem a quarta classe. Os trabalhos sujos, de fato macaco, apesar da facilidade de colocação e do salário, um mestre ganha cinco contos diários, têm dificuldade em arranjar alunos. Os cursos de informática são os mais procurados nos Centros de Emprego deste organismo.

Sobre as preferências dos alunos o Ministério da Educação, por estranho que pareça, não tem estudos. No entanto, a observação das listas de candidatos para o Ensino Superior publicadas recentemente permite-nos concluir que há, de facto, uma boa aceitação dos cursos mais recentes. Por exemplo, no Instituto Superior Técnico, Engenharia Electrónica e Computadores é o que tem maior número de inscritos, 1834 alunos.

Em segundo lugar encontra-se Engenharia Civil, 1340 e Engenharia Informática,a iniciar este ano lectivo, ocupa o quarto lugar das preferências, 1086 inscrições. Num total de 8231 candidatos, estas três licenciaturas têm a preferência de metade...

C.N.

Comilões aperaltados e tristes

São 25 mil produtos. A escolha é difícil e a tentação para o supérfluo grande

Parado, o homem continuava a olhar para a montra. Tinham passado 15 minutos. Sentia-se confuso, com medo do que os outros pudessem pensar ao verem-no com «aquilo». Entrou, perdeu a cabeça... mas aquele pullover cor-de-rosa era o máximo. Nunca tinha pensado em usar um tom de senhora. Mas, quando saiu da loja, teve de reconhecer, era outra pessoa. As calças de corte italiano, a camisa de seda e o jaquetão ficavam-lhe mesmo a matar. Para já não falar da gravata às cornucópias. Naquele fim de tarde, tinha gasto todo o dinheiro da sua conta poupança. «É um investimento», pensava. Estava convicto de que o seu visual iria fazer sucesso. O chefe olharia para ele doutra forma e os colegas iriam roer-se de inveja, mas respeitá-lo-iam. Talvez o escolhessem para representar a empresa na próxima viagem. Além do mais, havia ainda uma vaga de coordenador de departamento por preencher. Parece que já estava a ver o seu nome na porta do gabinete, ao fundo do corredor.

Vestir bem é uma preocupação cada vez mais evidente do sexo masculino. Os homens chegam mesmo a gastar mais dinheiro que as mulheres no vestuário. Este um dos dados que nos revelam os resultados desta sondagem. Os homens libertaram-se, finalmente, das cores tradicionais e de estilo único. O rosa deixou de ser para a menina e o azul para o menino. Agora, as cores são universais e tudo lhes é permitido: riscas, bolinhas, xadrez, rosa, roxo, pistachio, calções, colants de lã, maquilhagem... o importante é deslumbrar. Nunca os homens se produziram tanto. Eles trabalham o corpo, arranjam os cabelos e insinuam-se. A própria publicidade cultiva esta imagem, usando e abusando do corpo do homem para tudo o que é anúncio, seja de bebidas, de carros ou pasta de dentes. É a arte da sedução, sinal de que certos padrões e tabus estão a cair na sociedade.

Não é por acaso que lojas de moda masculina invadem o mercado, que os melhores costureiros são homens e que as mulheres começam a preferir as camisolas e os blazers estilizados para o sexo oposto. Os sociólogos dizem que não se trata de um fenómeno de inversão de valores, mas da aproximação de padrões para os dois sexos. É um fenómeno natural numa sociedade cada vez mais permissiva.

Também não é por acaso que os resultados nos indicam que a classe média e a faixa etária mais jovem são os que mais gastam em vestuário. Tal facto tem a ver com a ascensão social pelo visual. Ser-se por aquilo que se veste, pelo carro e casa que se tem. A regra é: se quero ascender socialmente tenho que seguir os padrões que vêm de cima.

Contudo, não é no vestuário que os portugueses gastam mais dinheiro. A alimentação é o factor que aparece logo no início da hierarquização dos gastos. Tem maior peso nas classes médias e baixa e no escalão entre os 35 e os 54 anos. Segundo dados divulgados pelo INE, em 1981, Portugal era o país da Europa que mais gastava na alimentação. Passados dez anos a situação mantém-se, embora as previsões para 1995 indiquem uma diminuição dos números. O nosso povo gosta de comer muito e bem. Mais do que uma necessidade comer é um prazer. Os estrangeiros

FAÇA O LANÇAMENTO DA SUA VIDA E...
GANHE MILHÕES NO...
TOTOBOLA

Bozell Sensus

totobola
MARQUE CERTEIRO GANHE MUITO DINHEIRO

ELECTROCOOP

1975-1990
15 ANOS
AO SERVIÇO
DO
PROGRESSO

ESPECIALIZADA EM:
MONTAGENS ELÉCTRICAS EM
EDIFÍCIOS PÚBLICOS E PARTICULARES

R ADRIANO CORREIA DE OLIVEIRA 22-B
TELEF. 229 35 36
LARANJEIRO – 2800 ALMADA

Na sala do espectáculo do consumo

dizem mesmo que a comida dos portugueses é como eles «farta e pesada». Estes resultados têm, também, a ver com os rendimentos. Trata-se de uma necessidade e, por isso, é natural que absorva a maior fatia do orçamento familiar das classes média e baixa.

Talvez por estar mais desprotegida e exposta a condições de vida não muito dignas é que a classe D apareça em primeiro lugar nos gastos com a saúde, a segunda despesa eleita por 28,9 dos inquiridos. Em 1981, os portugueses eram os que menos despendiam dinheiro para a saúde. Os números indicavam 2,6 contra 9,0 da Holanda e 5,6 da França. No entanto, as previsões sempre apontaram uma tendência para subir. Facto que se tem sentido.

Disso se queixam a classe D e os idosos que vêem o seu dinheiro ir quase todo para a farmácia. Foram as mulheres que puseram a saúde como primeira despesa, o que não quer dizer que sejam mais doentes que os homens. Simplesmente, entre nós, o conceito de saúde ainda aparece muito ligado à estética. Daí que, possa estar incluído neste gasto, tudo o que é produtos cosméticos e de emagrecimento, vendidos em farmácias e devorados, sobretudo, pelo sexo feminino dos 35 aos 54 anos.

A habitação é uma das despesas que não tem grande expressão para os portugueses se tivermos em conta os níveis atingidos na Europa. Trata-se de um gasto que afecta mais o grupo dos 34 aos 54 anos e a classe média alta.

É neste escalão etário que,

continua na pág. 43

«Um funcionário da secção «ménage» à caixa 20. O sr. Joaquim Santos à recepção. O proprietário do automóvel GI-30-40 é favor dirigir-se ao gabinete de segurança, junto à porta de saída...». A voz feminina que ecoava do altifalante do hipermercado não parava de debitar nomes. Corredores cheios, atropelos, choques. «Rui deixa as batatas fritas, a mãe já leva um pacote»- dizia a senhora para a criancinha que se divertia a tirar e a meter os produtos da prateleira. «Quero dois», respondia, mas não teve sorte nenhuma. «Vamos embora. Estou farta de estar aqui. Anda tudo louco» - resmungava uma senhora.

A funcionária continuava a chamar o proprietário do GI, que não aparecia. De certo, andava demasiadamente absorvido pela ânsia de comprar para prestar atenção à voz do altifalante.

O hiper é assim: enlouquece. Tornou-se um lugar de culto, um templo levantado ao ideal do consumo, que provoca reacções antagónicas, exalta o prazer e a indignação. «Detesto vir aqui. Só o faço porque ainda acredito que os preços valem a pena, mas isto transtorna as pessoas. Parece que ficam fora de si. Se tivessem dinheiro levavam tudo quanto aqui há» - dizia-nos Isabel Fernandes, que vai ao hipermercado uma vez por mês e leva já a lista de compras para não ser tentada.

Nem todos fazem o mesmo e as reacções começam cá fora, mesmo antes de se entrar no espaço onde se efectua o acto de compra. Parque de estacionamento cheio. Há quem clame «meu reino por um lugar ou um carrinho de mão». Nada, a impaciência estala. Pensa-se que as compras irão desanuviar a tensão. Mas, os empurrões, a confusão, a espera interminável para pagar ainda exasperam mais.

Visitar o hiper tornou-se um hábito é quase uma peregrinação. Isto, porque comprar, naquele espaço, onde se encontra de tudo e os preços são mais baratos, vale a pena.

O acto de compra é isso mesmo, compensatório. Enquanto fenómeno social funciona como um espaço reservado à loucura, à explosão incontrolada das insatisfações. Por isso, dizer-se que o consumo é muito mais um fenómeno do mundo do espectáculo que económico não é totalmente descabido. Ele vive, sobretudo, de padrões socio culturais, do desejo de posse, da exuberância e abundância.

A lógica é simples: compra-se porque outros também o fazem e deseja-se porque outros também têm.

Se a questão é consumir, os 25 mil produtos expostos no hiper facilitam a tarefa.

Na verdade, o consumidor vai lá para comprar produtos essenciais - leite, óleo, batatas, peixe, carne... - e acaba sempre por trazer mais qualquer coisa. Só depende do que estiver em promoção. «Estou fula comigo. Vinha só para comprar uma cafeteira e comida e levo o carro cheio de edredons e lençóis. Bom, também são bons e temos que aproveitar as oportunidades. Levo sempre mais do que queria» - dizia-nos Maria da Conceição.

Os comerciantes contradizem esta tendência. O gerente do Continente, engenheiro Jorge Almeida, afirmou ao «DL» que o efeito hipermercado já estava ultrapassado. «As pessoas vêm aqui às compras porque sabem que compensa, mas não levam mais do que tinham pensado. A filosofia de comprar já não é essa» -disse-nos.

Mas, sem dúvida que, as pessoas vão e compram sempre mais, sobretudo, produtos de consumo instantâneo, de prazer efémero.

O mês passado foram os chocolates, o vinho do Porto, o espumante e o peru. Vive-se a era dos objectos e da ânsia do uso imediato.

A.M.I.

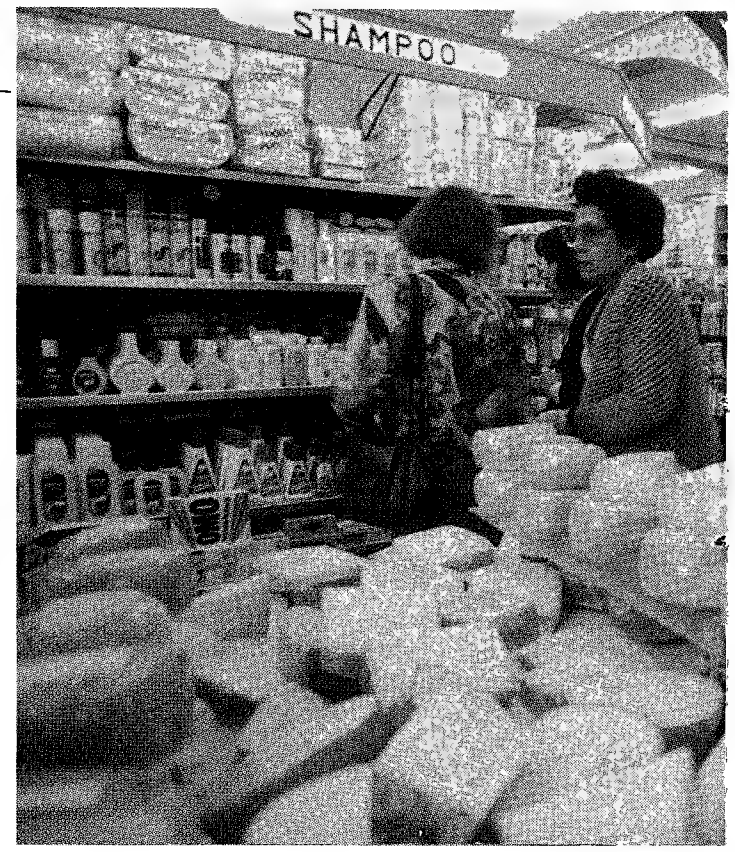
Onde gasta a maior parte do dinheiro que ganha? Hierarquize as despesas.

%

	CLASSES				
	Total	A/B	C1	C2	D
1.º LUGAR					
Total	7611	1142	2207	2968	1294
Habitação	10,8	12,0	15,5	7,5	9,6
Saúde	7,7	3,7	3,3	8,4	17,3
Alimentação	68,5	61,2	69,2	72,9	63,5
Prazer	3,0	5,9	2,3	2,1	3,6
Poupança	1,1	1,8	1,1	1,0	1,0
Vestuário	4,7	7,2	7,7	3,6	
NR	4,1	8,3	0,9	4,5	5,0
2.º LUGAR					
Habitação	20,0	24,6	25,9	17,4	11,8
Saúde	28,9	11,8	21,4	34,5	43,9
Alimentação	17,0	13,2	17,8	14,4	25,0
Prazer	4,3	5,5	7,4	1,6	3,9
Poupança	4,6	7,7	2,4	5,9	2,7
Vestuário	20,0	27,0	23,3	20,6	6,7
NR	5,3	10,2	1,8	5,7	5,9
3.º LUGAR					
Habitação	22,6	15,8	17,0	22,5	38,5
Saúde	23,3	19,2	26,5	24,6	18,1
Alimentação	4,7	7,5	5,7	3,6	3,2
Prazer	5,1	5,9	6,9	4,2	3,1
Poupança	11,9	15,2	13,6	10,8	8,4
Vestuário	24,3	23,0	26,7	24,6	20,7
NR	8,2	13,3	3,6	9,7	7,9
4.º LUGAR					
Habitação	10,9	11,0	8,8	13,5	8,5
Saúde	12,9	15,7	20,3	10,7	2,9
Alimentação	1,5	2,8	2,7	0,7	
Prazer	11,0	25,3	11,5	6,6	7,3
Poupança	21,7	18,0	22,5	24,8	16,1
Vestuário	26,7	11,5	22,3	25,4	50,4
NR	15,4	15,8	11,8	18,3	14,8
5.º LUGAR					
Habitação	8,0	7,7	6,7	8,4	9,6
Saúde	10,5	19,9	13,6	6,5	5,9
Alimentação	0,7	0,6	1,4	0,2	0,7
Prazer	16,9	17,2	22,7	17,5	5,0
Poupança	29,5	22,4	26,3	25,8	49,6
Vestuário	13,1	14,8	13,6	15,1	6,0
NR	21,4	17,3	15,7	26,5	23,2
6.ºLUGAR					
Habitação	11,6	12,4	14,3	10,9	8,0
Saúde	4,0	12,7	4,6	1,0	2,0
Alimentação	0,2	0,6	0,2	0,3	
Prazer	41,7	25,6	37,0	44,7	57,2
Poupança	15,9	21,9	21,9	13,0	7,1
Vestuário	2,8	7,4	3,3	1,4	1,4
NR	23,7	19,4	18,9	28,7	24,3

%

	IDADE			SEXO	
	15/34	35/54	+ 55	Masc.	Fem.
1.º LUGAR					
Total	3006	2436	2169	3585	4026
Habitação	12,7	11,8	7,2	11,2	10,5
Saúde	2,4	4,7	18,5	5,6	9,6
Alimentação	56,5	81,2	70,7	66,4	70,4
Prazer	7,5	0,1		4,6	1,6
Poupança	12,5	0,5		1,3	1,0
Vestuário	11,4	0,4	0,3	6,9	2,8
NR	7,0	1,3	3,2	4,1	4,1
2.º LUGAR					
Habitação	22,8	23,1	12,5	20,7	19,4
Saúde	10,1	28,6	55,3	24,8	32,6
Alimentação	16,1	15,2	20,3	14,9	18,8
Prazer	7,9	2,5	1,3	5,8	2,9
Poupança	7,4	3,3	2,1	7,5	2,0
Vestuário	27,7	23,7	5,1	21,3	18,9
NR	8,0	3,6	3,3	5,1	5,4
3.º LUGAR					
Habitação	11,6	23,0	37,5	19,5	25,4
Saúde	21,0	33,2	15,2	25,3	21,5
Alimentação	6,9	2,1	4,8	7,2	2,5
Prazer	8,4	2,7	3,1	7,3	3,1
Poupança	13,9	8,4	12,9	12,2	11,6
Vestuário	26,1	25,7	20,3	20,9	27,4
NR	12,1	4,9	6,3	7,7	8,6
4.º LUGAR					
Habitação	6,7	13,4	14,0	7,4	14,0
Saúde	18,0	15,2	3,1	11,9	13,7
Alimentação	3,4	0,3	0,2	1,9	1,1
Prazer	16,3	8,8	6,0	13,2	8,9
Poupança	18,1	24,8	23,2	25,2	18,5
Vestuário	15,0	27,6	41,9	24,6	28,5
NR	22,5	10,0	11,7	15,8	15,1



A alimentação é a principal

Comilões aper

continuação da pág. 41

normalmente, se arrisca na compra de uma casa. A ascensão social e uma certa estabilidade socioeconómica são factores que também podem ter influenciado estes dados.

A habitação não tem muito peso no orçamento dos mais novos, que sofrem de indisponibilidade financeira e canalizam os seus rendimentos para outras áreas. Por exemplo, para o prazer.

Embora apareça no fim da tabela, o prazer é importante para os inquiridos mais jovens que, nas primeiras despesas, responderam gastar mais nesta área que qualquer outro escalão. Os restantes relegam-no para último plano, até porque, em Portugal, ainda há muito a ideia de que não se deve gastar dinheiro com o prazer.

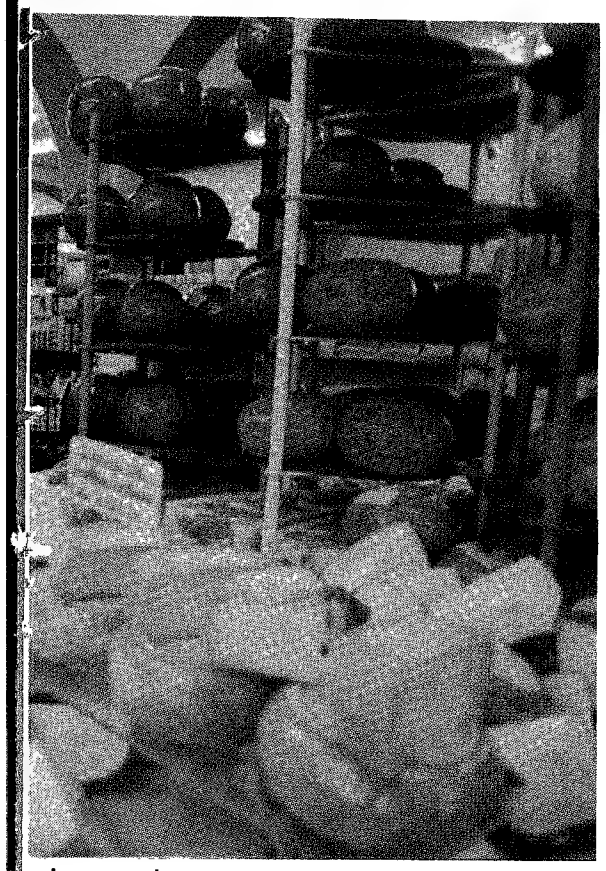
Misérias

Tem uma figura franzina, as mãos trémulas, enrugadas pelo tempo, e olhos pequenos, que não param de chorar. Sofre do coração e já foi internada quatro vezes. Diz-nos que vai vivendo, às vezes, com muita amargura, e se ainda anda de pé é porque o filho a ajuda. A sua reforma, agora de 11 mil e 200 escudos, não chega para os medicamentos quanto mais para comer ou pagar a renda da casa. Chama-se Ermelinda de Jesus. Tem 80 anos e vive em Alfama. «Se não fosse o meu filho não comia. Não tinha dinheiro para as duas coisas. Ainda agora me trouxe quatro contos de remédios. São tantos que até lhe perco a conta» - disse-nos.

Como ela muitos outros há, que chegam ao fim do mês e vêm uma boa fatia da sua reforma ir para os anti-inflamatórios, para as gotas da tensão, para as injecções do reumático e para os comprimidos do coração. Já sem falar na espera interminável para as consultas, a que se sujeitam para ter desconto nos medicamentos.

Os resultados da sondagem do «DL» não deixam dúvidas quanto a esta realidade. Os números revelam que 43.9 e 34.5 por cento dos inquiridos da classe baixa e média baixa, respectivamente, afirmam ser a saúde a segunda despesa do seu orçamento familiar, depois da alimentação. A percentegam cresce ainda mais se tivermos em conta que o grupo etário com mais de 55 anos é a grande vítima, com 55.3 por cento. O facto de alguns medicamentos terem deixado de ser comparticipados e o aumento exorbitante do preço de outros estão na base destes números.

Os próprios técnicos de saúde dizem-nos que a caixa não dá a assistência que as pessoas precisam, principalmente aos idosos. «É um crime fazer com que velhotes de 60, 70 e até de 80 anos vão às 4 e 5 da manhã para a porta do posto à espera de consulta,



despesa dos portugueses

altados e tristes

Há como que uma rejeição imediata do assumir dos gastos neste campo. Os portugueses são uns tristes. A televisão é um dos factores que conduz à apatia cultural. Mas, para 1995 as previsões dizem-nos que o prazer terá maior destaque na vida dos portugueses, o que já acontece nos restantes países da Europa, sendo uma das rubricas onde se gasta mais dinheiro.

Quanto à poupança, só 29,5 dos portugueses a puseram em primeiro lugar. Ficou provado que a Classe A/B não poupa, investe. Quem mais amealha é a classe D, obviamente que não é por ter mais rendimento, mas por necessidades da vida.

Quando há dinheiro há que pensar no futuro e em aferrolhar.

Ana Mafalda Inácio

da saúde

que, às vezes, não conseguem. Já tive que pedir a certos médicos para consultarem doentes e não lhes levarem dinheiro ou, então, ser eu a pagar as despesas» - confessou-nos a drª Dilar Lopes, proprietária de uma farmácia, em Alfama.

Trata-se de uma situação que tem vindo a piorar de ano para ano e é cada vez mais sentida nos bairros degradados, onde a população é maioritariamente envelhecida e de parcos recursos económicos.

Virgínia Amorim tem 78 anos e também vive em Alfama. Para ela o Inverno é terrível. Ataca-lhe o reumático e a reforma vai quase toda para a farmácia. Chega a gastar cerca de seis a sete contos, por mês. O que lhe vale é a ajuda do filho, que ainda mora com ela, e do empregado da farmácia onde se abastece. «O sr. Mário é muito bom e deixa-me pagar quando recebo a reforma, senão não sei o que era de mim» - contou-nos a dona Virgínia.

Mário Quaresma trabalha há 25 anos em farmácias. Começou aos 11 a encher sacos de bicarbonato e a entregar encomendas. «Não tinha outra hipótese: era a bata branca ou ferrugem. Por uma questão de limpeza, embora fosse ganhar menos dez escudos, preferi a bata branca e os pozinhos» - diz-nos. Hoje, confessa-nos que não abandona a profissão por nada deste mundo e está sempre pronto a ajudar alguém. Chega a fazer quatro a cinco serviços permanentes por mês e a abrir a farmácia para atender qualquer urgência. «Tento ser o mais humano possível. Não sou capaz de cobrar dinheiro quando vejo que as pessoas não têm, nem para comer. À noite, chego a não meter a taxa. Se se trata de uma urgência e se o medicamento é muito caro. Não há nada como nos ajudarmos uns aos outros. Se o Estado não faz temos de ser nós» - afirmou ao «DL».

A.M.I.

Quanto mais pobres menos invejosos

A maioria dos portugueses (53,4 %) não se escandaliza com o dinheiro excessivo de outros portugueses, embora seja igualmente significativa a percentagem dos que se escandalizam muito ou pouco, 45 por cento.

Uma análise mais detalhada desta sondagem leva-nos a concluir que as reacções mais negativas partem de classes médias em ascensão e que é muito menor a inveja de classes pobres ou dos habitantes de regiões menos desenvolvidas.

Isto se conclui da descriminação por habitat: as gentes mais ricas do Porto são as que se escandalizam mais (64 %) e as do Interior Norte as que se escandalizam menos (23 %). E isto se confirma numa análise resultante da caracterização classista: de facto, é a classe baixa a que menos se escandaliza com os ricos (34,1 %), o que contrasta com a reacção da classe média superior, em que 52,8 por cento dos inquiridos se considera chocado com o excesso de dinheiro na mão dos outros.

O sociólogo Paquete de Oliveira, confrontado com estes resultados, adiantou uma explicação: "a classe média é a de mais forte mobilidade ascensional, a que mais aspira a ser rica, a que, naturalmente, se acha em condições mais favoráveis para ter dinheiro.

Mas, como nos últimos anos tem sido muito penalizada e atravessado algumas dificuldades, agasta-se no confronto com as realidades e com a comparação com aqueles que exibem mais dinheiro. Pelo contrário, as classes pobres estão marcadas pelo conformismo, interiorizado por valores morais e religiosos."

Esta relação afectiva com a riqueza, marcada pela cobiça, pela inveja, mergulhada numa competitividade que assume, por vezes, aspectos ferozes, é típica de uma sociedade que, politicamente, começou recentemente a ser gerida por princípios de darwinismo social, tão do gosto dos neo-liberais.

Esta doutrina, expandida, no século passado, nos Estados Unidos, por Herbert Spencer, elege os ricos como o produto de uma selecção natural, as dos mais capazes, as dos condutores do progresso e de desenvolvimento, e condena os pobres a uma eutanásia, destinada a doentes sociais. Spencer chegou a cobrir a doutrina com um manto bíblico, para desculpabilização dos ricos e conformismo dos pobres, ao escrever: "Deus quis que os grandes fossem grandes e os pequenos, pequenos."

Portugal atravessa uma nova fronteira, a do desenvolvimento, cuja travessia origina um realinhamento de classes dominantes, o acesso de novos protagonistas ao poderio económico, aos quais arrastam, por sua vez, um novo séquito, sequioso de riqueza. Tudo isto origina algum novoriquismo, muita inveja, bastantes perfídias. A competição sobreleva a justiça e disto tudo dão uma ligeira e apagada imagem os resultados desta sondagem.

A justiça vai ter de esperar o momento em que houver consciência social de que o progresso não se mede apenas pelo cifrão desmesurado.

Como escrevia outro americano, este dos raros economistas ianques de tendência socialista, Henry George, "Se todo o aumento de riqueza que o progresso traz não fizer outra coisa senão edificar grandes fortunas, aumentar o luxo e acentuar o contraste entre a Casa da Posse e a Casa da Necessidade, o progresso não é real e não pode ser permanente."

Mas continuemos a catar mais algumas realidades sociais no tecido complexo desta sondagem. Verificamos, por exemplo, que os que ainda não entraram no mercado do trabalho ou os que já estão a sair do mundo da competividade, isto é, os mais jovens e os mais velhos, constituem os grupos etários a quem menos engulhos causa o dinheiro dos outros. O "pecado" do ressentimento já começa aos vinte anos: mais de 50 por cento das pessoas dos 20 aos 29 anos mostram escândalo (ou inveja?) com a riqueza dos outros. Essa percentagem baixa para 39,9 nos menores e para 35,8 nos idosos de mais de 55 anos.

Numa outra questão, que não vamos ter espaço para tratar, os sondados, cerce de 80 por cento, não estão de acordo com o princípio de que o que interessa é ter dinheiro. A opinão do sociólogo Correia Jesuíno -esse mesmo, aquele comandante de marinha que se notabilizou no MFA no pós-25 de Abril - é a de que esta resposta é hipócrita: "As pessoas gostam, mas não assumem a riqueza. É uma resposta típica dos países mais pobres. E é uma resposta que está em contradição com outra em que diziam que o dinheiro não escandaliza. Se o dinheiro não é importante, as pessoas deveriam responder que o dinheiro escandaliza."

Quando se tratou de personalizar ou caracterizar as fontes de dinheiro escandaloso, temos de confessar que os portugueses revelam uma absurda falta de perspectiva social do problema. Num País onde tanto se especula imoralmente, quando não ilicitamente, na área financeira, na área fundiária, na agiotagem, os portugueses vertem toda a sua aversão sobre os políticos e os futebolistas. Que haja quem, de um dia para o outro, ganhe fortunas em pouco claras operações bolsistas, que haja D. Brancas, médicos ou advogados que, por actos, bem simples, ganhem num dia o que um vulgar cidadão leva um ano a auferir, nada disso os escandaliza, a não ser os políticos que só poderão ser postos em causa, alguns, quando se aproveitam dos cargos para ganhar por fora.

É interessante notar que são as classes mais altas e os mais jovens quem mais questiona negativamente o dinheiro dos políticos, o que é igualmente verdade em relação aos ganhos dos desportistas. Quanto às profissões liberais, são as classes baixas e os jovens os mais chocados com o seu modo fácil de ganhar dinheiro.

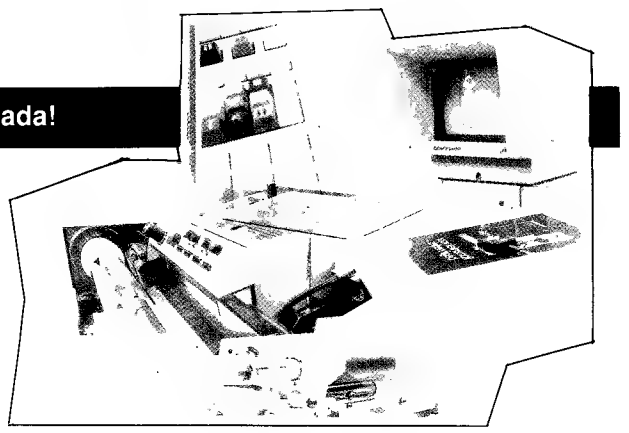
Adelino Cardoso

AGFA

PRODUTOS GRÁFICOS E REPROGRÁFICOS

CÂMARAS FOTOGRÁFICAS
PRENSAS DE CONTACTO
SISTEMA LUZ DE DIA
PELÍCULA PARA «SCANNER'S»
SISTEMA PROVAS COR
MATERIAIS PARA FOTOCOMPOSIÇAO
MATERIAIS DE REVELAÇÃO
PRODUTOS QUÍMICOS

Para cada «scanner» a película adequada!



AGFA-GEVAERT, LDA.
Av. 25 de Abril, 21 • 2796 LINDA-A-VELHA Codex
Telef. 419 55 58 • Telex: 12630 Ageval P • Teleg.: Agfageva
End. Postal: Apartado 15 • PORTUGAL

Filial:
R. Eng.° Ezequiel de Campos, 26 • 4201 PORTO Codex
Telefs.: 67 12 30 / 67 12 39 / 67 28 26 • Telex: 22542 Ageval P
End. Postal: Apartado 2069 • PORTUGAL

AGFA

Qual é o dinheiro que mais o escandaliza?

- O dinheiro obtido por grandes **heranças**;
- O dinheiro ganho pelos **desportistas** (jogadores de futebol, etc.);
- O dinheiro ganho pelos **artistas de cinema**;
- O dinheiro ganho pelos **políticos**;
- O dinheiro ganho pelos médicos, advogados, etc. **(profissões liberais)**;
- O dinheiro ganho pelos **quadros superiores** de empresas;
- O dinheiro ganho pelos **operários especializados**;
- O dinheiro ganho na **Bolsa**.

%

	CLASSES				
	Total	A/B	C1	C2	D
Heranças	10,5	28,9	8,3	11,1	
Desportistas	39,2	46,7	40,6	38,6	30,1
Artistas cinema	7,2	19,2	10,9	3,2	
Políticos	68,5	73,3	87,5	53,9	55,5
Prof. liberais	6,3	1,0	6,9	6,6	7,4
Quadros sup.	5,7		4,4	9,6	
Operar. esp.	0,2		0,4		
Bolsa	5,7	7,8	8,6	4,0	

%

	Idades			Sexo	
	15/34	35/54	+55	Masc.	Fem.
Heranças	14,0	10,7	5,8	12,7	8,5
Desportistas	40,7	35,7	42,3	45,8	33,2
Artistas cinema	10,9	7,3	2,5	9,5	5,2
Políticos	77,5	74,7	48,1	75,8	61,9
Prof. liberais	7,4	4,3	7,9	9,1	3,8
Quadros sup.	7,4	5,6	3,8	4,6	6,7
Operar. esp.	0,5				0,3
Bolsa	4,4	7,7	4,2	5,8	5,6

Haver pessoas com muito dinheiro, escandaliza-o muito, pouco ou nada?

%

	REGIÕES					
	TOTAL	Grande Lisboa	Grande Porto	Lito-ral	Int. Norte	Int. Sul
Muito	16,6	16,7	22,8	16,7	9,8	19,3
Pouco	28,4	29,7	41,3	32,0	13,4	22,6
Nada	53,4	53,6	34,3	49,3	75,0	54,6
NR	1,6		1,7	2,0	1,8	3,4

%

	CLASSES				
	Total	A/B	C1	C2	D
Muito	16,6	10,2	21,6	18,0	10,6
Pouco	28,4	32,9	31,2	26,7	23,5
Nada	53,4	55,9	45,7	55,2	60,2
NR	1,6	1,0	1,6	0,1	5,7

%

	Idades			Sexo	
	15/34	35/54	+55	Masc.	Fem.
Muito	14,2	20,5	15,6	16,7	16,5
Pouco	33,6	29,2	20,2	29,8	27,1
Nada	51,0	49,6	61,1	51,6	54,9
NR	1,2	0,8	3,1	1,8	1,4

%

	RELIGIÃO					
	TOTAL	Católica	Protes-tante	Orto-doxa	Teste. Jeová	Agnós-tico
Muito	16,6	17,2			26,0	14,3
Pouco	28,4	27,9	19,3			35,3
Nada	53,4	53,3	76,5		74,0	50,4
NR	1,6	1,6	4,2	100,0		

Imagine que tinha em seu poder uma campainha. Se a tocasse morreria um milionário desconhecido, no outro lado do mundo, e você receberia toda a sua fortuna, sem que ninguém soubesse como isso tinha acontecido. Seria capaz de tocar essa campainha?

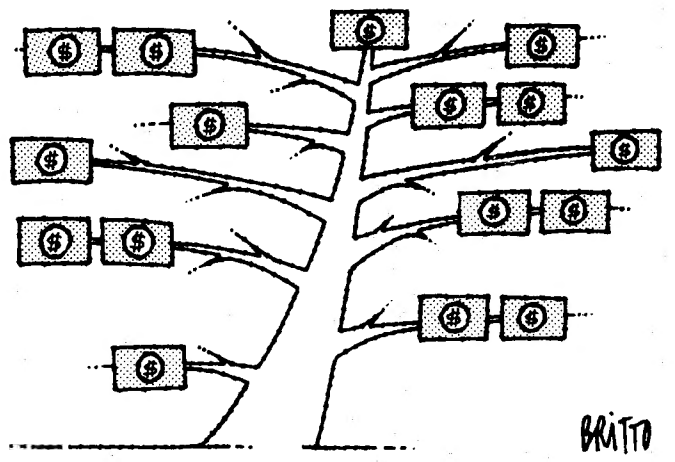
%

	CLASSES				
	Total	A/B	C1	C2	D
Sim	8,7	9,4	14,2	7,2	2,4
Não	84,7	82,6	80,0	86,7	90,1
NS/NR	6,6	8,0	5,9	6,1	7,4

%

	Idades			Sexo	
	15/34	35/54	+55	Masc.	Fem.
Sim	15,0	6,9	2,0	10,3	7,4
Não	80,6	84,2	91,0	83,2	86,1
NS/NR	4,4	8,8	7,0	6,6	6,5

Dos mercadores de sobrado aos usurários do «prego»



Uma lei de Afonso II de 1211 divide a população nas seguintes categorias: os que têm bens de raiz; os que exercem meios de que subsistem; os que têm senhor que responde por eles.

Em meados do século XIII é testada a presença de argentários portugueses em Baiona e em Bruges. O desenvolvimento precoce de actividades mercantis e marítimas leva ao aparecimento de grandes fortunas burguesas ou nobres.

Os próprios monarcas amealhavam e faziam frutificar o numerário através de iniciativas de comércio. Na Idade Média, os membros da Casa Real, a alta nobreza, o alto clero e a burocracia são activos comerciantes com a Flandres e o ultramar.

Especialmente nos séculos XIV e XV já existem algumas grandes fortunas a contrastar com as palavras de D. João II em 1489: «Vendo nós a míngua da moeda de prata que nestes nossos reinos há.»

Em 1489 é lançada a unidade básica de prata: o vintém. A moeda aparecia como sinal na medida em que ela própria era uma riqueza. Porque era preciosa podia significar preço. Na realidade material da moeda fundam-se as suas funções, num tempo onde nem esporadicamente aparecia o papel fiduciário para circulação total no Interior do País.

Entre os séc. XV e XVIII, os capitais estavam muito aquém das necessidades económicas da sociedade portuguesa. No século XVI assiste-se a uma espécie de capitalismo monárquico. O rei era um importante elemento na montagem da organização capitalista em Portugal: «Juntava-se todo o dinheiro, tanto o da Coroa como o das partes, entregando-se ao feitor que o empregava e nesse emprego ficava responsável. Depois, na Casa da Índia se entrega à Coroa e às partes os fundos na proporção do dinheiro empregado.»

Ao mesmo tempo assumiam relevo os «mercadores de sobrado» que emprestavam grandes somas e arrendavam ao rei a cobrança dos impostos, adiantando-lhe o pagamento e regularizando os interesses nos cofres reais.

Desde sempre, a realeza recorre a empréstimos mas, no século XVI, trata-se já do recurso permanente e institucionalizado ao crédito, situando-se num contexto de um mercado de capitais. Os juros das letras de câmbio pagos anualmente pelo Estado português chegavam a igualar o lucro líquido das especiarias.

No século XVII faz-se sentir a carência de capitais nacionais. A proscrição de panos estrangeiros foi relacionada com a moralização dos costumes: «Os homens andam enfeitados como mulheres e estas, nuas como maganas.» Mas manifestavam-se as preocupações sociais: «moderados na monarquia os gastos dos grandes, menor seria a opressão dos pequenos. Todo o afã em coibir o luxo para impedir a passagem dos 'cabedais de ouro'.»

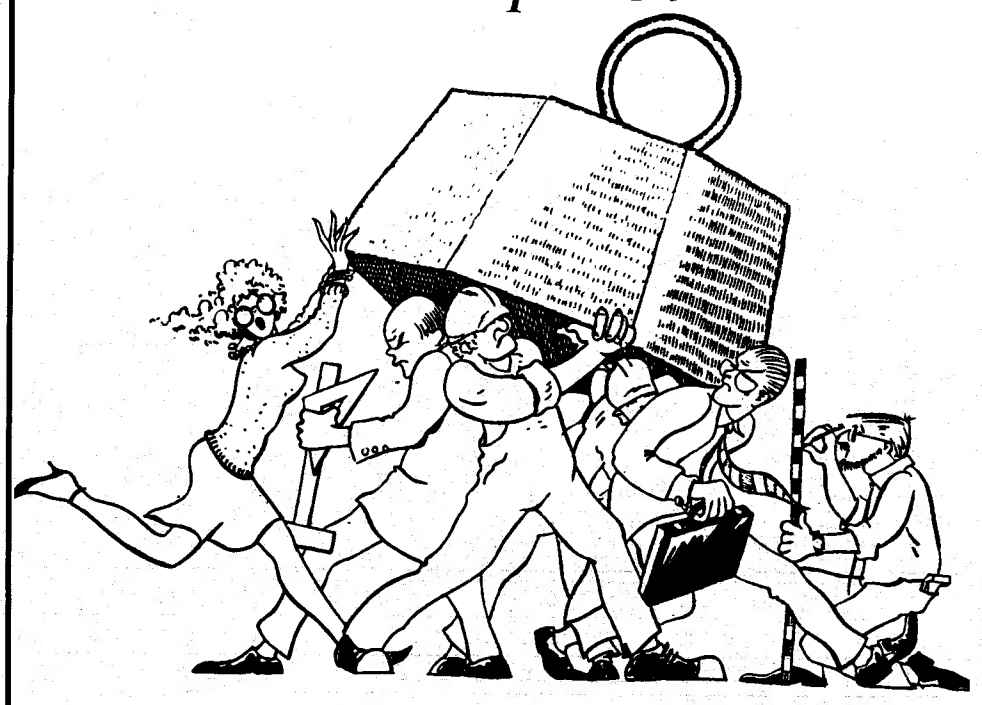
Desde 1675, que se fazia o balanço acerca do que os ingleses traziam ao reino e levavam para fora. A expectativa de chegada de dinheiros ia sacudir dos espíritos de governantes e governados, mais daqueles do que destes, as preocupações da frugalidade.

A posse das minas aumentava o numerário - e os preços - mas sem um desenvolvimento proporcional da população e das actividades agrárias e industriais, o oiro americano espalhava-se pela Europa e comprava os seus produtos.

Por muito que a «saca» dos vinhos crescesse era o ouro das minas que preenchia o défice das relações comerciais. Era o caso das riquezas da Índia a dois séculos de distância, a repetir-se com respeito ao Brasil. A dificuldade com a economia brasileira obrigam ao aparecimento das «apólices pequenas», títulos de dívida pública emitidos em 1796-97. Era a festa comemorativa do centenário da *crise* monetária que no século anterior tinha levado ao aparecimento do papel moeda, pela primeira vez em Portugal.

continua na pág.45

o problema da sua empresa é... o peso!



CONFIE-NOS ESSE PROBLEMA. PESAMOS TUDO. ATÉ AS NOSSAS PALAVRAS

O PESO É A NOSSA PROFISSÃO

FABRICAMOS BALANÇAS, BÁSCULAS, BÁSCULAS-PONTE, BÁSCULAS ENSACADORAS E DOSIFICADORAS, INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS DE PESAGEM

CACHAPUZ

EQUIPAMENTOS PARA PESAGEM, MECÂNICOS E ELECTRÓNICOS

TELEX 32125 CAXPUZ P. • TEL. 73604 APARTADO 12 • 4701 BRAGA CODEX

Vitorino

CABELEIREIROS COIFFEURS

Cursos de:

Cabeleireiro

depilação c/ cera e definitiva

manicura/pedicura

HAUTE COIFFURE FRANÇAISE

SALÃO 1 — Av. da República, 11, 1.º — 1000 LISBOA	Tel. 56 27 37
	54 34 01
SALÃO 2 — Av. da República, 6 - r/c - D — 1000 LISBOA	52 57 49
SALÃO 3 — R. do Ouro, 194, 1.º — 1000 LISBOA	32 37 86
	346 58 40
SALÃO 4 — Av. de Roma, 8, 1.º - E — 1000 LISBOA	88 75 40
	80 97 30 - 66 66 22
SALÃO 5 — R. Ferreira Borges, 20, 1.º - E — 1300 LISBOA	67 79 06
SALÃO 6 — R. do Ouro, 200, 1.º - D	
CENTRO TÉCNICO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL Av. da República, 12, 1.º - E — 1000 LISBOA	57 20 84

Dos mercadores de sobrado aos usurários do «prego»

continuação da pág.45

No século XVIII, a ascensão do capitalismo português revela-se pela subida dos preços de arrematação dos contratos para a cobrança de impostos, pelo fortalecimento dos consignatários do tráfego marítimo, pelo aparecimento das companhias de empréstimo a juro - o «prego», pela acumulação de capital nas casas comerciais nacionais e estrangeiras de Lisboa, Porto e Setúbal.

As rendas rurais encaminham-se para as companhias pombalinas e para os empréstimos a juro que também eram concedidos pelos mosteiros.

No conjunto, o capitalismo português fortaleceu-se na segunda metade do século XVIII embora com pendor usurário.

A partir da segunda metade do século XIX aparecem ao lado das notas convertíveis dos vários bancos - o primeiro banco surge em 1822, em 1858 existem doze, em 1875 trinta e sete, em 1920 trinta - as notas não convertíveis que vão constituir a base do sistema único que há largo tempo vigora com uma excepção pontual em 1931.

O bimetalismo que dominou o sistema monetário obrigava a emissões régias fixando valores e também dando origem a que por vezes o curso da moeda sofresse distorções apresentando-se a moeda desvalorizada. A moeda desvalorizada expulsava a moeda boa, o que tinha como efeito altas de preços.

As manipulações sobre as moedas atingiram as relações externas e produziam alterações na repartição dos rendimentos entre os diferentes grupos sociais. Face aos desequilíbrios internos e externos, os ingressos monetários que a emigração proporcionou foram extraordinários. As dificuldades levavam à emigração, donde vinha o ouro que compensava as vicissitudes económicas e financeiras. Os vestígios dessas fontes de riqueza eram patentes: «Se lançarmos a vista sobre as cidades, vilas e aldeias, ali encontramos palácios sumptuosos, casas elegantes, casais cómodos, tudo edificado com o dinheiro que os emigrantes de ontem trouxeram da emigração.»

Geraldo Dias,professor da Universidade Autónoma

O PRAZER
DE VIVER A LIBERDADE

PERTO DO PALÁCIO DE QUELUZ
Lotes 18 e 19 na Cidade Desportiva

GC Gestão e Coordenação SA

R. NOVA DA TRINDADE, 1, 2.º Dt.º -1200 LISBOA -TELEF.: 346 06 18/9

Matar ou não matar o Mandarin

Os portugueses têm uma atitude diferente dos outros povos face ao dinheiro e ao Poder? São mais violentos ou capazes de sê-lo para obter riqueza, mesmo que à custa do sacrifício de alguém? A propósito do Mandarin, quantos de nós seríamos capazes de tocar a campainha? «Por esse simples gesto o prémio era grande e a tentação de peso. O preço a pagar nem sequer era elevado, não fora o acto de aquele inocente toque de campainha ir matar, na China remota, sem qualquer dor, um desconhecido velho e doente Mandarin», diz José Dias Cordeiro, psiquiatra.

Para este médico o âmago da parábola chinesa é a de saber se somos, ou não, potencialmente violentos ou, mesmo, criminosos. Considera, nesta medida, que o recurso ao crime prende-se com questões mais amplas e complexas, entre elas os valores morais e a maneira como as pessoas se relacionam umas com as outras, sobretudo nos grupos naturais - a família, a escola, a comunidade.

O psiquiatra levanta ainda algumas interrogações, que abrem espaço a uma reflexão ampla sobre os valores sociais: «O bem e a virtude são praticados por um ideal de justiça e harmonia ou são apenas o resultado do medo e do castigo? A capacidade de julgar e decidir os nossos actos faz parte integrante da estrutura humana ou deve-se apenas às limitações que são impostas pelos direitos dos outros?»

Segundo José Dias Cordeiro, o tema do Mandarin - tratado por autores como Eça de Queirós, Balzac e Didier - emerge na forma de conflito latente no nosso inconsciente colectivo.

«Todas as pessoas se debatem, consciente ou inconscientemente, com a questão dos desejos e com o preço a pagar pela sua realização», frisa o médico, acrescentando: «O imaginário do homem é povoado por desejos e ambições inconfessados e inconfessáveis e a forma como uma pessoa é capaz de lidar com os conflitos e as ambivalências que contém dentro de si, marca a diferença entre o ser racional e sociável e o indivíduo que está à mercê dos seus instintos e das suas ambições.»

Levantem-se os réus

Os portugueses dizem-se escandalizados com o dinheiro ganho pelos políticos e pelos desportistas. Dois dos réus deste julgamento popular foram chamados a defender a causa própria

Almeida Santos

«Poder mal pago gera corrupção»

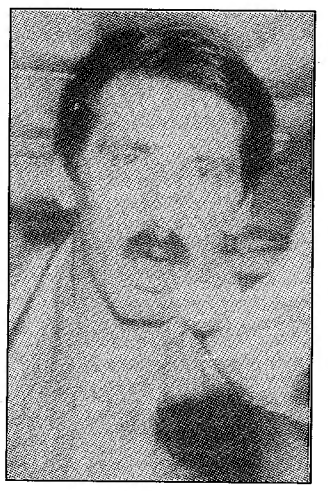
O antigo ministro da Justiça, Almeida Santos, considera que a classe política é uma das mais causticadas pelo sentido crítico dos cidadãos. «E é bom que assim seja. O controlo do poder exercido pela opinião pública é um dos aspectos fundamentais do equilíbrio democrático».

Para aquele deputado socialista existe uma normal tendência para comparar o que ganham os políticos com o auferido pelo comum cidadão. «Digamos que é uma forma de os compelir a prestar mais atenção às dificuldades das populações», acrescenta. Esta classe figura entre as mais bem remuneradas e isso não cai bem aos olhos do português. Afinal, é ele que sustenta a grande família política. Almeida Santos encontra uma resposta pronta para tal desígnio: «O casamento do poder com as dificuldades financeiras gera com frequência um filho que dá pelo nome de corrupção.» Afirma ainda que «embora eu esteja convencido de que os políticos são mais honestos do que se julga (já De Gaulle pensava o mesmo), é preciso não estimular excepções».

P.S.

Carlos Manuel

«Uma pontinha de inveja...»



Ex-jogador de futebol no Benfica e actual no Sporting, Carlos Manuel sente-se pouco espantado com o facto de os portugueses, ferrenhos adeptos do desporto que pratica profissionalmente, não acharem tanta graça ao dinheiro que dali extrai. «Na nossa terra é assim, só se aponta o dedo aos que melhor estão na vida, quando é precisamente o contrário que se deveria fazer», frisa, acrescentando: «É preciso rever o estatuto de quem ganha pior neste País, olhar para as pessoas mais desfavorecidas e tentar melhorar a sua situação».

Contorna desta forma elegante a acusação que os conterrâneos lhe fazem. Esquiva-se a tecer comentários mais fortes acerca do assunto. Deixa, porém , escapar uma consideração menos subtil. «Talvez seja uma pontinha de inveja... que os move contra os jogadores», diz Carlos Manuel. E rectifica: «Todos os miúdos desejam ser futebolistas. Poucos têm oportuni-dade de concretizar o sonho e isso leva-os a sentirem-se injustiçados face aos que tiveram essa sorte».

P.S.

Emapsa

PASSAT CARRO DO ANO 1990

O SEU CONCESSIONÁRIO VW/AUDI EM LISBOA

Stand: R. Gomes Freire, 163 A e B. Telef.: 56 05 88

Oficinas: **EDIFÍCIO BATISTA RUSSO EM CABO RUIVO**
Av. Infante D. Henrique — 2.ª Circular. Telef.: 829 25 41

ESCORT *fashion*

FASCINA QUEM OLHA FASCINA QUEM CONDUZ

No seu novo Escort, mais conforto, mais segurança.
Jantes mais largas oferecem-lhe uma condução mais estável e dão ao seu automóvel um exterior mais dinâmico, reforçado pelo requinte dos frisos laterais a branco e por tampões de desenho absolutamente original.
No ESCORT FASHION, novos e funcionais equipamentos. Sinta o prazer de abrir e regular as janelas com um simples toque no botão de comando eléctrico.
Controle plenamente o motor, auxiliado pelo novo e bem visível conta-rotações. Beneficie da tranquilidade da trancagem centralizada de portas.
Pequenas diferenças bem estudadas fazem do ESCORT FASHION um novo fascínio, na condução e no olhar.
No seu Concessionário FORD encontrará um amigo para lhe abrir a porta do seu novo automóvel.
ESCORT FASHION, disponível nas versões 1.1, 1.3 e 1.4

ESCORT *fashion*

Ford

QUALIDADE E INOVAÇÃO

• Tecto de abrir - opcional

Encargos anuais — Combustível: de 106.587$00 a 131.293$50, Seguro Obrigatório: 17.003$00, Impostos: de 2.840$00 a 4.680$00. (Base 15.000 km, Outubro 89)